

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS.**

**FLUMINENSE FOOT-BALL CLUB
A construção de uma identidade clubística
no futebol carioca (1902-1933)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Para a obtenção de grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos.

Renato Lanna Fernandez

Rio de Janeiro
Março 2010

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS.**

**FLUMINENSE FOOT-BALL CLUB
A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO POR
RENATO LANNA FERNANDEZ**

**E
APROVADO EM
PELA BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Carlos Eduardo Barbosa Sarmiento (Orientador)
Fundação Getúlio Vargas (FGV – CPDOC)

Prof. Dr. Paulo Fontes
Fundação Getúlio Vargas (FGV – CPDOC)

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (Suplente)
Fundação Getúlio Vargas (FGV – CPDOC)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo levantar explicações sobre a formação da identidade do Fluminense F. C. como clube que tem como marca principal a elitização calcada na distinção e no refinamento. Pretendemos analisar a história do clube durante os anos iniciais do desenvolvimento do futebol na cidade do Rio de Janeiro e sua relação com as outras agremiações futebolísticas, levantando aspectos peculiares de sua história que foram fundamentais na construção dessa imagem. Tendo como pressupostos teóricos os trabalhos de Bourdieu sobre a distinção e de Hobsbawm e Ranger sobre a invenção das tradições, procuramos demonstrar como escritores como Mario Filho e Paulo Coelho Netto foram responsáveis pela consolidação de uma série de valores simbólicos e tradições que associaram o Fluminense a um espaço de distinção e refinamento que se perpetuou historicamente.

Palavras Chaves: Fluminense, futebol, distinção, representação, identidade, refinamento, amadorismo.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to explain the formation of the identity of *Fluminense F.C.* as a club marked by elitism, which is grounded on distinction and refinement. An attempt was made to analyze the history of this club during the earliest years of the soccer development in Rio de Janeiro city, and its relation with other clubs. Several peculiar aspects of its history that were essential for the construction of the image of the club are also discussed. As theoretical basis, this dissertation shows Bourdieu's ideas about distinction and Hobsbawm & Ranger's ideas about invention of traditions. These ideas are necessary in order to demonstrate how writers as Mario Filho and Paulo Coelho Netto were responsible for the construction of a series of symbolic values and traditions, which associated the "Fluminense" club with a space of distinction and refinement that perpetuated historically.

Keywords: "Fluminense", soccer, distinction, representation, identity, refinement amateurship.

Este trabalho é dedicado à memória de Doval, craque do Flamengo e do Fluminense, que inspirou esta criança a amar o futebol.

AGRADECIMENTOS

Fica aqui meu eterno carinho aos meus familiares, em especial a meu amado pai, Senen Piñeiro Fernandez, imigrante que sempre entendeu a importância da educação na vida de seus filhos. Agradeço ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea – CPDOC, que me possibilitou cursar este mestrado; ao Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET, principalmente à Coordenação de Estudos Sociais, pela redução de carga horária de trabalho para a pesquisa; ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Esporte e Sociedade – NEPESS, pelos debates sobre futebol e ao Fluminense Foot-ball Club, pelo acesso aos arquivos.

Agradeço a todos os meus queridos alunos que durante anos “aturaram”, às vezes com muita paciência, as interrupções das aulas para discutirmos os resultados da última rodada do futebol.

Na confecção deste trabalho, contei com o inestimável auxílio de meu orientador, Carlos Eduardo Sarmiento, e dos colegas do mestrado. Agradeço também a Ana Claudia, a Álvaro, a Carllus Augustus, a Denaldo, a Geisa, a Ivo Coser, a Lucina, a Luis do Flu-memória, a Mário, a Marcos Alvito, a Priscila, a Paulo Brasil, a Renilda, a Raimundo Hélio, a Silvana, a Vera, a Vanderlei e a Waldir, grandes amigos que me auxiliaram com conversas sobre o tema ou simplesmente com o carinho e a compreensão fundamentais durante a elaboração deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1: UM CLUBE PIONEIRO.....	14
1.1 - Oscar Cox.....	14
1.2 - Rio de Janeiro: cidade esportiva.....	23
1.3 - Os primeiros jogos e as primeiras tradições.....	33
1.4 - <i>Foot-Ball</i> : um jogo para poucos.....	40
1.5 - Os <i>sportmen</i> tricolores.....	45
1.6 - Os irmãos Karamazov.....	56
CAPÍTULO 2: UM CLUBE DISTINTO.....	61
2.1 - Clube como espaço de distinção.....	62
2.2 - Um time distinto.....	67
2.3 - Um intelectual a serviço do Fluminense.....	82
2.4 - Caindo no gosto popular.....	100
2.5 - O sulamericano de 1919.....	111
CAPÍTULO 3: FLUMINENSE E O PROFISSIONALISMO.....	120
3.1 - Falso profissionalismo, uma situação indesejável, mas real.....	124
3.2 - Profissionalismo: uma necessidade.....	136
3.3 - Profissionalismo sem perder o elitismo.....	145
CAPÍTULO 4: CONSOLIDANDO TRADIÇÕES.....	150
4.1 - Mario Filho e o negro no futebol tricolor.....	150
4.2 - Paulo Coelho Netto e a construção da memória clubística.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
ANEXO.....	181
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	187

INTRODUÇÃO

Entre as muitas formas que pretendem explicar a função social do futebol está aquela que entende o futebol como objeto de representação simbólica da sociedade, tanto em seu funcionamento global, como em universos específicos. Através de seus ritos e símbolos, o futebol funciona como um microcosmo da sociedade, um espelho verdadeiro ou não das relações sociais.

Para Costa (2005), o futebol permite encontrar modelos de comportamento e formas de pensamento sobre o homem e o lugar que este ocupa no mundo, podendo ser visto como um universo povoado de valores mais diversos manifestados na sua natureza simbólica e seus significados. Na sua perspectiva, todos os elementos que fazem parte do universo do futebol seriam representações simbólicas com significados próprios. Dessa forma, os estádios seriam símbolos de importância e grandeza; o campo de jogo seria espaço de luta para se conseguir vitórias; todo o material necessário para a realização de uma partida como bolas, uniformes, bandeiras seriam fatores de identidade; os dirigentes seriam verdadeiros chefes tribais, enquanto os árbitros simbolizariam verdade e justiça. “O futebol funciona à imagem e semelhança da sociedade; como fenômeno simbólico, representa o funcionamento dessa mesma sociedade e nos fala da natureza do homem que aí encontra o cenário para a realização do drama de sua existência” (Costa, 2005:15).

Para melhor entendermos os clubes como representações sociais, nos reportaremos ao estudo de Clifford Geertz (1989) ao analisar as brigas de galo em Bali. O autor observa os significados simbólicos que elas representam, afirmando que “Grande parte de Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali, na verdade, são os homens que se defrontam” (Geertz, 1989:283). A cultura consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidos. Logo, para entendê-la, deve-se conhecer e compreender os padrões utilizados para esses significados, fazendo com que se tornem inteligíveis dentro de seu universo. Nessa lógica, o que torna a briga de galos um jogo envolvente são as representações simbólicas dos campos de tensão estabelecidos no contexto da vida cotidiana de Bali. Os galos podem ser substituídos por homens, pelos seus sistemas de castas ou simplesmente como formas de afirmação

de prestígio (Idem: 303). Assim, como as brigas de galo em Bali, o futebol e seus clubes possuem fortes representações simbólicas em outras localidades.

O futebol e seus rituais são uma verdadeira liturgia lúdica do próprio jogo do mundo, um drama em que existe uma comunhão entre os atores e o público ao redor ajudando o homem a encontrar o sentido de sua existência. Contudo é preciso interpretar de maneira densa os seus significados (idem: 303). O futebol tanto pode nos mostrar uma sociedade cheia de conflitos e contradições como também é capaz de nos levar a pensar uma sociedade ideal onde a justiça e a fraternidade sejam possíveis através de regras justas e leais.

O futebol e suas representações rituais tornaram-se um instrumento de construção de diversas identidades. Se por um lado a seleção brasileira ajudou na construção da identidade nacional, os clubes formaram identidades locais, regionais, organizadas em comunidades fraternas, cada qual com os seus rituais e tradições.

Se refletirmos a partir do universo dos clubes cariocas, veremos que cada um deles possui uma representação que foi construída ao longo do tempo por diversos atores ligados ao mundo esportivo, a qual foi incorporada como verdade absoluta à sua história, ajudando no estabelecimento de uma imagem (tanto a imagem pública como a auto-imagem) com significados próprios. O Fluminense representaria a imagem da origem nobre – seria o clube branco, europeu, culto marcado por uma distinção social. O Flamengo representaria o popular, a pobreza turbulenta e populista. O Vasco, clube de origem portuguesa, seria o defensor da miscigenação e da tolerância racial por ter sido o primeiro a aceitar a presença de negros em seus quadros. Finalmente, o supersticioso Botafogo traz o mito da elite intelectual formadora de opinião, que mesmo sem poder político e econômico, influencia no comportamento da sociedade¹.

Levando em consideração essas afirmações, temos como objetivo nesse estudo levantar possíveis explicações sobre a formação dessa identidade tricolor. Como ela foi construída? Qual a relação dela com o desenvolvimento do futebol e de outros esportes na cidade do Rio de Janeiro durante a fase amadora do futebol carioca? De que forma essa identidade clubística local, marcada pelo refinamento e pela distinção, se relaciona com outros clubes surgidos no mesmo período? Quais seriam os artífices que ajudaram

¹ A partir dessas representações, Claudia Matos compreende os clubes como instituições mitos. A proposta da autora consiste em estabelecer uma relação entre os mitos de imagem e o que eles representam no universo da cidade do Rio de Janeiro e, por extensão, por todo o país, já que, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, os clubes do Rio de Janeiro e São Paulo adquirem uma expressão nacional (Mattos, 1997).

na construção dessa imagem? São essas as questões levantadas até o presente momento e que pretendemos elucidar.

O Fluminense não será apresentado como uma simples reprodução dos demais clubes. O nosso interesse é buscar a sua marca de autenticidade, identificando as peculiaridades que fizeram com que essa instituição assumisse um caráter emblemático para a comunidade que direta ou indiretamente se relaciona com ele.

Recente pesquisa feita pelo IBOPE com o objetivo de analisar o perfil dos torcedores cariocas revelou que 46% dos torcedores do Fluminense pertencem às classes A e B, com alto poder aquisitivo e nível de escolaridade; são os maiores consumidores de bebidas alcoólicas como cerveja, vinho, whisky e aguardente; são os que mais gastam com telefonia celular, planos de saúde e carros zero quilômetro². Em uma comparação entre os perfis dos torcedores do Fluminense de hoje com aqueles primeiros frequentadores do velho estádio da Rua Guanabara do início do século XX, percebemos que apesar da mudança em alguns de seus hábitos como beber cerveja ou aguardente, ainda é possível associar o Fluminense e sua torcida a uma tradição calcada no elitismo econômico e cultural. O perfil da torcida do Fluminense revelado na pesquisa nos ajuda a refletir sobre duas imagens associadas ao clube das Laranjeiras: a distinção e o refinamento.

Seguimos aqui o conceito de distinção formulado por Pierre Bourdieu, que o define como “a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo categorias apropriadas a essa estrutura” (Bourdieu, 1990b:144). Ainda segundo este autor, a distinção seria a correspondência entre práticas culturais e classes sociais com os princípios que legitimam a hierarquia aí implícita (idem, 2008a). Os julgamentos de gostos e preferências são um meio de afirmar ou conformar uma vinculação social³ e baseiam-se ou no capital cultural ou na origem social⁴, os quais fornecem as condições de participação social que aparecem na ação sutil de comer, vestir, cuidar do corpo, ouvir música, apreciar uma obra de arte (idem: 55-58) ou, no

² A pesquisa revelou ainda que 47% dos torcedores tricolores pertencem à classe C, com médio poder aquisitivo, e apenas 7% são das classes D e E, com baixo poder de consumo. A maior torcida é a do Flamengo com 58%, seguida do Vasco (17%), Fluminense (13%) e Botafogo (12%). Um dado curioso é o maior número de torcedores do sexo feminino no Fluminense (51%) e no Flamengo (52%) superando o número de torcedores homens respectivamente. A pesquisa chama a atenção para a falta de renovação da torcida do Fluminense que conta com 52% de seus torcedores com faixa etária entre 45 e 64 anos e apenas 19% entre 12 e 24 anos (*O Globo* 07 de junho de 2009).

³ “Eis o que predispõe os gostos a funcionar como marcadores privilegiados da classe” (Bourdieu, 2008a: 9).

⁴ Para Bourdieu as necessidades culturais e as práticas culturais estão estreitamente associadas ao nível de instrução e secundariamente à origem social (idem).

nosso caso, associar-se a um clube para uma determinada prática esportiva. Tais práticas tornam-se formas de se distinguir de outras classes ou frações de classe. A distinção tem, portanto, a função social de legitimação das diferenças sociais.

A análise do refinamento insere-se no conceito de *habitus*⁵ como um conjunto de ações percebidas na presença do outro; denota certo comportamento social permeado de regras e condutas sofisticadas diferenciadas de outras, tais como posturas diante de senhoras, modos de sentar, tossir, comer, praticar determinados esportes, ir à ópera, teatro etc⁶.

A busca pela distinção foi o que, em parte, levou uma parcela das elites cariocas ascendentes pela república recém instalada a associar-se a determinados clubes finos e elegantes como o Fluminense. Os clubes possuem um poder simbólico capaz de produzir e definir distinções entre indivíduos e grupos sociais (Bourdieu, 1990a:9).

A construção da identidade do Fluminense como um clube refinado e distinto foi auxiliada por uma série de escritores que enxergavam, na prática do futebol, elementos civilizatórios perfeitos para a afirmação do caráter nacional. Um dos mais importantes desses representantes foi Coelho Netto⁷. Amante de vários esportes, acreditava que eles eram fundamentais para o desenvolvimento do cidadão e para afirmação nacional, não só nos aspectos físicos, mas no revigoração moral, contribuindo para a formação de um indivíduo virtuoso e de boa índole. O futebol, em especial, era um esporte moderno, promotor de um tipo de civilização e adaptado aos modelos idealizados pela Europa, capaz de levar ao aperfeiçoamento físico e cívico do indivíduo, equiparando o Brasil aos países do velho continente.

⁵ O *habitus* é uma forma de disposição à determinada prática de grupo ou classe, ou seja, é a interiorização de estruturas objetivas das suas condições de classe ou de grupo social que gera estratégias, respostas ou proposições objetivas ou subjetivas para a resolução de problemas postos de reprodução social. *Habitus* são "sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro" (Bourdieu *apud* Miceli, 1987: XL). (Bourdieu, 1992).

⁶ As diferentes maneiras de se relacionar com as realidades "estão associadas às diferentes posições possíveis no espaço social e, por conseguinte, estreitamente inseridos nos sistemas de disposições (*habitus*) características das diferentes classes e frações de classe", portanto "os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre belo e feio, o distinto e o vulgar" ou "tais como as preferências em matéria de música e de cardápio, de pintura e esporte, de literatura e de penteado". (Bourdieu, 2008a:13-14)

⁷ Coelho Neto foi escritor, político, professor e boêmio e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tendo participado do movimento abolicionista e sido eleito duas vezes Deputado Federal. Foi autor de numerosos livros, artigos, crônicas e folhetos, cultivando vários gêneros literários. Foi editor e colaborador em revistas e jornais, o que o fez ser, por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil.

O supracitado Coelho Netto se envolverá pessoalmente com as práticas desportivas. Sócio e dirigente do Fluminense, participou ativamente, junto com seus filhos, da vida esportiva e social do clube durante a administração de Arnaldo Guinle. Nesse período o clube construiu uma suntuosa sede e o parque esportivo mais moderno da América Latina, o qual incluía um estádio de futebol com capacidade para 25 mil pessoas.

Nas décadas seguintes, com o advento do profissionalismo no futebol e o aumento da participação de negros nos clubes, a imagem elitista do Fluminense será ainda mais ressaltada por escritores como Mario Filho e Paulo Coelho Netto.

O jornalista Mario Filho, autor de *O negro no futebol brasileiro* (2003), lançado em primeira edição em 1947⁸, escreve a história do futebol de seu tempo. Profundamente influenciado por Gilberto Freyre, junta suas memórias pessoais a uma pesquisa baseada em fontes orais (entrevistas com antigos jogadores), instigando interpretações de uma brasilidade representada por legado étnico no universo do futebol.

Para Freyre, que escreve o prefácio de *O negro no futebol brasileiro*, o futebol brasileiro é visto como arte, possuidor de uma “ginga” que se contrapõe ao futebol científico europeu. Embora fosse um esporte originariamente inglês, ele se molda ao jeito típico brasileiro, que privilegia a habilidade individual em detrimento da organização científica (Freyre, 1945). “Gilberto Freyre situava o futebol como caudatário, o depositário e o atualizador das tradições, pois realçava nas manifestações tradicionais as origens anímicas e epifânicas do esporte nacional” (Hollanda, 2004:83-84).

Podemos qualificar a obra de Mario Filho como um marco nos estudos sobre o futebol brasileiro. Polêmicas à parte sobre o caráter fictício ou não de seus textos, ele é responsável pela construção de um tipo de tradição do futebol brasileiro que permanece até os dias atuais. Suas histórias contadas e recontadas ao longo de décadas permitiram a consolidação das identidades clubísticas.

Ao escrever sobre o Fluminense, Mario Filho fortalece a visão de um clube aristocrático e branco, formado por boas famílias da zona sul carioca. Esse estereótipo prevalece mesmo após a adesão ao profissionalismo, já que o clube, mesmo defendendo a profissionalização, busca criar estratégias de clivagens sociais, separando o atleta assalariado do associado.

⁸ A obra foi relançada em 1964 com dois capítulos extras. Para esse trabalho utilizaremos a edição lançada em 2003 que inclui as duas edições.

Com objetivo oposto ao de Mario Filho, Paulo Coelho Netto acaba reafirmando a mesma perspectiva elitista para o Fluminense.

Seus livros têm a preocupação de recuperar não só os grandes eventos e conquistas do clube, mas também as histórias de seu cotidiano que o demonstrem como um espaço familiar, de conagração entre os sócios, relatando com saudade os vesperais de arte, os chás dançantes à beira da piscina, as sessões de patinação com a banda do corpo de marinheiros. A valorização desses episódios ajudaram a construir para o Fluminense uma identidade familiar em que a preparação física se associa à cultura artística, como preconizava seu pai.

Nesse contexto, tanto na obra de Mario Filho como na de Paulo Coelho Netto, o clube não é mais percebido apenas como um espaço de lazer e sociabilidade, mas como representação simbólica, fortalecendo a imagem de um clube de características européias, branco e fidalgo, marcado por uma distinção baseada no refinamento e sofisticação, tanto de seus atletas, quanto de seus associados e de seus torcedores.

O futebol pouco significaria não fossem os seus clubes centenários e suas histórias repletas de simbolismos. Torcer por eles é algo que se herda de família. A fidelidade dos torcedores para com seus clubes supera outras formas de fidelidade como a matrimonial ou partidária, afinal de contas, no Brasil é uma ofensa mortal ser um “casaca”⁹. A fidelidade muitas vezes passional e violenta ao clube de coração é testada a cada compromisso semanal e tende a se manifestar em momentos de crise, pois são exatamente nesses momentos de maior dificuldade que a relação entre os torcedores e seus clubes se fortalece, que os laços de identidade dessa comunidade tendem a se consolidar permitindo a continuidade de sua existência.

A prática de esportes como o futebol, que, no Brasil, se estruturou como uma ação das elites é, com o tempo, incorporada em vários de seus aspectos a outros segmentos sociais, tanto como praticantes ou como assistentes. É necessário averiguar o significado social do futebol, percebendo-o como um dos principais meios de identificação coletiva na nossa sociedade, capaz de dar identidade e sentido à vida de pessoas pertencentes a um clube, a uma cidade, a um estado e a um país.

Em nosso trabalho, a história do Fluminense será dividida em quatro partes. Inicialmente abordaremos os primeiros anos do clube no contexto do desenvolvimento dos esportes no Rio de Janeiro, discutindo o seu pioneirismo como difusor do futebol na

⁹ Na gíria do futebol, virar a casaca significa mudar de time.

cidade. A segunda parte será dedicada a uma análise da história do Fluminense entre 1914 e 1922, período áureo do clube no amadorismo durante o qual o princípio da distinção será consolidado a partir da administração de Arnaldo Guinle, em especial seu trabalho nas obras de preparação do clube para sediar os campeonatos sulamericanos de 1919 e 1922. Daremos destaque ao papel desempenhado pelo escritor Coelho Netto na transformação do clube em um veículo de difusão de um novo tipo de homem ideal forjado na prática desportiva e no civismo, refletido no time tricampeão de 1917/18/19, representante do verdadeiro ideal dos *sportmen*, simbolizados em ídolos como Marcos Carneiro de Mendonça, Welfere e Emanuel Coelho Netto.

A difícil convivência entre amadorismo puro e falso amadorismo será o principal tema da terceira parte, onde o clube, de defensor do ideal amador, passa a liderar a luta pelo profissionalismo e a repercussão de tal ação dentro do clube.

No quarto capítulo, estudaremos como a imagem fidalga do Fluminense vai ser consolidada nos anos quarenta e cinquenta por Mario Filho e Paulo Coelho Netto. Esses autores e suas obras serão analisadas como fontes, em especial a obra de Mario Filho *O negro no futebol brasileiro*, de 1947, e de Paulo Coelho Netto, *História do Fluminense* de 1952¹⁰. Consideramos que tais obras foram responsáveis pela construção de uma certa memória do Fluminense associada a uma imagem elitizada do clube.

Sobre as fontes primárias, devemos destacar a farta documentação existente sobre o clube à disposição do pesquisador em sua sede. São pastas e mais pastas bem organizadas com recortes de jornais, documentos oficiais, convites para eventos no clube, diários de training, relatórios dos trabalhos sociais, todos encadernados por ano, além das revistas oficiais do clube a partir de 1917. Fora do clube, encontramos na Biblioteca Nacional uma série de revistas da época especializadas em esportes, o álbum de recortes de Marcos Carneiro de Mendonça, o livro *Grandezas e misérias de nosso futebol* (1933), obra rara de Floriano Peixoto, ex-jogador do Fluminense, que desnuda o universo do falso amadorismo na década de 1920. E, finalmente, tivemos acesso às obras do escritor Henrique Coelho Netto na biblioteca da Academia Brasileira de Letras.

¹⁰ Um segundo volume foi lançado em 1967. Para esse trabalho, utilizaremos a edição lançada em comemoração ao centenário do clube em 2002 que engloba os dois volumes.

CAPÍTULO 1: UM CLUBE PIONEIRO

1.1 - Oscar Cox

Costuma-se dizer que a história do futebol na cidade do Rio de Janeiro começou junto com o Fluminense. O clube teria sido o pioneiro na difusão do esporte na cidade. Oscar Cox, seu fundador, ao retornar ao Brasil em 1897, tentou encontrar jovens determinados a praticar o jogo que ele aprendera nos colégios suíços. Entretanto, sua tarefa não foi fácil. Ao todo, ele levou cerca de quatro anos para reunir dez amigos e fundar um time de futebol.

Alguns relatos já demonstram a prática do futebol na cidade antes de Oscar Cox. Clubes de origem inglesa como o Payssandu e o Rio Cricket¹¹ já se divertiam com o esporte, assim como marinheiros ingleses aportados no Rio de Janeiro “jogavam uma bolinha” em horário vago. O próprio Cox, quando menino, teria tido contato com o jogo no colégio Abílio, com uma bola trazida pela família por volta de 1890 (Pereira, 2000: 21). Essas práticas, entretanto, tinham uma diferença: não eram regidas pelas regras oficiais da *Foot-Ball Association*, entidade fundada em 1863 que buscava uma unificação nas regras do futebol. Em 1897, Cox trouxe, além da bola, as regras oficiais. Por isso, autores como Mario Filho e Paulo Coelho Netto atribuem a ele a introdução do futebol no Rio de Janeiro. Para este último, Cox seria o introdutor do futebol no Brasil, ignorando até mesmo Charles Miller (Coelho Netto, 1969:27).

O comércio exterior permitiu à família Cox ganhar dinheiro suficiente para seguir uma tradição muito comum entre a elite econômica do final do século XIX de mandar seus filhos estudar no velho continente¹². Assim como seus quatro irmãos, o jovem Oscar foi complementar sua educação na Suíça, especificamente no colégio *La Ville*, em Lausanne.

¹¹ No dia 15 de agosto de 1872, um grupo de jovens ingleses apaixonados pela prática de esportes, entre eles estão Srs. H.L. Wheatley, A. MacMillan, C.D. Simmons, Amaral, Robinson e George Emmanuel Cox, fundou uma agremiação chamada Rio Cricket Club num terreno alugado para a prática do cricket na Rua Berquó (atual General Polidoro), em Botafogo, no Rio de Janeiro. O cricket era um esporte amplamente difundido na Inglaterra. Em 1875, após alguns atos de discordância dentro do Rio Cricket Club, o clube se divide e um grupo de fundadores decide montar uma outra agremiação, o Club Brasileiro de Cricket, que se dedicava também à corrida a pé e era frequentado pela Princesa Isabel. Posteriormente muda de nome, denominando-se Paissandu Athletic Club. O outro grupo funda o Rio Cicket Association Athletic, ganhando esse nome definitivamente em 1897, localizando-se no Bairro de Icaraí em Niterói. Dessa dissidência nasce uma grande rivalidade clubística na colônia inglesa das cidades vizinhas, sendo as disputas entre os dois clubes, nos mais variados esportes, chamadas de Clássico dos Ingleses (Lorio, 2001).

¹² Sobre os negócios da família Cox, ver Coelho Netto (1969:61).

Hobsbawm e Ranger (1997) observam que a prática de esportes nas escolas particulares representaram tentativas de traçar linhas de classes que as separassem das massas. O desenvolvimento de escolas particulares como as que muitos jovens das elites brasileiras, entre eles Oscar Cox e Charles Miller, frequentavam na Inglaterra ou em outra parte da Europa, demonstravam que a educação era cada vez mais um instrumento de estratificação social e modelação de caráter. Além disso, tinha a missão de estabelecer padrões comuns de comportamento e valores. Essas escolas forneciam um critério amplo de ingresso nas classes média e alta, servindo como meio de comparação entre indivíduos e famílias, além de permitir um conjunto de redes de sociabilidade e formação de elites dirigentes (Hobsbawm e Ranger, 1997:301-304).

As práticas desportivas eram fundamentais nesse processo, estimulando antagonismos entre as escolas e o fortalecimento de laços de companheirismo e identificação entre os membros de cada comunidade escolar.

O artifício informal básico para a estratificação de um sistema teoricamente aberto e em expansão era a escolha individual de parceiros sociais aceitáveis, o que era conseguido acima de tudo através da velha adesão aristocrática ao esporte transformado em um sistema de disputas formais contra antagonistas considerados à altura em termos sociais (idem: 305-306).

Entre 1870 e 1880, o futebol adquire todas as características institucionais e rituais que conhecemos até hoje. Incorporado pelos grupos sociais mais abastados, serviu como modelador do caráter das classes médias das escolas particulares na Inglaterra (idem: 296). Essas experiências foram responsáveis pela introdução no Brasil de novas práticas e tradições trazidas do velho mundo por jovens estudantes, semelhantes aos irmãos Cox, que retornavam de sua estada nos colégios europeus, consolidando a tradição de que no Brasil o futebol nasce e se desenvolve entre as elites que “buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém instaurada república” (Pereira, 2000:23).

A origem inglesa¹³ de sua família permitiu que Oscar Cox se associasse, em 1892, ao Payssandu Athletic Club, reduto exclusivamente britânico, frequentado

¹³ Oscar Alfredo Cox nasceu a 20 de janeiro de 1880. Filho de George Emmanuel Cox, cidadão inglês nascido em Guayaquil, Equador, onde seu pai fora vice-cônsul da Inglaterra, e de Minervina Dutra Cox,. Oscar nasceu no Largo dos Leões, no bairro de Humaitá, na cidade do Rio de Janeiro. George Emmanuel Cox foi um dos fundadores do Rio Cricket A. A, clube da colônia inglesa de Niterói e seu presidente entre 1898 - 1907.

durante o Império pelo que havia de melhor na corte, inclusive pela própria família real. (Hamilton, 2001:48-50). Nesse clube, o futebol era praticado em caráter restrito, apenas para divertimento dos sócios (Pereira, 2000:24). Outro clube com as mesmas características frequentado pela família era o Rio Cricket, do qual George Cox, pai de Oscar Cox, havia sido um dos fundadores em 1872. Localizado em Niterói, o Rio Cricket Club caracteriza-se, assim como o Payssandu, como um clube refinado, formado exclusivamente por ingleses.

Foi exatamente nesse clube de Niterói, voltado para a prática do Cricket, que Oscar Cox, junto de seu companheiro de bola Victor Etchegaray, organizaram, no dia 1 de agosto de 1901, o que será considerado o jogo inaugural do futebol no Rio de Janeiro¹⁴. Após jogarem dois tempos de vinte minutos com quinze de intervalo, empataram em 1 x 1. No time de Cox, atuaram jovens estudantes como Clito Portela, Victor Etchegaray, Walter Shuback, Mario Frias, Max Naegali, Horácio da Costa e Santos, Luís Nóbrega, Júlio de Moraes e Felix Frias (Coelho Netto, 2002:4). O Rio Cricket foi formado com jogadores ingleses radicados no Brasil, em sua maioria funcionários do consulado, de bancos e de empresas de navegação marítima (idem, 1969a:76).

O jogo não chamou grandes atenções, contando apenas com quinze assistentes formados basicamente por familiares dos jogadores, amigos e tenistas que, por acaso, estavam no clube naquele momento¹⁵. Apesar do pouco interesse, o jogo recebeu um destaque no *Jornal Correio da Manhã* (Pereira, 2000:25).

Após esse jogo, mais dois *matches*¹⁶ foram realizados, dessa vez na cidade do Rio de Janeiro, e o resultado não foi diferente: dois empates¹⁷. Os jogos em terras cariocas foram realizados no campo do Payssandu.

Os resultados não desanimaram o time, que partiu em uma pequena excursão para São Paulo. Após uma série de cartas trocadas entre Oscar Cox e René Vanorden, velhos colegas dos tempos de Suíça, foram marcadas, junto aos paulistas, algumas

¹⁴ Na realidade, como já afirmamos, existem relatos da prática do futebol na cidade nos clubes ingleses e em exibições feitas por marinheiros estrangeiros no cais do porto. Entretanto, tais disputas se diferenciam das de Cox, pois este seguia as regras da *Foot-Ball Association*, fundada em 1863. Sobre a fundação da *Foot-Ball Association* cf. PAPA e PÂNICO, 1993 *apud* PEREIRA, 2000.

¹⁵ Segundo Paulo Coelho Netto, o público era composto pelo pai e a irmã de Victor Etchegaray, dos amigos Mário Rocha e Domingos Moitinho (PEREIRA, 2000).

¹⁶ Nos primórdios do futebol no Brasil, era comum a utilização de termos em inglês entre os praticantes. A palavra *match* significa jogo, partida.

¹⁷ A segunda partida terminou em 2 x 2 (*O Sport*, *Correio da Manhã*, 03 de outubro de 1901). Quanto ao terceiro empate, não se sabe o resultado (Coelho Netto, 2002:4).

partidas¹⁸. Destacamos que nessa viagem a equipe foi batizada com o nome de *Rio Team*.

As despesas da viagem correram por conta dos próprios jogadores que dispuseram de 130\$000 cada um para a passagem e hospedagem. Segundo Mario Filho, eles tentaram um desconto nas passagens na Central do Brasil, alegando que se tratava de uma delegação esportiva¹⁹ (Rodrigues Filho, 2003:34). O desconto foi negado pela companhia, mas o grupo foi assim mesmo, desembarcando na recém inaugurada Estação da Luz. Apesar de jovens pertencentes a famílias abastadas, viviam de mesada e os custos eram muito altos para um simples jogo de futebol. Em São Paulo, as outras despesas correram por conta dos paulistas. A situação se reverteu quando os paulistas vierem jogar no Rio (idem).

A primeira partida de futebol interestadual do Brasil²⁰ foi realizada entre O *Rio Team* e o *São Paulo Scratch Team*, no dia 19 de outubro de 1901 e serviu para a inauguração do Estádio do Velódromo, do São Paulo Athletic. A disputa foi assistida por quinhentas pessoas, apesar da inusitada hora em que foi realizada: às 4 horas e 55 minutos da manhã. O *match*, como se chamava na época, terminou empatado em 2 x 2, com os cariocas marcando primeiro com F. Frias e McCulloch, mas os paulistas conseguiram o empate na segunda etapa com gols de Alicio de Carvalho e Walter Jeffery²¹. No dia seguinte, novo jogo é realizado e o resultado é um novo empate em 0 x 0²².

A partida foi seguida de uma confraternização regada a champanhe, com brindes erguidos ao rei da Inglaterra, Eduardo VII, Campos Sales, René Vanorden, Oscar Cox e Charles Miller, o *The best all-round sportman* (o maior de todos os *sportmen*), que, apesar de participar dos jogos, não estava na comemoração²³. Tal atitude revela não só respeito a uma possível tradição do futebol britânico, mas a um conjunto de valores

¹⁸ Além de Cox e René Vanorden, participaram os paulistas Ibañez Salles do *Club Atlético Paulistano*; R Nobiling, do *Sport Club Germânia*; Antônio Costa, do *Sport Club Internacional* e Charles Miller, Fox Rule e Boyes, do São Paulo Athletic In: *Revista do Fluminense*, nº 4, Outubro de 1954, Seção História do Fluminense p. 29.

¹⁹ Informação confirmada na *Revista Sportiva do Fluminense F. C.*, 21 de julho de 1929.

²⁰ *Jornal do Comercio*, 20 de outubro de 1901.

²¹ Nos dois jogos, a escalação foi: Rio Team: W. Schuback, M. Frias, L. Nóbrega, O. Cox, Awright, J Mc Cullock, F. Walter, H. Costa Santos, E Moraes, J. Moraes e F. Frias. São Paulo Scratch Team: Holland, Nobiling e E. Boyes, Ibañez Salles, Charles Miller, Godffrey, Antônio C. Costa, Mass, L. Boyes, René Vanordem e Savoy (Napoleão, 2003:6).

²² *Revista do Fluminense* nº 4, outubro de 1954, Seção História do Fluminense p. 29.

²³ Sobre as descrições das comemorações cf: Mills, 2005: 99-102, Hamilton, 2001:48-50 e Santos Neto, 2002: 60-65.

baseados em modelos europeus de comportamento tidos como civilizados, os quais foram incorporados pelas elites burguesas republicanas que esse jovens representavam.

O jornal *O Estado de São Paulo* dá cobertura ao evento, descrevendo a platéia como *very selected*²⁴ e bastante numerosa, destacando-se as gentis senhoras que davam a nota de alegria à festa. Quanto aos atletas, chamaram a atenção para a boa disciplina e educação “esmerada” e “distinta” dos rapazes fluminenses²⁵. O grande número de público demonstrava como o futebol já estava bastante difundido entre as camadas mais privilegiadas da sociedade paulistana.

Animados com os resultados obtidos em São Paulo, ocorre uma primeira tentativa de fundação de um clube de futebol no Rio de Janeiro em novembro de 1901. Oscar Cox, Mário Frias e C. Robinson redigem um comunicado que dizia:

Rio de Janeiro, Novembro de 1901.

Temos a honra de vos convidar para tomar parte na reunião que se efetuará sábado, 30 do corrente às 8 ½ da noite, no Laranjeiras Club, a fim de se tratar da fundação do Rio Football Club²⁶.

As disputas entre aqueles que queriam um clube só formado por ingleses se contrapunham à ideia daqueles que, como Cox, reivindicavam um clube com ingleses e brasileiros. Isso levou ao adiamento da proposta.

Em julho de 1902, o time de Cox voltou novamente a São Paulo para duas partidas contra o Internacional e o Paulistano. Dessa vez não empataram, foram derrotados²⁷. Esses resultados não foram os únicos problemas encontrados pelos atletas cariocas.

As diferenças entre os atletas ingleses do Rio Cricket e o grupo de Oscar Cox ficam mais claras quando Cox deixa de fora da equipe o capitão do time inglês, Mr. Machentock. Não aceitando a não escalação, este se desligou do grupo e resolveu formar o seu próprio clube futebolístico, utilizando o nome Rio Foot-Ball Club.

Criado em 18 de julho de 1902, o Rio Foot-ball Club abrigaria apenas atletas de origem inglesa, como fazia o Rio Cricket, mas a estratégia falhou e, posteriormente,

²⁴ “Muito seleta” (tradução minha).

²⁵ *O Estado de São Paulo*, 21 de outubro de 1901 in *Revista do Fluminense* nº 4, outubro de 1954, Seção História do Fluminense p. 29.

²⁶ Reprodução do convite. In: Coelho Netto (2002:5) e arquivos do FFC.

²⁷ O primeiro jogo foi em 13 de Julho de 1902 contra o Paulistano no Estádio do Velódromo e o segundo em 14 de julho de 1902, no mesmo local, contra o Internacional. Os cariocas foram derrotados por 1 x 0 e 3 x 0, respectivamente (*Revista do Fluminense*, março – abril de 1979 - edição comemorativa aos 30 anos da Taça olímpica - e *Correio da Manhã*, 15 de julho de 1902).

acabou por aceitar brasileiros como Raul Brandão, Heitor Luz, Afonso de Castro e Emílio da Rocha Lima²⁸. Ao saber da fundação do novo clube, Cox, ainda em São Paulo, resolveu fundar também o seu clube assim que regressasse ao Rio de Janeiro.

Alguns anos depois, o jornal *A Gazeta de Notícias* descreve o episódio.

Em 1901, O Sr. Oscar Cox organizou um *team* para jogar em São Paulo contra os jogadores daquela cidade. Na ocasião deste senhor escolher os jogadores deixou de parte o Mr. Machentock, então *captain* do Rio Cricket e Athletic Club Association, resultando uma rivalidade entre aqueles dois jogadores.

Mr. Machentock aproveitando a estadia daquele *team* em São Paulo, procurou os srs. H., Palm, J Pereira, R Lima e A Cerqueira para, com o apoio destes poder organizar uma sessão e fundar um clube de futebol. A sessão foi efetuada no extinto *Club* de Natação e Regatas, organizando-se então o primeiro clube deste gênero no Rio de Janeiro, que teve o nome de – Rio Foot-ball Club.

Quando o *team* do Rio voltou e foi conhecedor da fundação daquele clube tratou imediatamente da fundação do Fluminense Foot-ball Club que, com muitas dificuldades no princípio, conseguiu rompe-las e colocar-se na vanguarda desse esporte tão salutar²⁹.

O trecho demonstra que o processo de fundação de um clube, no caso o Fluminense, não ocorre sem a existência de conflitos entre indivíduos ou grupos. Embora o futebol surja dentro de uma comunidade que compartilhe semelhanças sociais e culturais, isso não significa que os iguais não possuam diferenças dentro de um determinado campo, as quais geram tensões e disputas entre esses grupos acerca do controle desse campo.

Segundo Pierre Bourdieu (1992), o conceito de campo é definido como um espaço de disputas onde os agentes sociais travam uma relação de forças que tem por instrumento e alvo um capital simbólico, institucionalizado ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores. No caso em questão, a disputa se dá dentro do “campo esportivo” entre o grupo liderado por Oscar Cox e o grupo de Mr. Machentock pela fundação daquele que seria o primeiro clube exclusivo para a prática de futebol da cidade.

²⁸ *Gazeta de Notícias*, 20 de abril de 1906.

²⁹ *Gazeta de Notícias*, 20 de abril de 1906.

O local marcado para a reunião de fundação foi a casa de Horácio da Costa, na Rua Marquês de Abrantes, nº. 21, no Flamengo. Lá, Cox, então com a idade de 22 anos, e mais dezenove companheiros pertencentes a uma parcela privilegiada da sociedade carioca, fundaram, a 21 de Julho de 1902, o Fluminense Foot-Ball Club³⁰. A principal característica do novo clube era o seu caráter misto, aceitando desde os primeiros momentos brasileiros em seus quadros.

Vinte homens, escolhidos por convite, assinaram a ata de fundação. Ao lado de seus nomes, colocaram seus endereços: a maioria residia na Zona Sul em bairros como Flamengo, Laranjeiras e Botafogo, e outros em ruas nobres do Centro, como a Rua do Ouvidor e da Quitanda³¹. A agremiação era formada pelo que havia de melhor em nossa sociedade³², quase todos educados em colégios da Europa. Embora se diferenciando de seu rival por aceitar em seus quadros tanto brasileiros como estrangeiros, o espírito do Rio Foot-Ball Club era o mesmo: tentar criar no Rio de Janeiro um espaço para a prática do futebol que cultuasse os novos hábitos obtidos na Europa. Esses jovens tornam-se os primeiros representantes de um futebol que, no seu início, teve sua prática restrita a rapazes finos, elegantes e de famílias estruturadas financeiramente.

A escolha do nome possui duas versões, uma oficialmente aceita e outra não reconhecida pelo clube, porém muito popular. A primeira versão oficial afirma que o nome é oriundo do hábito de se chamar todos os cariocas, independente de serem da capital ou do interior do Estado, de fluminenses. A distinção entre fluminenses e cariocas só se estabeleceu depois de 1892, quando o Rio de Janeiro deixa de ser município neutro e passa a ser Distrito Federal. Antes de tal mudança, não havia distinção entre cariocas e fluminenses e todos eram chamados indistintamente de fluminenses. Após a lei, continuou o hábito de se usar o termo fluminense para os habitantes do Distrito Federal. Além disso, na excursão do *Rio Team* a São Paulo, os

³⁰ Atas da assembleia geral do Fluminense FC, 21 de Julho de 1902.

³¹ Os nomes que assinaram a ata e seus respectivos endereços são Horácio da Costa Santos (Rua Marques de Abrantes, 21), Mário Rocha (Martins Ribeiro nº 3), Walter Schuback (Visconde do Pirai), Felix Frias (Rua da Quitanda, 117), Mário Frias (Rua da Quitanda, 117), Heráclito de Vasconcelos (Rua Marques de Olinda, 20), Oscar A Cox (Rua São Salvador 5), João Carlos de Mello (R. D. Luzia, 14), Domingos Moitinho (Flamengo, 16), Louis da Nóbrega Junior (Barão do Itamby, 4), Arthur Gibbons (Praia do Flamengo, 21), Virgílio Leite (Rua Carlos de Sá, 7), Manoel Rios (Praia do Flamengo 20), Américo da Silva Couto (Rua Ouvidor, 4), Eurico de Moraes (não colocou o endereço), Victor Etchegaray (Rua Oriente, 5), A C Mascarenhas (Rua Voluntários da Pátria, 6), Álvaro Drolhe da Costa (Rua Alice, 2 C), Julio de Moraes (Cantareira) e A H Roberts (Praia de Botafogo, 50). Atas da assembleia do Fluminense FC, 21 de julho de 1902.

³² Julio de Moraes, um dos fundadores do clube, era filho do Visconde de Moraes. Herdeiro de uma das maiores fortunas do país, Júlio de Moraes praticava, além do futebol, tênis e automobilismo. Era também muito conhecido na boemia e pelas gordas gorjetas que deixava (Coelho Netto, 1969a:87).

jornais referiam-se aos jogadores do Rio como fluminenses³³. A impossibilidade da utilização do nome Rio em virtude da fundação do Rio Foot-Ball Club algumas semanas antes, levou à adoção do nome Fluminense Foot-Ball Club. Nesta versão, portanto, o costume determinou o nome.

A segunda versão especula que uma vez não podendo usar o nome preferido, foi feita uma correlação ao vocábulo latino “*flumen*”, que significa fluvial ou relativo a rio. Dessa analogia chegou-se ao termo Fluminense³⁴.

Nessa primeira assembleia, os associados também elegeram Oscar Cox como presidente e fundaram duas comissões, uma para arranjar um terreno para a prática do jogo e outra para a redação dos estatutos do novo clube. A primeira tentativa foi o aluguel de um terreno na Rua Dona Mariana em Botafogo, mas o aluguel era muito alto e eles desistiram. Outro local foi encontrado na Rua Guanabara (atual Pinheiro Machado), esquina do Roso (atual Coelho Netto), bem ao lado do Palácio Guanabara, antiga residência da Princesa Isabel. O terreno foi alugado ao Banco da República, em 17 de outubro de 1902³⁵, por 100\$000. Dois anos depois, Eduardo Guinle comprou a casa dos fundos do terreno para transformá-la em sede, além de todo o terreno em volta do campo para ampliar o clube³⁶. Nesse momento o clube contava com cerca de 30 sócios que pagavam uma mensalidade de 5\$000, correspondente à compra de um sapato³⁷, com uma arrecadação total de 150\$000. Esse dinheiro só bancava as despesas de manutenção do clube. Quando havia necessidade de gastos extras, como compra de bolas ou para levantar um barracão para servir de vestiários, abria-se uma subscrição que, nesse caso, chegou a 25\$000³⁸.

Percebemos que inicialmente os fundadores do Fluminense organizaram a estrutura administrativa do clube nos mesmos moldes dos clubes de *cricket* que já

³³ “Os Forwards dos fluminenses...” *O Estado de São Paulo*, 21 de outubro de 1901.

³⁴ Ambas as versões estão descritas por Paulo Coelho Netto no número inaugural da *Revista do Fluminense* nº 1, 01 de julho de 1954 p. 29.

³⁵ O aluguel custava 100\$000 e a mensalidade inicial paga por cada sócio era de 5\$000. As obras de nivelamento do campo começaram em 1903 com o custo da obra dividido em 4 parcelas ao mesmo banco da República (*Revista do Fluminense*, março-abril 1979 - edição comemorativa dos 30 anos da taça olímpica), ver também Coelho Netto (1969a:77).

³⁶ Eduardo Guinle e Candido Gaffrée doaram ao Fluminense 2:000\$000 para a construção da praça de esportes e arquibancadas, o que valeu a eles o título de sócios beneméritos do clube. “Só temos razão para nos felicitar de ter um senhorio como o Sr. Eduardo Guinle – desde o começo ele tem mostrado vontade de nos ajudar de todos os modos possíveis, e ainda continuará a nos ajudar, visto que praticamente ele prometeu construir uma arquibancada para o ano, de modo que os espectadores possam estar sentados em conforto. Naturalmente isto não será se não uma fonte de renda para o clube”. Assembleia geral do FFC, 20 de dezembro de 1904. Arquivo FFC.

³⁷ *Revista Fon Fon*, 24 de junho de 1909.

³⁸ Assembleia geral do FFC, 17 de outubro de 1902 e Coelho Netto (2002:17).

existiam na cidade. Estava, portanto, nos fechados clubes ingleses os princípios que nortearam, pelo menos inicialmente, o perfil do clube da Rua Guanabara³⁹.

As cores, os uniformes e as bandeiras do clube foram definidos em Assembleia no dia 17 de outubro de 1902⁴⁰.

O uniforme compunha-se de camisa branca e cinzento claro, metade de cada cor, com gola, trazendo o escudo no peito no lado esquerdo, também branco e cinzento, metade de cada cor, e monograma em vermelho. Como complemento, calção branco, meias pretas e boné cinzento com traços em direção horizontal. Os jogadores do primeiro quadro tinham o privilégio de usar o boné cinzento e branco, de meio a meio, com o escudo do clube em ponto pequeno. A bandeira era branca e cinzenta, formando dois triângulos iguais, um de cada cor, tendo sobre o triângulo branco, no alto, à direita, o escudo do clube em ponto grande, com orla e monograma vermelhos⁴¹.

Essas cores iniciais não agradaram a todos os sócios e, durante dois anos, foram alvo de debates, até que, finalmente, em 15 de julho de 1904, elas foram trocadas para o tradicional verde, branco e encarnado, como veremos à frente.

Na assembleia de 10 de outubro, novos sócios são aceitos, entre eles membros das famílias mais ricas da cidade, como os Gaffrée e os Guinles. Além disso, foi estabelecida uma jóia de ingresso ao clube de 10\$000 e uma mensalidade de 5\$000⁴². A entrada dos irmãos Arnaldo, Carlos e Guilherme Guinle foi fundamental para o destino do clube, já que eram filhos de Eduardo Guinle, descendente de franceses que fez fortuna no Brasil no fim do Império. Essa família era responsável pelo transporte do café para a Europa, controlando os portos por onde este era escoado. O dinheiro fácil e farto, associado à tradição européia, fez dos Guinle uma das mais influentes e tradicionais famílias da sociedade carioca que emprestaram seu prestígio ao clube⁴³.

³⁹ É necessário lembrar que muitos dos sócios fundadores do Fluminense pertenciam não só aos clubes de *cricket* como também aos de regatas. Virgílio Leite, por exemplo, era presidente do C. R. do Flamengo (Cunha, 2002:9).

⁴⁰ Atas da assembleia geral do Fluminense FC, 10 de outubro de 1902.

⁴¹ Texto de Paulo Coelho Netto para a *Revista do Fluminense* n.º 6. Dezembro de 1954.

⁴² Os novos sócios eram: Fernando e Candido Gaffree, Carlos, Arnaldo e Guilherme Guinle. *Atas da assembleia do Fluminense*, 10 de outubro de 1902.

⁴³ Eduardo Guinle e Candido Gaffrée foram fundadores da Companhia Docas de Santos. Gafrée não teve filhos. Ao morrer, a concessão da companhia e de outros negócios ficaram com os sete filhos de Guinle (Souza, 2008:41).

1.2 - Rio de Janeiro: cidade esportiva

Antes de continuarmos a falar sobre o Fluminense, é necessário contextualizar o momento político e social que o país e a cidade do Rio de Janeiro vivenciavam e que permitiu a difusão das atividades esportivas, em especial o futebol, na capital.

O estado republicano instalado em 1889 caracterizou-se por um movimento de cunho liberal baseado no federalismo, em que as elites oligárquicas do país eram as grandes beneficiadas. Essa ação associava-se à outra ligada a um ideal de progresso, de teor positivista, que pretendia conduzir uma mudança nos hábitos e na conduta moral da sociedade.

O historiador Nicolau Sevcenko (2003) observa que essa adaptação da ordem republicana ao capitalismo se deu de forma autoritária e violenta, rejeitando o velho e condenando os hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional. Negando todo e qualquer elemento de cultura popular que maculasse a imagem civilizatória dominante, pratica-se uma política de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será isolada para desfrute das camadas burguesas.

Havia, portanto, um esforço por parte das elites de fazer valer à sociedade brasileira um conjunto de valores que se consagraram a partir da industrialização e consolidação do capitalismo. Esses princípios ganharam força nas reformas arquitetônicas, sanitárias e pedagógicas impostas principalmente na cidade do Rio de Janeiro, capital e modelo exportador de cultura e valores para todo o país.

Essas reformas foram inspiradas na *Belle Époque* francesa, um período de grande efervescência cultural surgido no final do século XIX e que se propagou pela Europa e América, chegando ao Brasil no início do século XX. A *Belle Époque* influenciou diversas manifestações artísticas, literárias e arquitetônicas⁴⁴; nela predominava a idéia de modernidade em contraposição ao que era considerado antigo, privilegiando o espaço urbano em detrimento do rural, identificado com o atraso. Essa concepção de modernidade terá grande influência nos novos setores urbanos da sociedade francesa que ascenderam a uma posição social elevada a partir da industrialização e das revoluções liberais. Esses setores eram formados por empresários, comerciantes, funcionários de empresas, profissionais liberais, entre outros. Tais

⁴⁴ Na França, durante a *Belle Époque*, Paris passou por uma intensa reforma urbana conduzida pelo Barão Haussmann, cujo projeto incluía a construção de largas avenidas como forma de facilitar a circulação e deter as manifestações dos trabalhadores, além de melhorar as condições de saneamento (Nogueira, 2006:61-62).

tendências chegaram ao Brasil, inicialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, tendo seu auge no governo Rodrigues Alves (1902-1906), no qual ocorreu a remodelação da cidade do Rio de Janeiro a partir das obras de Pereira Passos⁴⁵ em um processo de europeização da capital federal.

Assim, como parte da estratégia de regeneração do homem brasileiro, procurou-se melhorar a imagem da cidade do Rio de Janeiro, deixando para trás a “velha cidade suja e doente” e passando a erigir uma cidade “civilizada à européia”⁴⁶, tendo no esporte um grande aliado nesse processo.

Influenciada pelos modelos inglês e francês, a república proclamada no Brasil em 1889 buscou elaborar um novo contexto político e social, exigindo a invenção de novas tradições que expressassem identidade e coesão social e que estruturassem novas relações sociais e políticas. José Murilo de Carvalho (1990) ressalta ainda que o regime republicano criou uma série de rituais e símbolos como bandeiras, hinos, novos feriados, heróis e cerimônias cívicas que se apresentavam em oposição às tradições vindas do Império.

Ao analisar as tradições, Hobsbawm e Ranger (1997) afirmam que elas são inventadas. Essa invenção inclui as construções formalmente institucionalizadas em um período de tempo determinado, sendo um conjunto de práticas regulares aceitas por uma sociedade. Estas, por sua vez, são de natureza ritual ou simbólica e visam inculcar certos valores e normas de comportamento executados de maneira repetitiva, estabelecendo uma continuidade em relação ao passado.

Essa criação seria um processo de formalização e ritualização com forte ligação com o passado. As tradições são criadas em um determinado momento histórico em que ocorrem transformações amplas e rápidas que destroem tradições estabelecidas, levando à necessidade de se construírem novas tradições para legitimarem e darem identidade ao recente. A formação dos estados nacionais, nos últimos duzentos anos, é uma comprovação dessa hipótese. Ao surgirem novos símbolos e imagens oficiais como o hino nacional ou a bandeira, visava-se a uma personificação da nação (idem: 14-15).

⁴⁵ O Rio de Janeiro tinha a fama de ser uma cidade suja, de ruas estreitas, com vários cortiços. Coube a Pereira Passos, prefeito da cidade, a tarefa de iniciar as obras de regeneração da cidade. Casas e habitações foram demolidas em um processo de expulsão dos mais pobres do centro da cidade (Sevcenko, 2003:41).

⁴⁶ A modernidade pretendida pelas elites republicanas esbarrava na velha estrutura urbana. O porto era pequeno para a atracagem dos navios; as áreas pantanosas permitiam o desenvolvimento de doenças como a febre tifóide, o impaludismo, a varíola e a febre amarela. Além disso, havia receio por parte dos europeus de investir em uma cidade com uma população mestiça em constante turbulência. Isso tudo criava uma imagem que associava a cidade à insalubridade e à insegurança (Sevcenko, 2003:42).

Segundo Hollanda (2004:81), “as tradições não chegam de maneira retilínea do passado ao presente, elas são criações de um determinado grupo social com vistas a uma imagem específica que se quer de um passado construído, reificado”.

Esse processo visava, além da coesão social, a legitimação de instituições e a socialização de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Entretanto, elas não eliminam as distinções entre as classes sociais, ao contrário, servem para gerar novas formas de distinção entre os grupos.

Dentro do mesmo espírito, as elites brasileiras advindas da proclamação da República buscam novos padrões de sociabilidade e novas referências culturais na modernidade europeia que as distanciassem de um passado colonial marcado pela escravidão. Em consonância com esse processo, uma parte da intelectualidade brasileira impõe a si mesma a tarefa de reescrever a história do Brasil como forma de construir uma identidade para a nação. Esse empenho implicou, no âmbito do lazer, a busca de formas de recreação que excluíssem práticas estruturadas em um passado colonial, em uma dinâmica do processo civilizatório brasileiro que se configura em formas de controle das relações sociais, bem como de autocontrole dos indivíduos através do desenvolvimento de práticas esportivas que teriam um papel de catalisador das emoções (Lucena, 2001:3).

O esporte moderno tem suas origens no século XIX, consequência de uma sociedade que se industrializava e se urbanizava. O futebol surge na Europa sob a marca de um esporte que requer adestramento, disciplina e espírito de competição (Elias e Dunning, 1991:68-69). Praticado inicialmente como atividade recreativa de novos grupos sociais emergentes desse processo, contrastava com os rituais e etiquetas do Antigo Regime. Um dos esportes preferidos pelas elites burguesas urbanas da Europa constitui-se em uma das formas de se distinguir das velhas ordens aristocráticas, revelando-se particularmente decisiva na incorporação de novos hábitos e costumes que reforçavam novas tradições dentro da organização política dos estados nacionais no século XIX (Hobsbawm e Ranger, 1997:9).

O Rio de Janeiro vai, aos poucos, estabelecendo áreas onde as atividades de entretenimento dirigidas à camada dominante eram exercidas. Clubes noturnos são inaugurados na Rua do Passeio, cassinos, *jockey clubs*, cinematógrafos, teatros, salões literários, fazem parte de uma esfera lúdica requintada, baseada no modelo parisiense. O espaço público deveria ser remodelado para receber a sociedade civilizada, a “sociedade das boas famílias”. Nesse sentido, deveria ser regenerado, reprimindo todas as

atividades que não se enquadravam nos parâmetros determinados por esse modelo que tinha na eugenia sua fonte inspiradora.

O que está em jogo para essas elites urbanas dos primórdios da república é a construção de uma nação que precisa ser organizada tanto racialmente, com a supremacia maior do “elemento branco”, como politicamente, com o fortalecimento das instituições do estado. Isso seria possível através de um sistema educacional mais abrangente e pela reforma dos centros urbanos.

Desse movimento emerge uma série de práticas e ações que se assemelham aos países tidos como “civilizados”, passando o esporte a ocupar um espaço de destaque nos passatempos das elites, associado a um conjunto de regras que exigiam certo comportamento social que, do ponto de vista simbólico, representa o momento em que o patriarcalismo rural começa a dar lugar à emergência de centros urbanos cada vez mais influentes.

É, portanto nesse ambiente onde os distintos e os diferentes grupos se inter cruzam, que a elite dirigente busca, com mais ênfase, a adoção de comportamentos para se diferenciar. Sendo em alguns desses comportamentos logo imitados pelas demais classes, o que leva a elaborar novas atitudes, num processo que se diversifica, re-significa, diferencia, ao mesmo tempo em que cria uma teia de interdependências e atinge os indivíduos não só em seus aspectos sociais, mas também em seu modo de se comportar (idem: 139).

As práticas esportivas são elementos de recolocação do indivíduo no espaço urbano, cada vez menos vinculado ao campo. Elas possibilitam o nascimento de novas formas de comportamento que mudam a relação dos homens com a cidade, permitindo fazer surgir uma nova estrutura social na qual as práticas desportivas são um componente essencial na formação de uma cidade esportiva.

A busca da modernidade e a fé no progresso das elites impulsionaram na cidade do Rio de Janeiro uma série de novos valores comportamentais destacadamente ligados à cultura física, influenciados pelas grandes reformas urbanas ocorridas na Europa no século XIX que permitiram o surgimento de amplos espaços públicos que valorizavam as cerimônias atléticas em uma apologia ao ideário *mens sana in corpore sano*. O Rio de Janeiro vivenciou um intenso crescimento das atividades esportivas e a proliferação de uma série de clubes para as suas práticas.

Gilmar Mascarenhas de Jesus (1999), ao analisar o desenvolvimento dos esportes na cidade a partir de meados do século XIX, percebe uma gradual passagem de uma cidade com escassa sociabilidade ao ar livre para uma outra onde o espírito laico e hedonista veio a dessacralizar os espaços públicos em uma prática conhecida como “mundanismo”⁴⁷. Uma série de eventos ligados aos esportes passaram a ser feitos em espaços públicos e ao ar livre promovendo uma liberação dos costumes.

A cidade do Rio de Janeiro, aproveitando-se do seu papel privilegiado de centro político e intermediário dos recursos da economia cafeeira, viu acumular em seu interior recursos advindos do comércio, das finanças, das indústrias. Em contato direto com os principais centros econômicos do país, através de uma rede ferroviária nacional e do décimo quinto porto do mundo, tornou-se o maior centro comercial do Brasil, sede do Banco do Brasil, da Bolsa de Valores e das grandes casas bancárias nacionais e estrangeiras⁴⁸.

Com a república, os cargos rendosos e decisórios passam às mãos de novos grupos, recém chegados à distinção social, premiados com fartas ondas de nomeações, concessões, garantias, subvenções, favores, privilégios e proteções do novo governo. A ascensão dessas elites foi acompanhada pela elevação do novo modelo burguês, caracterizado pelo arrivismo social que se tornava possível em um momento de profundas mudanças que passava o país (Sevcenko, 2003:42).

O Rio de Janeiro era uma espécie de porta de entrada de novos costumes e negócios trazidos da Europa entre o fim do século XIX e início do século XX. Com uma população acima de 500.000 habitantes, maior centro populacional do país, a cidade era capaz de expressar diferenças e semelhanças entre indivíduos nunca vistas até aquele momento. Sendo a capital da República, centro de transformações políticas, econômicas e culturais pelas quais o Brasil passava, exercia um papel de metrópole que ditava modas, comportamentos e valores a outras regiões. Na condição de maior centro

⁴⁷ A noção de mundano se altera entre o século XVII e o final do século XIX: de algo ilícito, contrário à lei de Cristo, para algo mais aceito e louvável. Mundano passa a significar ocupação com as coisas do mundo. A dessacralização da vida cotidiana permitiu novos hábitos rapidamente incorporados ao dia a dia das cidades, expandindo novas formas de lazer e refuncionalidade dos espaços públicos (Jesus, 1999:25).

⁴⁸ O Rio de Janeiro possuía as condições mais favoráveis para um surto industrial iniciado nos anos 90 do século XIX, possuindo um mercado consumidor crescente, um porto e grande comércio de cabotagem, o que proporcionava aos industriais um fácil acesso a matérias primas e máquinas importadas. Além disso, era o mais importante centro financeiro do país, com mão de obra abundante, condições propícias para o investimento de uma burguesia industrial, principalmente um empresariado voltado para os transportes e serviços (Benchimol, 1990:173).

cosmopolita da nação, viveu uma verdadeira febre de consumo das últimas novidades vindas da Europa.

Nesse contexto de cosmopolitismo, o esporte caracteriza-se como algo novo, próprio de uma cidade em transformação, sendo considerado pelas suas elites uma prática “civilizada” em contraposição aos jogos ligados ao período colonial. O esporte tornava-se um novo elemento de expressão e posicionamento social ligado a uma modernidade europeia. Esses padrões estrangeiros chegavam através de jornais, revistas, companhias de teatro e de espetáculos que traziam um novo modelo de homem com novas preocupações estéticas corporais em que os tipos físicos fortes começam a ser valorizados (Melo, 1999:51).

A saúde corporal passa a ser uma preocupação nesse período. Era necessário mudar a imagem do Rio de Janeiro de uma cidade suja e doente. Nesse sentido, o discurso médico foi um grande aliado do projeto de reformulação social. Os discursos higienistas e sanitaristas promoveram a medicalização da sociedade brasileira com campanhas pela vacinação contra a varíola. Tais medidas foram marcadas por um forte caráter moral evitando que os indivíduos fossem tentados a se entregar ao lado escuro da cidade⁴⁹: “as zonas de prostituição e jogatina que atrapalhavam a formação de uma sociedade disciplinada” (Pereira, 2000:42).

Nesse mesmo período, as praias tornaram-se locais de banhos, receitados por médicos como uma atividade saudável. O banho de mar imprime à cidade um novo padrão de distribuição social que faz com que a burguesia procure os bairros à beira-mar para fixar residência. Morar à beira-mar, principalmente após as reformas de Pereira Passos, “passou a fazer parte de um estilo de vida afinado com a modernidade” (Jesus, 1999:27). Os sentidos e significados do mar foram mudando ao longo do século XIX: de um local onde a população jogava seus dejetos, passou a simbolizar um espaço de saúde e lazer onde era possível a demonstração estética de hábitos trazidos da Europa, sobretudo para as camadas mais ricas da população.

Essa expansão da cidade para áreas próximas ao mar denota dois aspectos relevantes: o primeiro é o acompanhamento na ocupação desses espaços pelos clubes esportivos como locais de confraternização e saúde; o segundo, a recuperação do banho de mar como uma prática saudável que até então estava relegado ao esquecimento.

⁴⁹ Sobre a estratégia de vacinação obrigatória cf. Chalhoub, 1996.

Durante uma boa parte do século XIX, a população do Rio de Janeiro vivia indiferente ao esporte, uma vez que se acreditava que o esforço físico era nocivo à saúde. Entretanto, a partir das décadas de 1880/1890, começam a surgir provas de regatas (idem: 23) e no ano de 1873 funda-se o Clube Guanabareense. A partir daí, outras agremiações começam a ser fundadas como C. R. Cajuense, C. R. Internacional, C. R. Fluminense e C. R. do Flamengo, entre outros (Melo, 2001:68-70). O surgimento de tantos clubes de regatas revela que os espaços litorâneos deixam de ser vistos apenas como locais de pesca ou de tratamento de saúde e tornam-se locais de práticas esportivas e de confraternização.

Outra atividade esportiva que merece destaque na cidade é o turfe, promovido por ricos comerciantes proprietários de cavalos. Seu público chegava a levar cerca de quatro mil pessoas a um hipódromo, entre elas a família imperial⁵⁰. O turfe foi o primeiro esporte no sentido moderno a efetivamente se organizar no Brasil, gozando de notoriedade na cidade perante as elites e no restante da população. Seu desenvolvimento inicial, entretanto, tinha forte referência aristocrática, identificado como um hábito europeu, o que o tornava mais aceito pelas camadas mais ricas e influentes (idem, 1999:42).

O remo é posterior ao turfe⁵¹, mas ambos são fruto do processo de saneamento da cidade no último quarto do século XIX, ratificado por discursos de médicos, sanitaristas, engenheiros e administradores públicos que queriam fazer do Rio de Janeiro uma cidade mais habitável (idem: 44). Com a exaltação dos banhos de mar e suas propriedades terapêuticas, as praias de Botafogo e Russel passaram a ser uma das mais elitizadas, com aluguéis mais caros. Além disso, as companhias de bonde ofereciam passeios para as praias da Zona Sul, logo transformadas em linhas regulares, facilitando o acesso para aqueles que vinham do Centro (idem: 48).

Os clubes também fizeram parte deste esforço modernizador e cosmopolita. A criação deles se relaciona com o estabelecimento de um desejo de convívio social da elite, facilitando as relações sociais entre os poderosos e suas famílias. Em consequência disso, surgem amizades, namoros e apresentações pessoais que tornam calorosas e solidárias as relações entre as classes sociais (Needell, 1994:4).

⁵⁰ A Princesa Isabel frequentava as corridas de turfe no Prado Fluminense (Melo, 2001:63).

⁵¹ Vitor Andrade de Melo demonstra que o remo se desenvolveu em uma cidade bastante diferente daquela em que o turfe se desenvolveu, pois aos clubes de remo se associavam industriais e profissionais liberais que enxergavam no turfe um caráter rural, colonial, portanto, mais atrasado (idem, 2001:73-74).

Estes locais, restritos inicialmente a jovens das elites, tornam-se espaços de inter-relações crescentes. As atividades ligadas aos esportes fizeram surgir os chamados *sportmen*, “homens corpulosos que expunham abertamente seus músculos em contradição com os jovens lânguidos e raquíticos envoltos em grosso *cachê-noz* de lã” (Edmundo, 1957:381). Entretanto, ser um *sportman* ia além de praticar vários esportes e ter um corpo atlético; significava que, através das práticas esportivas, se poderia inculcar valores pedagógicos, disciplinares e morais.

Também o futebol se insere nessa onda de adesão a uma vida atlética e saudável. Ao estabelecer-se no Brasil, já encontrou uma cidade aberta à prática desportiva, um ambiente propício para sua aceitação, tanto que o seu desenvolvimento se deu, na maioria dos casos, em clubes que já praticavam outros esportes como o cricket⁵² e principalmente o remo⁵³. O Fluminense, assim como o América, o Bangu e o Botafogo⁵⁴, constituem exceção a essa regra, o que deu a esses clubes, pelo menos em seu início, uma diferenciação vantajosa nas disputas com os outros.

A receptividade de parcelas da sociedade carioca aos esportes a partir do fim do século XIX é indiscutível. A explicação para tal atitude, porém, não está apenas no fato de eles representarem uma vida mais saudável, mas, sobretudo por se constituírem em um elemento civilizador, associado a um ideário de modernidade burguês importado da Europa. Esse ideal excluía grande parte da população, pois sua prática exigia custos materiais, como o gasto com equipamentos importados e hábitos de conduta refinados⁵⁵. O que acaba por tornar a prática esportiva um elemento de distinção social.

As reformas urbanas passadas pela cidade facilitaram o acesso à orla marítima, que se torna o lugar central do novo estilo de vida que se impunha, estimulado pelo uso das praias como espaço de recreação e esportes náuticos⁵⁶. Tal processo foi altamente elitizado, refletindo a intolerância com a cultura popular. Nessa mesma época, assistiu-se à europeização do carnaval⁵⁷ e ao cerceamento das festas populares e do jogo do bicho.

⁵² Caso do Rio Cricket e do Payssandu.

⁵³ Caso do C R do Flamengo, C R Vasco da Gama e São Cristóvão F.R., entre outros.

⁵⁴ Clubes fundados exclusivamente para a prática do futebol.

⁵⁵ Entendemos como refinamento um conjunto de ações percebidas na presença do outro. Denota certo comportamento social, permeado de regras e condutas sofisticadas diferenciadas dos outros, tais como posturas diante de senhoras, modo de sentar, tossir, comer, praticar determinados esportes, ir a ópera, teatro e etc (Lucena, 2001:15).

⁵⁶ Os congressistas exigiam o alargamento das ruas e a construção de praças para desafogar a cidade, permitindo uma maior circulação do ar que vinha da brisa marítima (Benchimol, 1990:178).

⁵⁷ Ocorreram algumas tentativas de “civilizar o carnaval”: a proibição do entrudo (uma brincadeira carnavalesca considerada muito violenta), a transferência do carnaval para o inverno, quando as

As transformações do plano urbano na capital do país obedeceram a uma diretriz política que consistia em afastar do centro da cidade os grupos sociais considerados perigosos. Nesse sentido, amplas avenidas eram abertas e ruas eram asfaltadas, pondo abaixo velhos casarões e quiosques habitados e frequentados por setores populares que não faziam parte desse esforço civilizatório. As medidas mostraram-se efetivas⁵⁸. Em meio a isso, a burguesia emergente se expande pela cidade, tendo como tarefa organizar a sociedade, agindo no âmbito da saúde, do trabalho e do lazer (Chalhoub, 1986:63) em uma atuação pedagógica que contou com o esporte como forte aliado.

A abertura da Avenida Beira Mar, construída em 23 meses para dar vazão ao grande tráfego existente entre o centro da cidade e os bairros do Catete, Botafogo e adjacências, contribuiu para a ocupação da orla marítima cada vez mais urbanizada com obras de infra-estrutura, calçamento de ruas, abertura de praças, canalização de água e luz elétrica. Além disso, a nova avenida tem uma função estética destinada a impressionar os estrangeiros a bordo dos navios na Baía da Guanabara como “uma moldura de árvores e flores aquele encantador litoral da Glória e Botafogo” (Benchimol, 1990:236).

Rasgando a cidade, novos meios de comunicação eram introduzidos entre a zona portuária e o centro e entre o centro e a zona sul. Por volta de 1907, as linhas de bonde foram eletrificadas primeiramente em direção à zona sul, com carros de primeira classe e carros de segunda classe estabelecendo a distinção entre os usuários (idem: 241). O transporte individual era feito por carros de praça: os *tilburis* de um só lugar, as *caleches* e, para as ocasiões especiais, os *cupês* de luxo, mas logo esse meios de transportes seriam substituídos por automóveis⁵⁹.

A regeneração urbana promoveu uma separação ética dos corpos. A nova divisão geográfica da cidade discriminou os espaços. Aos trabalhadores pobres, subempregados, desempregados e vadios coube subir os morros. O centro tornou-se o foco de agitação da burguesia arrivista. A zona sul, beneficiada pelos investimentos das autoridades municipais e federais, se constituiu no objeto de uma política de

temperaturas seriam mais amenas, a proibição de fantasias de índios incentivando as fantasias de personagens europeus como o alerquim, pierrô e colombina. Foram condenadas também as tradicionais serenatas, assim como o curandeirismo e a feitiçaria vistos como sinais de atraso (Nogueira, 2006:62).

⁵⁸ É preciso ressaltar que esse processo não é feito sem resistências das populações afetadas. José Murilo de Carvalho e Sidney Chalhoub descrevem várias formas de resistência dos populares em manter vivos seus espaços de convivência, valendo-se muitas vezes de ações violentas, sendo a principal delas a Revolta da vacina em 1905. Ver Carvalho (1987) e Chalhoub (1996).

⁵⁹ Em 1903, o Rio de Janeiro possuía apenas seis automóveis em circulação; em 1906 já eram 153 e um ano antes foi disputada a primeira corrida de automóveis na cidade (Garcia, 2001:63).

urbanização sofisticada, que prometia um estilo de vida moderno, voltada para bairros como Flamengo, Cosme Velho, Laranjeiras, Botafogo, Copacabana e Ipanema, onde floresciam novos ricos e especuladores das crescentes atividades industriais, comerciais, bancárias, além funcionários públicos, militares e profissionais liberais⁶⁰. A construção da Avenida Beira Mar e a implantação da infra-estrutura de serviços articuladas aos empreendimentos imobiliários nesses bairros contribuíram para um processo de estratificação social do espaço urbano carioca.

São esses grupos populacionais que habitavam o centro da cidade e a zona sul que constituíram a base dos associados dos clubes elegantes que surgiam naquele momento, entre eles, o Fluminense⁶¹.

De uma cidade colonial marcada pela aversão aos esportes, passamos a uma cidade onde fervilham novas práticas esportivas em espaços públicos urbanos ocupados por uma burguesia afinada com as últimas novidades vindas da Europa, dando a essas práticas significados novos reinventados ao ritmo da modernidade urbana cada vez mais intensa, mas nem por isso menos controlável ou predizível.

O futebol praticado nos clubes das primeiras décadas do século XX veio a incorporar-se perfeitamente à estratégia de controle e normatização social, uma vez que a ele foram atribuídas características de favorecimento e aprimoramento da disciplina e o alívio das tensões. Como destacam Elias e Dunning (1991:83), ao participar das atividades esportivas, o indivíduo está limitado, confinado a espaços especiais, espaços onde as tensões da vida diária deviam ser liberadas.

Completamente integrados a essa lógica social, os primeiros jogos do Fluminense foram marcados pela presença “do que havia de melhor na nossa sociedade”. Representantes desse novo ideal de brasileiro, os corpos perfeitos dos *sportmen* tricolores se associavam a uma conduta moral que deveria ser modelo para a toda a sociedade.

⁶⁰ Benchimol (1990:136-137; 174-175) chama a atenção para o crescente desenvolvimento das atividades econômicas da cidade do Rio de Janeiro. Analisando o Censo de 1907, o autor observa que os negócios ligados às indústrias concentravam-se em seis grupos: moinho de trigo, vestuário, construção naval, bebidas e tecidos, havendo fábricas até mesmo na zona sul, como a Fiação e Tecidos Aliança, fundada em 1885, nas Laranjeiras, com cerca de 480 operários. No comércio e nas profissões liberais, houve um aumento do número de pessoas engajadas em tais atividades. Em 1890, havia 48.048 comerciantes, 7.133 profissionais liberais, e número de funcionários públicos, incluindo os militares, era de 17.254.

⁶¹ No livro de sócios do Fluminense, percebemos que a maior parte dos associados morava em ruas importantes do centro da cidade, como Rua do Ouvidor, Rua da Quitanda, ou nos novos bairros da Zona sul (Livro dos associados do Fluminense FC 1902 – 1906. Arquivo FFC).

1.3 - Os primeiros jogos e as primeiras tradições

O primeiro jogo oficial do Fluminense foi contra o Rio Foot-ball Club, no campo do Payssandu Cricket Club,⁶² em 19 de outubro de 1902. Sobre o jogo, o jornal *A Notícia* saudava o nascimento das duas agremiações e o nível do público composto do melhor da nossa sociedade.

Enorme multidão de pessoas gradas da nossa sociedade ocorreu pressurosa, no dia 19 de corrente, domingo, ao Payssandu Cricket Club, para assistir ao desafio de *foot-Ball* entre duas novéis sociedades. Ao Fluminense F. C. coube facilmente a vitória por 8 gols contra 0⁶³.

Alguns dias depois, o jornal chamava a atenção para o que seria um relato constante nos jogos do Fluminense: “a presença de moças da mais fina sociedade”⁶⁴.

De imediato, mandaram um telegrama para seus companheiros paulistas virem ao Rio disputarem uma partida. O memorando enviado estava em inglês e os sócios do Fluminense foram intimados a pagar as despesas dos visitantes⁶⁵.

Com a presença maior de brasileiros nos seus quadros, o Fluminense ganhava cada vez mais admiradores, levando em seus jogos “moças e rapazes da mais fina sociedade”. Mesmos os sócios do Rio Foot-ball Club acabaram por ingressar posteriormente no clube, que dobraria o número de associados em 01 de agosto de

⁶² A *Gazeta de Noticias* chamava a atenção para um jogo no Rio Cricket em homenagem à coroação do Rei Eduardo VII. O time é basicamente o do Fluminense, embora o jornal chame de time de brasileiros “Para celebrar a coroação de Eduardo VII, realiza-se hoje as 11da manhã, no *Rio Cricket Athletic Association* um festa em Icaraí, na qual será disputada uma partida de *foot-ball*. Na partida tomarão parte dois *teams*, um brasileiro e outro inglês”. Na edição seguinte de 16 de setembro, o jornal destaca que o jogo foi “violentamente disputado, vencendo o bando inglês, sendo calorosamente aplaudido com muitos vivas erguidos a Inglaterra a ao Brasil”. *Gazeta de Noticias*, 15 e 16 de agosto de 1902.

⁶³ O quadro do Fluminense atuou com Américo Couto, M. Frias, V. Etchegaray (capitão), M. Rocha, Oscar Cox, W. Schuback, A. Simonsen, E. Moraes, Costas Santos, H. Vansconcellos e F. Frias. Os gols foram marcados por Horácio da Costa (3), Heráclito de Vasconcelos (2), Felix Frias, Eurico de Moraes e A. Simonsen. *A Noticia*, 22 de outubro de 1902.

⁶⁴ *A Noticia*, 29 de outubro de 1902.

⁶⁵ O teor do *memorandum* consistia do seguinte: “As a Foot-Ball Team will arrive from S. Paulo on 4th October, and as the two Rio teams that have gone to S. Paulo have always been well received, a subscription is hereby opened to defray their expenses here in Rio. It should be clearly understood that, in case a big dinner is given, only the paulistas’ share will be paid for out of the proceeds of this subscription.” (Como um time de *Foot-ball* chegará de São Paulo no dia 4 de outubro e como os dois *teams* do Rio que estiveram em São Paulo sempre foram muito bem recebidos, abre-se aqui uma subscrição para custear suas despesas aqui no Rio. Entenda-se claramente que, no caso de se dar um grande jantar, apenas as despesas dos paulistas serem pagas por esta subscrição) (Arquivo do Fluminense – Setembro de 1902).

1902. Seu relativo sucesso estava no crescente interesse que o futebol despertava entre a juventude educada nos colégios europeus.

Entre 1902 e 1904, o Fluminense realiza uma série de jogos contra os seus rivais locais: o Rio Foot-Ball Club e o Payssandu Cricket Club. Esses confrontos eram marcados pela cordialidade, e foi essa mesma cordialidade que permitiu a união entre os times do Fluminense e Payssandu para enfrentar, no campo do Payssandu no Rio de Janeiro, o Sport Club Internacional de São Paulo⁶⁶.

Em 1903, o clube realiza sua primeira excursão interestadual, indo a São Paulo para uma série de três jogos contra as equipes bandeirantes⁶⁷.

O sucesso do time atrai cada vez mais admiradores e sócios e em seu primeiro aniversário o clube já contava com 130 sócios⁶⁸. Além disso, finalmente terminava a obra do campo e a reforma da sede na Rua Guanabara, que contava agora com sala da diretoria e dormitórios para os jogadores (Coelho Netto, 1969a:63).

O ano de 1904 trouxe uma mudança importante na simbologia do Fluminense. Oscar Cox foi a Londres comprar novos uniformes para o time. Como estava encontrando dificuldades para achar camisas com as cores cinza-claro e branco, propôs a troca das cores. O problema acabou por solucionar um debate interno no clube, pois desde o início parte dos membros da assembleia não gostaram do uniforme anterior⁶⁹. A dificuldade de encontrar o tecido falou mais alto e a sugestão feita por Cox, por carta, foi apreciada. A troca das cores foi aprovada em uma assembleia extraordinária⁷⁰. Os uniformes constituem um fator de sofisticação, por serem trazidos diretamente da Europa, assim como os paletós de viagem e todo o material para o jogo, representam uma outra forma de distinção social e segregação sobre aqueles que querem praticar o futebol. Em depoimento a Mario Filho, Luis Carneiro de Mendonça diz que os jogadores faziam economia: usavam uma calça branca velha e não compravam calções,

⁶⁶ Após a partida de estreia contra o Rio Foot-ball Club, o Fluminense é derrotado pelo Payssandu por 3 x 0, em 26 de outubro de 1902, sendo o resultado posterior um outro empate de 2 x 2, em 18 de outubro de 1903. O jogo contra o Sport Club Internacional realizou-se em 4 de outubro de 1902, em que os paulistas perderam por 2 x 0 (*Revista do Fluminense*. Nº 6, Dezembro de 1954, p. 37-38).

⁶⁷ Em setembro de 1903, o clube parte para São Paulo e enfrenta o Sport Club Internacional, em 6 de setembro de 1903. No primeiro jogo interestadual do clube, o resultado foi 0 x 0. Depois jogou contra o Club Atlético Paulistano no dia 7 de setembro, tendo sua primeira vitória em campos paulistas por 2 x 1. O último compromisso foi no dia seguinte, com nova vitória contra o mesmo Paulistano por 3 x 0. Todos os detalhes destes jogos, inclusive com escalações e autores dos gols, cf. NAPOLEÃO, 2003:11-12.

⁶⁸ *A Canoagem*, 25 de Julho de 1903 – Fluminense Foot-Ball Club.

⁶⁹ "A diretoria não tem idéia coletiva quanto à mudança ou a sustentação das suas cores cinza e branca, mas acha que é de sua obrigação pedir a assembleia geral para se pronunciar a este respeito, visto que há diretores sociais que tem se manifestado contra as atuais cores" (Livro de Assembleias de 1902, manuscrito sem data definida – Arquivos do FFC).

⁷⁰ Atas da Assembleia geral extraordinária do Fluminense FC – 15 de julho de 1904.

a chuteira era uma botina usada com travas. Era comum o jogador do primeiro time emprestar a chuteira para o segundo time, mas isso não acontecia no Fluminense: “lá cada um tinha seu material” (Rodrigues Filho, 2003:35), revelando desde o início um traço de diferenciação do Fluminense em relação até mesmo a seus iguais.

Se os primeiros sócios do Fluminense já tinham incorporado a marca do refinamento, com o tempo foi se sofisticando essa imagem a partir de códigos de conduta e materiais importados, reafirmando o papel restritivo do clube com relação aos outros. A nova camisa possuía listas verticais largas, intercalada com as cores verde e encarnado, entre elas frisos finos na cor branca, o calção seria branco e as meias pretas. A bandeira também mudou: teria um retângulo na cor verde e outro no tom encarnado, com uma faixa horizontal branca entre eles; no centro da bandeira o novo escudo, agora um brasão com a metade superior em encarnado e a inferior em verde, entre elas um friso branco com as iniciais do clube, FFC, estilizadas em branco. Os motivos da escolha do novo uniforme podem ter sido casuais, já que não encontramos registros que expliquem a opção por tais cores, entretanto elas são responsáveis pela construção de uma tradição que se perpetuaria não só pela cores em si, mas pelo significado de diferenciação que a cor encarnado embute. O torcedor do Fluminense não gosta que se confunda a cor encarnada com o vermelho ou grená. Ele logo faz a correção, afinal, a cor vermelha muitos clubes possuem, mas encarnado só o Fluminense. A cor adquire um caráter de distinção, de exclusividade perante a comunidade.

Com as novas cores, o Fluminense virou tricolor, porém os atletas ainda usavam as camisas antigas quando perderam para o Paulistano por 3 x 0, no primeiro jogo com ingressos pagos na cidade do Rio de Janeiro⁷¹. O jogo tinha o objetivo de inaugurar a praça de esportes do clube. Para acomodar o público, foi construída uma pequena arquibancada de madeira a custo de 330\$000, daí a necessidade da cobrança de ingressos, que foram vendidos a preços módicos. O campo foi isolado com uma corda para evitar sua invasão (Coelho Netto, 2002:22).

⁷¹ O jogo foi realizado em 14 de agosto de 1904. O preço do ingresso foi de 2\$00 e a renda chegou a 192\$000 com um público de 996 pessoas. Para termos uma medida de valor, nessa época um café com leite custava 1\$00, um média com pão e manteiga não saía por menos de 5\$00 (Cunha e Castro, 1990:14). No dia seguinte, nova partida é realizada e o Fluminense foi novamente derrotado por 2 x 0. As escalções: FLUMINENSE: Cruisckshank, J. Robinson e Victor Etchegaray; Francis Walter, Adolpho Wright e Emile Etchegaray; C Robinson, Horácio da Costa Santos, H Reidy, Heráclito Vasconcellos e Felix Frias. PAULISTANO: Tutu, Guilherme Rubião, Raul Guimarães, Álvaro Marques e Plínio Rubião; Ibañez Salles, Mário Passos, Jorge Mesquita, Freese e Raphael Sampaio. Os gols foram marcados por Freese, Plínio Rubião e Ibañez Salles (NAPOLEÃO, 2003:13).

Eventos como os mencionados fizeram com que o Fluminense gradualmente assumisse uma espécie de pioneirismo, espelho para o desenvolvimento do futebol na cidade. Os jogos do clube enchiam-se da “mais bela mocidade”. O futebol ainda não era popular e atraía pouca gente, muito embora em número cada vez mais crescente. Entretanto, o que importava não era a quantidade de pessoas que assistiam às partidas, mas o tipo de plateia que comparecia ao campo: “todos cavalheiros e moças das melhores famílias da cidade”. Nas partidas contra o paulistano, em 1904, o público vestia-se com esmero e sofisticação, enquanto isso, em campo, os jogadores não deixavam a elegância de lado (Pereira, 2000:30-31). Mesmo com os uniformes em cinza claro e branco, os jogadores de pele clara demonstravam elegância usando faixas que prendiam às longas bermudas. Também caprichavam nos penteados; alguns usavam vistosos e imponentes bigodes bem aparados e, completando o traje, chapéus de pano na cor branca e largas abas (Coelho Netto, 1969a:77).

Os confrontos eram marcados pela camaradagem, sendo momentos de confraternização. O resultado esportivo importava menos do que a comemoração realizada depois da peleja. Paulo Coelho Netto descreve que, após os jogos na Rua Guanabara, os jogadores “metiam-se no chuveiro, em alegres cantorias. Depois com as garrafas de cerveja correndo de ponta a ponta na grande mesa armada ao ar livre, retemperavam-se com succulenta feijoada” (idem). Outros espaços de comemorações eram os Cafés da Rua Senador Dantas (Rodrigues Filho, 2003:35). Nestes primeiros tempos, o futebol era muito mais um espaço de socialização, tanto dos atletas como dos torcedores, servindo para a juventude endinheirada celebrar o seu refinamento, afinado com as modas e os hábitos europeus.

É interessante observarmos a absorção de certas práticas culturais populares por esses rapazes pertencentes aos círculos distintos da sociedade carioca como tomar cerveja e comer feijoada. Ao serem absorvidas por esse meio elitizado, as práticas culturais ganham uma legitimidade, sem que isso significasse o desaparecimento de barreiras de distinção social, muito pelo contrário, elas são muitas vezes reafirmadas só que de outra forma. Para Ginzburg (2006:15), existe uma circularidade entre dois modos de vida: um subalterno e outro hegemônico que se misturam ou se complementam promovendo uma circularidade cultural que pode ser percebida em vários momentos na passagem do final do século XIX e início do século XX envolvendo festas populares como o carnaval, hábitos culinários e práticas esportivas.

O desenvolvimento do futebol entre esses restritos grupos sociais criou a necessidade de se organizarem regras que unificassem a prática do jogo. A primeira publicação específica sobre o tema foi realizada pelo *sportman* e jornalista Mário Sérgio Cardim, seu *Guia do Foot-ball*, publicado em meados de 1904, traz uma série de informações sobre o futebol e seus principais times. O *Guia* foi muito influente no Rio e em São Paulo por cerca de quinze anos. A grande novidade é que ele trazia informações sobre o jogo, tais como as dimensões e marcações do campo, além de, pela primeira vez, traduzir para o português as regras e as instruções para a arbitragem.

Outro objetivo do livro era estabelecer o futebol como um jogo que exigia respeito e conduta exemplar, princípios que deveriam pautar tanto os jogadores quanto a arbitragem e, até mesmo, a torcida, condenando a violência, o jogo brusco, a deslealdade e a torcida ruidosa e indisciplinada (Santos Neto, 2002:89-90).

Leonardo Pereira chama a atenção para o fato de que conhecer com precisão as regras técnicas do novo esporte constituía-se uma necessidade para os seus praticantes. A reprodução formal do jogo como praticado na Inglaterra se demonstrava na utilização de termos ingleses como: *hands*, *penalty*, *off-side*, *gol kipper* e *kick off*, uma terminologia própria para os *sportmen*: quanto mais se reconhecesse essa prática, melhor seria o time formado pelo clube. Tal lógica era reproduzida em campo pela organização tática, imitada da Europa por times como o Fluminense e repetido pelos outros times da cidade: um *gol keeper* (goleiro), dois *backs* (zagueiros), 3 *halfs* (meio campistas) e cinco *forwards* (atacantes) (Pereira, 2000:38).

Outra função do código de conduta era manter o jogo sob controle (Elias e Dunning, 1991:40), afastando aqueles que não dominassem a linguagem do jogo. Definindo quem poderia participar do jogo, a linguagem sofisticada torna-se outro critério de exclusão que mantinha o futebol restrito a um círculo exclusivo.

Completamente entrosados com o *Guia do Foot-Ball*, de Cardim, os jogadores em campo – e fora dele – tinham uma conduta pautada no cavalheirismo, em que o jogador do outro time não era visto como um adversário, mas como um companheiro na luta em prol do desenvolvimento de um esporte saudável e civilizado.

Entre os jogadores, as disputas deveriam ser travadas dentro das regras da educação e do cavalheirismo. Mesmo quando um jogador não concordava com a atitude de outro, tal regra não deveria ser descumprida – gerando cenas como a patrocinada em 1905 por um jogador do Botafogo: descontente com a falta

de um adversário do Athletic sobre um de seus companheiros, foi até ele e pespegou-lhe um... beijo. Escondendo a irritação que o fizera avançar sobre o adversário no gesto aparentemente carinhoso para com ele, o jogador atingido mostrava a existência de códigos compartilhados que, mesmo em momentos de tensão, deveriam nortear a relação entre os esportistas (Pereira, 2000:54-55).

Nesse padrão, o Fluminense era um time de requintes admiráveis. Quando jogava fora do Rio de Janeiro, seus jogadores viajavam de smoking, causando a verdadeira impressão de bons moços finos e sofisticados. Além disso, mesmo ao andarem pela cidade, eram respeitados pelos mesmos motivos. Nenhum atleta, por mais talentoso que fosse, poderia vestir o uniforme do Fluminense sem possuir condições econômicas necessárias.

Para entrar no Fluminense, um jogador tinha de viver a mesma vida de um Oscar Cox, de Felix Frias, de um Horácio da Costa Santos. De um Watemar, de um Francis Walter, de um Etchegaray, todos homens feitos, chefes de firma, empregados de categoria de grandes casas, filhos de papai rico, educados na Europa, habituados a gastar. Era uma vida pesada. Quem não tivesse boa renda, boa mesada, bom ordenado, não aguentava o repuxo (Rodrigues Filho, 2003:10).

Mesmo em jogos contra os paulistas, via-se a torcida saudando e vibrando com os feitos dos adversários, como aconteceu em um jogo entre Fluminense e Paulistano em julho de 1905, em que um gol de Charles Miller, do Paulistano, foi recebido com gritos de: “Bravo! Bravo! Bravíssimo!”⁷². Esta série de jogos demonstram como o interesse pelo esporte aumentava cada vez mais, conquistando até autoridades presidenciais.

O ingresso custou dois mil réis e o público pagante foi de 969 pessoas. Considerando os sócios e parentes de tricolores presentes, o público total beirou os 2.500 espectadores. Para comprovar a importância já esboçada do futebol, esteve presente como convidado de honra, o presidente da República Rodrigues Alves, primeiro chefe de Estado a comparecer a um jogo de futebol no Brasil (Sussekind, 1984:12).

⁷² *O Paiz*, 17 de Julho de 1905. Em 14 e 16 de julho o Fluminense recebe o paulistano para uma série de duas partidas com placar de 2 x 0 para o Fluminense e 3 x 2 para o Paulistano. O episódio referente a Charles Miller aconteceu na segunda partida. Ver Coelho Netto (2002:24) e Pereira (2000:54).

O Fluminense soma ao jogo uma identidade aristocrática, bem afinada com as modas e hábitos que vinham da Europa. Suas partidas repletas de gente da alta sociedade carioca representam para esses grupos um espaço de celebração do cosmopolitismo e do refinamento, marcas de uma visão de modernidade ratificada em valores europeus.

A reinvenção dos sentidos do futebol inglês no Brasil criava um interesse nas novas elites urbanas que ascenderam com a proclamação da República e que transcenderam os objetivos dos jovens estudantes de 1902. Essas elites – formadas por comerciantes, financistas, industriais, funcionários, entre outros – se associaram a clubes como o Fluminense, sem dúvida o mais cobiçado, buscando uma diferenciação social, um *status*⁷³ que transformava as atividades patrocinadas pelo clube em um evento social, em que era possível celebrar as novidades trazidas do velho mundo, fosse nas festas realizadas na sede social, onde se trajava *smoking*, ou dentro do próprio estádio, nas arquibancadas, sendo o Fluminense definido como “*club chic* por excelência”⁷⁴, “tudo quanto há de elegante e distinto”⁷⁵. Também nos intervalos dos jogos, os jogadores podiam servir-se no *buffet* de diversas bebidas, enquanto as senhoritas se exibiam mostrando os seus leques⁷⁶.

Composto pelo que “havia de mais elegante na sociedade”, esse público atestava o sucesso do futebol como construtor de uma identidade particular para essa elite que tentava se converter na vanguarda do cosmopolitismo na cidade. Tratava-se de uma modernidade importada da Inglaterra, onde clubes como o Fluminense eram um de seus principais veículos de distinção social.

Esse perfil fidalgo⁷⁷, representado pelo Fluminense, torna-se exemplo para outros clubes que começaram a surgir mesmo em bairros afastados da zona sul⁷⁸. A distância geográfica não impediu que esses clubes se organizassem dentro dos mesmos princípios apregoados pelos rapazes das Laranjeiras.

⁷³ Para Bourdieu, os homens estão permanentemente em luta pelo prestígio e pela ascensão social. Para este autor, as condições de participação social baseiam-se na herança social ou capital cultural adquirido que aparece na ação sutil de comer, vestir, cuidar do corpo, ouvir música, na ação de apreciar uma obra de arte (BOURDIEU, 2002). <<http://www.espacoacademico.com.br>>ultimo acesso 09 de novembro de 2009.

⁷⁴ *Gazeta de Notícias*, 16 de Julho 1905.

⁷⁵ *O Sport, Correio da Manhã*, 22 de agosto de 1905.

⁷⁶ *O Paiz*, 21 de agosto de 1905 e *Jornal do Commercio*, 23 de maio de 1905.

⁷⁷ O termo fidalgo aqui citado não significa que os sócios do Fluminense sejam elementos da nobreza. O termo é utilizado para demonstrar uma postura aristocratizada de seus sócios. A escolha do termo foi feita por ser muito comum, na documentação estudada, a existência de termos ligados à nobreza referindo-se ao Fluminense.

⁷⁸ Leonardo Pereira chama a atenção para o surgimento de vários clubes voltados para a prática do futebol entre 1903 e 1905 na Tijuca, no Andaraí e no Engenho Velho (PEREIRA, 2000:32).

1.4 - *Foot-ball*: um jogo para poucos

O Fluminense foi o verdadeiro guia e modelo de todos os clubes cariocas. A ele se deve o desenvolvimento do *Foot-ball* no Rio de Janeiro. É uma sociedade que tanto vem trabalhando pelo aprimoramento moral e cultural da mocidade (Coelho Netto, 1955:63).

Seguindo o exemplo do Fluminense, outros clubes surgem nesse período adotando o mesmo perfil. Trataremos a seguir de três que merecem destaque em função da importância histórica que terão ao rivalizar-se no campo esportivo com o Fluminense. São eles: Bangu, Botafogo e América, todos fundados em 1904.

Foi certamente sob a influência da marca Fluminense, que o futebol tomou novo impulso entre a juventude da cidade do Rio de Janeiro. Movimento de ascensão de um esporte que poderia ser caracterizado pelo surgimento de novos clubes, como o *Foot-ball And Athletic Club*, fundado em setembro de 1903 e se consolidou em 1904 com a fundação de clubes como o Bangu, o Botafogo e o América (Lucena, 2001:128).

Longe das praias da zona sul e do centro da cidade, o Bangu Athletic Club foi fundado por imigrantes britânicos ligados a uma fábrica têxtil – Companhia Progresso Industrial do Brasil, em 17 de abril de 1904. Localizado no subúrbio do Rio de Janeiro, teve em virtude disso uma variante importante porque foi o primeiro time de futebol carioca a ter operários em seu elenco. A razão de tal fato é explicada pela incapacidade numérica dos ingleses para formar um quadro de jogadores completos. A diretoria acabou por permitir que os trabalhadores, desde que a atividade não atrapalhasse o serviço, participassem do time⁷⁹.

O Botafogo Foot-Ball Club foi fruto de uma iniciativa de dois adolescentes: Flavio Ramos e Emanuel Sodré, o Mimí, estudantes do Colégio Alfredo Gomes. O objetivo era formar um clube de futebol que não tivesse a presença de ingleses, ou seja, um clube só com brasileiros. Entretanto, a nova agremiação não abriria mão de um caráter mais seletivo de seus associados, deixando bem claro que o modelo a seguir seria o do Fluminense. Mario Filho (2003:39) chega a afirmar que a diferença era que o Botafogo era um time de meninos, enquanto o Fluminense, um clube de homens feitos.

⁷⁹ Sobre a fundação do Bangu, cf.: Rezende, 2006; Hamilton, 2001; Antunes 1994:102-109.

No dia 12 de agosto de 1904, oito jovens em torno dos seus 14 ou 15 anos, filhos de famílias ricas e distintas, fundam o Botafogo que, em pouco tempo, se tornará uma nova força futebolística no Rio de Janeiro capaz de rivalizar com o Fluminense no campo esportivo⁸⁰.

Por fim, nascido de uma dissidência do Club Atlético da Tijuca, dedicado ao ciclismo e atletismo, o América Foot-Ball Club, liderado por Alfredo Kochler, Jaime Faria Machado e Oswaldo Mohrstead, foi fundado em 18 de setembro de 1904. A idéia surgiu após receberem um convite de Oscar Cox para assistirem a uma partida do Fluminense. A animação do jogo os empolgou de tal forma que resolveram fundar o clube. Assim como o Botafogo, só aceitavam sócios brasileiros. Até a ascensão do Vasco da Gama no futebol, o América era o time preferido da torcida portuguesa. Na década de 1910 era considerado o mais elegante da cidade depois do Fluminense (Cunha e Valle, 1972).

A fundação de novas agremiações demonstrava o quanto o futebol tornava-se um lazer cada vez mais difundido entre a elite carioca. Em crônica intitulada *O Foot-ball*, João do Rio descreve um domingo passado por ele no campo do Fluminense. O autor relata a alegria e o entusiasmo com que os rapazes desfilam em um campo verde como uma mesa de bilhar enquanto...

Moças de vestidos claros perfumam o ambiente com o seu encanto e cavalheiros *sportmen*, de calça dobrada e sapatos grossos olham o jogo com ar de entendido, falando inglês. Todos falam inglês. Mesmo quando se fala português há para seis palavras nossas três britânicas. Teremos nós um novo esporte em moda? Não há dúvida. Há vinte anos a mocidade carioca não sentia a necessidade urgente de desenvolver os músculos. Os meninos dedicavam-se ao *sport* de fazer versos maus. De um único exercício se cuidava então: da capoeiragem. Mas a arte de revirar rabos de arraias e pregar cabeçadas era exclusiva de uma classe inferior. Um dos sócios tão gentil como os outros, fez-me visitar a instalação do Fluminense, a secretaria, as salas de banhos asfaltadas com chuveiros e duchas, duas uma para cada partida, as salas de vestir, o bar, onde de pé suando, os futebolistas bebem *wisky and caxambu* gelado⁸¹.

⁸⁰ Sobre a Fundação do Botafogo cf. *Revista Grandes clubes brasileiros* – Botafogo n/ 13. Rio Gráfica Editora, Rio de Janeiro, 1972 e Augusto (2004).

⁸¹ João do Rio. *A Gazeta de Notícias* “O Foot-Ball” 26 de junho de 1905.

O refinamento das plateias e dos atletas, assim como o espaço exclusivo do clube, demonstram a tentativa de estabelecer novos hábitos, influenciados pelos modismos estrangeiros, que distinguíssem essa nova elite republicana das chamadas “classes inferiores”, como afirma João do Rio em seu artigo. Praticava-se agora um esporte civilizado, que impunha regras e condutas também civilizadas. Seguindo o exemplo do Fluminense, os outros clubes fundados para a prática do futebol tornam-se um espaço de conagração entre os *sportmen* e seus familiares, longe de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem que se pretendia construir em torno do futebol.

Entretanto, indiferente ao caráter elitista que se pretendia estabelecer para o jogo, percebemos que o aumento do número de clubes e a criação da uma liga de futebol, em 1905, fazem com que, aos poucos, esse esporte comece a disputar com o remo a primazia na preferência dos cariocas. As preferências clubísticas tornam-se cada vez mais nítidas. Em jogos do Fluminense era comum ver moças com fitinhas nas cores do clube torcendo vivamente pelos atletas. O aumento do número de torcedores presentes aos jogos transforma o futebol em uma mania que, em um movimento lento, porém constante, começou a atingir as camadas mais populares.

Aos mais pobres ou mesmo remediados era impossível penetrar nos campos. Eles encontravam uma alternativa assistindo às partidas no alto dos morros que cercavam os campos. Apesar do elitismo, o jogo foi caindo na simpatia do homem comum (Pereira, 200:32) e não demorou muito para que o Fluminense e os outros clubes ganhassem adeptos entre os setores populares. Para Valdenir Caldas (1990), a explicação para tal fenômeno viria exatamente do caráter elitista do clube.

Nesse sentido, o elitismo do Fluminense, por um lado, podia afastar a simpatia das camadas mais pobres e até de setores médios menos abastados. Contudo, por outro lado, o efeito poderia ser diferente. O requinte e a sofisticação seriam, na verdade, um fator de aproximação e não de rejeição. Afinal, gostar do clube mais fino da cidade representava sublimar a impossibilidade de ascensão social. A única identidade possível com os ricos era torcer pelo Fluminense, sentir juntos sem diferenças sociais a alegria da vitória e a tristeza da derrota (Caldas, 1990:26). Entretanto, uma outra possível explicação, talvez esteja no campo das tradições.

Os clubes são comunidades fraternas, com valores próprios dessa fraternidade. Essa identificação dos membros dessa comunidade se traduz na construção de uma série de símbolos e rituais que repetidos durante um longo tempo acabam por se transformar

em tradições. Ao inventar símbolos como camisas, bandeiras e escudos, os clubes acabam por criar elementos de identificação que extrapolam os seus muros, fugindo ao seu controle. Aqueles que apreciam o jogo, mas não têm condições de frequentar a sede do clube, buscam nestes símbolos os mecanismos de aproximação com essa comunidade construindo uma relação de identidade com os clubes, seja em virtude da cor do vestuário, do bairro em que o clube se estabeleceu, ou pelo fato de ele obter mais vitórias que os seus adversários. Não se trata, portanto, de sublimar a impossibilidade de ascensão social, como defende Caldas, mas sim de participar ativamente dessa comunidade clubística à qual ele se identifica, mesmo à distância, simplesmente como torcedor.

De qualquer forma, o crescimento do número de simpatizantes preocupa os clubes, que elaboraram mecanismos para impedir o acesso aos seus quadros de pessoas que não reuniam “qualidades” suficientes para estar entre eles. Em 1904, o Fluminense em assembleia na sede do Clube de Regatas do Flamengo, sugere, através de seu presidente Francis Walter, um aumento no valor da joia de ingresso paga pelos novos associados. Contando, nessa época, com 170 sócios e querendo limitar esse número, foi proposto pela diretoria o valor de 50\$000 para a joia.

Este valor era absurdamente alto⁸². O sócio Georges Masset, junto com outros, propôs baixa-la para 30\$000, o que já era um preço muito além do que qualquer trabalhador, mesmo que bem empregado, poderia pagar. Não satisfeitos com tal medida, aprovaram o aumento da mensalidade para o ano seguinte de 5\$000 para 8\$000⁸³. A argumentação para as duas decisões foi que com 170 sócios seria impossível fazer um número de jogos em que todos participassem. A desculpa de fato escondia a lógica excludente que movia os membros da diretoria do Fluminense⁸⁴. É preciso ressaltar, no entanto, que essa lógica não era exclusiva do Fluminense, pois nesta mesma época, clubes como o Botafogo e o América⁸⁵, por meios diferentes, também possuíam o mesmo princípio excludente.

O futebol vindo da Inglaterra ganhava cada vez mais adeptos em terras tropicais. Inicialmente não chama tanto a atenção como o remo, porém, aos poucos, tal esporte

⁸² Em 1911, uma família operária com quatro pessoas precisava de 250\$000 por mês para sobreviver, enquanto uma família de classe média, também com quatro pessoas, precisava de 1:500\$000 no mesmo período (Hallewell, 1985:189).

⁸³ Esse valor é ratificado na Assembleia geral de 01 de julho de 1905.

⁸⁴ Assembleia geral extraordinária do Fluminense 08 de agosto de 1904; e Pereira (2000:34-35).

⁸⁵ A mensalidade do América foi fixada em 2\$000 (Cunha e Valle, 1972:15).

começa a rivalizar com o esporte náutico até superá-lo na década seguinte. Os estudantes pioneiros, agora associados a comerciantes e capitalistas, passaram a fazer parte de um modelo de homem conhecido como *sportman*. As atividades organizadas pelo Fluminense e demais clubes que surgiram em sua esteira vão tornar-se verdadeiros eventos sociais, onde as elites do Rio de Janeiro celebravam as novidades trazidas da Europa.

Esses *sportmen* vão dar ao futebol a sua própria marca, colocando-se como agentes da modernidade, imprimindo ao jogo um caráter elitista, que não estava restrito apenas aos círculos esportivos, relacionando-se diretamente com o projeto de civilidade por que a cidade estava passando com as reformas urbanas e arquitetônicas do momento, inspiradas nos modelos estrangeiros.

No Rio de Janeiro, como vimos, coube ao jovem Oscar Cox, filho de uma família de comerciantes bem sucedidos que retornara de uma temporada de estudos na Suíça, trazer em sua bagagem uma bola e muita disposição para procurar outros jovens que, como ele, estavam influenciados pela rápida difusão na Europa dessa modalidade esportiva chamada de *Foot-Ball*. Tentando agitar boa parte da mocidade estudantil carioca, Cox passa a promover jogos que difundem o futebol na capital federal.

Ao trazer da Europa um conjunto de práticas e tensões ligadas ao futebol, Oscar Cox, seguindo um trajeto parecido ao de Charles Miller em São Paulo, torna-se responsável pela fundação de um clube pioneiro na construção de certa memória do futebol brasileiro, praticado por rapazes pertencentes a uma elite de estudantes preocupados em difundir um esporte saudável e civilizado. Baseados em padrões europeus, acabam por dar ao esporte, pelo menos em seus primeiros tempos, uma imagem de um jogo para poucos, reflexo de uma república oligárquica e excludente.

Uma pequena história⁸⁶, contada em tom de anedota por Paulo Coelho Netto (1969a:79), reflete bem o caráter fidalgo do Fluminense.

Assim que o Fluminense adquiriu, em 1903, o terreno para a construção de seu campo, na Rua Guanabara, fazia-se necessário um trabalho de capinagem e nivelamento do gramado. Os sócios de então encomendaram máquinas da Inglaterra para a realização desse trabalho. As máquinas, porém, eram movidas à tração animal, dessa forma o clube comprou um burro batizado com o nome de Faísca.

⁸⁶ Relatórios dos trabalhos sociais de 1904 – Fluminense F. C.

Faísca não era qualquer burro: vinha de uma linhagem do célebre Ruço de Sancho Pança. O burro executava a sua tarefa com presteza e competência. No entanto, para que suas ferraduras não prejudicassem o campo, providenciou-se a confecção de luvas especiais para as patas do animal que, assim, pôde continuar realizando suas atividades de maneira serena⁸⁷. Em outras palavras, esse episódio demonstra que no aristocrático Fluminense até os burros tinham *pedigree* e usavam luvas.

1.5 - Os *sportmen* tricolores

Nos primeiros anos da república fortalecem-se as teorias higiênicas que propunham novos padrões de moradia, alimentação, organização familiar, definições hábitos e ações disciplinares que deveriam ser seguidas pela população. A intensão de tais medidas era a de regenerar os corpos depauperados pela inércia e preguiça. Os exercícios físicos ganhavam força como forma de desenvolver no homem os princípios de cultura física e higiene corporal e mental.

O discurso médico associando as atividades físicas à saúde corporal começa a ganhar força. As atividades físicas seriam um fator fundamental para superar a suposta inferioridade da raça brasileira, causada pelo ócio, resultado direto de um processo histórico da mestiçagem⁸⁸. A atividade física não se limitava apenas à regeneração corporal, sendo seu objetivo gerar um equilíbrio entre a robustez física e mental; seu alvo principal seriam a infância e a juventude⁸⁹, que ainda não tinham seu corpo manchado pela indolência natural (Pereira, 2000:44). Esses jovens, educados de maneira correta podiam levar o país a superar seu passado escravocrata e indolente, levando-o a um novo destino marcado pela modernidade, o lema dessa proposta era “*mens sana in corpore sano*.”⁹⁰.

Os *sportmen* reunidos em torno dos clubes não ficaram à margem desse processo, já que cabia a eles a vanguarda do desenvolvimento físico. Praticantes de

⁸⁷ “O animal que compramos tem dado provas de resistência. A máquina de cortar capim, que compramos em Londres, tem funcionado perfeitamente, e para o caso de qualquer dessaranjo, compramos também diversas peças sobressalentes”. Assembleia geral 20 de dezembro de 1904 e Coelho Netto (1969a:79).

⁸⁸ O Dr. Eduardo Magalhães acredita que os europeus eram indivíduos naturalmente mais aptos do que os brasileiros pela prática da Educação Física (Pereira, 2000:43).

⁸⁹ O mesmo Dr. Eduardo Magalhães escreveu em 1900 uma obra sobre a necessidade da ginástica para as crianças (Pereira, 2000:42).

⁹⁰ “Mente sã em um corpo são” lema apregoado em diversos artigos publicados na imprensa do início do século XX.

diversos esportes viam no futebol, em especial, uma atividade que beneficiava a coordenação dos movimentos, o que garantia um efeito harmônico ao corpo que seria útil à saúde. Além disso, o futebol geraria um outro benefício: o desenvolvimento do caráter de seus praticantes em virtude do espírito de disciplina, iniciativa, inteligência, solidariedade e abnegação⁹¹. Físico e intelecto não estavam dissociados para os futebolistas, como se vê no jornal *Correio da Manhã*, que chega a destacar o futebol como um esporte especial, por ser mais salutar do que os outros⁹².

Esse caráter especial atribuído ao futebol leva a um aumento do número de praticantes. Entretanto, esse culto à atividade física não foge da lógica do clube como um espaço social restrito a alguns grupos. Ao cair no gosto dos mais abastados, clubes como o Fluminense são procurados por pessoas que desejam fazer parte de seu quadro social, muito mais pela posição social que tal ato significava. Necessariamente não se buscava o clube para jogar futebol. Esse era o caso, por exemplo, de Santos Dumont, que fora muitas vezes visto no Fluminense jogando e apitando partidas de tênis porque o local lhe lembrava Paris⁹³. Dessa forma, o clube torna-se um verdadeiro centro esportivo. Mesmo o futebol sendo a prática mais importante, o clube funda suas seções de ginástica e esgrima⁹⁴ e, posteriormente, em 1907, funda outros esportes como: tênis, *cricket* e *hockey*⁹⁵. Esses esportes ajudaram a construir no clube um ideal olímpico, principalmente após a inauguração de sua praça de esportes. Um ideal cujo objetivo era a afirmação das virtudes dos futuros líderes (Bourdieu, 1983:140) e um instrumento disciplinador dos indivíduos, inculcando-lhe valores éticos, morais e eugênicos formando o que os jornais e revistas propalavam como “rapazes da boa sociedade” ou moças que da plateia representavam a “fina flor das boas famílias”.

Com tão eficientes elementos de sucesso. O Fluminense oferece atualmente aos seus sócios, além do *foot-ball*, o salutar esporte por excelência, que tem o poder de transformar uma geração de anêmicos e raquíticos em legiões de atletas, úteis a Pátria e a família, diversões como o *hockey*, o *cricket* e o tênis, com que se deliciam, as quintas feiras, as famílias dos associados em adorável *five o' clock tea*⁹⁶.

⁹¹ “O foot-ball”, *O Malho*, n 153, 19 de agosto de 1905 in Pereira (2000:52).

⁹² *Correio da Manhã* 14 de maio de 1907.

⁹³ Em 29 de janeiro de 1926, o Conselho deliberativo do Fluminense concedeu a Santos Dumont o título de sócio honorário (ver Coelho Netto, 1975:35).

⁹⁴ Ata da assembleia geral ordinária 21 de dezembro de 1905.

⁹⁵ Relatório sobre o ano de 1907. Arquivo FFC.

⁹⁶ *O Jockey*, 21 de julho de 1911.

Mesmo buscando ser um espaço exclusivo, existe por parte do clube um desejo de divulgação do novo esporte. Em 1905, em assembleia, os sócios chamam a atenção para a necessidade de se fazer propaganda do futebol, buscando atrair mais adeptos a sua prática: “assim julgamos que o melhor reclame, ou antes, o meio mais prático de chamar a atenção a frequência das famílias aos nossos *matches* era darmos algumas festas de caridade.”⁹⁷. Outra estratégia é propagandear o esporte entre as crianças já que “não há colégios de meninos ou casa onde exista esses homens de amanhã, que não se jogue ou se discuta o *foot-ball*”⁹⁸. Com novos esportes e a maior difusão do futebol, os sócios do Fluminense aumentavam a cada ano. De 178 associados em 1906,⁹⁹ o clube pulou para 275 em 1908,¹⁰⁰ 297 em 1910, atingindo um número de 785 em 1915¹⁰¹, o que leva à necessidade de mudança nos estatutos do clube, o que só ocorreu em 1916¹⁰².

Tendo no desenvolvimento do esporte um objetivo comum, praticamente não existiam rivalidades entre os *sportmen*, assim, muitos dos associados do Fluminense praticavam esportes por outros clubes. Entre os fundadores do Fluminense, J Robinson e H. Robinson eram sócios do Payssandu; o próprio Oscar Cox era associado do Botafogo; Francis Walter foi ao mesmo tempo presidente do Fluminense e do C. R. do Flamengo e, em 1906, ingressou no Botafogo; Julio de Moraes praticava tênis, futebol e automobilismo pertencendo a várias agremiações. Esses jovens, longe de rivalizarem, “faziam do esporte um forte laço de ligação que uniam todos dentro de uma missão comum” (Pereira, 2000:53).

Entretanto, mesmo esses clubes tendo uma mesma linha geral, o Fluminense se destacava como o mais imponente entre todos, o que melhor definia esse estilo de conduta dos *sportmen*. Deixando a capital paulista, o famoso *sportman* Belfort Duarte recusa um convite para ingressar no Fluminense preferindo ir para o América. Embora o perfil dele combinasse perfeitamente com o tricolor, ele não resistiu ao apelo de Gabriel de Carvalho, dirigente do América, que o convenceu com a frase “O América precisa muito mais de você do que o Fluminense”¹⁰³, O princípio por trás da frase demonstra a

⁹⁷ Assembleia geral de 21 de dezembro de 1905. Arquivo FFC.

⁹⁸ Assembleia geral de 21 de dezembro de 1905. Arquivo FFC.

⁹⁹ Relatório de trabalhos sociais de 1906.

¹⁰⁰ Relatório de trabalhos sociais de 1906.

¹⁰¹ Relatório de trabalhos sociais de 1906.

¹⁰² O pedido de alteração dos estatutos são constantemente reivindicados desde 1905, o que está demonstrado nas atas de assembleia, só se elaborando um novo estatuto em 1916. Arquivos do FFC.

¹⁰³ Belfort Duarte era um dos maiores nomes do futebol paulista, conhecido como o “menino de ouro” do Mackenzie. Ao terminar seus estudos retorna ao Rio de Janeiro disposto a fazer parte do futebol carioca.

ascendência do Fluminense perante os outros clubes da cidade, um referencial a ser seguido. O Fluminense era o mais antigo, já possuía uma praça de esportes com o melhor campo e, em 1919, constrói o maior estádio da América do Sul, o que tinha mais sócios e frequentado pelas “melhores famílias”. Em suma, era uma representação perfeita daquilo que se desejava construir como ideal de nação a partir do esporte. Tudo isso dava ao clube uma distinção perante os outros. O próprio clube reconhecia seu caráter diferenciado e exemplar.

Desejo eu que todos compreendam e se lembrem de que este clube deverá ser o melhor de sua espécie no Rio, e tomando em consideração que os seus sócios são, posso dizer, formado da fina flor da sociedade brasileira, não lhe faltam elementos para ocupar tal posição invejada [...] Em outras palavras o nosso é o clube por excelência, é clube para dar exemplo aos outros¹⁰⁴.

Exemplos como o do Fluminense possibilitariam a difusão dos conceitos pregados pelos *sportmen* cariocas de defesa de um ideal físico e mental, legitimado pelos discursos médicos e pedagógicos, que salvariam a nação da degradação, regenerando não só algumas pessoas, mas toda a sociedade.

O aumento do número de clubes leva à necessidade de organizar o futebol. Tentando garantir o controle do jogo, o Fluminense inicia conversações com outros clubes objetivando a criação de uma liga que organizasse o futebol no Rio de Janeiro. A ideia de formação de uma liga para 1905 aparece no Fluminense ainda em 1904, entretanto, o próprio clube reconhece a impossibilidade de pôr em prática o projeto pelo pouco desenvolvimento do esporte na cidade¹⁰⁵. O objetivo era organizar uma liga que definisse as regras do jogo, controlando quem podia ou não fazer parte dela. Dessa forma, esses clubes garantiriam a continuidade do esporte dentro dos princípios elitistas vigentes até então. Usando sua influência, o Fluminense não abre de mão de seu papel de líder na criação da liga.

Achamos que competirá ao Fluminense Foot-ball Club ser fundador da liga, não só por ser o clube de futebol mais antigo, como também por causa das estreitas relações que mantemos com o Rio Cricket, clube este que sem dúvida exerce grande

Tornou-se símbolo de lealdade e cavalheirismo, sendo posteriormente criado um troféu com o seu nome ofertado para o jogador que conseguisse não ser expulso de campo por dez anos (Cunha e Valle, 1972: 44).

¹⁰⁴ Assembleia geral de 20 de dezembro de 1904. Arquivo FFC.

¹⁰⁵ Assembleia geral de 20 de dezembro de 1904. Arquivo FFC

influência ao *sport*, e que provavelmente não se filiara a liga alguma sem previamente consultar-nos¹⁰⁶.

Segundo Bourdieu (1983:140), o campo das práticas esportivas se torna autônomo quando se reconhecem aos grupos esportivos as faculdades de autoadministração e regulamentação fundamentadas numa tradição histórica que permite a esses grupos hegemônicos o poder disciplinador ao impor regras por eles estabelecidas.

Dentro desse espírito, realiza-se em 08 de julho de 1905, a convite do Fluminense e em sua sede, uma reunião para organizar as regras de um campeonato de futebol na cidade. Estavam presentes representantes do Fluminense, do Botafogo, do Athletic And Foot-Ball Club e Bangu. Nessa reunião nasce a Liga Metropolitana de Foot-Ball (LMF)¹⁰⁷. Além desses, o Payssandu e o Rio Cricket foram convidados a fazer parte da liga¹⁰⁸.

Dessa forma, o primeiro campeonato carioca em 1906 nasce sob o símbolo da distinção e da exclusão. Com apenas seis times, estava garantido que os “rapazes de boa família” não correriam os riscos de jogar contra outros times de nível “inferior”. Para animar o torneio, a firma A. Portela, dos mesmos proprietários da famosa confeitaria Colombo, mandou fazer uma taça com o nome da confeitaria que seria de posse definitiva do clube que a ganhasse por três vezes (Assef e Martins, 1997:31).

Estabelecendo regras bem rigorosas, a LMF mantém o controle do jogo impedindo que ele perdesse sua imagem refinada. Para ingressar na liga, os clubes tinham que aceitar as regras da *Foot-Ball Association*, inclusive usando termos em inglês, além de pagar 50\$000 anualmente e 30\$000 de mensalidade. A aceitação de novos associados viria da indicação de dois clubes da liga. O clube, para ser aceito, deveria possuir um campo com as dimensões propostas pela Liga. Tais exigências colocavam obstáculos para o ingresso de clubes menores (Pereira, 2000:63-64). Se não era possível impedir que o futebol se espalhasse de maneira indiscriminada pelos mais diversos bairros da cidade, pelo menos garantiria um espaço onde a distinção e o

¹⁰⁶ Assembleia geral de 20 de dezembro de 1904. Arquivo FFC.

¹⁰⁷ *O Malho* 07 de outubro 1905

¹⁰⁸ São considerados como clubes fundadores da Liga: América F C, Bangu A C, Fluminense F C, *Foot-baal And Athletic Club* e Petrópolis F C (Coelho Netto, 2002:25).

refinamento estariam preservados. O Fluminense, autor da iniciativa, ganhou a presidência da liga com Francis Walter¹⁰⁹ entre 1905-1906¹¹⁰.

O início do campeonato foi em 03 de maio de 1906 com a vitória do Fluminense por 7 x 1 sobre o Payssandu. Os jogos eram disputados em pontos corridos em dois turnos, com todos se enfrentando. No campo esportivo, a superioridade do Fluminense era imensa. O clube perdeu apenas uma partida, sagrando-se o primeiro campeão da cidade ao derrotar o Football And Athletic por 11 x 0. Na goleada sofrida pelo Botafogo para o Fluminense por 8 x 0 o *Jornal do Brasil* preferiu retratar o perfil dos assistentes do que o jogo em si, o que era comum nos periódicos daquele momento.

Pela segunda vez este ano, as confortáveis e elegantes arquibancadas do *ground* da Rua Guanabara encheram-se *au grand complet* do que há de mais fino na sociedade carioca, a fim de assistir ao terceiro *match* do campeonato da Liga Metropolitana, para a conquista da bela taça Colombo.

A concorrência ontem foi mais numerosa do que do dia três e dentre os assistentes notavam-se elegantes *sportswomen*, trajando elegante *toilettes*, *foot-ballers* de sociedades congêneres, os *petizes* dos *clubs* infantis e cavalheiros de posição social¹¹¹.

No ano seguinte, os estatutos da liga sofrem alterações. Em 31 de janeiro de 1907 muda seu nome de Liga Metropolitana de Foot-Ball para Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA). A mudança ocorre pela expansão de seus domínios para outros esportes além do futebol¹¹². Seu presidente continuaria a ser Francis Walter, ligado ao Fluminense. A incorporação da obrigatoriedade da prática de outros esportes, além do futebol, estava respaldada nos discursos médicos da época, que associavam a prática de esportes à boa saúde física e mental dos homens, além de restringir mais ainda a possibilidade de clubes “não distintos” participarem da liga. As regras de exclusão não ficaram somente nisso: em maio de 1907, a liga, por unanimidade de

¹⁰⁹ Francis Walter foi fundador e presidente do Fluminense entre 1903 e 1908 e foi o único estrangeiro a presidir o clube (Coelho Netto, 1969a:60). Profissionalmente, era chefe da Casa Walter *Brothers & CIA* dedicada a atividades comerciais (*O Jockey* 21 de julho de 1911).

¹¹⁰ O primeiro presidente da liga foi José Villas Boas, ligado ao Bangu por poucos meses (Nogueira, 2006:72).

¹¹¹ *Jornal do Brasil*, 15 de maio de 1906.

¹¹² *Gazeta de Noticias*, 02 de fevereiro de 1907.

votos, acata a proposta de não aceitar jogadores “de cor”, cobrando dos clubes filiados o respeito a essa decisão¹¹³.

A decisão da nova liga, de certa forma, poupava os clubes de fazerem leis de distinção pela cor em seus estatutos. Em toda a nossa pesquisa não encontramos nenhuma resolução explícita à proibição de negros no Fluminense. Estabelecia-se uma regra maior e pronto: os clubes, mesmo que quisessem, não poderiam aceitar negros. A artimanha só não teve apoio do Bangu, clube de origens operárias que só participava da liga pela origem inglesa de seus diretores¹¹⁴. Ele se desligou da liga não disputando o campeonato de 1907¹¹⁵.

Com tais medidas garantia-se por algum tempo a manutenção do futebol como um jogo acessível somente a determinados círculos marcados pelo refinamento, cavalheirismo e higiene, no qual o Fluminense fazia parte e assumia a liderança de um claro projeto de hierarquização social que excluía trabalhadores e negros do contato com os verdadeiros *sportmen*.

Os campeonatos da liga tornaram-se admirados nos meios elegantes da cidade. Os jogos do Fluminense eram repletos “do que havia de mais fino na sociedade carioca”; suas arquibancadas, apinhadas de cavalheiros distintos e senhoritas suspirantes, eram um verdadeiro salão de festas¹¹⁶. Era muito comum a presença de altas autoridades, entre elas o próprio presidente da República que constantemente se dirigia ao estádio do Fluminense nas partidas mais importantes. Outras figuras, como o Barão do Rio Branco, também frequentavam os jogos no Fluminense¹¹⁷.

A presença da torcida já se faz notar com maior interferência nos campos. Mesmo os mais elegantes compareciam agora enfeitados com símbolos que demonstravam sua predileção clubística. No caso do Fluminense, utilizavam discretas fitinhas nas cores do clube em torno de seus chapéus e pequenas bandeiras.

Embora tais manifestações não fossem exclusivas dos jogos do Fluminense, este ganhava um toque especial, pois possuía o melhor campo, “o mais *chic* entre todos da cidade”¹¹⁸. Suas arquibancadas eram mais amplas e confortáveis, por isso era lá que se realizavam os jogos mais importantes do campeonato. O campo do Fluminense, o maior

¹¹³ *Gazeta de Notícias*, 10 de maio de 1907.

¹¹⁴ O clube contava com a presença de operários da fábrica de tecidos para completar o time já que o número de ingleses não eram suficientes. Entre esses operários existiam jogadores negros, ver Antunes (1994: 102-109).

¹¹⁵ *Gazeta de Notícias*, 18 de maio de 1907.

¹¹⁶ *O Paiz* 13 de maio de 1906.

¹¹⁷ *Gazeta de Notícias*, 25 de junho de 1906.

¹¹⁸ *Gazeta de Notícias*, 21 de abril de 1908.

da cidade, tornou-se um dos fatores que ajudaram a construir uma memória que associava sofisticação e beleza à torcida do Fluminense, o que se acentuou principalmente após a construção do estádio para o sul americano de 1919¹¹⁹.

Apesar dos ideais de civilidade, boa convivência e cavalheirismo que norteavam as ações dos clubes de elite da sociedade carioca, estes não estavam isentos de desavenças motivadas pelos princípios de competição que os campeonatos traziam. Na medida em que a paixão pelo clube aumenta, as rivalidades entre as agremiações e seus simpatizantes começam a romper com a harmonia que caracterizava até então o futebol.

Devido aos procedimentos menos corretos de alguns sócios, deste *club*, durante os *matches* realizados em 23 do corrente, a diretoria resolveu tomar medidas mais enérgicas a fim de por cabo a esses excessos, prevenindo que seja eliminado todo aquele que não souber comportar-se com correção devida, como por exemplo: fazer observações desagradáveis aos jogadores, *refree* ou *linesmen* e bem assim qualquer espectador¹²⁰.

Mesmo trajados com elegância e sofisticação, esses torcedores já são capazes de cometer ações hostis a juizes ou jogadores adversários, criando um clima de hostilidade que influenciava até mesmo os diretores de clubes.

Foi o que ocorreu no campeonato de 1907, em que Fluminense e Botafogo disputavam a liderança do torneio. Na última rodada o Botafogo precisava vencer o Internacional, lanterna do certame, por um placar elevado para poder, assim, com o mesmo número de pontos, superar o tricolor no saldo de gols¹²¹. Marcada para o dia 29 de setembro de 1907, a partida não se realizou por desistência do Internacional que manda a campo apenas um time para a disputa dos segundos times¹²². Com a desistência, o Botafogo ganhou por WO¹²³, levando os pontos, mas nenhum gol a favor,

¹¹⁹ O Periódico “A Vida Sportiva” em sua sessão “vida mundana” publicava extensas colunas com o nome das pessoas da sociedade que compareceriam aos jogos no estádio das Laranjeiras. O mesmo acontecia com outros periódicos. *Vida Sportiva* (1917 – 1921) seções de periódicos da Biblioteca Nacional.

¹²⁰ *Circular do Fluminense FC* de 26 de junho de 1907. Arquivo FFC.

¹²¹ Diz o regulamento da liga aprovado em 05 de maio de 1907: “Fica resolvido que na presente estação quando se der empate no final dos campeonatos em vez de ser jogado o desempate, tira-se a média dos gols entre os empatados sendo campeão o que melhor média apresentar”. - regulamento da Liga Metropolitana de Sports Atléticos – FERJ abril de 1995 – Arquivo FFC.

¹²² Nesta época jogavam-se dois jogos um com o segundo quadro formado por jogadores de menor idade ou reservas e outro com os quadros principais, primeiros *teams*.

¹²³ Termo utilizado para definir a vitória em caso de não comparecimento de um dos quadros.

o que o impedia de alcançar o Fluminense¹²⁴ e consequentemente ganhar o título. Inconformado com a decisão, o Botafogo exigia a realização de uma partida desempate entre os dois clubes alegando que o Internacional, que disputou o encontro dos segundos quadros, não compareceu ao jogo principal por “motivos inconfessáveis”¹²⁵, entregando os pontos, porém sem gols a favor do Botafogo. A argumentação do alvinegro não foi aceita pela liga, que manteve o campeonato para o Fluminense.

Na verdade, o Internacional, pivô desta crise, também não havia comparecido ao compromisso com o Fluminense semanas antes, o que fez com que o quadro das Laranjeiras também ganhasse o jogo por WO, o que igualava as coisas. A questão piora quando o Botafogo, na figura de seu presidente Souza Ribeiro, insinua uma artimanha organizada pelo Fluminense em seu benefício. Além disso, o dirigente do Botafogo teria se dirigido de maneira grosseira não só ao Fluminense, mas à própria direção da liga.

Como resultado de tal evento, o *Ground Comitee* da liga, representado pelo primeiro secretário José da Rocha Lima, sentindo-se ofendido pelo representante do Botafogo, pede demissão e retira-se da reunião. Os representantes do Fluminense, Internacional e Payssandu pedem seu desligamento da liga, justificando-se pela “situação insustentável criada à Liga Metropolitana de Sports Athleticos por alguns membros de seu conselho, representantes de clubes a ela filiados”¹²⁶. Como resultado do conflito, toda a diretoria da liga pede demissão levando ao fim da entidade. Com ou sem razão, tal atitude demonstrava a força política do Fluminense no controle da LMSA.

Não foi somente o Botafogo que hostilizou a liga em virtude de um possível favorecimento ao Fluminense. Pertencente aos quadros de segundos times da liga, o América pede seu afastamento em protesto contra os constantes favorecimentos ao clube da Rua Guanabara. O América acusa a liga de usar o sistema de dois pesos e duas medidas, enérgica com uns e complacente com outros, nunca ferindo as susceptibilidades dos clubes da Zona Sul¹²⁷.

¹²⁴ Fluminense e Botafogo tinham 5 vitórias e 1 empate. O Fluminense marcou 16 gols e sofreu 7, perfazendo um saldo de 9 gols a favor e o Botafogo marcou 14 e sofreu 7, perfazendo um saldo de 7 gols. Arquivos do FFC.

¹²⁵ A versão do Botafogo é explicada em Castro (1951).

¹²⁶ Assembleia geral extraordinária, 04 de novembro de 1907 e *Gazeta de Noticias*, 05 de novembro de 1907.

¹²⁷ O América deixa a Liga em 01 de agosto de 1907. O clube se encontrava na segunda divisão da liga. Como esta só era composta por dois clubes, ficou acertado que os times da primeira divisão disputariam a segunda divisão com times secundários. Na partida contra o Fluminense, o juiz interrompeu o jogo alegando excessos de um jogador do América, dando os pontos ao Fluminense. O América recorreu à liga, que se decidiu em favor do Fluminense e, logo depois, a liga toma outra decisão contrária aos

Mesmo com essas divergências, o desenvolvimento do jogo falava mais alto e embora a questão do campeonato não fosse resolvida¹²⁸, os clubes chegaram a um acordo e a LMSA foi reconstruída, até com mais força, pois contava com novas agremiações como América, Payssandu, Rio Cricket e Riachuelo no campeonato principal. O caráter restritivo continuava: só podiam disputar o torneio os clubes que possuísem campo de futebol cercado com arquibancadas, vestiários e bilheterias. Aqueles que não possuísem um campo poderiam alugá-lo de outro. A normalidade aparentemente restaurava-se ao futebol e o próprio Botafogo volta atrás em sua decisão e retorna à liga.

Contando com sua plateia cada vez mais elegante e requintada, o Fluminense levanta, mais uma vez, o título em 1908 ao derrotar seu tradicional rival, o Botafogo, por 2 x 1 em um jogo desempate. A festa da vitória foi preparada por uma confeitaria do largo de São Francisco de Paula para 80 talheres servidos ao ar livre¹²⁹. O mesmo aconteceria em 1909. A conquista pela terceira vez da Taça Colombo e a liderança na LMSA confirmavam que o Fluminense tinha a hegemonia do futebol carioca nos primeiros anos do esporte na cidade tanto no campo esportivo como no campo político¹³⁰.

O ano de 1910 marca uma surpresa no futebol carioca: o Botafogo, formado basicamente por estudantes, levanta o título de campeão interrompendo a hegemonia do Fluminense que logo a recuperaria no ano seguinte¹³¹. Para o torneio de 1911, o Fluminense contava com a presença de um *training* vindo direto da Inglaterra¹³².

O pagamento de salários a um profissional para treinar um clube alterava, de alguma forma, as regras do amadorismo vigente. Charles Willians já havia treinado a equipe da Dinamarca para os jogos olímpicos e outras equipes na Escócia¹³³. Os jornais

interesses do América, adiando um jogo contra o Riachuelo. Já insatisfeito com a primeira decisão, o clube abandona a liga (Cunha e Valle, 1972:35-36).

¹²⁸ A Federação de Futebol do Estado do RJ em boletim oficial de 06.12.1996 decretou os dois clubes campeões de 1907, decisão mantida pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva. Arquivos FFC.

¹²⁹ *A Notícia*, 16 de novembro de 1908.

¹³⁰ As reclamações de favorecimento ao Fluminense continuam com o protesto feito pelo América à liga por favorecimento da arbitragem ao Fluminense durante os jogos, entretanto, o protesto não deu em nada. *A tribuna*, 05 de setembro de 1909.

¹³¹ O Botafogo foi o maior rival do Fluminense no campo esportivo até a fundação do Flamengo. Após uma fraca estreia no campeonato de 1906, o Botafogo consegue levantar seu primeiro título (desconsiderando a polêmica de 1907) em 25 de setembro de 1910 ao vencer em seu campo o Fluminense por 6 x 1, assegurando, assim, o título com uma rodada de antecedência. Sobre o campeonato carioca, ver Assaf e Martins (1997).

¹³² “O Fluminense autorizou ao Sr. Oscar Cox, que se acha na Europa para entrar em negociações sobre o *entreineer* que virá para o seus times” *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1911.

¹³³ *Jornal do Commercio*, 02 de abril de 1911.

deixavam bem clara a situação de profissional do *training*: “O Fluminense Foot-ball Club no intuito de preparar os seus times para a futura temporada, está tratando de fazer vir a esta capital um profissional para servir de *entreineur* para os seus jogadores”¹³⁴. As negociações contaram com a ajuda de Oscar Cox que, morando na Europa, serviu de intermediário entre o *training* e o clube, o qual superou outras propostas. “Nesse ano já havia recebido diversas propostas de clubes que precisavam de seus serviços, porém, deu preferência à proposta do clube brasileiro, talvez, por ser a mais vantajosa”¹³⁵.

No Rio, Charles Willians receberia um salário de 18 libras por mês e todas as suas despesas de moradia e alimentação seriam pagas pelo Fluminense e o clube ainda daria duas passagens de ida e volta para São Paulo¹³⁶. Essa atitude era uma novidade até então e contradizia os princípios do amadorismo, mesmo não se tratando de um jogador.

Mr. Charles Williams chegou ontem pelo Oropesa o *entreineur* que o Fluminense fez vir ao Rio, afim de educar seus associados na arte do *sport*.
Sabemos, é Charles Williams um apto *foot-baller* conhecedor de todos os segredos e recursos do violento *sport*.
Domingo próximo dará o primeiro ensaio aos seus alunos no famoso *ground* da Rua Guanabara¹³⁷.

Embora não participasse do *Ground Committee* e, portanto, não tivesse poder de escalar jogadores, fica difícil imaginar que Willians não possuísse alguma influência sobre ele.

O time venceu o torneio com oito estudantes e apenas três jogadores que trabalhavam. Calvert, Lawrence e Oswaldo Gomes - esse último professor (Rodrigues Filho, 2003:84). Esse parecia ser o perfil daqueles que praticavam o jogo em seus primórdios. Tanto no campeonato vencido em 1910 pelo Botafogo quanto no de 1911 pelo Fluminense, a maioria de seus jogadores eram estudantes e aqueles poucos que trabalhavam eram empregados do comércio, funcionários ou professores. Posteriormente, o Flamengo venceria os títulos de 1914 e 1915 com um time praticamente de acadêmicos de medicina (idem).

O título de 1911 será marcado, também, pela saída de nove jogadores do quadro campeão para fundar a seção de futebol do Clube de Regatas do Flamengo.

¹³⁴ *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1911.

¹³⁵ *Jornal do Commercio*, 11 de março de 1911.

¹³⁶ Coelho Netto (2002:188) e Álbum de Fluminense, 1911. Arquivo FFC.

¹³⁷ *O Paiz*, 17 de março e 1911.

1.6 - Os irmãos Karamazov

Eu gostaria de saber que gesto, ou palavra, ou ódio deflagrou a crise. Imagino bate-bocas homicidas. E não sei quantos tricolores saíram para fundar o Flamengo. Há um parentesco óbvio entre o Fluminense e o Flamengo. E como este se gerou no ressentimento, eu diria que os dois são os irmãos Karamazov do futebol brasileiro (Nelson Rodrigues: Os irmãos Karamazov. In Rodrigues e Filho, 1987:12).

A versão dramatizada dada por Nelson Rodrigues é uma tentativa de imaginar o que teria acontecido dentro do Fluminense que justificasse a saída de nove jogadores pertencentes a “boas famílias”, campeões pelo clube mais elegante da cidade e até então hegemônico nos gramados. Realmente esses jogadores não foram capazes de imaginar as potencialidades que despertaram com aquela saída. Mesmo hoje, as razões parecem confusas; as palavras, tanto de um lado como de outro, não demonstram agressividade; os jornais não são claros... Tudo parece ter sido feito dentro das regras do cavalheirismo vigente na época. Entretanto, as palavras educadas não foram suficientes para esconder uma disputa interna entre Alberto Borgerth e Oswaldo Gomes¹³⁸ pela liderança dentro do clube.

Durante o amadorismo, o órgão que tomava as decisões sobre a organização do time, escalação e disciplina era o *Ground Comittee* e mesmo a influência de um *training* profissional, contratado pelo Fluminense na temporada de 1911, não tirava o seu poder de decisão. O *Ground Committee* era composto pelos atletas mais influentes do clube e era formado por Ernesto Paranhos, Felix Frias, Afonso de Castro, Alberto Borgerth e Haroldo Cox, tendo como *cappitain* Alberto Borgerth e *sub-cappitain* Oswaldo Gomes¹³⁹. Durante o campeonato surgiram duas vagas para o *Ground Committee* em virtude da demissão de Ernesto Paranhos e Haroldo Cox. Oswaldo Gomes e Alair Antunes eram candidatos às vagas abertas. A candidatura de Oswaldo Gomes era bancada pela direção do clube da qual fazia parte seu irmão Alberto Gomes. Porém, no dia da reunião, surgiu uma candidatura de oposição a Oswaldo Gomes, a de Joaquim Guimarães¹⁴⁰. Após a contagem dos votos, registrou-se um empate em 15 votos para

¹³⁸ Alberto Borgerth era estudante, praticava remo pelo Flamengo e futebol pelo Fluminense. Após sair deste último, organizou a seção de futebol do primeiro, onde se tornou posteriormente presidente. Oswaldo Gomes era filólogo e professor de latim do Colégio Alfredo Gomes, fundado e dirigido pelo seu pai. No campo esportivo foi considerado um dos maiores atletas do Fluminense participando de todos os campeonatos entre 1906 e 1919 e praticava também atletismo (Coelho Netto, 1969:41-42).

¹³⁹ Calendário *sportivo* de 1911. Arquivo FFC.

¹⁴⁰ *O Imparcial*, 30 de março de 1918. “Como o Flamengo apareceu no *Football*”

cada um. Por ser mais velho, a vaga seria de Oswaldo Gomes, entretanto, sentindo-se desprestigiado, não aceitou o cargo e ainda pediu demissão do posto de *sub-cappitain* em 07 de agosto¹⁴¹. A divisão estava clara entre Alberto Borgerth, capitão e líder do time, e Oswaldo Gomes amparado pela direção do clube.

Às vésperas do jogo contra o Rio Cricket a ser realizado a 10 de setembro, o *Ground Committee*, formado por Felix Frias, Alair Antunes, Afonso de Castro e Alberto Borgerth, se reuniu para escalar a equipe. Para a surpresa de Borgerth, ele havia sido barrado¹⁴² por Paranhos, um zagueiro que foi escalado como atacante. Borgerth quis que o comitê consultasse o time que certamente não aceitaria tal decisão. Afonso de Castro não aceitou o pedido de Borgerth alegando que seria aberto um grave precedente, dando aos jogadores atribuições exclusivas do *Ground Committee*¹⁴³.

O time goleou o clube de Niterói por 5 x 0 e no último jogo venceu o América por 3 x 2, garantindo o campeonato de forma invicta e sem nenhum empate¹⁴⁴. Entretanto a decisão já estava tomada: após o jogo, nove jogadores da equipe titular deixaram o clube. Com a saída dos jogadores, só ficaram no Fluminense dois titulares: Oswaldo Gomes e James Calvert¹⁴⁵. Os dissidentes nem participaram do banquete oferecido pelo clube pela conquista do campeonato.

Uma das propostas, antes de ir para o Flamengo, seria refundar o Rio Foot-Bal Club. Outra proposta foi fundar uma filial do São Paulo A. C. no Rio de Janeiro, uma vez que muito dos dissidentes eram paulistas. Porém, a proposta vitoriosa por aclamação foi mesmo a de Borgerth de fundar uma seção de futebol no Flamengo¹⁴⁶.

Flamengo e Fluminense não eram rivais até 1912, pois o Fluminense era do futebol e o Flamengo do remo. Eles não se enfrentavam e muitos atletas pertenciam aos dois clubes, como Alberto Borgerth, que remava pelo Flamengo. Os remadores inicialmente não quiseram muito envolvimento com o futebol, obrigando que seus uniformes fossem diferentes, cabendo ao time de futebol uma camisa com quatro

¹⁴¹ Napoleão (2003:15-16) e *O Imparcial*, 13 de maio de 1916 e *Jornal do Commercio*, 06 de abril de 1918 – “Como o Flamengo apareceu no Football”

¹⁴² A equipe escalada para enfrentar o Rio Cricket foi: Baena, Pindaro, e Nery; Lawrence, Amarante e Galo; Oswaldo, Orlando, Paranhos e Calvert (Napoleão, 2003:16).

¹⁴³ *O Imparcial*, 13 de maio de 1916.

¹⁴⁴ *Jornal do Commercio*, 03 de outubro de 1911.

¹⁴⁵ Os nove jogadores foram Alberto Borgerth, Baena, Pindro, Néry, Amarante, Galo, Orlando Mattos, Gustavo de Carvalho e Lawrence só ficando no Fluminense Oswaldo Gomes e Calvert (Coelho Netto, 1969a:41-43).

¹⁴⁶ Sobre a fundação do Flamengo, ver Coutinho (1990).

quadrados em vermelho e preto, conhecida como “papagaio de vintén” (Coutinho, 1990).

Nos anos trinta do século XX, Mario Filho saberá como poucos explorar essa divisão, promovendo cada encontro entre os dois clubes como um verdadeiro acontecimento social que extrapolava o próprio jogo. Como veremos mais à frente, foi ele quem criou a expressão Fla-Flu e em suas análises contrapunha a distinção fidalga do Fluminense com a popularidade do Flamengo. Posteriormente, seu irmão Nelson Rodrigues dará ao Fla-Flu uma dimensão épica. A literatura dos irmãos Rodrigues, sem dúvida nenhuma, foi também responsável por tornar esse clássico o mais tradicional do futebol brasileiro. Entretanto, nem todo o talento de escritores como o dos irmãos Rodrigues seria capaz de construir essa rivalidade se ela de fato não existisse em campo.

Apesar do relacionamento cordial entre as duas instituições, os jogos entre Flamengo e Fluminense despertavam um grande interesse no público. Foram eles os dois clubes que mais ganharam títulos no amadorismo e que mais fomentaram o futebol pela cidade¹⁴⁷. Uma das maiores vitórias da história do Fluminense é conquistada em 07 de julho de 1912, justamente no primeiro Fla-Flu, quando o clube das Laranjeiras, que fazia fraca campanha no campeonato carioca¹⁴⁸, venceu seu antigo quadro campeão agora com a camisa do Flamengo por 3 x 2.

Os jornais da época dão destaque ao jogo apontando a rivalidade entre os quadros. “É natural, todos os leitores sabem perfeitamente que a constituição de tão formidável equipe foi resultado de uma desavença entre antigos consócios do mesmo centro, e que a parte refratária, reunida a outros dissidentes, fizeram surgir o Flamengo”¹⁴⁹. O jornal *Tribuna* alertava a preocupação do árbitro que “sabendo haver rivalidades entre os dois contendores expulsaria de campo qualquer jogador que empregasse brutalidade capaz de machucar o adversário”¹⁵⁰. O público foi de 800 pessoas com uma “assistência por vezes bastante entusiasmada”.¹⁵¹ Os jornais divergem quanto à qualidade do jogo: para o *Jornal do Commercio* o “jogo ficou aquém da

¹⁴⁷ Para muitos pesquisadores, o Fla-Flu que decidiu o campeonato de 1919 está entre os maiores do amadorismo, assim como foi em um Fla-Flu que Coelho Netto promoveu a primeira invasão de campo do futebol carioca.

¹⁴⁸ O Fluminense perdeu para o Rio Cricket, último colocado no campeonato. Sobre essa derrota a *Gazeta de Notícias* escrevia: “É preciso que se convençam os jogadores do Fluminense que, pelo fato de ser um campeão um time não deve dormir sobre seus louros e que sem *training* o melhor time tende a ser fatalmente batido por um outro medíocre, porém ensaiado” *Gazeta de Notícias*, 03 de maio de 1912.

¹⁴⁹ *O Paiz*, 09 de Julho de 1912.

¹⁵⁰ *Tribuna*, 11 de julho de 1912.

¹⁵¹ *Jornal do Commercio*, 08 de Julho de 1912.

expectativa”¹⁵². Já a *Gazeta de Notícias* destaca que “o jogo foi um dos melhores a que temos assistido”¹⁵³. A grande polêmica foi a anulação de um gol do Flamengo.

Numa investida do Flamengo, Arnaldo escapa de meio de campo dribla um a um a defesa contrária e a três jardas “shoota” a *gool*. Os aplausos fizeram-se ouvir, a gritaria foi grande, porém a bola achava-se em jogo diante da admiração de quase toda a assistência¹⁵⁴.

Ao que parece, a bola entrou e saiu do gol, mas para a *Gazeta de Notícias*, o goleiro defendeu a bola¹⁵⁵. O *Jornal do Commercio* ironiza dizendo que as redes do Fluminense são muito esticadas, o que fez a bola voltar ao campo impedindo o juiz de marcar o gol¹⁵⁶. Já a *Tribuna* afirma que o juiz favoreceu o Fluminense: “diante disto tudo vêm os leitores que quem derrotou o Flamengo por 3 x 2 foi o Sr. Robinson e não o Fluminense”¹⁵⁷. O que todos eles concordam é que o resultado foi uma surpresa¹⁵⁸.

Para o Fluminense, esse jogo ganhou um significado simbólico: foi a vitória da tradição. O Fluminense vencia pelo o que ele representava: organização, pioneirismo e fidalguia, fatores responsáveis pela superação em campo de um time significativamente inferior¹⁵⁹. Anos mais tarde, Paulo Coelho Netto (1969a:42-43) escreveu sobre esse jogo “Os bravos de 07 de Julho de 1912 representavam não apenas uma equipe de futebol, mas, sobretudo a Força da Tradição que começava a irradiar-se no Fluminense, dia a dia”.

Sendo constituído basicamente por jovens oriundos das novas elites que se desenvolvem junto com as reformas urbanas por que passava a cidade do Rio de Janeiro, o Fluminense Foot-Ball Club, herdeiro dos tradicionais clubes de *cricket*, tornou-se o mais significativo representante do perfil elegante e excludente do futebol em seus primeiros tempos. Seu exemplo será seguido por outras equipes que se formaram para a prática do esporte inglês. Esse papel será reafirmado ao longo da década de 1910, a

¹⁵² *Jornal do Commercio*, 08 de Julho de 1912.

¹⁵³ *Gazeta de Notícias*, 08 de Julho de 1912.

¹⁵⁴ *Jornal do Commercio*, 08 de Julho de 1912.

¹⁵⁵ *Gazeta de Notícias*, 08 de Julho de 1912.

¹⁵⁶ *Jornal do Commercio*, 08 de Julho de 1912.

¹⁵⁷ *Tribuna*, 11 de julho de 1912.

¹⁵⁸ “Podendo ser considerado o seu resultado uma surpresa”. *Jornal do Commercio*, 08 de Julho de 1912. “O resultado do campo da Rua Guanabara não foi absolutamente pressagiado por nenhum amador do violento sport”. *O Paiz*, 09 de Julho de 1912.

¹⁵⁹ “Cabe ainda ao Fluminense a glória de ter batido justamente com dificuldade, embora um *team* que outrora tanto fizera pelo engrandecimento do tricolor pavilhão que orgulhosamente se iça na Rua Guanabara. É sem dúvida, este fato a maior vitória do campeão de sempre”. *O Paiz*, 09 de Julho de 1912.

partir das obras de construção de uma nova praça de esportes, que incluía uma bela sede e o maior estádio de futebol construído até então. Presidido pelo milionário Arnaldo Guinle e tendo em seus quadros expoentes da literatura como Coelho Netto, o Fluminense fortalecerá cada vez mais a imagem de um clube que tem no refinamento e na distinção suas marcas registradas.

CAPÍTULO 2: UM CLUBE DISTINTO

Durante os jogos realizados no campo do Fluminense, podia-se perceber do lado de fora, sobre os telhados e muros das residências, uma pequena multidão de diversas origens sociais que assistia empolgadamente as partidas de futebol. Essa multidão contrastava com a seleta torcida que frequentava as arquibancadas do estádio da Rua Guanabara (Pereira, 2000:57). Embora o futebol ainda estivesse restrito a um pequeno grupo, sua popularização ameaçava o controle do jogo pelos *sportmen* da zona sul, colocando em risco os princípios do “cavalheirismo e *fairplay*”, marca de identidade do futebol até então. Nesse momento assiste-se ao aparecimento de diversos clubes em áreas periféricas da cidade¹⁶⁰.

O futebol vinha incorporando cada vez mais adeptos. Leonardo Pereira aponta o *frenesi* causado pela visita da seleção argentina ao Rio de Janeiro para uma disputa contra o selecionado paulista. Para o autor, já é possível identificar neste momento como o futebol seria um traço de identidade nacional¹⁶¹.

Outro momento como este ocorre em 1910, quando o Corinthians da Inglaterra faz uma série de amistosos em São Paulo e no Rio de Janeiro, a convite de Oscar Cox do Fluminense. A visita do clube inglês poderia ser um exemplo para os clubes brasileiros¹⁶². Os ingleses foram recebidos com passeios na Floresta da Tijuca, ao Corcovado, idas ao teatro, banquetes e jogos de *cricket*. Esse clima de cordialidade não diminuiu nem depois que o Corinthians ganhou de todos os seus adversários¹⁶³.

No jogo contra o Fluminense, as arquibancadas ficaram lotadas com gente do lado de fora sem poder entrar no campo do clube. Embora os jornais retratassem o jogo como um desfile de “lindas *Girls*, os mais distintos cavaleiros, senadores, deputados,

¹⁶⁰ Leonardo Pereira aponta o surgimento de dezenas de clubes como Boêmios FC de Vila Isabel, Aldeia Campista FC, C A do Méier, Cascadura FC, São Cristóvão FC, Alumínio FC na Lapa, União FC, Democrático FC e o inusitado Pedregulho FC no centro da cidade, em clara alusão as obras de Pereira Passos no centro da cidade (Pereira, 2000:56 e 57).

¹⁶¹ A visita ocorre em Junho de 1908 para a realização de três jogos no Rio de Janeiro. O primeiro contra um selecionado paulista, o segundo contra um selecionado de estrangeiros residentes no Brasil e o terceiro e último encontro contra um selecionado carioca. Os argentinos venceram todos os encontros. (*Ibidem*, 2000:103 - 108)

¹⁶² *O Paiz*, 25 de agosto de 1910.

¹⁶³ O Corinthians realizou uma série de jogos no Brasil: 10 x 1 contra o Fluminense em 24 de agosto de 1910; 8 x 1 no combinado carioca em 26 de agosto 1910; 5 x 2 em um combinado de brasileiros em 28 de agosto de 1910 em São Paulo; venceu o Palmeiras por 2 x 0 em 31 de agosto de 1910; um combinado paulista por 5 x 0 em 02 de setembro de 1910; e uma seleção de jogadores estrangeiros por 8 x 2 em 04 de setembro de 1910. A visita serviu também de inspiração para a fundação nesse ano do S C Corinthians Paulista (Hamilton, 2001:85-110).

diplomatas e representantes do alto comércio”¹⁶⁴, ele já dava mostra do poder de atração do futebol sobre grupos sociais diferentes do que eram retratados pelos periódicos. Sem conseguir entrar no estádio, alguns torcedores aceitaram a proposta do menino “Mano”, filho mais velho do escritor Coelho Netto, de assistir ao jogo de cima do galinheiro de sua casa localizada bem em frente ao campo do Fluminense pela módica quantia de 1\$000. Coelho Netto, ao despertar de um sono, surpreende-se ao deparar com um negro subindo suas escadas em direção ao telhado do galinheiro onde poderia assistir a derrota do tricolor por 10 x 0 (Coelho Netto, 1969b:13-15), a maior de sua história.

O futebol começa a virar coqueluche na cidade e aos poucos vai ocupando o lugar de outros esportes na preferência das pessoas. Já ia distante o tempo em que os jogos do Fluminense eram assistidos apenas pelos familiares dos jogadores.

A cisão representada pela saída dos jogadores para o Flamengo em 1912 marca um momento de mudanças no clube. Um novo time é formado e o Fluminense viverá ao longo da década de 1910 um momento glorioso não só dentro do campo, mas também como afirmação da imagem do clube como um espaço de distinção marcado pelo refinamento e sofisticação. Entretanto o clube terá que conviver com a rápida difusão do esporte pela cidade, trazendo para o universo do futebol uma série de características que destoavam da imagem exclusiva que os primeiros *sportmen* tentaram imprimir ao jogo.

2.1 - Clube como espaço de distinção

O ano de 1915 foi de transformações no Fluminense. Iniciam-se as obras de “remodelação material, social e esportiva do clube” (Coelho Netto, 2002:59). Uma nova sede foi construída em apenas seis meses, com nova mobiliária e colocação de instalações elétricas. No campo é erguida uma arquibancada privativa de cimento, com cerca de 50 metros, para sócios e família. Os muros externos foram ampliados, fazendo com que os limites do clube fossem da Rua do Roso até o início do Novo Mundo. As arquibancadas para os torcedores também foram ampliadas, aumentando a capacidade do estádio para 5.000 pessoas. Foram construídos novas quadras de tênis, um novo ringue de patinação, pista de tiro¹⁶⁵ e atletismo, vestiários com escaninhos e bancos para

¹⁶⁴ A *Notícia*, 25 de agosto de 1910.

¹⁶⁵ Arnaldo Guinle negociou com a Prefeitura a autorização para a ampliação do terreno do clube da Rua do Roso que ia do último portão do clube até as vertentes do morro Novo Mundo. Em contrapartida, o clube construiria uma pista de tiro para o Ministério da Guerra (Coelho Netto, 2002:39 e Relatório de trabalhos sociais de 1915).

descanso dos jogadores¹⁶⁶. Além disso, o número de associados subiu de 584 para 785 em apenas um ano¹⁶⁷.

Após as reformas, o clube não era só mais um espaço para a prática de esportes, tornando-se também um espaço associativo para várias atividades lúdicas como chás dançantes, apresentação de poesias, seções de piano, cinema e atividades cívicas¹⁶⁸. A nova sede foi inaugurada em 29 de julho de 1915 com um baile realizado no *rink* de patinação, onde foi apresentado o primeiro hino do Fluminense, com letra de Coelho Netto adaptado na música *Its a long, long way to tipperary* muito executada pelos marinheiros ingleses durante a Primeira Guerra (idem: 37). Esse hino não durou muito, sendo substituído no ano seguinte¹⁶⁹.

Essa nova fase do Fluminense conta com a presença de Arnaldo Guinle na presidência, substituindo Joaquim Cunha Freire Sobrinho¹⁷⁰. Arnaldo Guinle presidiu o clube por 15 anos¹⁷¹ e foi um dos principais nomes do esporte nas primeiras décadas do século XX. Mario Filho definia seu amigo como uma “espécie de príncipe de Gales do esporte brasileiro” (Rodrigues Filho, 2003:12). Pertencente a uma das famílias mais ricas e poderosas do país durante a primeira metade do século XX, os Guinles eram proprietários da concessão da Companhia Docas de Santos. Suas atividades expandiam-se para hotelaria, indústria têxtil, construção civil, bancos e companhias de energia elétrica. Construíram prédios que hoje fazem parte do patrimônio da cidade, como o Palácio Laranjeiras e o Copacabana Palace. Arnaldo tinha interesses em diversas áreas

¹⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁶⁷ Relatório de trabalhos sociais de 1915.

¹⁶⁸ Durante a Primeira Guerra (1914-1918), o Fluminense criou um batalhão de reservistas que contou inicialmente com 83 inscritos. Era uma demonstração de civismo, um movimento patriótico que enaltecia os associados do Fluminense que entendiam o conflito como uma extensão das disputas em campo perante as nações adversárias. A iniciativa ganhou força em outros clubes como o Bangu e pela própria liga. *O Imparcial*, 27 de junho de 1917.

¹⁶⁹ Nas comemorações do décimo quarto aniversário do clube, foi composto um outro hino oficial. (*Correio da Manhã*, 13 de julho de 1916).

¹⁷⁰ As obras de remodelação do clube iniciaram-se com Joaquim Cunha Freire Sobrinho que se afastou da presidência em 1916, por motivos de saúde, vindo a falecer em 1918. *Correio da Manhã*, 26 de fevereiro de 1918.

¹⁷¹ Arnaldo Guinle tornou-se sócio de número 48, em 10 de outubro de 1902. Presidiu o Fluminense de 16 de abril de 1916 a 30 de abril de 1931. Em sua gestão o Fluminense construiu: o primeiro estádio de futebol do Brasil, a primeira piscina em um clube de futebol, um ginásio, um *stand* de tiro, um estádio de tênis com seis quadras, uma nova sede com instalações elétricas inclusive no estádio para jogos noturnos. Além disso, fundou um serviço médico especializado para os atletas, a seção de escotismo, o primeiro conselho deliberativo de um clube no Brasil, o natal da criança pobre. Na sua gestão o clube recebeu a visita dos reis da Bélgica, do príncipe de Gales (Eduardo VIII) e do príncipe George da Inglaterra. Arnaldo Guinle fez parte da comissão fiscal entre 1931 e 1942, retornando à presidência do clube de 06 de dezembro de 1943 a 04 de fevereiro de 1946 (Coelho Netto, 2002 e *Correio da Manhã*, 20 de abril de 1916 sobre a eleição de Arnaldo Guinle).

como música¹⁷², teatro e esportes¹⁷³. Nessa última atividade foi patrono de diversos clubes e presidente da CBD entre 1916 e 1920. Foi um dos três delegados do Brasil no Comitê Olímpico Internacional em 1923. Arnaldo Guinle utilizará o prestígio de seu nome em benefício do Fluminense, tornando-se, em 1920, o único patrono do clube¹⁷⁴. Para o Fluminense, Arnaldo Guinle.

é o melhor elemento na vida do *sport* brasileiro [...] realiza o seu brilhante programa com segurança, com equilíbrio moral e democrático – é a alma do Fluminense Foot-ball Club e consequentemente o mentor de sua marcha crescente¹⁷⁵.

Sob a sua administração, o Fluminense vai sediar, a pedido da CBD, o sulamericano de 1919. O Brasil foi escolhido como sede dos jogos sulamericanos em 1917. Após uma disputa com São Paulo, o Rio de Janeiro ganha o direito de sediar o torneio. Para receber tal evento, o clube inicia uma série de obras que remodelaram mais ainda suas dependências, principalmente com a construção de um novo estádio, o maior da América Latina até então. Na realidade, o sulamericano estava marcado inicialmente para 1918, entretanto a epidemia de gripe espanhola que assolou a cidade adiou o evento para o ano seguinte.

Arnaldo Guinle endossa um empréstimo de 2.000 contos de réis para iniciar as obras que ocorrem a toque de caixa a partir de maio de 1918. O clube também fez um livro de ouro que arrecadou 91:195\$000 e que permitiu a compra dos terrenos para ampliação do estádio¹⁷⁶. Também foram construídas para o evento uma nova linha de tiro, uma piscina e uma nova sede.

A inauguração da piscina foi um acontecimento na cidade. Foi construída para abrigar as provas de natação e *waterpolo* dos jogos. “O pavilhão é cercado de jardineiras, onde estão plantadas samambaias e gerânios em grandes vasos onde se levantam belas azaléias”¹⁷⁷. Seu interior era composto de duas partes. A primeira, um grande edifício onde fica o tanque com tobogã, trampolim e as dependências dos

¹⁷² Financiou uma excursão de Pixinguinha e seu conjunto “Os oito batutas” para São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Recife. Em 1922 patrocinou uma viagem do conjunto a Paris (Souza, 2008:41-42).

¹⁷³ Em 1920, escreveu junto com Mário Pollo o *Guia prático de educação física*. Em 1922 publica com participação de Coelho Netto, Olavo Bilac e Mário Póllo o *Livro do escoteiro*. Arquivo FFC.

¹⁷⁴ Assembleia geral extraordinária 17 de julho de 1920, arquivos do FFC e Coelho Netto (2002: 147-148).

¹⁷⁵ *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº 1, novembro de 1927.

¹⁷⁶ Foram adquiridos os terrenos entre o número 15 da Rua Retiro da Guanabara (atual Álvaro Chaves) e o número 92 da Rua Guanabara (atual Pinheiro Machado) (Coelho Netto, 2002:68).

¹⁷⁷ *Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1919.

espectadores; na outra parte, um novo edifício abriga os vestiários¹⁷⁸. A piscina possuía 30 metros de comprimento e 17 de largura, com 3,5 de profundidade. Dotada de um trampolim para saltos ornamentais de 1 a 6 metros de altura, seu interior era revestido de azulejos brancos e acabamento em cerâmica com corrimões por toda a borda¹⁷⁹. Possuía, ainda, uma cobertura de telhas francesas, abrigando em suas arquibancadas, de 470 metros divididos em 5 filas de 94 metros, cerca de 2.000 pessoas. Para melhor comodidade, foram feitas 28 cabines com aparelhos sanitários e chuveiros com água doce, além de vestiários para senhoras¹⁸⁰. O tanque da piscina foi cavado na rocha e a água foi capitada diretamente do mar através de canalização especial ligada a subestação de águas do Flamengo¹⁸¹. A galeria destinada aos sócios possui tribuna de honra e é sustentada por belas colunas brancas com espaço para bandas de música¹⁸².

A 21 de janeiro de 1919 o cardeal Joaquim Arcoverde lançou a benção inaugural da piscina com direito a discurso de Coelho Netto em forma de canto pindárico¹⁸³. Após o discurso, foi executado o hino nacional com a presença do presidente da República e autoridades ministeriais. Após isso, realizou-se uma partida de *waterpolo* entre os infantis e adultos do Boqueirão com os da Guanabara¹⁸⁴.

De todas as obras, a mais importante delas foi a construção do estádio. Em maio de 1918, O jornal *O Imparcial* anunciava a demolição do velho estádio para a construção de outro bem maior¹⁸⁵. Para muitos críticos, tratava-se de uma obra desnecessária que jamais atingiria a capacidade máxima. Muitos dos moradores reclamavam da obra das arquibancadas que invadia a área de passeio público da Rua do Roso. Suas pilastras de pedra e cal criavam uma espécie de túnel que ia da Rua Guanabara até o morro, causando inconvenientes aos transeuntes¹⁸⁶. Apesar das críticas, em maio de 1919, o novo estádio estava pronto para o início do torneio de futebol. Construído oficialmente com capacidade para 18.000 espectadores, chegou a receber

¹⁷⁸ *Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1919.

¹⁷⁹ *Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1919.

¹⁸⁰ Coelho Netto (2002: 67-70) e *Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1919.

¹⁸¹ O custo da obra da piscina foi de 414:968\$162. O total das obras, que incluía além da piscina, a nova sede, o estádio, quadra de tênis, linha de tiro, bar externo e quadra de basquete, foi de 5.000 contos. O dinheiro foi conseguido através de empréstimos a juros de 7% ao ano e o clube deu como garantia a hipoteca do terreno no valor de 600\$000. Foi uma obra cara, se levarmos em consideração o período da guerra. Coelho Netto (2002: 68-74) e *Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1919.

¹⁸² *Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1919.

¹⁸³ “Pindaro foi o cantor dos vencedores dos jogos olímpicos da velha Grécia” *Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1919.

¹⁸⁴ *Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1919.

¹⁸⁵ *O Imparcial*, 13 de maio de 1918.

¹⁸⁶ *A Noite*, 09 de junho de 1918.

cerca de 30.000¹⁸⁷ torcedores nos jogos do Brasil. O novo estádio foi descrito pela imprensa como “o mais belo monumento da América Latina” (Pereira, 2000:135).

A obra da sede só ficou pronta em 1920. A nova sede ostentava vitrais franceses em sua fachada e contava com sala de bilhar, biblioteca, bar, restaurante e barbearia. Antes do início do baile de inauguração, foi colocada uma placa de bronze homenageando Arnaldo Guinle pelos esforços dedicados ao desenvolvimento do Fluminense¹⁸⁸. Cada parte da sede foi inaugurada com uma grande festa como a que ocorreu na tarde de 21 de abril de 1920 para a inauguração do bar do clube que, por curiosidade, não vendia cerveja¹⁸⁹.

Foi uma festa elegantíssima a da inauguração do bar do Fluminense Foot-ball Club, na tarde histórica de 21 corrente. O Pavilhão recosta-se ao flanco do monte, comunicando-se, por escaleira de pedra, com o terrapleno onde, em mesas floridas, foi irrepreensivelmente feito, pela casa Avelar, o serviço de chá e gelados¹⁹⁰.

A construção de uma sede suntuosa, de uma piscina exemplar e de um estádio suntuoso, não significa apenas um embelezamento e uma modernização do clube, mas representam a criação de símbolos que ajudam a construir uma determinada imagem do Fluminense como um espaço restrito a uma parcela da sociedade que aspira solidificar nesse espaço um ideal de comunidade baseado na polidez, na elegância, no refinamento, marcas de uma identidade que a distingue do restante da população. “A disposição estética é a dimensão de uma relação distante e segura com o mundo e com os outros, é uma expressão distintiva de uma posição privilegiada no espaço social” (Bourdieu, 2008a:56).

Os eventos ocorridos no clube da Rua Guanabara eram fatores de distinção. Embora ocorressem em quase todos os clubes, os eventos do Fluminense possuíam um toque de refinamento diferenciado dos outros. O jornal *O Imparcial* chama a atenção para os bailes no Fluminense marcados pela presença das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro, que podiam desfrutar de uma confortável sede com terraços e bar,

¹⁸⁷ Esse foi o público estimado na partida final contra o Uruguai (*O Paiz*, 30 de maio de 1919).

¹⁸⁸ A inauguração da nova sede social do Fluminense é marcada por discursos de agradecimentos à figura de Arnaldo Guinle e à diretoria. O presidente é tido como um dos principais responsáveis pela reforma e elogia sua administração e sua distinção como seletor *sportman*. *O Paiz*, 18 e 20 de novembro de 1920.

¹⁸⁹ *Athlética*, 24 de abril de 1920.

¹⁹⁰ *Athlética*, 24 de abril de 1920.

ouvindo excelentes orquestras que ditavam o ritmo da dança. Damas elegantemente trajadas acompanhadas de cavalheiros com casacas¹⁹¹. O vestuário, a mobília, a decoração da sede constituem “oportunidades de experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social” (Idem: 57).

Os exemplos retratados ajudaram na consolidação da imagem do Fluminense como o clube da distinção. Seu caráter elitista e branco, associado ao requinte de sua sede, constituíram-se em elementos marcantes de um tipo de tradição fundamental para a construção da identidade do clube. Para Bourdieu (2008:75), a herança material é uma herança cultural. Os bens patrimoniais têm como função não só certificar fisicamente a tradição ligada à antiguidade e à continuidade, mas sim consagrar a identidade social dos possuidores dessa herança. “A possibilidade de ler no estilo de mobiliário e do vestuário, o verdadeiro estilo de vida de um grupo”.

A elegância do clube não ficaria restrita à sua sede ou à sua nova praça esportiva, mas seus atletas também simbolizariam o ideal de distinção que cabia ao clube.

2.2 - Um time distinto

Após a saída da maioria de seus jogadores titulares para fundar o futebol do Flamengo, o Fluminense perde a hegemonia técnica do futebol carioca para o América e o Flamengo¹⁹², não repetindo suas boas campanhas nos torneios entre 1912 e 1915¹⁹³. As coisas começam a mudar a partir de 1914 com a vinda de vários jogadores do América e do Guanabara, este último responsável indireto pela criação em 1916 do time infantil do Fluminense¹⁹⁴ que revelará vários jogadores para a divisão principal¹⁹⁵. Com

¹⁹¹ *O Imparcial*, 23 de julho de 1922.

¹⁹² O América foi campeão em 1913 e 1916, O Flamengo será bi campeão em 1914 e 1915. O título de 1912 ficou com o Payssandu (Assaf e Martins, 1997).

¹⁹³ O Fluminense foi o quarto colocado nos campeonatos de 1912 e 1913, terceiro em 1914 e 1916 e vice-campeão em 1915 (Idem).

¹⁹⁴ O Club Atlético Guanabara tinha seu campo de futebol localizado na Rua Payssandu, em um terreno que foi arrendado pelo C. R. do Flamengo para a construção de seu campo. Tal fato levou à extinção do futebol no clube. A despedida se deu em 29 de novembro de 1914, em um jogo beneficente para a Cruz Vermelha, contra o Flamengo. Neste jogo, em sinal de protesto, os jogadores do Guanabara atuaram vestidos de palhaços e fizeram um pacto de não se transferirem para o Flamengo. O time foi desfeito e alguns abandonaram o futebol, outros se transferiram para o Botafogo, entretanto, a maioria foi para o Fluminense. Entre eles estavam os filhos de Coelho Netto que jogavam no infantil do Guanabara. Porém, antes de ir para o tricolor, ele fundaram um clube chamado de Curupaity, que tinha sede na casa do escritor, e só no ano seguinte eles se transferem para o Fluminense ajudando a fundar o infantil do clube. (Coelho Netto, 2002:41-42).

essa nova base, o clube formou um dos maiores times de sua história e retomou o controle do futebol carioca com a conquista dos campeonatos de 1917¹⁹⁶, 1918¹⁹⁷ e 1919¹⁹⁸. O Fluminense será tricampeão com uma equipe basicamente formada por jovens que representavam a imagem da distinção marcada pela elegância. Seriam eles alguns dos primeiros grandes ídolos¹⁹⁹ do clube e do esporte brasileiro, principalmente o *Keeper* Marcos Carneiro de Mendonça.

Nascido em Cataguases, Minas Gerais, em 1895, aos seis anos Marcos mudou-se para o Rio de Janeiro e aos dez anos foi acometido de febre amarela, o que quase o impediu de praticar esportes. De família abastada, levava uma vida de rapaz rico (Pereira, 1997). Como muitos de seu nível social, conheceu o futebol ainda menino, com apenas 10 anos, assistindo a uma partida entre times paulista e carioca²⁰⁰. Marcos ficou fascinado com aquele esporte que definiu como “*smart*, superior, elegante”²⁰¹. Começou a jogar futebol em 1907 ao acompanhar seu irmão nas partidas pelo Hadock Lobo. Foi, então, observando e aprendendo os segredos desse esporte, em especial a posição de *goal-keeper*²⁰².

Apesar da oposição da família que o proibiu de jogar futebol acreditando que pudesse fazer mal à saúde fragilizada pela febre amarela²⁰³, Marcos desrespeitou a decisão de seus pais e praticou o futebol escondido. Foi a fraqueza física associada à sua altura privilegiada de 1,85m que o levou à posição de goleiro.

¹⁹⁵ Em 1917, o clube possuía 8 quadros de futebol: 4 para adultos, 2 de juvenis e 2 de infantil, no total de 88 atletas. Relatório de trabalhos sociais do FFC para o ano de 1917.

¹⁹⁶ Time base campeão de 1917: Marcos, Vidal, Chico Netto, Lais, Oswaldo, Fortes, Mano, Zezé, Welfere, Machado e Moraes. Fez 18 jogos, com 14 vitórias, 2 empates e 2 derrotas, marcaram 58 gols pró e sofreram 20 (Coelho Netto, 2002:59-62).

¹⁹⁷ Time base campeão de 1918: Marcos, Vidal, Chico Netto, Lais, Oswaldo, Fortes, Mano, Zezé, Welfere, Machado e French. Fez 18 jogos, com 13 vitórias, 3 empates e 2 derrotas, marcaram 52 gols pró e sofreram 17. O jogador French era inglês e faleceu na epidemia de gripe espanhola. Nesse ano o campeonato ficou suspenso em virtude da gripe. (*Ibidem*). Nesse torneio o Fluminense perde por 1 x 0 do Vila Isabel em jogo realizado no Jardim Zoológico da cidade. *O Imparcial*, 30 de setembro de 1918, *A Vida Sportiva* n°. 15, 01 de dezembro de 1918.

¹⁹⁸ Time base campeão de 1919: Marcos, Vidal, Chico Netto (Otelo), Lais, Oswaldo, Fortes, Mano, Zezé, Welfere, Machado e Bachi. Fizeram 18 jogos, com 17 vitórias e apenas uma derrota, marcaram 68 gols pró e sofreram 19 (Coelho Netto, 2002:59-62).

¹⁹⁹ A idéia de ídolo no esporte está associada ao sucesso alcançado pelo esportista e o desejo do homem comum de ser um vencedor. O ídolo é uma representação de anseios e desejos em um universo competitivo, funcionando como um imaginário de ações da sociedade. Helal fala sobre o universo do esporte estar imerso em aspectos competitivos tornando o atleta em herói por causa do agonismo entre vitória e derrota. "O 'sucesso' de um atleta depende do 'fracasso' do seu oponente". Complementa ainda que esse componente ocorre no bojo do próprio espetáculo (Helal, 2001:135-148).

²⁰⁰ *O sport*, 21 de Junho de 1926 e Marcos carneiro de Mendonça, *Depoimento*. Museu da imagem e do som, Rio de Janeiro, 1967.

²⁰¹ *Ibidem*.

²⁰² Marcos de Mendonça, *Football recortes de jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos e *Depoimento*. Museu da imagem e do som, Rio de Janeiro, 1967.

²⁰³ Marcos Carneiro de Mendonça. Depoimento ao Museu da Imagem do Som do Rio de Janeiro, 1967.

Em 1910 ele já chamava a atenção no gol do Hadock Lobo ao brilhar em uma partida contra o Fluminense²⁰⁴. Marcos foi na verdade assistir ao jogo do irmão, entretanto, o goleiro do Hadock Lobo não chegava ao campo do Fluminense. Sem goleiro, seu irmão Luís convence o capitão do time a dar uma chance a Marcos. O imprevisto deu início à carreira do jovem goleiro de apenas 15 anos²⁰⁵. Embora o Hadock Lobo tenha perdido por 5 x 0, a atuação de Marcos chamou a atenção pela defesa de um pênalti entre outras boas defesas. Marcos não deixou mais o time, sendo destaque no restante do campeonato²⁰⁶.

No ano seguinte, Marcos transferiu-se para o América, um time mais forte no qual os irmãos Mendonça já eram sócios²⁰⁷. Não demorou muito e tornou-se o goleiro titular do time. O jovem descrito como “alto, forte e robusto” possuía “fantástica agilidade, indômita coragem e preciso golpe de vista”²⁰⁸. Ele se torna sensação nos campos, ganhando dos jornais o título de melhor *Goal Keeper* da cidade²⁰⁹. O jogador se mostrava aos olhos dos torcedores como um símbolo de elegância. Era uma elegância tão natural que chamava a atenção principalmente das moças²¹⁰. Seu sucesso o levou a ser convidado a defender uma seleção de jogadores cariocas contra um combinado inglês em 1911²¹¹.

Marcos terá um papel de destaque na campanha do América no título de 1913, entretanto, a crise política que levará à saída de sua família do clube²¹² quase o impediu

²⁰⁴ *Ibidem*

²⁰⁵ A partida foi realizada em 08 de Julho de 1910. Marcos de Mendonça, *Football recortes de jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

²⁰⁶ *Ibidem*

²⁰⁷ Em 1911 ocorre uma fusão entre o América e o Hadock Lobo. O nome América é mantido, mas a camisa preta do América é substituída pela vermelha do Hadock Lobo. A fusão fortalece a equipe do América com os irmãos Fábio e Marcos Mendonça, além de aumentar o prestígio político da família no clube. Sobre a fusão, ver Cunha e Valle, 1972:55-60.

²⁰⁸ *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 3, janeiro de 1928.

²⁰⁹ Marcos de Mendonça, *Football recortes de jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

²¹⁰ *Ibidem*.

²¹¹ *Ibidem*

²¹² Em meados de 1912, o América vinha negociando a vinda do selecionado chileno ao Brasil. Após o apoio de algumas organizações governamentais, o selecionado chegou ao Rio para uma série de jogos em setembro de 1913. Mesmo com o apoio do governo, o custo da viagem do selecionado chileno acusava um déficit de 2.792\$000 ao clube. O alto custo do empreendimento fez com que Alberto Carneiro de Mendonça, presidente do América, questionasse Belfort Duarte, então tesoureiro do clube. Na verdade, a relação entre os dois já estava desgastada há algum tempo, já que Belfort Duarte possuía uma autoridade no clube maior que a do presidente. Não concordando com a vinda do selecionado chileno e não encontrando respaldo no conselho, Alberto renunciou à presidência, entretanto, seu filho Luis Carneiro de Mendonça o convence a ficar no cargo até a escolha de um substituto, o que ocorre em 09 de setembro de 1913, quando o vice Joaquim Amarante é escolhido para completar o mandato. Este, no entanto, só aceita ficar no cargo até o fim da viagem do selecionado chileno. Em 15 de outubro de 1913 realizam-se novas eleições e vence Guilherme Medina, ligado ao grupo de Belfort Duarte. Os conflitos não cessam. O presidente eleito, tentando unificar os grupos, renuncia e propõe a criação de um conselho diretor

de disputar o jogo final do campeonato. Marcos chega a desfaltar o time na decisão contra o São Cristóvão, na qual o América perde por 1 x 0. Entretanto, a partida foi anulada e Marcos disputou o segundo jogo, garantindo o primeiro título do América na vitória por 1 x 0²¹³.

A revista *Foot-ball* fez uma crônica em 1914 intitulada “*Foot-ball* e o amor” em que consta a publicação de uma carta caída do bolso de uma “elegante senhorita *habituée* do campo da Rua Guanabara”. A carta em tom apaixonado saudava a elegância do goleiro²¹⁴.

Há de Biscuit um menino
Que a ninguém, jamais, se encoucha.
É o homem, e o belo, é o divino.
É o moço da fita roxa

Joga bem no gol o quindam
Muito bem, pois não é trouxa.
Saibam tal os que duvidam
Do moço da fita roxa

Quando a caráter trajado
Se o calção não cobre a coxa,
Fica todo encabulado
O moço da fita roxa²¹⁵

Marcos foi o símbolo perfeito dos *sportmen*, o jovem foi descrito em um poema da ainda adolescente Ana Amélia que o compara ao um Deus grego. A jovem acabou por conquistar o coração do goleiro tornando-se sua esposa por toda a vida.

Foi sob o céu azul, ao louro sol de maio,
Que um dia te encontrei, formoso como Apolo.
Marte fora modelo ao teu corpo de atleta.
Adónis te emprestara a pureza do traço

formado por ele, Joaquim Amarante e Alberto Carneiro de Mendonça, o que não resolve a crise. As diferenças eram muito profundas e as tentativas de pacificação fracassam. Uma nova eleição ratifica o poder de Belfort Duarte com nova vitória de Guilherme Medina. Isolado politicamente, só resta a Alberto e seu grupo deixarem o clube. Junto com eles saem quase 100 sócios, entre eles, Marcos e seus irmãos Luis e Fabio, além de outros atletas e membros da diretoria. Grande parte desse contingente vai para o Fluminense.

²¹³ A primeira partida realizada no dia 23 de novembro foi anulada porque o São Cristóvão escalou um jogador de forma irregular (*O Paiz*, 24 de novembro de 1913). A segunda partida realizou-se em 30 de novembro (*O Paiz*, 01 de dezembro de 1913).

²¹⁴ Marcos de Mendonça, *Football recortes de jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

²¹⁵ Esse poema segundo Marcos, teria levado Mario Filho a chamar o goleiro de fitinha roxa. *Ibidem*.

Tens o porte viril de um guerreiro de Atenas
Tens a nobreza e o ardor dos moços de outra idade
Dos atletas e heróis entrando nas arenas
Tens a bela estatura e altiva majestade

Que belo vencedor de algum torneio atlético
Que Pindaro cantou nos fortes epinícios,
Eu te encontrei de pé, com porte airoso e estético.
Que se formava então nos ágeis exercícios
Tal nos jogos florais e nos apolinares
Adestrava-se o corpo e a idéia do nobre heleno,
Tu tens a perfeição das formas musculares
E o espírito são, elevado e sereno²¹⁶.

Era uma época em que a relação entre os jogadores e os torcedores era direta, após os jogos, nas festas dentro do clube, a confraternização entre jogadores e torcedores se dava em clima de cordialidade.

Entrando em campo sempre com uma camisa de seda e uma fitinha roxa presa ao calção²¹⁷, Marcos construía sua imagem no zelo do uniforme e na postura elegante e educada, que lhe dava um porte aristocrático e fazia com que Ana Amélia o visse como um herói olímpico, um Deus grego. O goleiro chega a ser acusado de não pular em determinadas bolas para não sujar seu uniforme²¹⁸. Logo se torna símbolo dos *sportmen*, pois juntava “na sua imagem vitoriosa, à ênfase na técnica esportiva, a força do espírito esportivo nacional e a elegância indispensável aos adoradores do esporte Bretão no País”²¹⁹.

Ao se transferir em 1914 para o Fluminense, essa imagem se consolida com mais força: era a pessoa ideal no lugar perfeito, pois nunca um jogador e um clube se identificaram tanto. O goleiro e o Fluminense passavam a mesma imagem sofisticada, distinta e aristocratizada. O mais elegante clube de futebol tinha agora o mais técnico e elegante goleiro da cidade, um complementava o outro. Um herói perfeito para aqueles que torciam por ele e pelo Fluminense.

²¹⁶ *Ibidem*

²¹⁷ Em seu álbum de recortes, Marcos nega que fosse chamado de “Fitinha Roxa”, atribuindo essa história a uma invenção de Mario Filho e chega a mostrar uma foto de todo o time do Fluminense com a fitinha roxa. Marcos de Mendonça, *Football recortes de jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

²¹⁸ Na verdade, muitos jornais acusavam Marcos de ser fraco nas bolas rasteiras. “Admirável nas pegadas, magistral nas bolas altas, em que é beneficiado pela sua elevada estatura. Já não é o mesmo jogador nas bolas rasteiras, que sempre foram o seu lado fraco, e nesse momento lembro-me da recomendação de Belfort Duarte fazia a seus jogadores avantes de que quando jogassem contra Marcos chutassem sempre rasteiro, pois o resultado era sempre e com raras exceções satisfatório para o partido atacante”. (Ergus). *Época Sportiva*, 12 de abril de 1919.

²¹⁹ Pereira (1997:30).

Coube a Marcos ser o goleiro titular em uma partida envolvendo uma seleção formada pelos melhores jogadores do Brasil em um amistoso contra o time inglês do *Exceter City*²²⁰. A equipe inglesa excursionava pelo Brasil e se apresentou duas vezes no campo da Rua Guanabara antes de enfrentar o selecionado nacional: uma contra um combinado de jogadores ingleses e a outra contra um selecionado carioca²²¹. No dia 21 de julho de 1914, coube ao Fluminense receber em seu estádio o primeiro jogo da seleção brasileira, que venceu por 2 x 0. O jogo chamou a atenção e o campo recebeu lotação máxima. “Bem cedo não havia mais acomodações, estando as arquibancadas completamente repletas, muitos, por falta de lugar subiram ao teto do pavilhão, ficando também este completamente cheio”²²².

O jogo foi usado, por parte da imprensa, para valorizar o amadorismo frente ao profissionalismo dos ingleses, atestando a superioridade moral do primeiro sobre o segundo: ao perceberem a derrota, os profissionais ingleses teriam perdido a motivação e pararam de jogar e quatro deles chegaram a abandonar o campo²²³. Após o jogo, a torcida carregou os jogadores vitoriosos como prova do entusiasmo nacional causado pelo jogo²²⁴.

Aos poucos, Marcos vai se afirmando como o melhor goleiro nacional. Seu excelente senso de colocação permitiu que chegasse a afirmar que se estivesse bem colocado e a bola entrasse era porque o atacante chutou errado²²⁵. Seu estilo seguro lhe dava reconhecimento da crítica esportiva e do público. Mesmo o público que não fazia parte das elegantes arquibancadas do Fluminense admirava o goleiro. A vitória brasileira na Copa Roca confirmava isso. A recepção popular feita para Marcos e seus companheiros na volta da Argentina demonstrava que esses jogadores haviam se transformado em ídolos nacionais²²⁶.

Um outro jogador que simbolizava o Fluminense daqueles tempos era o inglês Welfere, que se não tinha a elegância de Marcos de Mendonça, possuía uma técnica e força que empolgavam os admiradores do *foot-ball*. Harry Welfere foi o maior ídolo do Fluminense junto com Marcos Carneiro de Mendonça durante as décadas de 1910 e

²²⁰ Marcos Carneiro de Mendonça, *Depoimento*. Museu da imagem e do som, Rio de Janeiro, 1967.

²²¹ O primeiro jogo foi em 18 de julho e o segundo em 19 de julho com duas vitórias dos ingleses por 3 x 0 e 5 x 3 respectivamente. *Correio da Manhã*, 20 de julho de 1914.

²²² *O Estado de São Paulo*, 22 de julho de 1914.

²²³ Entrevista de Sylvio Lagreca a *Gazeta Esportiva* em 1943. In. Hamilton (2001:157).

²²⁴ *A tribuna*, 22 de julho de 1914.

²²⁵ A frase teria sido dita após um jogo entre Flamengo e América em 1912. Marcos Carneiro de Mendonça, *Depoimento*. Museu da imagem e do som, Rio de Janeiro, 1967.

²²⁶ *O Imparcial*, 28 de setembro de 1914.

1920. Nascido em 28 de agosto de 1888, em Liverpool, Inglaterra, começou jogando futebol pelo Seffon Park School, logo sendo transferido para o Oulton Secondary School, da segunda divisão da liga amadora de Lancashire. Jogou em vários clubes da Inglaterra, destacando-se no Liverpool durante oito anos, ficando conhecido como “*Mad horse*” (Cavalo louco). O apelido fazia jus ao porte físico alto e robusto de Welfere e seu jeito vigoroso de jogar. Fora do futebol, ganhava a vida como professor (Hamilton, 2001:159) e foi exatamente uma proposta para lecionar no *Gynasio* Anglo-brasileiro, um internato para meninos no Rio de Janeiro, que fez Welfere desembarcar na cidade em 1913, recusando proposta do Liverpool de se profissionalizar.

A chegada no Fluminense não está muito clara. Em uma versão, a entrada de Welfere no clube foi proposta por um dos fundadores, Felix Frias, em uma reunião da diretoria em 08 de julho de 1913. Welfere, que só embarcou dez dias depois, chegou ao Rio de Janeiro em 31 de julho de 1913. Isso levanta uma suspeita que o clube já tinha feito um acordo financeiro com o jogador, o que nunca foi provado. Em outra versão, Welfere conheceu na escola em que trabalhava J. A. Quincy Taylor, professor de educação física e treinador do Fluminense e este teria levado o jogador para o clube, que remontava seu elenco abalado desde a saída dos jogadores para o Flamengo.

A estréia de Welfere no futebol do Rio de Janeiro foi por um combinado carioca contra o Corinthians da Inglaterra, em 21 de agosto de 1913, o mesmo que três anos antes havia excursionado por Rio e São Paulo causando sensação. O resultado foi 2 x 2 e Welfere marcou um gol. *O Jornal do Commercio* criticou o jogador inglês por ter o defeito de driblar demais, “não temos dúvida de que ele mesmo reconhecerá, como bom jogador que é, que o *dribbling* excessivo prejudica o jogo e só serve para gáudio dos espectadores”²²⁷. Sua estréia pelo Fluminense só se deu contra o Botafogo uma semana depois com uma derrota por 3 x 0.

Welfere destacou-se como um dos melhores jogadores do Rio de Janeiro: foi artilheiro no campeonato de 1914, tinha um bom drible e boa finta de corpo. Seu apelido era *Tank* devido à sua força física, que o ajudava a marcar gols colocando o goleiro e a bola para dentro.

Fora de campo, demonstrava as dificuldades de um jogador amador que tinha que dividir o seu tempo entre o trabalho e dedicação ao futebol. Diferentemente de seus companheiros, não vinha de família rica e o trabalho era sua fonte de sustento. Ele

²²⁷ *Jornal do Commercio*, 22 de agosto de 1913.

mesmo relembra a dificuldade de lecionar em uma escola no subúrbio e chegar ao Fluminense para os compromissos futebolísticos.

Meu colégio ficava na praia do Vidigal, na estrada da Gávea. Em dias de jogos, eu saía a uma hora da tarde, andava a pé, acelerado, até as três vendas, apanhava um bonde até o Largo dos Leões e ia de táxi até o clube. Terminado o jogo, voltava correndo ao colégio e passava uma fita de cinema para os alunos, às 7 horas. Era duro!²²⁸

Ao contrário de Marcos Carneiro de Mendonça, o comportamento de Welfere causava muita polêmica, pois havia rumores de que ele gostava de beber.

Nariz vírgula, vermelho e arrebitado, com físico possante parece um tanque ou touro, às vezes bruto é um *Center forward* de grande chute, o que não deve fazer é entrar em campo um tantinho sapecado pela aguazinha marca Elefante, que boi cheira e não bebe²²⁹.

Barriga era um torcedor que cuidava de Welfere. Figura marcante durante o tricampeonato, possuía esse apelido pela imensa barriga desenvolvida por excesso de álcool. Apesar disso, torcia pelo Fluminense sem falar palavrões, respeitando o seletor ambiente do clube. Seu grande ídolo era Welfere, chamado por ele de “Velfere”. Vivia carregando a maleta do jogador que diziam conter Whisky servido por Barriga ao inglês de maneira camuflada (Coelho Netto, 2002:312).

Mas o que causou mais preocupação foi o questionamento, seguido de investigação, feito pela Liga Metropolitana sobre a verdadeira condição de amador do jogador. A liga alegava que Welfere havia defendido o Liverpool como profissional. O clube imediatamente manda trazer documentos que comprovavam a situação de amador do jogador. A documentação não passava de uma carta redigida pelo secretário do Liverpool, F. C. George Patterson, endereçada ao Fluminense.

Mr. Harry Welfere sempre jogou para nós como amador. Antes de jogar para o nosso clube, ele jogou por diversos clubes locais, mas sempre como amador e, até onde sabemos, jamais foi um profissional. Creio que isto resolverá a questão²³⁰.

²²⁸ Depoimento de Welfere. In: Hamilton (2001:161)

²²⁹ *Vida Sportiva*, nº. 58, 28 de setembro de 1918.

²³⁰ Carta do secretário do Liverpool FC ao Fluminense 15 de julho de 1915. Arquivo FFC.

A carta não provava nada, mas era o suficiente para que o influente clube das Laranjeiras pudesse contar com seu jogador. Em setembro de 1915, a Liga endereçava uma carta ao clube pondo fim à questão²³¹. Mesmo assim, os boatos acompanharam o jogador até o fim de sua carreira. Em 1928, o Fluminense chega a publicar uma carta minuciosa que tentava comprovar por documentos da própria liga que Welfere nunca havia sido um atleta profissional nem na Inglaterra e muito menos no Fluminense²³².

Welfere passa a morar no Fluminense a partir de 1916. Mudando de emprego para facilitar a vida de atleta, deixou o Ginásio Anglo-brasileiro e foi para a firma Walter & Cia, passando posteriormente a trabalhar na P. S. Nicolson & CO, importadora britânica de aço e ferro (Hamilton, 2001:169).

Na campanha do tricampeonato, Welfere fez 48 gols em 40 jogos. Foi sempre um jogador controverso e sua origem e hábitos não se enquadravam muito no perfil fidalgo do time do Fluminense. Se Marcos era o preferido das elegantes arquibancadas, Welfere ganhava as gerais. Não sendo oriundo de família rica, como a maioria de seus companheiros, necessitava do trabalho para cobrir suas despesas, por isso as acusações de receber para jogar pesavam tanto. Quando jogava bem, era coroado de elogios, mas era só ter uma atuação discreta que a desconfiança começava e as acusações de ser profissional voltavam.

É sócio do Fluminense
Conhecido por inglês
E quando o seu time vence
Tudo foi ele que fez

Jogador de profissão
Só lhe chamam por descaso
Quando é forte sua ação
Que só falha por acaso

Quando joga em combinado
Puxando a linha de frente
É quase um Deus dourado

Tudo muda é diferente
Que o Welfere não empaque
Com toda essa incongruência
Imperador no ataque

²³¹ Carta da LMDT ao Fluminense 13 de setembro de 1915. Arquivo FFC.

²³² *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 7, maio de 1928.

Tem que ser e... paciência²³³.

Welfere acompanhou toda a fase de ouro do amadorismo tricolor, parando de jogar em 1924²³⁴. É preciso lembrar que a vida boêmia não era uma característica só de Welfere. Na lógica do amadorismo, jogar futebol era uma forma de prestígio social, de ser reconhecido e admirado nas festas e bailes promovidos pelos diversos eventos sociais. Apesar de toda a polêmica, Welfere possuía um respeito muito grande no Fluminense. Sua dedicação ao clube, mesmo com todas as dificuldades financeiras, reforçava a imagem de um verdadeiro amador que recusou propostas de profissionalizar-se em prol desse ideal. Enquadrando-se perfeitamente na denominação de *sportman*, praticou pelo clube, além do futebol, atletismo e lançamento de disco.

Welfere e Marcos Carneiro de Mendonça, mesmo com características diferentes, tornaram-se representantes de uma época em que o Fluminense dominava o futebol carioca, assumindo uma imagem cada vez mais distinta perante os outros clubes. Colocando em prática os princípios que associavam amadorismo e sofisticação, o clube sobressai sobre outros em virtude de uma organização pioneira que beneficiava os seus atletas.

Com as obras para construção do Estádio das Laranjeiras, o Fluminense alugou uma casa para descanso e dormida dos jogadores, o que possibilitava chegarem cedo ao clube para treinamento individual sob o comando de Mr. Taylor²³⁵. A comissão de *sport*, sentindo a necessidade de organizar de uma forma prática e produtiva os treinos de futebol, confeccionou uma tabela detalhada na qual foram determinadas os dias e as horas convenientes para treinamento, massagem e ginástica sueca²³⁶. Todo esse trabalho era registrado em diários, alguns escritos em inglês, que relatavam o dia a dia do futebol amador no Fluminense. Neles constavam a relação dos jogadores que treinavam, os que estavam no clube mas não treinavam, e os tipos de atividades que eram realizadas. O

²³³ Versos de Paulo Justo. *O Sportman* – “Harry Welfere – versus de pé quebrado a um jogador de pé firme” 06 de agosto de 1915.

²³⁴ Antes de para de jogar, Welfere foi nomeado subdiretor de futebol do clube em 1921, entretanto, nunca foi chamado para exercer a função de treinador. A chance apareceu em 1924, assim que parou, mas o clube contratou Charles Williams. Após parar com o futebol, continuou no clube jogando basquete até 1926, com 38 anos de idade. Surpreendentemente, abandonou o clube, transferindo-se para o Vasco da Gama, em uma época em que isso não acontecia, principalmente no caso de um atleta com a identificação que Welfere tinha com o Fluminense. A razão da mudança foi um posto de treinador remunerado oferecido pelo Vasco da Gama. A opção de Welfere demonstra o grande debate entre amadorismo e profissionalismo que marcou o futebol na década de 1920. Welfere fará uma longa e vitoriosa carreira de treinador no Vasco ficando no clube até 1944 (Hamilton, 2001:222).

²³⁵ Durante a construção do estádio o clube treinou e fez seus jogos no campo do Flamengo. Coluna “Surpresa” *Vida sportiva*, 07 de setembro de 1918.

²³⁶ Relatório de diretoria. *Jornal do Commercio*, 01 de fevereiro de 1918.

próprio Arnaldo Guinle treinava com os seus jogadores, embora chegasse em um luxuoso automóvel com motorista (Rodrigues Filho, 2003:105). Muitos jogadores moravam no clube, como Welfere. Mesmo quem não morava tinha o hábito de dormir no clube, pois a nova sede disponibilizava dormitórios para os sócios. Os horários dos treinos eram bem cedinho e duravam pouco. Havia treinos em dois períodos: pela manhã entre 6:30h e 7:00h, e à tarde, às 5:00h. Tais horários eram escolhidos para não atrapalhar aqueles que estudassem ou trabalhassem. Entretanto, os diários de *training* revelam que poucos jogadores acordavam cedo para os treinos individuais, mesmo aqueles que moravam no clube. Eram comuns os comentários de jogadores que dormiam no clube, mas não treinavam: Welfere e Francisco Netto (Chico Netto) estavam quase sempre entre estes.

Compareceram ao treino individual os seguintes jogadores: Mano, Fortes, Oswaldo, Baptista, Georges, Mineiro, José de Almeida, Jaime Sarmiento e Luis Eirés. Vidal, Welfere, Chico Netto, dormiram mais não treinaram²³⁷.

As instalações do Fluminense eram melhores que as dos outros clubes, entretanto, a lógica do amadorismo, em que o atleta treinava se quisesse, somada aos constantes eventos de que participavam, impedia uma preparação física mais intensa. Mas se pensarmos em termos gerais, o Fluminense levava vantagem sobre seus rivais por ter uma estrutura superior. Entretanto, quando o clube disputava algum jogo importante, os jogadores eram “convidados” por telegrama pelo próprio presidente do clube.

Foi enviado aos jogadores do primeiro quadro, pelo presidente, um telegrama especial, convidando-os a comparecer aos treinos individuais, em vista das responsabilidades que pesam sobre o campeão do Rio que deverá jogar contra os campeões de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais²³⁸.

Depois do treino individual, os jogadores realizavam um bate-bola. Aqueles que desejassem recebiam massagens. O clube era o único na cidade que tinha esse trabalho²³⁹. Nem todos os jogadores iam ao clube treinar. Marcos Carneiro de

²³⁷ Diário de *training*, 14 de março de 1919.

²³⁷ Diário de *training*, 14 de março de 1919.

²³⁸ Diário de *training*, 15 de março de 1920.

²³⁹ Informação confirmada pelos diários de *training* 1918 e 1919

Mendonça, por exemplo, treinava em casa²⁴⁰ e tinha seu próprio massagista particular. O clube se preocupava com os mínimos detalhes: até oferecer um chá para acalmar os jogadores antes das partidas. A lógica da distinção prevalecia sendo as vitórias do Fluminense atribuídas a fatores que extrapolavam a conduta técnica em campo. Na realidade, essa conduta seria fruto dos princípios de organização física e moral do clube e seus atletas, que eram diferenciadas dos outros clubes.

O campeonato do Fluminense é o campeonato do treino, é o campeonato da lealdade, é o campeonato dos bons princípios da moral das práticas esportivas; é o campeonato, enfim, da lisura aliada ao saber²⁴¹.

Além de Marcos e Welfere o clube possuía outros jogadores como Lais²⁴², Chico Neto²⁴³, Fortes²⁴⁴, Vidal²⁴⁵, Machado²⁴⁶, Bachi²⁴⁷, Zezé²⁴⁸ entre outros. A maior parte dos jogadores do Fluminense eram oriundos de famílias abastadas²⁴⁹, em sua maioria ou eram estudantes e vivam de mesada, ou possuíam boas colocações em empresas. Fortes, por exemplo, era sustentado pelo pai, que tentou arrumar-lhe um emprego em um banco, porém ele não se acostumou. Machado recebia presentes do tio Bandeira: recebia

²⁴⁰ Marcos de Mendonça, *Football recortes de jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

²⁴¹ *Jornal do Commercio*, 01 de fevereiro de 1918.

²⁴² Originário do Guanabara, atuou como médio direito, sendo tricampeão em 1917, 1918 e 1919 e campeão sulamericano em 1919 atuando ao lado de Oswaldo e Fortes. Foi campeão de Tênis e atuava como árbitro de futebol. *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 6, abril de 1928.

²⁴³ Francisco Neto era *Fullback* formando o triângulo da defesa do Fluminense junto com Marcos e Vidal, descrito como um jogador leal e roubador de bolas. Foi um dos dissidentes do América, chegando ao Fluminense em 1915 e atuando até 1922. Ficou afastado do clube por um período em virtude do falecimento de sua mulher em 1920. *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club* nº. 8, junho de 1928. Foi eleito o melhor jogador de 1918 pelos leitores da revista *Vida Sportiva*. *Vida Sportiva*, nº. 57, 21 de setembro de 1918.

²⁴⁴ Agostinho Fortes Filho jogava de médio esquerdo e atuou no clube até 1924. *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 9, julho de 1928.

²⁴⁵ Silvio Vidal Leite Ribeiro, filho de família de destaque na sociedade carioca, nasceu em Petrópolis entre as hortênsias. Zagueiro, atuou junto de Neto e Marcos. Após abandonar o futebol, tornou-se funcionário da Caixa Econômica. *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 11, setembro de 1928.

²⁴⁶ Ernesto Machado era um jogador de educação fina. Entrou no time na meia esquerda em 1918 com a morte do titular French de gripe espanhola. Parou de jogar em 1921, indo para a Alemanha complementar seus estudos. *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 12, outubro de 1928.

²⁴⁷ Cezar Bachi era ponta esquerda, descrito como ligeiro e com grande habilidade para se desmarcar, foi um dos destaques no jogo final do campeonato de 1919. *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 13, novembro/dezembro de 1928.

²⁴⁸ José Carlos Guimarães, “Zezé”. Originário do Guanabara, onde jogou após uma temporada de estudos na Europa, fez parte do Curupaity. Atuava na extrema direita e foi tricampeão. Praticava também o tênis pelo clube. *Vida Sportiva*, nº. 55, 07 de setembro de 1918 e Coelho Netto (2002:175).

²⁴⁹ Em São Paulo, durante uma excursão, Loureiro que, apesar de paulista estava atuando pelo Fluminense, se suicida. Loureiro era filho do Barão do Rio Tinto, pertencia às rodas esportivas de São Paulo e possuía respeitável fortuna conseguida através do comércio de exportação. *O Estado de São Paulo*, 12 de julho de 1916 e *Correio da Manhã*, 13 de julho de 1916.

20.000\$000 por cada gol marcado. Zezé era conhecido como “almofadinha”: não trabalhava e andava sempre bem vestido com gravata borboleta (Rodrigues Filho, 2003:105-106).

Aqueles que trabalhavam eram: Welfere e Oswaldo Gomes como professores; Mano era funcionário do tribunal de contas; Lais ajudante de corretagem; Chico Netto era farmacêutico e escrevente de cartório, recebendo um excelente ordenado de 700.000\$000; Vidal, conhecido como “o barão”, trabalhava na Caixa Econômica e Marcos Carneiro de Mendonça possuía dois empregos nas empresas da família: um na Usina Queirós²⁵⁰ e outro na CIA Locativa e Construtora (Idem: 106).

Oswaldo Gomes era um verdadeiro *sportman* e sua atuação não se limitava aos gramados. Ainda como jogador, exerceu diversos cargos no Fluminense. Fora do clube, foi figura proeminente no esporte, tendo sido presidente da AMEA e da CBD. No Fluminense, foi considerado um dos maiores ídolos do clube e único presente em todos os títulos entre 1906 e 1919²⁵¹. Os perfis sociais dos jogadores estão estritamente associados a suas origens familiares e ao nível de instrução, permitindo a formação das principais características que permitem o surgimento da distinção²⁵².

O prestígio do time era muito grande. Seus jogos eram verdadeiros eventos sociais.

A tarde esplendida e cheia de luz a de domingo.
A vasta e elegante praça de *sport* do querido Fluminense Football Club apresentava deslumbrante aspecto pela concorrência elegantíssima de lindos vultos de nosso *set* que se instalam naquele pitoresco local para assistir ao *match* Fluminense x América. Venceu o tricolor.
Em nossa retina ainda hoje permanece a obsessão luminosa de tantas silhuetas esplendentes, que espalhavam pelo campo do tricolor a alegria e a beleza²⁵³.

Em junho de 1918, o time vai a São Paulo disputar com o Paulistano a taça *Sodman*. O Paulistano era considerado invencível na paulicéia²⁵⁴. O jogo tinha um

²⁵⁰ Marcos de Mendonça, *Football recortes de jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos e Depoimento ao Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro, 1967.

²⁵¹ . *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 10, agosto de 1928.

²⁵² Para Bourdieu, em um mundo burguês, as características principais em que a distinção se manifesta são primeiramente o capital escolar e depois pela origem. As necessidades culturais e as práticas culturais estão estritamente associadas ao nível de instrução e secundariamente à origem social (Bourdieu, 2008a: 9).

²⁵³ *Vida Sportiva*, 25 de maio de 1918.

²⁵⁴ *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 2, dezembro de 1927.

aspecto de revanche, já que o Paulistano havia vencido no Rio de Janeiro a Taça Ioduran, derrotando o Fluminense por 3 x 2²⁵⁵, revelando a intensa rivalidade entre os dois estados. Os jornais, tanto do Rio como de São Paulo, anunciam o jogo como um tira-teima entre o campeão carioca e o campeão paulista²⁵⁶.

Após vencer o Santos por 6 x 1²⁵⁷, o Fluminense consegue vencer a equipe do Paulistano de virada por 3 x 1, com dois gols de Welfere e um de Mano²⁵⁸. Em seu retorno ao Rio, o clube é saudado como campeão brasileiro. Os jornais dedicam suas primeiras páginas à vitória do time carioca, na verdade, uma vitória do Rio de Janeiro sobre São Paulo, como demonstra a irônica poesia abaixo.

Era uma vez um paulista.
Forte, chibante de *escol*,
Que no Rio veio de crista
Num *match* de *foot-ball*

Paulista, Bicho de arromba
Logo que aqui desemboca,
Valentemente destromba,
O muque do carioca

Então, neurótico e ousado,
Mas sempre nobre e civil.
O paulista foi guindado
A campeão do Brasil!

Mil glórias o festejavam!
Por tarde, noite e manhã.
Até vivas lhe silvavam
As cobras do Butantã!

Mas um dia, a atroz gangorra.
De sorte virá e babau!
Chega o dia da desforra
O paulista vai para o pau

A vitória se pertence
Por direito de conquista
Desta vez o Fluminense

²⁵⁵ *O Paiz*, 11 de junho de 1918.

²⁵⁶ “O *match* de amanhã é para eles (Fluminense) uma prova de honra e na qual nutrem grandes esperanças de sair vencedores”. *O Imparcial*, 11 de junho de 1918. O Estado de São Paulo destaca a presença do grande Friedenrich no jogo. *O Estado de São Paulo*, 10 de junho de 1918.

²⁵⁷ *Correio paulistano*, 10 de junho de 1918.

²⁵⁸ O Fluminense atuou com: Marcos, Vidal, Netto, Lais, Oswaldo, Fortes, Mário, Zezé, Welfere, French e Machado. *O Paiz*, 11 de junho de 1918.

Mete ripa no Paulista

Olha o estadinho a pensar
Butantã e Tietê
Perdem o modo de andar
E nem bebem mais café!

E aqui se encrenca um bocado
O caso agudo e febril
Se o campeão derrotado
Era o “Campeão do Brasil”

Não lhes parece e convence
Que o vencedor (coisa preta!)
- O terrível Fluminense
Seja campeão do Planeta²⁵⁹.

Em seu retorno ao Rio, o clube é saudado como o “Glorioso, campeão do Brasil”²⁶⁰, demonstrando a superioridade do futebol carioca sobre o paulista²⁶¹. Marcos Carneiro de Mendonça é elogiado como um goleiro que influencia os outros, não existindo nem na Inglaterra um *keeper* como ele²⁶². As homenagens são muitas. O São Cristóvão oferece uma festa ao Fluminense pela vitória em São Paulo com a presença de dançarinas, cerveja, fogos, declamações e balões com as cores dos clubes²⁶³. Já o Jornal *O Imparcial* oferece uma taça ao Fluminense pela histórica vitória²⁶⁴.

Desfilando nos gramados um determinado ideal de homem, o Fluminense vai aos poucos tornado-se um exemplo para toda a nação, um exemplo de clube que pratica o esporte não só para o entretenimento, mas com a missão de ajudar a construir um novo tipo de homem calcado no vigor físico e moral, que ajudará a superar práticas estruturadas em um passado colonial.

Dentro do mesmo espírito, uma parte da intelectualidade brasileira impõe a si a tarefa de reescrever a História do Brasil como uma forma de construir uma identidade para a nação. Após as partidas, os jogadores do Fluminense se reuniam na casa de Coelho Netto para comemorar e cantar canções sobre o clube compostas por Ana Amélia e Luis Mendonça.

²⁵⁹ *O Paiz*, 21 de junho de 1918.

²⁶⁰ *Vida sportiva*, 06 de julho de 1918.

²⁶¹ *Vida sportiva*, 15 de junho de 1918.

²⁶² *Vida sportiva*, 22 de junho de 1918.

²⁶³ *Vida sportiva*, 29 de junho de 1918.

²⁶⁴ Publicada em *Vida sportiva*, 29 de junho de 1918.

Cantemos sempre vitória,
que não há de ser em vão,
pois no Rio de Janeiro
nosso time é campeão,
e os jogadores aqui estão (Rodrigues Filho, 2003:107).

Escritor mais lido do Brasil, torcedor fanático do Fluminense, Coelho Netto será uma figura proeminente dentro do clube, estabelecendo uma relação entre esporte e eugenia que reforçará a construção da imagem do Fluminense como o time da distinção.

2.3 - Um intelectual a serviço do Fluminense

Em seus estatutos aprovados em 1916, o clube chama a atenção para a necessidade de associar as atividades físicas ao desenvolvimento intelectual e moral do homem, sendo os exercícios físicos “uma necessidade tanto para o infante como para o adolescente”²⁶⁵. Entre os objetivos do clube estava o de construir um homem civilizado e saudável.

Seja-nos ainda permitido exortar os nossos sócios a pratica racional dos *sports*, ou, em outras palavras a utilização inteligente do aparelhamento *sportivo* que o clube se esforça em proporcionar-lhes indiscutivelmente, porque só ela logrará bem prepará-los para a luta pela vida, fazendo neles desabrochar uma alma forte e um corpo são²⁶⁶.

Os ideais expostos no estatuto estão em consonância com os princípios da distinção que conciliam “as virtudes corporais com as virtudes intelectuais” (Bourdieu, 2008a:206) defendidos por uma série de intelectuais que viam nas atividades físicas uma forma de desenvolvimento do cidadão, no espírito do “*mens sana in corpore sano*”. Esses intelectuais buscavam a criação de um novo tipo de homem baseado no revigoramento físico e moral. Entre esses, Coelho Netto terá sua vida e de sua família completamente interligada ao Fluminense, ajudando a fazer do clube um representante do ideal de nação idealizada pelo escritor.

²⁶⁵ Estatutos do FFC, 01 de outubro de 1916 – Arquivo FFC.

²⁶⁶ Estatutos do FFC, 01 de outubro de 1916 – Arquivo FFC.

Henrique Coelho Netto nasceu no município de Caxias²⁶⁷, no Estado do Maranhão, em 21 de fevereiro de 1864. Filho de Antônio da Fonseca Coelho, comerciante, e Ana Silvestre Coelho, que era índia, a família veio para o Rio em 1872, perseguida por problemas políticos no Maranhão. Coelho Netto estava com seis anos de idade.

Seu primeiro trabalho na imprensa foi no *Jornal do Commercio*, aos 17 anos, onde escrevia poesia. Posteriormente passou uma temporada em Campinas para cursar Direito²⁶⁸. De volta ao Rio, conhece José do Patrocínio, que o introduz no movimento abolicionista e republicano. A amizade com José do Patrocínio rendeu-lhe um emprego no jornal *Gazeta da Tarde*. A partir daí passa a escrever nos principais jornais da cidade, sendo um sucesso vertiginoso. Nesse período, Coelho Netto passa a conviver com grandes nomes do movimento abolicionista como Olavo Bilac, Raul Pompéia, Paula Nei e seu amigo José do Patrocínio. A chamada “Boemia literária” (Candido, 1998:35) se reunia nos cafés e confeitarias da Rua do Ouvidor, dos quais Coelho Netto era frequentador assíduo.

A Rua do Ouvidor era a principal rua do país. Nela reuniam-se os principais nomes das esferas cultural, política e econômica do Brasil: políticos, escritores, jornalistas, comerciantes, madames, junto com pessoas simples como operários, vendedores, ambulantes, prostitutas e vagabundos em uma interessante mistura social (Idem: 39). Nesse ambiente se discutia política, arte, economia e todas as questões que interessassem à sociedade carioca do fim do século XIX e início do XX.

Coelho Netto é herdeiro da geração de 1870, caracterizada pelo seu espírito científico e militante que acreditava no poder transformador das ideias científicas e da educação para se conquistar uma sociedade moderna civilizada baseada na evolução e no progresso. Para esse grupo, a sociedade seria transformada a partir da criação de leis pedagógicas que a regulariam. Essas leis seriam fruto de uma elite ilustrada e teriam o papel de reformadores sociais, tutelando e regulando a população (Idem: 89).

A atividade jornalística era sua principal fonte de renda, responsável pelo sustento de uma família com sete filhos. A família é um fator importante na vida de

²⁶⁷ Todos os dados biográficos aqui indicados são da biografia escrita por seu filho Paulo Coelho Netto (1942).

²⁶⁸ O curso não foi concluído em virtude de suas ideias abolicionistas. Coelho Netto tenta concluí-lo em Recife, mas ocorre o mesmo. Depois passou uma temporada em Campinas (1901-1904), atuando como professor de literatura no Ginásio de Campinas. Foi o pior período de sua vida intelectual. As lembranças da Rua do Ouvidor e do burburinho literário falaram mais alto em seu retorno ao Rio. Essa fase turbulenta não impediu que ele publicasse seu primeiro romance “A Capital Federal” em 1893. Coelho Netto (1942:23) e Candido (1998:32).

Coelho Netto. Maria Gabriela Brandão, a D. Gaby, era filha de Alberto Brandão, conhecido educador com boas relações com as elites fluminenses. Provavelmente o prestígio do sogro tenha sido responsável pela nomeação de Coelho Netto para diversos cargos públicos²⁶⁹.

Com uma melhor situação financeira, mudou-se para a Rua do Roso e sua casa tornou-se um verdadeiro salão literário, ponto de encontro de diversos intelectuais (Broca, 2004:62-65). Foi graças a esse prestígio que Coelho Netto recebeu o convite de candidatar-se à vaga de deputado federal pelo Estado do Maranhão, o que acabou acontecendo por duas legislaturas seguidas (1909 a 1918). Sua atuação como deputado se deu basicamente através de discursos voltados para a necessidade de fazer do Brasil uma nação civilizada. Para tal, propunha a criação de símbolos nacionais que representassem a defesa de valores ligados à disciplina e à eugenia²⁷⁰. Os mesmos princípios que regiam sua atuação no campo esportivo.

Coelho Netto refletia o pensamento de diversos segmentos urbanos identificados e preocupados em viabilizar as condições para a emergência de uma nova nação²⁷¹. Uma das questões centrais para estes segmentos era o debate sobre a identidade cultural e seu papel na transformação das condições de existência da população no Brasil. Atribuindo-se como portadores de uma missão patriótica e científica, buscavam através da educação higiênica, formular normas sobre lazer, educação e família que possibilitassem a construção de uma nação moderna, justa e pacífica.

A obra literária completa de Coelho Netto possui mais de 120 volumes publicados. Além disso, produziu mais de 3 mil contos, fábulas, palestras, conferências, discursos, mensagens, saudações, poesias, hinos esportivos e patrióticos. Isso tudo sem deixar de escrever diariamente na imprensa para diversos jornais. Fundou e dirigiu várias revistas como: *O meio – revista social, político, literário e artístico* (1889), *A política – revista combativa e ilustrada* (1918) e *Atlética – revista literária, artística esportiva*²⁷². Coelho Netto é apontado como um autor de moda que assume o estilo impessoal e anódino da *Belle Époque* (Sevcenko, 2003:131). Frequentando os salões burgueses e elegantes, desfrutava de um enorme prestígio social e político. Basicamente

²⁶⁹ Em 1890 foi nomeado secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 1891 diretor dos negócios de Estado, da Justiça e Legislação do Estado do Rio de Janeiro. (Candido, 1998:78-79).

²⁷⁰ Sobre atuação de Coelho Netto como deputado, ver Candido (1998:124-128).

²⁷¹ Entre eles o médico Afrânio Peixoto e o educador e sanitarista Belisário Penna.

²⁷² A revista foi editada entre 06 de fevereiro de 1920 a 20 de novembro de 1920, teve 41 números, sendo que Coelho Netto foi seu editor até o n°. 32.

escrevia sobre tudo, abordando qualquer tema desde culinária, moda, esporte e política. Entretanto, essa visão não é capaz de demonstrar a verdadeira dimensão de suas ideias.

Em toda a sua obra revela-se uma inquietação com a questão nacional. Para Coelho Netto, o conceito de nação precisava ser construído. Em sua concepção, o Brasil possuía um povo, mas não uma nacionalidade. Era preciso desvencilhar-se dos estrangeirismos que impediam o desenvolvimento de uma identidade nacional. Não se tratava de uma negação da cultura europeia. Sua estratégia consistia em construir uma série de símbolos nacionais que pudessem criar uma identificação afetiva com sua Pátria. Cada cidadão deveria desenvolver um sentimento de pertencimento a partir de um ideário nacional. Esse ideário nacional deveria ser elaborado por uma elite intelectual que permitisse que o Brasil se revelasse como uma nação civilizada (Candido, 1998: 88). Essas elites deveriam ser formadas por homens de larga cultura e preparo para criar o “ideal de cidadão brasileiro”. Dentro desse espírito, ele participou ativamente da “Liga de Defesa Nacional” fundada em 1916 por Olavo Bilac. Os objetivos da Liga seriam o aprimoramento da raça e da nacionalidade através do patriotismo, do civismo e do respeito, rompendo com os complexos de inferioridade racial, social e mental em relação à Europa, tida como civilizada, e com isso construir uma Pátria grande, forte e respeitada (Idem :104-106).

Patriotismo é o sentimento radical pelo qual o homem prende-se para todo o sempre a terra em que nasceu.

Civismo é a atitude moral, o procedimento honesto do verdadeiro patriota e consiste não só no cumprimento exato dos deveres que a lei impõe e a sociedade exige na cortesia recíproca entre homens, como também de prestigiar a Pátria no seu nome augusto e nos símbolos que a representam (Coelho Netto, 1921:11-12).

A nacionalidade seria construída a partir de três alicerces: a educação, voltada para os ensinamentos cívicos; a política, através de uma ação política que valorizasse os símbolos nacionais e a história e, por fim, o esporte, cuja principal qualidade seria a disciplina. É sobre essa última perspectiva que nos deteremos mais atentamente.

Coelho Netto é descrito como um homem baixo, franzino e míope (Coelho Netto, 1942:25). Com essas características físicas, ele seria o avesso do tipo físico que caracterizaria um esportista. Não se tem notícias de que ele tenha jogado futebol ou participado de uma competição de natação. Embora tenha sido na juventude um exímio

capoeirista e esgrimista, não foi através desses esportes que se tornou um dos maiores incentivadores e ideólogos da cultura física.

Foi com a literatura que Coelho Netto, com mais de 50 anos, torna-se um verdadeiro *sportman*, entregando-se à defesa dos esportes como forma de regenerar uma raça e construir o cidadão ideal. Em sua concepção, o Brasil deveria ser uma nação forte de homens robustos, porque só a força pode assegurar a paz.²⁷³ Através da valorização da cultura física e da higiene, seria possível a defesa do corpo contra doenças. Da soma desses forma-se o conceito de eugenia²⁷⁴, “a ciência do aperfeiçoamento físico e moral do homem” (Coelho Netto, 1921:69).

Parte da vida de Coelho Netto e de seus filhos se entrelaça com o Fluminense F.C. Praticamente vizinho do clube, torna-se sócio, em 1912, por incentivo de seus filhos Emmanuel e Georges.

Após perder vários de seus filhos por doenças na infância, Coelho Netto desistiu de mantê-los em ambientes fechados e resolveu expô-los a uma vida mais livre e dinâmica. Incentivando a prática da educação física, fez dos seus filhos grandes desportistas. Violeta já era, aos 10 anos, uma das maiores nadadoras de nado *crown* da cidade; Preguinho (João) foi um atleta múltiplo, sendo campeão em vários esportes, com destaque para a natação e o futebol; Georges e Paulo jogaram *water-polo* e Mano (Emmanuel) foi campeão sulamericano de futebol em 1919.

Desisti do aperreado sistema, tão mal sucedido de encerrar e abafar em lâ os pequeninhos, decidindo-me pela liberdade, que é natural. Abri as janelas ao sol e ao ar deixando as crianças soltas no jardim, brincando onde e como lhes parecesse. E medraram. À medida que se desenvolviam ia-as eu levando aos exercícios salutareis, começando por lança-las ao mar, o sangue verde. Ali trabalhavam todas, desde pequeninas trabalhando na areia, onde levantavam torres, logo desfeitas, correndo com a espuma, arrojando-se à onda. Um dia afoitamente, lá se foram a braçadas, ora à tona, ora em mergulho²⁷⁵.

Buscava fazer de sua própria família um exemplo para a sociedade, passando a imagem de uma família harmoniosa, feliz e saudável. Não perdia um jogo em que

²⁷³ Anotações do diário de Coelho Netto. In: Coelho Netto (1942: 43).

²⁷⁴ O termo eugenia foi criado por Francis Galton (1822-1911), que o definiu como o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente. Galton publicou, em 1865, um livro "Hereditary Talent and Genius" onde defende a idéia de que a inteligência é predominantemente herdada e não fruto da ação ambiental. Parte destas conclusões ele obteve estudando 177 biografias, muitas de sua própria família. José Roberto Goldim (1998). *Eugenia*. UFRGS www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.. última visita em 28 de agosto de 2009.

²⁷⁵ Anotações do diário de Coelho Netto. In: Coelho Netto (1942:43).

atuasse seus filhos, chegando a assistir a quatro partidas em um mesmo dia. Trajava-se para os eventos quase sempre da mesma forma: terno branco, bengala e chapéu de palha. Coelho Netto tinha a preocupação de anotar em seu diário os momentos de seus filhos nas competições esportivas, como fez em 24 de abril de 1921, quando todos eles se destacaram em diversas modalidades.

Pela manhã, Violeta nadou na prova experimental (200 metros) batendo brilhantemente quatro nadadores adultos. Na piscina do Fluminense, à tarde: João venceu, sob delirantes aplausos, o campeonato de natação do clube, na distância de 600 metros. Violeta venceu a prova de 30 metros e Georges e Paulo venceram a prova de estafetas. João obteve, ainda vitória na prova “salvamento de um afogado”²⁷⁶.

Amante de vários esportes “tomou-se de encantos pelo jogo inglês e vive a falar, por dá aquela palha, em *backs, forward, goals, teams e scratch*”²⁷⁷. Preferia os esportes com contato direto com a natureza, praticados em espaços abertos, por isso defendia o futebol por ser um esporte praticado a céu aberto, fonte de energia e regeneração da raça brasileira, deixando para trás nossa herança colonial. O futebol colocava os interesses pessoais abaixo dos interesses coletivos, elemento fundamental de construção de uma nova nação e, finalmente, ele controla os impulsos “naturais”, adestrando o homem através da disciplina, valores cívicos e morais.

Contrário ao profissionalismo, via os jogadores que atuavam por dinheiro como “mercenários, que não se aliam aos clubes por amor ao seu pavilhão, senão pelo interesse que deles possam auferir”²⁷⁸. O clube para ele deve ser como uma pequena Pátria onde o atleta “se dedique e se sacrifique com coração livre de outro qualquer interesse que não seja o da glória”²⁷⁹.

Em suas incontáveis palestras, discursos e conferências feitas em favor do esporte, buscou inspiração na antiguidade clássica. Enamorando-se do espírito grego como berço da civilização e da sabedoria, enaltecendo os heróis do Olimpo, associava a cultura à eugenia, ensinando que o espírito e o corpo devem crescer juntos em harmonia para que se realize a simbiose do saber e da força física, no equilíbrio orgânico

²⁷⁶ *Ibidem* (1942:44).

²⁷⁷ Texto de Gustavo Barroso reproduzido in: Coelho Netto (1942:45).

²⁷⁸ “O Profissionalismo” artigo publicado na revista *A política* dirigida por Coelho Netto em setembro de 1918, foi assinado por Alcides e reproduzido em *Vida Sportiva*, nº. 58, 28 de setembro de 1918.

²⁷⁹ *Ibidem*

necessário para a formação de uma espécie humana perfeita²⁸⁰. O periódico *Vida sportiva* referia-se a ele como “um intermediário entre as letras e o *sport*. Cultiva as letras ao lado do *sport*, cultiva o *sport* dando letra”²⁸¹.

Em 1915 terminam as reformas da sede social e o Fluminense organiza um luxuoso baile no ringue de patinação. Nesse baile é ouvido pela primeira vez o Hino composto por Coelho Netto para o clube. Na verdade ele só compõe a letra, a música é uma versão de uma canção inglesa chamada “*It’s a long, long way to tipperary*” de H. Williams, muito executada no Rio de Janeiro durante a Primeira Guerra pelos marinheiros ingleses ancorados na Baía de Guanabara. No hino, o clube é comparado Ppátria: uma instituição ideal e um instrumento de regeneração social.

O Fluminense é um crisol
Onde apuramos a energia
Ao pleno ar, ao claro sol.
Lutando em justas de alegria
O nosso esforço se consagra
Em torno do ideal viril
De avigorar a nova raça
Do nosso Brasil!

Corrige o corpo como o artista
Vida imprime à estátua augusta
Faz da argila uma robusta
Peça de aço onde a alma assista
Na arena como na vida
Do forte é sempre a vitória
Do estádio foi a Grécia acometida
Irrompeu para a glória!

Ninguém no *club* se pertence:
A glória aqui não é pessoal:
Quem vence em campo é o Fluminense
Que é, como a Pátria, um ser ideal.
Assim nas justas se congraça
Em torno de um ideal viril
A gente moça, a nova raça.
Do nosso Brasil!

Adestra a força e doma o impulso.
Triunfa, mas sem alarde,
O herói é bravo mas galhardo
Tão forte d’alma que de pulso.

²⁸⁰ Anotações do diário de Coelho Netto. In: Coelho Netto (1942:47-48).

²⁸¹ *Vida Sportiva*, 16 de março de 1918.

A força esplende em saúde
E abre o peito a bondade.
A força é a expressão viva da virtude
E garbo da mocidade!²⁸²

Pelo hino, o Fluminense é um catalisador de energia e alegria, permitido em esportes a céu aberto, que com o esforço físico da prática desportiva contribui para o aprimoramento da raça brasileira, não só no aspecto físico, mas também moral. O clube é de todos, as glórias são de todos, o Fluminense é como a Pátria: um ser ideal, um exemplo a ser seguido. A função do clube, descrita como heróica e galharda, é a de domar os impulsos individuais em nome do coletivo, emanando com isso força, saúde, bondade, garbo, virtude e jovialidade. Os atletas são artistas maravilhosos, verdadeiros deuses gregos²⁸³.

Ao assistir jogos do Fluminense com mais de 30 mil pessoas, faz uma relação entre o futebol, uma espécie de festa agonística, e as olimpíadas helênicas, verdadeiros certames pela paz, um combate harmonioso capaz de unir a todos em um ideal de revigoração cívico. Um esporte civilizatório:

Acudindo ao reclamo deixam os seus lares sorrindo e ei-los em marcha, ao som de hinos para combate harmonioso, cujo prêmio é uma taça e de prata.
E assim, pouco a pouco, ir-se-ão estreitando os laços de amizade, travando-se a indissociável aliança não superficialmente, pelo contato das folhas, mas pelo convívio das próprias raízes. Esses sim são os embaixadores do povo, que trazem entusiasmo. Essa centelha que se transmite de alma, fazendo-as vibrar alegres, explodir em aclamações (Coelho Netto, 1922:77-78).

Em discurso proferido no Jornal *O Imparcial* por ocasião da entrega de uma taça ao Fluminense pela conquista do campeonato de futebol de 1918, ele afirma:

²⁸² Candido (1998:113) e Arquivos do FFC

²⁸³ Esse hino não durou muito. O novo hino, oficializado em 1916, possuía uma letra claramente influenciada pelo clima da primeira guerra mundial (1914-1918). Com um forte caráter bélico, relacionava as vitórias do clube a batalhas: “Companheiros e luta e de glória/ Na peleja incruenta e de paz/ Disputamos no campo da vitória/ Do mais forte, mais destro e sagaz! / Nossas lições de atletas são mansos/ Como querem os tempos de agora/ Ressuscitam heróicas lembranças/ Dos Olímpicos jogos de outrora/ Não nos cega o furor da Batalha/ Nem nos fere o rival, si é mais forte! / Nossas bolas – são nossas metralhas/ Um bom gol – nosso tiro de morte! / Fluminense Avante, no combate!/ Nosso nome cubramos de glória!/ Já se ouve tocar a rebote!/ Disputemos no campo a vitória. Programa da festa comemorativa ao aniversário do Fluminense, 21 de Julho de 1916 – Arquivo FFC.

Os onze do Fluminense não levam orgulhosamente como um troféu de vitória, mas como uma urna em que lançam, para o sufrágio da glória do nosso Brasil, os seus nomes puros com a promessa de que irão por eles onde quer que a pátria os invoque, pôr a prova, em luta de vida e morte, o que adquiriram nos exercícios em seu campo: a robustez, a saúde, a disciplina, a solidariedade, a coragem e o amor ao pavilhão do *club*²⁸⁴.

Em outro trecho do discurso, afirma ser o clube uma “folha da árvore cuja fronde é a bandeira nacional”²⁸⁵. Os jogadores campeões pelo Fluminense seriam verdadeiros heróis nacionais que honravam os símbolos do clube (uniformes, bandeira, escudo, hino) como se estivessem honrando os símbolos nacionais. O segredo para as vitórias do Fluminense estava no “pensamento moral que seria a união sadia e disciplinadora, acompanhada de uma vontade de vencer”²⁸⁶. O clube era visto como uma miniatura da própria nação. Seus jogadores seriam missionários de uma causa nobre, pois acima da vitória esportiva estava a missão de divulgar os princípios da disciplina e da solidariedade como um exemplo a toda a nação (Pereira, 2000:212). Para Coelho Netto, o futebol assumia um papel educador capaz de gerar harmonia e solidariedade entre os homens, controlando seus impulsos e moldando seus corpos e mentes em busca de uma nação ideal. Através do esporte obtém-se uma imagem completa e global da sociedade ideal. O esporte fala ao homem de seu passado, mostra como deve ser o seu presente e lhe propõe modelos para se chegar à vitória final no jogo em que está comprometido (Costa, 2005:26).

Vendo no clube uma escola de preparação de indivíduos de boa índole, Coelho Netto dá atenção especial para a seção de escotismo do Fluminense que ele ajudou a criar em 1916²⁸⁷. Para o autor, o escotismo é uma instituição de energia baseada na força da inteligência governada pela disciplina.

O escoteiro, assim como robustece nos exercícios ao ar livre, apura os sentidos, desenvolve as faculdades e aprimora os sentimentos, torna-se sociável.

De tal escola saem os infantes que serão os homens de amanhã, seres de tempera viril, tão úteis na paz pelo que aprenderam brincando, como seres bravos na guerra pela resistência que

²⁸⁴ *O Imparcial*, 10 de julho de 1918.

²⁸⁵ *O Imparcial*, 10 de julho de 1918.

²⁸⁶ *Athletica*, 27 de março de 1920.

²⁸⁷ A seção de escotismo foi criada em 1916, mas só começa a funcionar em 1920 sob a direção do capitão Paes Brasil, em 1921. Coelho Netto (2002: 84) e *Vida Sportiva*, nº. 126, 24 de janeiro de 1920.

adquiriram no corpo, com os exercícios, na alma com a perseverança na disciplina, que é a cadência da ordem. (Coelho Netto, 1921: 107-109)

Patrocinado pela família Guinle²⁸⁸, o número de escoteiros participantes era bastante significativo, chegando a ter 266 crianças inscritas em 1922 e 391 em 1925 (Coelho Netto, 2002:84). Os escoteiros recebiam instrução militar, aulas de educação física, boxe, ginástica e natação, assistiam a palestras sobre códigos e compromisso patriótico. Compareciam a solenidades cívicas, faziam cursos de primeiro socorros, estudavam mapas, ajudavam em competições de atletismo como mensageiros, visitavam pontos históricos da cidade, ajudavam nas festividades do clube angariando brinquedos para o natal da criança pobre. Entusiasmado com a prática do escotismo, Coelho Netto prestigiava pessoalmente as solenidades desse grupo, proferindo discursos em cerimônias de juramento à bandeira, além de escrever a introdução do livro do escoteiro de Olavo Bilac em 1922.

Aprendam a conhecer praticamente as plantas, as árvores: os animais; a correr, a nadar, a construir jangadas e choupanas; a seguir uma trilha, a orientar-se pelas estrelas e pelo sol; a socorrer os feridos, a apagar incêndios; aprendem em fim, a resolver inúmeros problemas, que indubitavelmente, conduzem ao aperfeiçoamento de sua educação moral, física e cívica²⁸⁹.

Para Coelho Netto, o escotismo servia para preencher a lacuna deixada pela educação moderna, mais preocupada em desenvolver os valores da intelectualidade, deixando de lado o desenvolvimento do caráter, a energia e a disciplina. Era uma escola para a construção do novo cidadão idealizado pelo escritor (Coelho Netto, 1921:106).

Entre as diversas funções que assumiu no Fluminense estavam a de presidir as reuniões que tratavam da construção do novo estádio e a de participar do conselho deliberativo, chegando, em 1921, a assumir o cargo de diretor de artes.

Além disso, era quase o orador oficial do Fluminense em cerimônias e festas realizadas pela instituição. Foi ele que fez o discurso de abertura do torneio sulamericano de 1919²⁹⁰.

Fora do Fluminense, foi representante da Associação Paulista de Sports Atléticos (APEA), negociando a paz entre a associação paulista e a CBD. Tudo começou quando

²⁸⁸ Guilhermina Guinle foi a benfeitora escotismo tricolor (Coelho Netto, 2002:84).

²⁸⁹ Livro do escoteiro In: Coelho Netto (2002: 84).

²⁹⁰ *Época Sportiva*, 10 de maio de 1919.

três jogadores paulistas, Friedenreich, Amílcar e Neto, convocados para defender a seleção brasileira no campeonato sulamericano que seria realizado em 1918, receberam uma ajuda de custo da CBD para suas despesas no Rio de Janeiro. Com a epidemia de gripe espanhola que se espalhou pela cidade, o campeonato foi transferido para o ano seguinte. A CBD decidiu então exigir a devolução da ajuda de custo dos jogadores. Estes, alegando já ter gasto o dinheiro com os preparativos da viagem, recusaram-se a devolvê-lo. A CBD resolveu punir os jogadores, enquanto a APEA os defendeu. Alimentada pela velha *rixa* entre Rio e São Paulo, a CBD, apoiada pelos cariocas, eliminou a APEA das competições, privando o Brasil dos jogadores paulistas. Com a aproximação dos jogos sulamericanos e a necessidade de contar com os jogadores paulistas, a APEA solicitou a Coelho Netto que fosse seu representante junto às negociações com a CBD²⁹¹. Sua reputação e prestígio foram usados para a pacificar o futebol através de apelos à unidade nacional: “é necessário que todos pensem com um só cérebro e sintam como um só coração”²⁹². Sua atuação acabou sendo eficaz, permitindo a participação do selecionado brasileiro no campeonato com seus melhores jogadores²⁹³. Entre as muitas homenagens recebidas pela sua interferência estava a de “amigo do esporte”, cedida pela revista *Vida sportiva*²⁹⁴.

No campo literário, entre as diversas revistas que editou está a revista *Athletica*, criada em 1920, especializada em esportes, que pregava a defesa da eugenia e as vantagens morais e cívicas da prática desportiva. Sua função como diretor era a de decidir os temas tratados na revista.

A revista tinha como objetivo promover o desenvolvimento dos esportes como parte do desenvolvimento do cidadão²⁹⁵. Transcendendo o físico e o corporal, buscava o revigoramento moral, lapidando o indivíduo de boa índole, virtuoso, para tornar-se “um modelo de cidadão”.

Não queremos apenas o atleta de possança monstruosa que ridiculamente, se ufana da força bruta, á laia dos Hercules de feira, exibindo ao pasmo das multidões basbaques o bíceps ampolado e lançando vozes de desafio com engodo vil de apostas. Queremos sim, o mancebo enérgico e sadio, rijo de

²⁹¹ *O Imparcial*, 26 de março de 1919.

²⁹² Discurso de Coelho Netto para selar a paz entre a APEA e a CBD. Coelho Netto (2002:69)

²⁹³ *Ibidem* e *Época Sportiva*, 05 de abril de 1919.

²⁹⁴ *Vida Sportiva*, nº. 103, 26 de julho de 1919.

²⁹⁵ Os principais esportes abordados pela revista eram o *waterpolo*, tiro, tênis, boxe, natação, automobilismo, hipismo e futebol.

corpo e de alma, que, assim como, subjuguem um antagonista arrogante, redima da humilhação e acolha à sua sombra generosa um fraco, ampare e guie um ancião, defenda uma criança, dê prestígio à virtude de uma mulher e, tendo sempre vivo, como uma fé acesa no coração, o amor da pátria, corra a um certame de idéias com o mesmo garbo com que surge na arena dos combatentes²⁹⁶.

No primeiro número da revista, é publicada uma palestra do Dr. Fernando de Azevedo, membro da Sociedade Eugênica de São Paulo, sobre os benefícios da eugenia associada ao atletismo para a saúde mental dos povos. A defesa da eugenia será uma constante em todo o tempo de circulação da revista. Para Coelho Netto, a concepção de uma vida esportiva estava diretamente ligada à eugenia, “a ciência do aperfeiçoamento do homem”²⁹⁷. Seu papel era fortalecer o corpo evitando qualquer enfermidade: “um corpo enfermo inibe a integridade, torna a memória fraca e faz do homem um parasita, sem energia e utilidade para o corpo social” (Candido, 1998:115).

Não vim propugnar a força, mas também e principalmente pregar a eugenia, fazer a propaganda necessária da cultura integral do homem. Para que nele se realize, com glória para o Brasil, força e beleza para os seus filhos, o ideal estético das raças: “mens sana in corpore sano”²⁹⁸.

A revista não trata só de esportes, mas aborda temas ligados a literatura e teatro, publicando poemas e romances. Associando as práticas desportivas ao conhecimento de outras áreas, faz com que o esporte seja elevado a uma categoria de maior importância. O esporte é uma forma de se alcançar objetivos maiores, criticando aqueles que acreditam que a prática esportiva está dissociada do intelecto²⁹⁹.

Durante os dez meses de circulação, a revista procurava associar, através de fotografias e textos, as práticas desportivas com beleza estética, saúde, felicidade, bem estar e harmonia. Suas ideias articulavam questões de saúde e de educação às políticas governamentais. Em nome de um projeto racional, científico e educativo, a revista justificava iniciativas higienizadoras: saneamento dos corpos, cidades e instituições.

²⁹⁶ *Athletica*, 06 de fevereiro de 1920.

²⁹⁷ NETTO, Henrique Coelho, Introdução. In: BILAC, Olavo. Livro do escoteiro, 1922 (Coelho Netto, 2002:64)

²⁹⁸ *Athletica*, 06 de fevereiro de 1920.

²⁹⁹ Sobre o debate acerca dos intelectuais sobre as vantagens e desvantagens da prática esportiva ver: Pereira (2000: 204-229).

Ao contrário de muitos *sportmen*, via na popularização do futebol um grande aliado no “processo de melhoria da raça brasileira”³⁰⁰, disciplinando e controlando os indivíduos para que estes não se entregassem a vícios e outras formas de degeneração físicas e morais. Além desses atributos, os esportes em geral, e especialmente o futebol, seriam um canal emocional-afetivo de construção de um sólido sentimento nacional em virtude da paixão que suscita uma espécie de espaço perfeito para a construção da nação ideal.

Se aproveitássemos todas as idéias que ambiciosamente recolhemos, cultivando-as na prática com inteligência, método e tenacidade, seríamos não a primeira potência da América do Sul, mas o tipo local de uma nação perfeita: a mais forte, a mais rica, a mais culta e polida, [...] e de melhor governo, a mais bela e sadia, a mais confortável nação por excelência, como ainda não passou no sonho do mais cerebrino esportista³⁰¹.

Sua atuação em favor da atividade esportiva levou a receber diversas homenagens. Foi sócio e membro honorário de diversos clubes, como o Clube de Regatas Guanabara, Clube de Natação e Regatas, Clube de Regatas Vasco da Gama, *Club* Internacional de Regatas, Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, Clube de Buenos Aires, Palestra Itália Foot-ball Club de São Paulo. Nestes e em outros clubes era tratado como “expoente máximo de nossa cultura esportiva”, “maior conquista do Foot-Ball brasileiro”³⁰², constantemente requisitado para participar de eventos em clubes de todas as origens sociais, chegando a ser criado um clube com o seu nome “Coelho Netto A C”.³⁰³ Dificilmente ele recusava a oportunidade de discursar em prol do esporte. Com tantas homenagens, o escritor tornava-se uma referência para aqueles que defendiam o esporte como forma de regeneração social “preparando as gerações futuras sadias e viris” em lugar de uma “raça enfezada dos pigmeus”³⁰⁴.

Na inauguração da piscina do Fluminense, fez um discurso de apologia à mitologia grega, citando Hercules, Aquiles, Vênus e Ártemis³⁰⁵. Em outro momento compara a piscina do clube com Atlântida³⁰⁶. “Seja esta piscina o crisol em que se

³⁰⁰ *Athletica* 05 de junho de 1920, artigo intitulado “*males incuráveis*”.

³⁰¹ *Athletica* 13 de fevereiro de 1920.

³⁰² Discurso proferido por Fellipe Felix Fernando, Coelho Netto e o futebol *Época Sportiva* ano 1 n. 3, 19 de abril de 1919.

³⁰³ *O Paiz*, 03 de fevereiro de 1920.

³⁰⁴ *Época Sportiva*, ano 1 nº 1, 05 de abril de 1919.

³⁰⁵ *A Noite*, 29 de janeiro de 1919.

³⁰⁶ *A Noite*, 29 de janeiro de 1919.

purifique a raça, o batistério da geração dos atlantes, que hão de levar aos homens, e gloriosamente, para a glória, a nossa querida Pátria”³⁰⁷.

Apesar da participação em tantos clubes, sua verdadeira paixão foi o Fluminense, onde se tornou sócio Benemérito. O Fluminense era capaz de levá-lo a abandonar seu ar austero e severo, cometendo desatinos comuns ao mais simples torcedor, como promover a primeira invasão de campo que se tem notícia.

A coisa aconteceu no Fla-Flu do retorno do campeonato carioca de 1916. Com o jogo empatado em 2 gols, o juiz marcou um pênalti contra o Fluminense. Sidney, do Flamengo, bateu e chutou para fora. O juiz, então, mandou repetir a cobrança, ao que o goleiro Marcos abandona o seu posto e junto com seus companheiros começa a protestar. O pênalti foi novamente cobrado por Rinner e convertido debaixo de vaías e protestos dos jogadores do Fluminense, só acalmados pela intervenção do capitão do time, Afonso de Castro. Para dar nova saída, o juiz resolveu esperar o fim das vaías, ficando o jogo parado. As vaías não pararam e foram seguidas de uma invasão do campo³⁰⁸. Coelho Netto estava sentado ao lado do chefe de polícia Ataliba Correa Dutra e, indignado com a decisão do árbitro, iniciou a invasão. O deputado e o chefe de polícia agitavam no ar suas bengalas de junco, o juiz correu e a torcida tomou conta do campo³⁰⁹.

Até mesmo suas atividades profissionais ficavam em segundo plano quando se tratava do Fluminense. Em um domingo, realizava-se nas Laranjeiras o tradicional Flamengo x Fluminense vencido pelo tricolor. Coelho Netto tinha naquela noite uma conferência onde estariam presentes as mais altas autoridades da república. Chegando em casa, exultante com a vitória, mergulhou em sua mesa para escrever o discurso. Neste momento chega um velho amigo, também Fluminense, com um grande embrulho de fogos. O escritor deixou a conferência de lado e naquela noite falaria de improviso, pondo-se a organizar o espetáculo pirotécnico da vitória tricolor (Coelho Netto, 1942:40).

O apoio a tantos clubes se dava pela esperança que o exemplo do Fluminense se frutificasse por todos os clubes da cidade. Durante sua passagem como diretor artístico

³⁰⁷ NETTO, Henrique Coelho, discurso sobre a inauguração da piscina do Fluminense. *A Noite*, 29 de janeiro de 1929.

³⁰⁸ *O Imparcial*, 23 de outubro de 1916.

³⁰⁹ *A Tribuna da Imprensa*, 29 de Julho de 1955 e NETTO (1964:12 e 13). Os jornais da época não citaram o nome de Coelho de Netto, o diário *A Noite* limita-se a dizer que houve troca de murros e bengaladas. Os outros lamentam o incidente culpando o juiz. *O Correio da Manhã* calculou em 500 o número de invasores do campo. *O Correio da Manhã*, 23 de outubro de 1916, *A Noite*, 22 e 23 de outubro de 1916 e *Jornal do Commercio*, 23 de outubro de 1916.

do clube, iniciou os vesperais de arte com a presença da nata literária da época, além de idealizar o teatro do Fluminense³¹⁰. Sua casa era uma extensão do clube, sendo frequentada por vários tricolores. Foi em sua sala de jantar que nasceu o Curupaity, um clube de futebol feito pelos seus filhos, que será incorporado ao Fluminense em 1916, ao inaugurar sua seção infantil de futebol.

Nem sempre os esportes e a literatura deram alegria a Coelho Netto. O ano de 1922 foi marcante na vida do escritor tanto no aspecto profissional como no pessoal. Durante a realização da Semana de Arte Moderna, ele será bastante criticado por seu estilo literário considerado ultrapassado. As críticas aumentaram mais ainda quando se tornou, em 1926, presidente da Academia Brasileira de Letras, “considerada uma instituição caduca incapaz de dar novos rumos a literatura nacional” (Candido, 1998: 190). Mas pior do que as críticas foi a morte de seu filho mais velho Emmanuel Coelho Netto, o “Mano”, consagrado tricampeão pelo Fluminense e campeão sulamericano de 1919, após um acidente na partida de futebol entre o Fluminense e o São Cristóvão, com apenas 24 anos³¹¹.

O cortejo fúnebre de Mano até o cemitério São João Batista foi acompanhado por cerca de 500 sócios em mais de 200 automóveis. Estavam presentes membros das diretorias do Fluminense, América, Guanabara e Botafogo. Os escoteiros do Fluminense cobriram o caixão com a bandeira do clube³¹². No jogo entre Brasil e Uruguai, pelo sulamericano de 1922, os jogadores atuaram de luto³¹³.

Coelho Netto lança um melancólico livro, todo dedicado à memória de Mano. Em um dos poemas narra seu velório ocorrido ao mesmo tempo em que o Brasil jogava uma partida pelo sulamericano no vizinho estádio das Laranjeiras, onde seu filho tinha vivido seus dias de glórias.

Quando o levaram de mim o estádio começava a encher-se para
um dos mais renhidos jogos do campeonato sul americano
Ao alto da muralha da mole atlética, trapejada bandeiras e
flâmulas que espenavam ao vento, borrifadas de chuva,
apareciam os primeiros vultos.
O movimento das duas ruas que se cruzam [...] em contraste
irônico, o burburinho álaire da multidão desensofrida que

³¹⁰ O teatro do clube só foi inaugurado em 16 de abril de 1941 (Coelho Netto, 1958:XCIX).

³¹¹ Após um choque com o adversário, Mano foi atingido na cabeça. Apesar das dores, continuou no jogo. Mais tarde constatou-se uma hemorragia interna que levou ao seu falecimento em 30 de setembro de 1922 (Coelho Netto, 1975:23).

³¹² *O paiz*, 02 de outubro de 1922.

³¹³ O Fluminense fechou suas portas por 24 horas *Rio-Jornal*, 04 de outubro de 1922.

afluía ao espetáculo da luta, veículos e turba, pregões, estropiada de patrulhas, correrias de retardatários que se apinhavam tumultuosamente junto da bilheteria como se a quisessem tomar de assalto.

Na outra rua, silêncio; gente a espera, em grupos nas calçadas, às portas e as janelas, duas longas filas de automóveis e o coche fúnebre parado diante da minha casa em pranto.

Na minha sala de trabalho, de janelas abertas, revestida de luto, com um altar armado, jazia sobre minha mesa, entre círios e flores, o maior desastre de minha vida [...]. Logo, o vozear no estádio anunciava o início do jogo quando o sacerdote, o mesmo que o ouvira de confissão, aproximou-se para encomendá-lo a Deus.

Era a sinal da partida.

[...] E, no final do jogo, com o escoar da turba muita, a nossa rua encheu-se e os que passavam, comentando os lances mais brilhantes da partida, não se lembravam do enterro que dali saía.

E para seu espírito, foi melhor assim.

Era um tal alvoroço que ele gostava de ver o seu clube, cheio, empavesado, ressoando músicas e clamores (Coelho Netto, 1924: 61-69).

Mano começou a jogar futebol ainda menino, no segundo *team* do Guanabara. Depois tornou-se capitão do Curupaity, transferindo-se junto com quase todo o time para o Fluminense, em 1916. No clube das Laranjeiras virou definitivamente titular do primeiro *team* em 1917. Atuava na ponta direita, sendo descrito como veloz e com um forte chute³¹⁴. Sua morte prematura elevou-o à condição de herói nacional, “exemplo de dedicação sincera e da pujança varonil de nossa raça, era a pátria que chorava a perda de um herói”³¹⁵. Mano será o primeiro grande Mártir da história do Fluminense³¹⁶.

A morte de Mano não afastou o escritor do clube, onde continuou a promover espetáculos artísticos e a incentivar o escotismo. Em 1923, chefiou a delegação tricolor de tênis e futebol à Bahia. Coelho Netto teve seu maior momento de glória como desportista ao ser recebido pelas mais altas autoridades locais com honras de estadista, desfilando em cortejo de automóveis pela cidade³¹⁷. A popularidade do clube era tão

³¹⁴ *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 2, dezembro de 1927 e a *Vida Sportiva*, nº. 162, 02 de outubro de 1920.

³¹⁵ *O Tricolor - Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 2, dezembro de 1927.

³¹⁶ Além de financiar um jazigo para o atleta e colocar o seu retrato na sala de reuniões ao lado do de Victor Etchegaray, a diretoria criou o prêmio Emanuel Coelho Netto a ser conferido anualmente “ao sócio, pertencente a um dos quadros oficiais do clube que mais se distinguir nas suas qualidades de disciplina e treinamento, técnica e moralidade na luta, harmonizando a própria educação física aos interesses coletivos das cores sociais”. Ato da diretoria 03 de outubro de 1922 e Netto (2002:80-81).

³¹⁷ *O Imparcial*, 01 de abril de 1923.

grande que bondes extras foram colocados em circulação no dia do jogo contra a Associação Athletica³¹⁸, demonstrando o prestígio nacional alcançado pelo Fluminense.

É justo, justíssimo o orgulho com que a Bahia hospeda a ilustre delegação do *Club*, que pelos seus méritos inconfundíveis, por sua vida, que é uma marcha ininterrupta de conquista em conquista, para os altos destinos do *sport*, soube constituir-se o ponto culminante da glória esportiva do Brasil³¹⁹.

O prestígio do Fluminense refletia o quanto o futebol se desenvolvia por todo o país na década de 1920, influenciado por Rio de Janeiro e São Paulo. Sem levar em consideração os princípios elitistas do clube, o que mais importava para o povo baiano era a visita a seu estado, de um grande clube, pioneiro na prática do futebol. Um clube de expressão nacional, chefiado por um dos maiores nomes da literatura nacional.

Unem-se para a justificação do jubilo que vai hoje por todos os corações baianos, esses dois motivos relevantes: a longa e fulgida história de que se tece a vida do Fluminense e o nome consagrado do eminente vulto que lhe preside a embaixada³²⁰.

Apesar do sucesso das equipes cariocas, a defesa do futebol, feita por Coelho Netto, não atingiu a totalidade dos intelectuais. Lima Barreto, opositor ferrenho das concepções de Coelho Netto, era um combatente do futebol, que para ele não passava de um passatempo de ricos, importação odiosa que não deveria ser levada a sério, chegando a fundar em 1919 a “Liga contra o *foot-ball*”³²¹,.

Após o discurso de Coelho Netto feito para inaugurar a piscina do Fluminense, Lima Barreto ataca o escritor por colocar a literatura a serviço das festas de clubes que praticavam futilidades. Um clube que não merecia tanta atenção de um literato, que aceitava fazer “brindes de sobremesa, para satisfação de ricos”³²² somente para agradar as famílias ricas. Para o escritor, Coelho Netto não passava de um “homem da moda que não entende a alma de uma criança negra”.

³¹⁸ *Diário da Bahia*, 02 de abril de 1923.

³¹⁹ *Diário da Bahia*, 01 de abril de 1923.

³²⁰ *Diário da Bahia*, 01 de abril de 1923.

³²¹ *O Paiz*, 13 de março de 1919.

³²² Lima Barreto, “Histrião ou literato”, *Revista Contemporânea* 15 de fevereiro de 1919 In: Pereira (2000:217).

Em sua obra “Os Bruzundangas”³²³, o autor faz uma alusão indireta não só a Coelho Netto, mas à família Guinle, a quem chama de aventureiros inescrupulosos, imigrantes que enriqueceram a partir das mudanças sociais e políticas do fim do século.

Recentemente na Bruzundanga, uma revolução social e, logo em seguida, uma política, deslocaram essa boa gente da fortuna e muitos deles, até dos seus domínios, que vieram a cair nas mãos de aventureiros recentemente chegados à terra ou, quando nascidos nela, eram de primeira geração, descendendo diretamente de imigrantes recentes cujo único pensamento era fazer fortuna do pé para a mão, cheios de uma avidez monetária e inescrupulosa que transmitiram decuplicada aos filhos, e logo os lindos costumes de antiga nobreza agrária se perderam (Barreto, 1923:76).

A inauguração da piscina do Fluminense não passou em branco pela pena do escritor, assim como o Presidente do Fluminense, Arnaldo Guinle.

Um desses milionários, caprichoso e voluntarioso, quis ir mais longe ainda. Tendo construído nos fundos de sua chácara situada em um pitoresco arrabalde da capital da República da Bruzundanga, um tanque imenso, para dar banho aos cavalos de raça das suas opulentas cavalaria, teimou que havia de inaugurá-la soberbamente, com notícias nos jornais, bênçãos religiosas e um discurso feito pelo maior literato de Bruzundanga, ou tido como tal, em fim, pelo mais famoso (Idem).

E finalmente volta a atacar seu alvo preferido, o escritor Coelho Netto, como um homem que rebaixava as letras ao discursar em eventos como esse.

Não posso garantir que o Crespo tivesse pago ao celebríssimo poeta ou que este lhe devesse algum dinheiro; mas o certo é que, desprezando a dignidade de sua Arte e Glória, a reputação literária mais absorvente e mais tirânica da Bruzundanga,

³²³ “Os Bruzundangas, romance de Lima Barreto que fala da Bruzundanga: um país de ficção, localizado nas zonas tropical e subtropical, é um lugar muito parecido com o Brasil, onde se encontram elites pouco cultas dominando e explorando o povo. Desta forma, o narrador, que é um brasileiro que morou uns tempos nesse país, vai fazendo de forma satirizada uma crítica a todas as organizações institucionais e algumas pessoas. As críticas recaem em especial sobre uma escola literária que copia hábitos e comportamentos de outros lugares que nada se enquadram com o país. Em Bruzundanga, as pessoas valorizam muito os títulos de nobreza, que estão divididos em dois grupos: os doutorais e os palpites, assim chamados porque todos querem ser doutores a qualquer preço, ainda que seja através do palpite de ter sido nobre, para dessa forma poder usufruir das vantagens sociais que apenas esse grupo desfruta”. BARRETO, Lima. *Os bruzundanga*, 1923 <http://www.culturabrasil.pro.br/zip/osbruzundangas.pdf> última consulta em 06 de Outubro de 2009.

pescou latim, grego, a cabala judaica, o Ramãiana, os Evangelhos e inaugurou com um discurso assim pomposo, e grandiloqüente, no estilo hugeano, o banheiro dos ginetes do multimilionário Har-al-Nhardo Bem Khénly (Idem).

Lima Barreto enxergava os sócios dos grandes clubes como herdeiros dos antigos senhores de engenho “a surrar os negros, a fim de trabalharem para ele”³²⁴ em uma continuação da dominação escravocrata. O futebol “não surra mais humilha, não explora, mas injuria e come as dízimas que os negros pagam” (Pereira, 200:225). Para ele, o futebol é um jogo de almofadinhas que impede o surgimento de tradições nacionais, levando a uma ilusão coletiva que só aumenta as diferenciações sociais construindo um ideal de nacionalidade limitado que só faz sentido para um pequeno grupo de rapazes bem nascidos influenciados por uma cultura estrangeira³²⁵.

Ao atacar o futebol como um modismo de milionários, Lima Barreto acaba por eleger o Fluminense como exemplo desse modismo, um espaço de distinção, mesmo que em sua visão ele significasse o fútil, o desnecessário. Uma miniatura da própria República da Bruzundanga.

Tanto Coelho Netto como Lima Barreto, por caminhos opostos, reafirmam o Fluminense como uma representação simbólica de distinção. Coelho Netto faz isso de forma positiva, vendo no clube um instrumento de regeneração da raça. Já Lima Barreto o vê como a República da Bruzundanga: um espaço de confraternização de ricos distantes do verdadeiro homem do povo, dos negros e trabalhadores e que não merecia maiores atenções.

O que os dois escritores não percebiam é que, independente de suas opiniões, o futebol estava cada vez mais caindo no gosto popular, cada vez mais a assistência dos jogos estava mudando. O público refinado e elegante passava a conviver com os mais diversos elementos sociais, ao mesmo tempo em que a paixão clubística vinha substituindo o cavalheirismo dos primeiros tempos.

2.4 - Caindo no gosto popular

O Time do Fluminense causava sensação na cidade, vencendo os torneios de 1917, 1918 e 1919, era o preferido da “boa sociedade”. As partidas do clube eram

³²⁴ BARRETO, Lima “O meu conselho” 01 de outubro de 1921 In: Pereira (2000:225).

³²⁵ “A Liga contra o foot-ball” Rio-jornal 13 de março de 1919.

tratadas pelos periódicos como acontecimentos sociais que levavam cada vez mais torcedores apaixonados aos seus jogos, revelando que, mesmo mantendo um aspecto restrito, as disputas realizadas no campo do Fluminense ou em outros³²⁶ atraíam um grande número de torcedores, fortalecendo neles o laço de identificação com o clube de coração. Querendo mostrar como o futebol estava difundido entre as pessoas, a Revista “Careta” publica, em tom de brincadeira, uma pseudo entrevista com uma moça identificada apenas como “senhorita Oito de dezembro” que revela à revista seu amor ao Fluminense:

- Qual é senhorita, o traço principal de seu caráter?
- Ser grande torcedor do Fluminense;
- E a sua paixão dominante?
- O *Football*.
- Que predicados prefere no homem?
- Os esportivos.
- E Na Mulher?
- A paixão pelo seu clube.
- Sua ocupação predileta?
- O Fluminense.
- O seu sonho de felicidade?
- Vencer o Flamengo.
- Qual seria sua maior desventura?
- Assistir a uma derrota do Fluminense.
- O que queria ser?
- Homem, para defender o pendão tricolor.
- Que cores prefere?
- O Branco, o vermelho e o verde, que são as cores do Fluminense.
- Quais são as suas flores preferidas?
- As lindas rosas do Fluminense.
- O que seu paladar prefere?
- O chá das noites de patinação.
- Qual é a sua divisa?
- Aleguá!! Aleguá!!³²⁷

Aleguá!! Aleguá!! é uma espécie de grito de guerra da torcida tricolor. Ao fim da entrevista, o cronista afirma que se a senhorita fosse de outro clube as respostas seriam as mesmas direcionadas para o seu clube, concluindo que o futebol é uma cachaça, “mais uma cachaça sem os inconvenientes da verdadeira cachaça”³²⁸.

³²⁶ Em 1916, o Flamengo inaugura seu campo na Rua Payssandu. *O Paiz*, 14 de maio de 1916.

³²⁷ *Careta*, 04 de novembro de 1916.

³²⁸ *Careta*, 04 de novembro de 1916.

Alheios a esse processo de popularização do futebol, os grandes clubes tentam mantê-lo como um esporte para poucos privilegiados, mesmo que já possuísse uma torcida composta por elementos que destoam do perfil refinado de então. Tais torcedores estavam dispostos a tudo para defender seu clube de coração. Era o caso de Chico Guanabara, primeiro torcedor do Fluminense a ser reconhecido por brigar com os torcedores de outros clubes³²⁹.

Chico Guanabara é considerado por Mario Filho o primeiro torcedor da cidade. Morava no retiro do Guanabara, atual Álvaro Chaves, bem no fundo do campo do Fluminense. Sua habilidade na capoeira era um desafio a quem ousasse falar mal do Fluminense (Coelho Netto, 2002:311). Apesar de sua paixão pelo Fluminense, que o levou diversas vezes a ser preso, não frequentava a sede, mantendo-se à distância da parte elegante do clube.

Exemplos como o de Chico Guanabara revelam que os sentimentos clubísticos tornavam-se cada vez mais exacerbados, fazendo com que a devoção a uma associação esportiva superasse uma identificação maior com o esporte, como pregavam os *sportmen*³³⁰

Se o espírito tacanho do chamado clubismo, em vez de concorrer para firmar a solidariedade entre os moços degenera em cizânia, é preferível que desistamos de fazer esporte, de cultivar a força, de aperfeiçoar a energia para que não nos tornemos um povo de atletas de plástica robusta e apolínea, mas de alma depravada sem caráter que é o cerne da moral³³¹.

Jogando contra o Paulistano em 1918³³², um *sportman* paulista chamava a atenção para o comportamento pouco bairrista dos cariocas, que torciam abertamente pela derrota do Fluminense em uma “hostilidade pavorosa” contra o clube das Laranjeiras (Pereira, 2000:164). As rivalidades entre as agremiações nos diversos torneios foram pouco a pouco deixando de lado o velho espírito de cavalheirismo e *fair-play* que dominou o futebol carioca em seus primórdios. Antes desse fato, o pequeno periódico *Rua* demonstrava como o futebol levantava perigosas rivalidades.

³²⁹ Chico Guanabara foi preso por brigar com um torcedor do América após discutir sobre o resultado de uma partida entre Fluminense e América. *O Imparcial*, 02 de novembro de 1915.

³³⁰ A revista *Vida sportiva* chama a atenção para distúrbio nas torcidas. *Vida sportiva*, 20 de julho de 1918.

³³¹ *Athletica*, 03 de abril de 1920.

³³² O jogo foi vencido pelo Paulistano por 3 x 2 *Correio da Manhã*, 08 de abril de 1918.

O futebol é a loucura dos domingos. Os bondes passam cheios à tarde em demanda dos “*fields*” do América, do Fluminense ou do Botafogo. Lá dentro, no campo, as arquibancadas regorgitam. Lindos rostos, chapéus enfeitados, “*toilets*” brancas ornamentam superiormente as arquibancadas. Do outro lado, ao sol, gente modesta se acotovelava. [...] O torcedor do Botafogo, por exemplo, não tolera o América, o do Fluminense não suporta o Flamengo, o do Andaraí, os clubes do lado de cá e assim por diante. No futebol como em tudo o carioca é o verdadeiro “torcedor”, não admite jogadores superiores aos do seu clube, *team* mais forte do que aquele que defende a sua bandeira. Como medida de precaução os torcedores do mesmo clube assistem as provas reunidos em grupos numerosos, trocando entre os grupos adversários olhares incendiários e apartes pouco amáveis³³³.

Apesar disso, o Fluminense seguia sem abrir mão se sua identidade fidalga. O aumento cada vez maior do número de torcedores não fazia com que em suas arquibancadas deixassem de desfilar “a boa gente da sociedade carioca”. O estádio do Fluminense era o local para onde se dirigiam as “as famílias de bem”, logo após a missa na igreja matriz da Glória, para assistirem seus filhos jogarem futebol (Rodrigues Filho, 2003:11).

Entretanto o clube não ficou imune a esse crescimento. As vitórias em campo do time liderado por Welfere e Marcos atraíam para o clube a simpatia de torcedores muito diferentes daqueles desejados pelo requintado clube das Laranjeiras. A revista *Athlética*, dirigida por Coelho Netto, alertava ao Fluminense para que tomasse cuidado, pois “os edifícios mais fortes, se nele entrando cupim, aluem”³³⁴. Figuras como Chico Guanabara, ou as multidões que se aglomeravam sobre os morros e telhados próximos ao seu campo para assistir aos jogos do time, revelam que mesmo sem poder frequentar a sede do clube, esses torcedores se identificavam com essa comunidade, com seus símbolos e ídolos, mesmo que à distância.

Por outro lado, a popularização do futebol e de seus clubes acabava por também popularizar os valores do refinamento e da distinção característicos do clube. O que antes era restrito a um pequeno e seleto grupo, foi sendo apropriado por membros dos mais diversos grupos sociais, que lhe davam novos significados. O torcedor Joaquim Guimarães criou o hábito de usar uma fitinha nas cores do clube enrolada no chapéu

³³³ *Rua*, 01 de outubro de 1916.

³³⁴ *Athlética*, 03 de abril de 1920.

(Idem: 21), uma maneira elegante de torcer pelo Fluminense que virou tradição na década de 1910 sendo incorporada pelas outras torcidas.

Dentro de campo as coisas não tinham mudado muito, pelo menos na aparência. Os jogadores do Fluminense continuavam elegantemente trajados, guardando em muito a imagem de refinamento dos primeiros *sportmen*. Fora de campo, Marcos, Welfere e seus companheiros eram estrelas admiradas por todos os torcedores que, não satisfeitos em apenas vê-los jogar, queriam apalpá-los.

Aos poucos o Fluminense vai caindo no gosto popular em uma ambiguidade aparente. Embora inicialmente o que levava os mais pobres a assistirem as partidas do Fluminense em cima dos morros que cercavam o estádio do clube era a simpatia pelo jogo, e não pelo clube, lentamente isso vai mudando. A exposição do clube a uma mídia que valorizava cada vez mais o futebol, as conquistas esportivas do clube bem maiores que seus adversários³³⁵ e o surgimento dos primeiros ídolos são fatores que podem explicar o aumento de torcedores do Fluminense. Quando Marcos Carneiro de Mendonça deixou o América e foi para o Fluminense, levou com ele uma legião de admiradores que passaram a torcer pelo Fluminense. É preciso deixar claro, porém, que esse fenômeno acontece com todos os clubes, não só o Fluminense, demonstrando o sucesso que fazia o futebol no Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas de sua história, consolidando aquilo que Leonardo Pereira (2000) chama de *Footballmania*³³⁶.

Nos jornais de meados da década de 1910, observamos vários cronistas lamentarem e reprovarem as constantes interferências do público nas partidas, fosse através de vaias ou mesmo por invasões de campo. Para a crônica esportiva, a ferocidade crescente da torcida colocava em risco o próprio jogo, que descambava para a violência mesmo entre os jogadores. Marcos Carneiro de Mendonça acusa um atacante do São Cristóvão de lhe quebrar o nariz propositadamente em uma partida entre os times em 1916³³⁷.

Histórias como essas revelam os sinais de mudança no perfil do futebol carioca. O *fair-play* e o cavalheirismo que fizeram parte dos anos iniciais do futebol na cidade conviviam agora com outras formas de manifestações que começam a afetar a própria

³³⁵ Durante as duas primeiras décadas do século XX, o Fluminense foi o clube que mais venceu títulos cariocas: foram sete títulos contra 4 do Flamengo, 2 do América e Botafogo (não contando o campeonato de 1907) e apenas 1 do Payssandu.

³³⁶ Na obra, o autor descreve o sucesso do futebol nas primeiras décadas do século XX, expandindo-se por toda a cidade, rompendo com o caráter *high-life* que o jogo tinha em seus primórdios, sendo apropriado pelos setores populares (Pereira:2000).

³³⁷ Marcos Carneiro de Mendonça, Futebol Brasileiro álbum de recortes de jornais – Biblioteca Nacional seção de manuscritos.

prática do jogo. Tal pressão obrigou a própria liga a flexibilizar a entrada de novos associados com origens bem diversas dos clubes da Zona Sul.

Logo o Bangu, que abandonou a liga em 1907 por não aceitar as restrições aos negros e trabalhadores operários, retornaria à LMST³³⁸ e, junto com ele, o Haddock Lobo e o Sport Club Mangueira. Se a princípio tais clubes não causaram grandes transformações na liga, o reconhecimento dessas equipes criava certo incômodo para os clubes fundadores que tinham que dividir o espaço com essas agremiações (Pereira, 2000:110). Na realidade, a convivência entre os clubes sempre foi conturbada com diversos clubes abandonando a liga pelos mais diferentes motivos³³⁹.

Quando em 1914 o Payssandu, clube de ingleses, fundador da liga e campeão carioca de 1912, foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato carioca, o Fluminense foi em seu socorro tentando impedir esse rebaixamento.

Que adianta aos nossos *sportmen* a passagem do Payssandu para a segunda divisão, quando desta passa para a primeira um outro *club* cujo valor, podemos afirmar categoricamente é inferior ao da sociedade inglesa?

Não, o Payssandu deve ficar e temos a obrigação de mantê-lo par a par com os outros *clubs* da primeira divisão. Isso dele ter tirado o último lugar pouco importa³⁴⁰.

Apesar de seus argumentos, o Fluminense não consegue a manutenção do Payssandu na primeira divisão (Assaf e Martins, 1997:78), entretanto, consegue uma alteração no regulamento para dificultar o rebaixamento de times da primeira divisão. A proposta era a realização de um jogo extra entre o último colocado da primeira divisão contra o primeiro colocado da segunda divisão. A nova regra, porém, não impediu que o Rio Cricket, outro requintado clube de formação inglesa, fosse rebaixado após perder para o modesto Andaraí sua permanência na divisão principal. O Rio Cricket preferiu encerrar suas atividades futebolísticas a disputar com times sem o mesmo prestígio social a divisão de acesso³⁴¹.

³³⁸ Liga Metropolitana de Sports Terrestres

³³⁹ Entre os campeonatos de 1907 e 1912, diversos clubes abandonaram o torneio em seu meio. O Botafogo deixou o campeonato de 1911 após três partidas por se julgar prejudicado em erros de arbitragem, fundando a “Associação de Foot-ball do Rio de Janeiro”. O mesmo já havia acontecido com o Bangu, que abandonou o campeonato de 1910. Nos campeonatos de 1907 e 1911 o número de clubes participantes foi de apenas quatro (Assaf e Martins, 1997).

³⁴⁰ *O imparcial* 29 de Janeiro 1915 In: Pereira (2000:112).

³⁴¹ *O Imparcial*, 22 de novembro de 1915.

O ano de 1915 marca o fim da presença de clubes exclusivamente britânicos no futebol carioca. Além da desistência do Rio Cricket, o tradicional Payssandu atravessava uma crise interna que o levou a abandonar a prática do futebol quando os irmãos Guinle requisitam ao clube a devolução do terreno da Rua Payssandu para alugá-lo ao Flamengo em um contrato de 15 anos. Assim, deixaram o Payssandu sem campo, levando o campeão de 1912 a abandonar o futebol. No ano seguinte, o clube atravessa sérias dificuldades financeiras. O Fluminense, através de seu presidente Arnaldo Guinlé, propôs uma fusão entre os dois clubes, entretanto, para tal, o Payssandu teria que abrir mão de seu nome, das camisas e, conseqüentemente, de suas cores. A proposta levava na prática ao desaparecimento do Payssandu e foi rejeitada na Assembleia Geral do clube³⁴². A desistência do Payssandu e do Rio Cricket permite que o Fluminense vá ocupando, no campo do futebol, o espaço que outrora fora destinado aos elitistas clubes ingleses, incorporando para si a imagem que antes pertencia a eles como um clube exclusivo, refinado e elitizado, diferente dos outros.

As diferenças entre os clubes iam além de questões de simpatia, pois elas refletiam divisões significativas de seu perfil social. Leonardo Pereira demonstra que a mensalidade paga por um associado do Fluminense e do Flamengo em 1915 era de 10\$000; no mesmo período, a joia de entrada no Fluminense era de 25\$000 e a do Flamengo de 10\$000. Este, por sua vez, se iguala ao Fluminense em 1919. Enquanto isso, os novos clubes que iam surgindo pela cidade cobravam entre 1\$000 e 3\$000. As diferenças entre os clubes eram também diferenças sociais que acabavam por criar hierarquias entre eles que se refletiam no campo das disputas políticas pelo controle do perfil do jogo entre os clubes. Mesmo que o discurso de união de todos em nome do

³⁴² Fundado no dia 15 de agosto de 1872 por um grupo de jovens ingleses apaixonados pela prática de esportes, inicialmente chamou-se Rio Cricket Club, estabelecendo-se num terreno alugado na Rua Berquó (atual General Polidoro), em Botafogo, para a prática do cricket, esporte amplamente difundido na Inglaterra. Em 1875, após alguns atos de discordância entre os fundadores do Rio Cricket Club, Srs. H.L. Wheatley, A. MacMillan, C.D. Simmous, Amaral, Robinson e George Emmanuel Cox, decidem montar uma outra agremiação, recebendo posteriormente a denominação de Paysandu Cricket Club. Em 1880 devido às limitações do terreno, o clube muda-se para o bairro do Flamengo, um terreno alugado na Rua Paysandu, um espaço, de propriedade do Conde D'Eu. É neste terreno da Rua Paysandu que o clube ganha sustentação. Em 1896, Oscar Alfredo Cox, filho de um dos fundadores do clube, jogador de cricket do Paysandu e familiarizado com o futebol, mandou buscar na Suíça uma bola da marca Dupont, a primeira bola de futebol para o Rio de Janeiro. A nova bola, porém, não pôde ser utilizada para a prática do futebol. O terreno, esburacado demais, permitia somente a prática do Rugby. O Paysandu disputou o campeonato carioca até 1914, sendo campeão em 1912 com um time basicamente formado por ingleses. Ao perder o terreno na Rua Payssandu, o clube possuiu vários endereços até se fixar, em 1932, em Copacabana praticando basicamente o tenis e *bowls*, já com o nome de Payssandu Athletic Club. Desde 1953, o clube está localizado no Bairro do Leblon. Vitor e Patrícia Lorio (2001) www.paissandu.net último acesso 23 de outubro de 2009.

esporte fosse um objetivo, isso “não impedia as tentativas de afirmação das distinções sociais e nem amenizava as tensões entre os diferentes grupos” (Pereira, 2000:167).

Dentro do Fluminense a situação não se alterava: seus sócios deveriam ser compostos do que havia de mais distinto na sociedade. Entretanto, o valor da mensalidade não era capaz de impedir a entrada de “indesejáveis”. Coelho Netto, através de sua revista, solicita que a diretoria reveja a lista dos associados para expulsá-los, “pois estes associados frequentam o clube com a mesma intenção que Ulisses penetrou em Tróia”³⁴³. O objetivo era impedir a entrada de um ou outro “intruso”, como ocorreu com um sócio apelidado de “O Presença”.

O Presença foi o apelido dado ao sócio de nome Carlinhos que chamava a atenção por frequentar o clube sempre com a mesma roupa, usando sempre o mesmo fraque com um cravo na lapela, em todas as ocasiões.

Se lhe tentássemos traçar o perfil com uma só palavra, não encontraríamos outra senão – desbotado. Tudo nele, tinha cores indefiníveis: o cabelo ruço e o bigode ralo; os olhos amarelados e os dentes solitários e fuginosos; a gravata esverdeada e o fraque pardacento. [...] Ele costumava dizer com orgulho, que era sua obrigação fazer presença (Coelho Netto, 2002:53).

O sócio chamava tanto a atenção que acabou dando nome ao primeiro jornal interno de clube. *Presença* foi lançado em 1917 por alguns adolescentes que queriam fazer graça com os sócios do clube. Escondendo suas identidades, os jovens distribuíam gratuitamente um jornal de duas páginas datilografadas, com uma de caricatura feita a lápis³⁴⁴.

Apesar do tratamento irônico com que era tratado o sócio destoante, podemos perceber que o clube se incomodava com sócios fora do perfil estabelecido. Para isso, tentava selecionar a entrada de novos sócios. O valor da mensalidade e a joia de entrada no clube, embora importantes, não eram os únicos critérios de seleção, havendo outros critérios subjetivos como forma de impedir a entrada de “indesejáveis”. No estatuto aprovado em 1916 o clube impunha que a entrada de um novo sócio tinha que vir por indicação de um sócio mais antigo, e esses novos sócios teriam que ser aprovados em

³⁴³ *Athlética*, 03 de abril de 1929.

³⁴⁴ O Jornal teve vida curta contando com apenas cinco números, sendo que um deles era falso. Mais tarde o jornal foi editado pelo próprio clube, tornando-se o primeiro periódico oficial a descrever o dia a dia do clube. *Presença*, arquivo Fluminense F. C.

assembleia³⁴⁵. A assembleia também decidia sobre a exclusão e readmissão de sócios e a permissão de parentes, ou noivos(as) de frequentarem a sede social. Além disso, ser sócio do Fluminense impunha determinadas regras de comportamento implícitas no requinte do local, tais como utilizar casacas ou *smokings* no caso dos homens, já as mulheres deveriam trajar roupas especiais para cada ocasião. Para a prática de esporte, se requeria a compra de todo o material esportivo, em sua maioria importado. O clube tentava se valer de vários mecanismos para que sócios como “O Presença” se constituíssem uma exceção que só confirmava a regra.

Uma outra questão polêmica ligada à imagem do Fluminense é a racial. Em toda a nossa pesquisa, não encontramos um só documento oficial do clube sobre a proibição de negros o frequentarem, entretanto, isso não significa que barreiras não tenham sido impostas para a presença de negros no clube. Acreditamos que os mesmos instrumentos de seleção usados para impedir a entrada de sócios “indesejáveis” poderiam ser utilizados no critério de cor.

Um dos momentos em que o preconceito racial fica evidenciado no clube das Laranjeiras foi narrado por Paulo Coelho Netto ao descrever a incorporação do Curupaity, do qual ele fazia parte com seus irmãos, pelo Fluminense.

O técnico do infantil do Club Atlético Guanabara era Euclides Joaquim da Silva. Euclides era negro e trabalhava como auxiliar de tipografia. Tinha o apelido de Cuca. O apelido foi dado pelos jogadores devido ao hábito do técnico de, sem recursos para comer fora, esquentar a sua comida em uma fogueira dentro do campo do Guanabara. Ainda como jogador do clube, sofreu um acidente perdendo a mão esquerda. Sentindo-se humilhado pelos gritos de “maneta”, desistiu de jogar futebol e passou a orientar o quadro. Paulo Coelho Netto refere-se a ele como “o preto de maior caráter e bondade que conheci na minha infância... nunca foi advertido por indisciplina ou praticou lance desleal” (Netto, 2002:41), “um preto de alma branca” (*idem*, 1964:90).

Com o fim do clube, os filhos de Coelho Netto, Emanuel, Georges e Paulo, todos ainda adolescentes, fundaram na casa do pai um clube chamado de Curupaity. O Curupaity era formado por jovens de 7 a 12 anos treinados pelo Cuca. Quando o Fluminense fundou sua sessão infantil em 1916, quis levar os garotos do Curupaity. Entretanto, Cuca não poderia ir “pois o Fluminense não aceitava pretos” (Coelho Netto,

³⁴⁵ Estatutos do Fluminense F.C. 1916.

2002:44). O técnico ainda tentou uma transferência para o Carioca que não possuía barreiras raciais, entretanto, os jogadores preferiram ir para o Fluminense³⁴⁶.

Mesmo enaltecendo o Fluminense, o historiador do clube Paulo Coelho Netto acaba deixando escapar que mesmo que não houvesse um impedimento formal pela entrada de negros no clube, havia, sem dúvida, uma política restritiva a sua participação. O Cuca teve que se contentar com a permissão concedida, após muita insistência dos garotos, de livre acesso às arquibancadas do clube nos dias de jogos e treinos do infantil (Idem: 46-47).

Outro episódio que merece destaque na questão racial é o do torcedor Batista, descrito com um “preto, bem apessoado, dentes claros e perfeitos, com risos sacudidos e felizes” (idem: 313), medindo 1,85m e 100 quilos, lembrava o lutador de boxe Jack Johnson. Era sargento da Marinha e possuía uma educação esmerada. Era tão conhecido no clube que tinha livre acesso aos jogos e treinos e aos almoços na casa de Coelho Netto junto com os jogadores. Entretanto, quando encontrava um dirigente do clube, “batia os calcanhares, empertigava-se e, fazendo antes a continência, apertava a mão que lhe era estendida com afabilidade dizendo: com licença” (Idem).

A distinção racial exemplificada nestes dois casos deixava bem claro que o clube podia até ter torcedores negros ou de outros estratos sociais, desde que ficassem separados, cada um no seu canto, respeitando os limites que os distinguia dos associados do clube.

A questão racial não era exclusiva do Fluminense. A maior participação de clubes do subúrbio levou a própria liga a tomar medidas que combatessem a ascensão dessas novas agremiações e ameaçasse o controle do jogo exercido pelos clubes da zona sul. Tais medidas tornam-se claras na imprensa a partir dos debates sobre a nova lei do amadorismo, proposta pela liga, que tentava impedir o crescimento dos pequenos clubes no interior da liga. O grande articulador da proposta foi Mário Pollo³⁴⁷.

³⁴⁶ O próprio Paulo Coelho Netto toma a palavra e não aceita o convite de Cuca: “Não Cuca: eu vou para o Fluminense. Aqui em casa todos são Fluminense, e o ‘seu’ Tota já falou com papai. Mano e Georges estão jogando no 2º quadro; eu vou ser do 1º infantil e o Prego do 2º. Depois Cuca, seria uma ingratidão. Desde pequeninos que nós frequentamos o Fluminense. De manhã e à tarde, quando não havia treino, nós íamos brincar no campo, ali bem perto de casa; mamãe ficava olhando da janela de cima. O Faísca já nos conhecia” (Coelho Netto, 2002:45).

³⁴⁷ Mário Pollo foi um dos maiores nomes do Fluminense F.C. Sócio desde 1906, sob o nº. 255, tornou-se benemerito em 1920, durante a administração de Arnaldo Guinle. Ocupou diversos cargos no clube, inclusive a presidência, durante as constantes viagens feitas por Arnaldo Guinle à Europa. Foi o nome mais forte do clube junto de Guinle e Afonso de Castro. Ajudou na criação da sessão infantil do Fluminense e criou o Torneio Inicio. Fora do clube, foi um jornalista de sucesso, ajudando a criar a Associação de Cronistas Desportivos (ACD), podendo ser considerado o primeiro jornalista profissional

Mário Pollo era um dos mais importantes membros da diretoria do Fluminense. Redator esportivo do *Correio da Manhã*, critica, em 1917, o fato da Liga vir a ser dominada por uma maioria de clubes sem o passado de um Fluminense, Flamengo, Botafogo e América. Esses clubes não teriam, em relação ao *sport*, a mesma responsabilidade que os grandes clubes, eram uma afronta “aos baluartes do *sport* brasileiro”³⁴⁸. Na verdade, seu temor era contra o adiamento da aprovação da lei do amadorismo para o ano seguinte. Por essa lei ficavam claros os critérios para os atletas que poderiam ou não jogar futebol. A proposta considerava não amadores “os que tirassem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando como tais todas aquelas em que o indivíduo depende inteiramente de seus dotes físicos, e não dos recursos de sua inteligência” (Pereira, 2000:118). Com isso ficariam de fora além dos trabalhadores braçais, os que vivessem de gorjetas, empregados de armazém, contínuos, praças, serventes e outras profissões que o conselho superior da liga considerasse que entrariam no vago critério das profissões que “não utilizem recursos de sua inteligência”³⁴⁹.

Tentando defender a proposta da liga, a Revista *Athletica* não considerava a proposta preconceituosa, alegando que a seleção “não é pigmentaria, mas moral. O que se deve exigir do jogador não é a exterioridade, mais ou menos colorida, se não princípios, moralidade, compostura”³⁵⁰.

Os clubes “pequenos”, liderados pelo Bangu e pelo Andaraí, conseguiram brecar a lei do amadorismo, embora ainda houvesse restrições aos que tiravam seu sustento de qualquer profissão braçal. Essa resistência à lei do amadorismo levou à fundação da Liga Metropolitana de Desportos Terrestre (LMDT) essencialmente amadora.

Apesar da resistência dos grandes clubes, a questão racial caminha junto com a popularização do futebol e logo isso ficaria claro na disputa do torneio sulamericano de 1919, considerado um divisor de águas na história do futebol brasileiro.

especializado em esportes. Mário Pollo tinha inserção em vários jornais e revistas aos quais passava informações sobre o Fluminense e suas atividades. Escrevendo colunas acerca do futebol, política esportiva, arbitragens, entre outros assuntos nessa área. Foi representante do clube na LMSA e principal fundador da AMEA. Posteriormente tornou-se presidente do Fluminense entre 1940 e 1941. Arquivo do FFC, *Vida Sportiva*, 27 de abril de 1918 e Coelho Netto (2002:172-173).

³⁴⁸ *Correio da Manhã* 3, 6 e 7 de fevereiro de 1917. In Pereira (2000:119).

³⁴⁹ O próprio *Correio da Manhã* publica reportagem sobre a nova lei do amadorismo chamando a atenção que ela prejudicaria os operários do Andaraí, Carioca e Bangu. *Correio da Manhã*, 29 de abril de 1916.

³⁵⁰ *Athlética*, 17 de julho de 1920.

2.5 - Sulamericano de 1919

O Rio de Janeiro foi o palco da disputa do campeonato sulamericano de 1919. Foi a primeira vez que o torneio realizou-se no Brasil. Inicialmente marcado para novembro de 1918, foi adiado para o ano seguinte em virtude de um surto de gripe espanhola que acometeu a cidade neste período.

Para receber os jogos, o Fluminense fez uma série de obras de remodelação de seu parque esportivo, sendo a mais importante delas a construção de seu estádio, descrito pela imprensa como “o vasto e elegante estádio do glorioso campeão da cidade”³⁵¹ ou “o mais belo monumento da América Latina” (Pereira, 2000:135). O Fluminense atrai os olhares de todo o país como o mais importante e distinto clube do Brasil naquele momento “O grêmio desportivo mais bem constituído de nosso País que honra o nome do futebol pátrio”³⁵².

O campeonato recebeu o apoio de todas as partes: imprensa, autoridades governamentais, dirigentes de clubes e entidades esportivas. Os treinos do selecionado eram comentados diariamente nos jornais, assim como o que acontecia com as seleções rivais, em uma cobertura inédita até aquele momento. Os ingressos eram vendidos em diversos estabelecimentos comerciais a 5\$000 as arquibancadas e 3\$000 as gerais, o equivalente a um quilo de bacalhau, duas entradas para o cinematógrafo ou a assinatura mensal do jornal *O Paiz*, sendo considerado caro para a maioria da população³⁵³.

A abertura do torneio de futebol se deu em 11 de maio de 1919, na partida entre Brasil e Chile³⁵⁴. O jogo foi marcado por um intenso fervor patriótico. O futebol tornava-se um eixo articulador da nacionalidade, sendo descrito por alguns cronistas como uma demonstração da transformação da alma nacional³⁵⁵. Apesar do preço, a partida contra a Argentina levou cerca de 25 mil pessoas ao estádio do Fluminense³⁵⁶, que tinha capacidade para 18.000. O Brasil venceu por 3 x 1.

Para intelectuais como Coelho Netto e cronistas que pensavam como ele, o sulamericano era uma oportunidade de transformar o Rio de Janeiro em uma cidade cosmopolita, que figurasse entre as grandes cidades do mundo e que fosse capaz de

³⁵¹ *Vida Sportiva*, nº. 80, 10 de maio de 1919.

³⁵² *Vida Sportiva*, nº. 102, 19 de Julho de 1919.

³⁵³ *O Paiz*, 24 de maio de 1919 e Pereira (1997:32).

³⁵⁴ Vencida por 6 x 0 pelo Brasil. *O Imparcial*, 12 de maio de 1919. A revista *Época Sportiva* estima o público em 30.000. *Época Sportiva*, 17 de maio de 1919.

³⁵⁵ *O Paiz*, 11 de maio de 1919.

³⁵⁶ *O Paiz*, 24 de maio de 1919.

difundir em todo o país os benefícios que o esporte trazia para a mocidade brasileira, como o “grande filtro que está purificando a mocidade de hoje e preparando para melhor as gerações de amanhã”³⁵⁷. Em outro artigo escrito após a conquista do torneio, o cronista chama a atenção do governo para que invista mais em esporte; tal investimento redundará “em proveito da comunhão brasileira, quer pelo desenvolvimento físico de seus representantes, quer pelo apuro dos sentimentos morais e intelectuais indispensáveis aos caracteres rijos que traçam a rota que se deve trilhar todo o povo forte e digno”³⁵⁸.

A final foi disputada contra os uruguaiois³⁵⁹. O jogo paralisou a cidade: nas repartições públicas foi decretado ponto facultativo, os bancos não funcionaram e o comércio fechou suas portas 12 horas antes do jogo (Idem: 137). A disputa do sulamericano de 1919 é tratada pela imprensa como um marco no rompimento das barreiras entre as “arquibancadas e as gerais”. Na visão desses jornais, o povo brasileiro se uniu em torno do selecionado nacional, sendo a torcida para o jogo final composta desde o mais alto funcionário, o intelectual, o grande industrial ou comerciante, até o mais modesto trabalhador. Na mesma torcida estariam o “Burguês e o artista, o pobre e o rico, o Zé povinho e os de mais destaque na nossa alta sociedade”³⁶⁰.

Tal manifestação é retratada em um samba composto por Luís Nunes Sampaio, onde todos os jogadores do time são homenageados como heróis de uma conquista nacional. O samba é sugestivamente chamado de *feijoadá*:

Bianco e Pindaro
Na defesa
Garantem ao Marcos
Com firmeza
Amílcar, Sergio
E Dada/
Fazem tiradas
Que é um Maná
Os dianteiros
Fazem entrar
Tiros certos
De assombrar

³⁵⁷ *Vida Sportiva*, nº. 92, 31 de maio de 1919 – “Sobre o Brasil no Sul americano” por Sertório de Castro.

³⁵⁸ *Vida Sportiva*, nº. 93, 07 de junho de 1919 – “As nossas vitórias” por Marcio Vidal.

³⁵⁹ O primeiro jogo disputado em 25 de maio de 1919 terminou empatado em 2 x 2, levando a necessidade de uma partida extra em 29 de maio. O Brasil venceu por 1 x 0, com gol de Friedenrich. A seleção atuou com: Marcos, Pindaro, Bianco, Sergio, Amílcar, Fortes, Milton, Neco, Friedenrich, Heitor e Arnaldo. In: Coelho Netto (2002:73).

³⁶⁰ *O Paiz*, 19 de maio de 1919, *O Malho* 24 de maio de 1919, *O Imparcial* 19 de maio de 1919. In: Pereira (2000:152).

Arthur e Neco
Pintam caneco
Heitor, Arnaldo
E o Milton/
Fazem os *Backs*
E o arqueiro
Tornar das tripas
Coração
Ai Brasileiros! É barbada
Sapequem a negrada no chão
Nosso Brasil dessa viajada
É mesmo de fato o campeão³⁶¹.

Apesar de todos os jogadores serem homenageados, dois vão ganhar destaque especial: O mulato Arthur Friedenrinch, do Paulistano, que fez o gol da vitória, e Marcos Carneiro de Mendonça, goleiro do Fluminense, autor de defesas milagrosas. Ambos foram considerados os responsáveis diretos da vitória brasileira.

A atuação de Marcos na partida final é destacada como impecável, afirmando que o goleiro estivera senhor da situação durante toda a partida. Ao terminar o jogo, o povo o carregou nos ombros em destaque³⁶². A partir desse momento, sua fama ganha uma nova dimensão e ele não era mais apenas o *sportman* de roupa impecável que atraía as atenções de meninas da sociedade carioca. Depois do sulamericano, ao entrar em campo, era saudado como verdadeiro herói nacional, personificando um sentimento de coesão que fazia de todos os brasileiros partes de um mesmo todo, uma identidade capaz de unir burgueses e trabalhadores, mulatos, como Friedenrich, e brancos como Marcos, em um mesmo sentido de nação, mesmo que continuasse sendo uma nação de desiguais.

A vitória no campeonato juntou o popular com a elite. Os jornais enfatizavam um único grito “Viva o Brasil” sem distinguir, porém, quem gritava ou a que Brasil se glorificava. O “Viva o Brasil” poderia adquirir dois significados diferentes: o do Brasil daqueles que cada vez mais se apropriavam do jogo, acomodados nas gerais ou comemorando nas ruas e o Brasil das elites, das tribunas sociais do estádio do Fluminense, representantes do projeto de eugeniação da sociedade brasileira. Se, por um lado, o sulamericano de 1919 pôde significar o início da popularização do futebol, por outro, ele pôde ser também o auge dos valores eugênicos, da disciplina, do elitismo que dominaram o futebol em seus primórdios, como demonstra o telegrama de

³⁶¹ O *Paiz* 30 de maio de 1918, ver também: Pereira (2000:191-192).

³⁶² O *Paiz*, 30 de maio de 1919.

congratulações pela vitória da Liga de Defesa Nacional enviado a Arnaldo Guinle, presidente da CBD.

A vitória que o Brasil acaba de obter não representa só um acontecimento esportivo porque interessa à vida nacional e à própria vida do continente americano. A mocidade brasileira deu o mais elevado testemunho do valor físico da nossa raça, do nosso espírito de disciplina e cavalheirismo, vencendo com a maior lealdade a adversários não menos leais e dignos até da própria vitória. É na prática dos exercícios físicos que se formam as raças fortes, capazes de vencer na concorrência formidável que existe entre os povos, e em todos os ramos pacíficos da atividade. Vencendo o campeonato sul-americano em todos os ramos de desportos em que se disputou sem sofrer uma só derrota, a nossa mocidade levantou bem alto no campo da atividade desportiva a afirmação incontestável do valor da nacionalidade brasileira³⁶³.

A partir do telegrama, percebe-se que a vitória foi uma consagração nacional, representando o triunfo de uma nação que se regenerava pelo exemplo de seus jogadores; mostrava o valor de uma raça que, através dos princípios apregoados pelo esporte como a disciplina e o cavalheirismo, tornava-se cada vez mais forte, consolidando a nacionalidade brasileira que rompia, com essa vitória, os complexos de inferioridade racial, social e moral que perturbavam a nossa autoimagem perante a Europa.

O sulamericano não foi o único exemplo ocorrido em 1919 que reflete essa transição de um futebol restrito para um futebol mais popularizado. Em termos clubísticos, o grande acontecimento do ano no futebol carioca vai ser a decisão do campeonato carioca de 1919, realizada a 21 de dezembro, entre Flamengo e Fluminense. O jogo será uma repetição de Brasil e Uruguai em termos locais.

A partida foi também o grande momento de Marcos Carneiro, Welfere e seus companheiros no Fluminense. O jogo despertou grande interesse em toda a cidade. A imprensa dava total cobertura ao evento. O jornal *O Paiz* chegou a dizer que o jogo era a “preocupação máxima da cidade”³⁶⁴, “o maior acontecimento da história do futebol carioca”³⁶⁵. O *Correio da Manhã* anunciava a possível presença do presidente da

³⁶³ Telegrama enviado pela comissão executiva da Liga de Defesa Nacional endereçado a Arnaldo Guinle presidente da CBD, 31 de maio de 1919 – Arquivo do FFC.

³⁶⁴ *O Paiz*, 21 de dezembro de 1919.

³⁶⁵ *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919.

República e torcia que o jogo causasse boa impressão ao chefe da Nação: “com esta boa impressão muito terá a lucrar a causa da educação física da mocidade brasileira.”³⁶⁶.

A chuva que caiu pela manhã na cidade não impediu que uma multidão comparável a que assistiu ao jogo decisivo entre Brasil e Uruguai no sulamericano fosse ao estádio³⁶⁷. Os portões foram fechados mais de uma hora antes do jogo, marcado para as 4 horas e 15 minutos da tarde. O estádio das Laranjeiras estava completamente lotado. Calcula-se que cerca de 5 mil pessoas ficaram do lado de fora. Os 18 mil presentes³⁶⁸ pagaram um ingresso de 5.000\$000 para as arquibancadas e 1.000\$000 para geral³⁶⁹. Entre os convidados para o jogo estavam o presidente da República, Eptácio Pessoa, o ministro da Marinha e o chefe de polícia³⁷⁰.

A vitória do Fluminense por 4 x 0 culminou com a conquista do tricampeonato e da Taça Colombo de forma definitiva. Marcos teve uma atuação impecável, defendendo um pênalti e realizando três defesas na jogada seguinte à cobrança do pênalti³⁷¹.

Após o jogo, uma grande festa popular realizou-se. A vitória foi saudada com uma banda de clarins e salva de 21 tiros de canhões. O presidente ofereceu 11 medalhas de ouro para os campeões. Além disso, os jogadores foram carregados pelos torcedores para uma volta olímpica tendo à frente o batalhão naval³⁷². Alguns dias depois, uma outra festa mais ao estilo do Fluminense foi realizada para comemorar o tricampeonato.

Uma reunião distinta, fina e educada nos nobres e tradicionais salões do clube, em um ambiente de perfume, beleza, graça e absoluta distinção.

Horas de absoluto prazer nos lindos *saloet* do clube que faziam pensar em um magnífico jardim encantado [...] Como era admiráveis as *toiletts* das madames³⁷³.

Observando as comemorações, percebemos que a partida final do campeonato de 1919 possui múltiplos significados simbólicos, pois ao mesmo tempo em que representou o coroamento de um determinado tipo de futebol marcado pela distinção, sofisticação e cavalheirismo de uma plateia seleta, representou também o fim desse tipo de futebol restrito. Demonstrando, agora em termos clubísticos, o que havia acontecido

³⁶⁶ *O Correio da Manhã*, 17 de dezembro de 1919.

³⁶⁷ *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919.

³⁶⁸ *O Jornal do Commercio* fala em 30.000 pessoas. *Jornal do Commercio*, 22 de dezembro de 1919.

³⁶⁹ *O Paiz*, 14 de dezembro de 1919.

³⁷⁰ *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919.

³⁷¹ *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919.

³⁷² *O Paiz*, 22 de dezembro de 1919 e Netto (2002:62).

³⁷³ *Vida Sportiva*, nº. 124, 10 de Janeiro de 1920.

no sulamericano. O futebol adquire um outro significado capaz de empolgar pessoas de todos os grupos sociais, como foi demonstrado pela própria festa da vitória realizada após o jogo juntando toques de clarins, medalhas presidenciais e bailes suntuosos com a empolgação da torcida carregando nos braços os seus ídolos.

Essa seria uma das últimas partidas do goleiro Marcos. Com apenas 25 anos, no auge de seu prestígio, estava noivo, queria casar-se e cuidar de seus negócios³⁷⁴. Na verdade, outro fator que pesou na decisão do goleiro foi a não concordância com as transformações que o futebol estava atravessando. Para Marcos, o futebol havia perdido o seu espírito puro, praticado como *hobby* e com poucos torcedores. A aposentadoria de Marcos significou, para Mario Filho (2003:12), o fim do reinado branco no futebol, de um futebol exercido por “amadores puros”. Alguns anos depois, em um depoimento para a posteridade, ele dizia o que ganhou com o amadorismo.

Ganhei experiência da vida, contato com a multidão. Um cartão de visitas [...] Se os profissionais de qualquer tempo soubessem o que é a vantagem de ter sido um bom amador, nunca ter sofrido uma penalidade, eu nunca sofri uma penalidade³⁷⁵.

Para ele, a popularização do futebol era um sinal de decadência do jogo, acabando com o futebol que ele conheceu. Sua decisão de parar é uma marca simbólica dos limites do “amadorismo puro”, a grande popularização do futebol abriria espaços para que os clubes aceitassem jogadores sem o mesmo perfil sócio-econômico de antes (Pereira, 1997:32).

Marcos ainda jogará o sulamericano de 1922 pela seleção e quatro partidas pelo Fluminense, em 1928, atendendo ao pedido da diretoria em um momento que o clube estava com poucos jogadores no elenco³⁷⁶.

Em entrevista ao *Correio da Manhã*, dada em 1970, ainda falava com saudade de um tempo em que o futebol era um *hobby* praticado por pessoas como ele, que tinham seus próprios meios de sustento: “A gente pagava para jogar. O clube só entrava com a bola e as instalações. Chuteira, meia, camisa, todo o material era do atleta, que o comprava”³⁷⁷.

³⁷⁴ Depoimento de Marcos Carneiro de Mendonça ao Museu da Imagem e do som, Rio de Janeiro, 1967.

³⁷⁵ *Ibidem*

³⁷⁶ Relatório dos trabalhos sociais de 1928. Fluminense F. C.

³⁷⁷ *Correio da Manhã* 13 de abril 1970, Marcos de Mendonça, *Football recortes de jornal*. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos e Pereira (1997:34).

Após abandonar a carreira, dedica-se ao atletismo que, segundo ele, era um verdadeiro criador de beleza. Assim como Coelho Netto, ele concebia o esporte como uma forma de regeneração da raça.

A preocupação hoje em dia em toda a parte do mundo é formar homens plasticamente perfeitos, como na Grécia Antiga [...]. É uma campanha essa da regeneração social porque o que procuramos principalmente é formar “homens” na acepção rigorosa do termo. Não é apenas “cultura profissional da força pela força” que buscamos, mas o sentido da saúde e a compreensão da beleza³⁷⁸.

Em sua vida pessoal, tornou-se um rico industrial e historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Jamais abandonou o Fluminense, tornando-se presidente em 1941. A família Carneiro de Mendonça é uma das mais influentes dentro do clube até os dias de hoje.

A história de Marcos, como de outros *sportmen* que não aceitavam a popularização do futebol, desnuda os diversos caminhos por que passa o processo de construção da identidade, muitas vezes passando ao largo dos processos construídos e consolidados que atribuem ao Estado a formação das identidades. A visão de Marcos sobre o que seria o “verdadeiro futebol”, elegante e exclusivo, permite-nos compreender as diferentes instâncias e possibilidades que compõem a construção das identidades ligadas ao futebol, que muitas vezes não são contempladas dentro das visões consagradas que associam a identidade nacional à popularização do futebol.

O Fluminense ainda será palco de grandes eventos durante a década de 1920, como a visita dos reis da Bélgica, em 1920³⁷⁹, e o sulamericano de 1922. Entretanto, o clube não conseguirá formar uma equipe que represente tanto os seus ideais como o time tricampeão.

Ao longo desse capítulo, percebemos que os discursos construídos em torno do Fluminense F. C. enfatizam a instituição enquanto um edifício monumental, majestoso e magnífico. Algo que veio para marcar o novo, a diferença, o progresso, a civilização. Além dos discursos, diversos elementos acabariam por imprimir um caráter peculiar ao clube, como: a estrutura arquitetônica (nova sede, piscina e o estádio), o perfil dos

³⁷⁸ A *Notícia*, 12 de abril de 1922 e Pereira (1997:35).

³⁷⁹ Em virtude de seu prestígio e contatos políticos, Arnaldo Guinle é convidado para ser o representante do governo na organização dos festejos pela vinda do Rei Alberto, da Bélgica. O estádio do Fluminense será palco de desfiles e jogos de futebol oferecido ao casal real. *O Paiz*, 26 de setembro de 1920.

sócios, as festas comemorativas, as solenidades cívicas, as boas condições de treinamento dos atletas. Esses elementos concorrem para a construção de significados e representações que imprimem ao clube, enquanto instituição, um caráter especial que o diferencia das outras agremiações.

As representações estão associadas a símbolos. A criação de símbolos não é arbitrária e não se faz no vazio social, É fruto de uma mobilização simbólica, feita através de discursos, ritos e imagens que revelam a visão de mundo em determinado momento (Carvalho, 1990:55). À medida que essa visão de mundo se materializa em atitudes e exemplos, alcança uma eficácia social contribuindo para construção de representações por parte de um determinado grupo social (Mendes, 2000:26).

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (Chartier, 1990: 17).

Esses elementos articulados se constituem em suportes eficazes de representações a respeito do Fluminense. Figuras como Mano, Marcos Carneiro de Mendonça, Welfere, Coelho Netto e Arnaldo Guinle simbolizavam diversos suportes representativos que ajudaram na consolidação de uma determinada identidade para o clube relacionada com a riqueza, sofisticação, dedicação, distinção e tradição: Marcos de Mendonça era símbolo de elegância, sofisticação e espírito amador; Welfere, se não pudesse ser descrito pela sofisticação, destacava-se pela dedicação. Coelho Netto transformou o clube em exemplo do que deveria ser a nação. Arnaldo Guinle era a riqueza e o prestígio em prol do esporte e, finalmente, Mano torna-se o primeiro Mártir do Fluminense.

Exemplos como esses se articulam no sentido de solidificar uma determinada imagem construída na trama de um contexto social. É impossível apreender as representações acerca do Fluminense sem levar em consideração os símbolos que engendram essas mesmas representações que acabam por se solidificar mesmo que o contexto social mude.

Desde meados da década de 1910, o futebol não pode ser mais definido como símbolo de identidade de classe. Ele fora apropriado pelos setores populares que lhes deram novas significações, permitindo sua transformação em um fenômeno de massa. Esses novos atores, mesmo impedidos de frequentar a sede de clubes como o

Fluminense e de não acabar totalmente com a esfera de distinção criada pelos primeiros *sportmen*, vão ser responsáveis por profundas mudanças nas regras sociais do jogo na década seguinte.

O futebol, concebido como forma de passatempo das elites ou como espetáculo de massas, carrega uma série de significados que permitem tornar possível uma série de explicações sobre o processo civilizador brasileiro, seja como uma representação, ou no sentido eliasiano, como um caráter mimético, que preenche e dá sentido real à vida, através das emoções despertadas, permitindo as mais variadas configurações humanas para que indivíduos e grupos possam se situar no mundo³⁸⁰.

A prática de esportes como o futebol que, no Brasil, se estruturou como uma ação das elites, é, com o tempo, incorporada, em vários de seus aspectos, a outros segmentos sociais, tanto como praticantes quanto como assistentes. É necessário averiguar o significado social do futebol, percebendo-o como um dos principais meios de identificação coletiva na nossa sociedade, capaz de dar identidade e sentido à vida de elementos pertencentes a um clube, a uma cidade, um estado e um país.

³⁸⁰ “O modelo dinâmico formado pelos jogadores e bola num jogo de futebol pode servir como explicação gráfica não só do conceito de configuração social, mas também do conceito de processo social. O processo do jogo exatamente este: uma configuração dinâmica de seres humanos cujas ações e experiências se interligam continuamente, representando um processo social em miniatura” (Elias e Dunning, 1991:86-87).

CAPÍTULO 3: FLUMINENSE E O PROFISSIONALISMO

Durante a década de 1920, o estádio do Fluminense tornou-se palco dos mais diversos espetáculos, desde cerimônias cívicas e visitas de chefes de estado brasileiros³⁸¹ e estrangeiros³⁸², a concursos de misses³⁸³ e apresentação de óperas³⁸⁴. Continuando a viver um período de expansão de seu patrimônio com a inauguração da nova sede em 1920, o Fluminense, com suas belas instalações, tornou-se uma referência na cidade e seu quadro social aumentou vertiginosamente. Em 1920, o clube tenta limitar o número de sócios em 3.500, aumentando a mensalidade para 15\$000 e a joia de entrada para 100\$000³⁸⁵. A medida não surtiu efeito e em 1922 o número de sócios já era de 3.800 e a mensalidade, com pagamento trimestral adiantado³⁸⁶, foi para 20\$000, e joia para 200\$000³⁸⁷.

A efervescente vida cultural promovida pelo clube com seus eventos continuava a ser uma referência de um determinado estilo de vida baseado no refinamento e na elegância. As reuniões sociais no Fluminense começam a ficar famosas a partir de 1915, com as seções de patinação com a banda do corpo de marinheiros³⁸⁸. Na década de 1920, os chás dançantes à beira da piscina deram vida nova ao clube. Além dos chás havia as sessões de cinema realizadas semanalmente também na piscina³⁸⁹. A apresentação da ópera “Aida”, de Verdi, no estádio do clube, causou grande sensação na cidade³⁹⁰ e foi fundamental para a criação de um novo setor do clube: o artístico.

³⁸¹ Nilo Peçanha visita o clube na companhia de Coelho Netto como candidato à presidência da república pela Reação republicana. *A Noite*. 20 de janeiro de 1922.

³⁸² Visita dos reis da Bélgica em 1920.

³⁸³ A revista *O tricolor* comemora a proclamação da Miss Brasil, a senhorita Olga Bergamini de Sá, no salão nobre do Fluminense. *O tricolor*, abril e maio de 1929. Um vídeo em especial, realizado nos anos 20 que mostra o estádio do Fluminense sendo invadido por centenas de pessoas em um desfile de misses. O alvoroço foi tanto que exigiu forte repressão policial. *Arquivo pessoal*.

³⁸⁴ A Companhia Lírica do Teatro Municipal exhibe a peça “Aida” ao ar livre, em espetáculo de caridade para a Casa de Santa Inês, no estádio do Fluminense, com a presença da primeira dama e o Presidente Eptácio Pessoa. *A Rua*, 15 de junho de 1920.

³⁸⁵ O Fluminense e o centenário da independência do Brasil – Campeão e vencedores do Rio de Janeiro – 1902 -1922. Álbum de recortes. Arquivo Fluminense F. C.

³⁸⁶ *Ibidem*

³⁸⁷ Entre 1914 e 1923, os salários haviam subido em média 71% enquanto o custo de vida havia aumentado 189%; isso representava uma queda de dois terços no poder de compra dos salários. O salário médio de um operário em 1917 era de cerca de 100\$000. O consumo básico que para uma família com dois filhos atingia a 207\$000 (Bandeira & Melo & Andrade, 1967).

³⁸⁸ As sessões eram todas as quartas-feiras entre 21 e 23 horas, após era servido chá com biscoito (Coelho Netto, 2002:90).

³⁸⁹ Os filmes eram cedidos pela *Paramount Pictures*, através de um sócio que a representava (Coelho Netto, 2002:91). Em 1924 o Clube adquiriu uma máquina de filmar para registrar os eventos do clube. *A Noite*, 09 de fevereiro de 1924.

³⁹⁰ *A Rua*, 15 de junho de 1920.

Coelho Netto esteve à frente desse projeto, incentivado por Arnaldo Guinle e Mário Pollo. O escritor assume a direção do setor artístico do Fluminense promovendo uma série de eventos. Os mais famosos foram os vesperais de arte organizados a partir de 1921³⁹¹ e que contavam com a presença de grandes artistas que se apresentavam no clube³⁹², “apresentar-se nos vesperais de Coelho Netto, no Fluminense, era um título de honra, uma glória, a que muitos aspiram e que nem todos alcançavam”³⁹³. Nestes eventos apresentavam-se espetáculos de dança, declamação de poesias e cantos³⁹⁴.

O apogeu dos vesperais de artes ocorreu entre 1925 e 1926, período durante o qual, geralmente um grande nome da literatura, poesia, música ou teatro, vinha se apresentar gratuitamente a convite de Coelho Netto. No Fluminense apresentaram-se a Companhia do Teatro Municipal ao lado do soprano japonês Tamik Miura, cantando “Madame Burttefly”³⁹⁵; nomes como Bidu Sayão, Bianca Scacciat, Ivã Pacetti, Apollo Granforte e Francisco Merli apresentaram-se no mesmo palco em que a Companhia Lírica do Teatro Municipal interpretou o balé “A morte do cisne” com Julie Sedowa³⁹⁶. O Fluminense fazia pelo menos três grandes bailes anuais: o de aniversário, o de *reveillon* e o de carnaval.

Outra atividade que merece ser destacada são as obras sociais promovidas pelo clube. A principal delas foi criada em 1923 e chamava-se o natal da criança pobre, contando com ampla participação dos escoteiros, que arrecadavam brinquedos e donativos para serem distribuídos a orfanatos. A entrega dos brinquedos era feita em grandes festejos que incluíam espetáculos circenses³⁹⁷. Em 1925, o natal da criança pobre foi dedicado à sua fundadora, Guilhermina Guinle, recém falecida³⁹⁸, e contou com a presença do prefeito da cidade³⁹⁹. Em 1926, o presidente Artur Bernardes

³⁹¹ Os vesperais artísticos no Fluminense contavam quase sempre com a apresentação de dança das filhas de Coelho Netto, Dina e Violeta. *O imparcial*, 26 de julho de 1925.

³⁹² O jornal *O Globo* destacava a beleza e qualidade dos espetáculos promovidos por Coelho Netto. *O Globo*, 19 de abril de 1926.

³⁹³ Discurso de Mário Pollo na inauguração do teatro do Fluminense em 16 de abril de 1941. (Coelho Netto, 1958: XCIX).

³⁹⁴ O primeiro vespéral de arte foi apresentado no salão nobre do clube. Nele foram apresentadas valsas de Moszkowsky, Bizet, Saint Saens, poesias de Baudelaire e Glatigny, música clássica de Liszt e espetáculos e danças lírica e trágica. Programa dos vesperais de arte, 28 de maio de 1921. Arquivo Fluminense F. C.

³⁹⁵ Apresentação realizada em 30 de julho de 1921. Arquivo Fluminense F. C. e Coelho Netto (2002:93).

³⁹⁶ Apresentação realizada em 09 de agosto de 1926. Arquivo Fluminense F. C. e Coelho Netto (2002: 93).

³⁹⁷ *Jornal do Brasil*, 27 de dezembro de 1923.

³⁹⁸ *O Globo*, 08 de dezembro de 1925.

³⁹⁹ *O Globo*, 26 de dezembro de 1925.

discursou para os escoteiros do Fluminense⁴⁰⁰. Mesmo em um momento em que os valores defendidos pelos *sportmen* estão em declínio, o clube continua a defender os mesmos princípios que associam a cultura física à formação do caráter moral e cívico dos indivíduos.

Os vesperais de artes e os eventos grandiosos ratificam um estilo de vida⁴⁰¹ baseado no alto padrão sócio-cultural, uma expressão distintiva de uma posição social privilegiada dentro de determinado espaço social que “une todos aqueles que são produtos de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros” (Bourdieu, 2008:56).

Quando da escolha do Rio de Janeiro para novamente sediar o sulamericano em 1922, nenhum outro lugar era mais perfeito do que as Laranjeiras. A realização do torneio seria o ponto alto nas comemorações do vigésimo aniversário do clube⁴⁰² que coincidia com o centenário da independência do Brasil.

O sulamericano de 1922 foi organizado com o intuito de revelar ao mundo um novo modelo de nação. Entretanto, o país atravessava uma crise econômica ocorrida no fim do governo Epitácio Pessoa em virtude da queda das exportações de café, além de uma alta inflacionária (Moraes, 2009:18). O novo presidente da CBD, Oswaldo Gomes, alegou ter encontrado a CBD em calamitosa situação financeira, não possuindo recursos para o financiamento do campeonato⁴⁰³. Após muitas polêmicas entre a CBD e o governo, é entregue ao Fluminense o direito de gerir as verbas públicas para realização dos jogos⁴⁰⁴. Foi decidido que o governo emprestaria 1.300:000\$00 à CBD, que pagaria com as rendas dos jogos⁴⁰⁵. Apesar da ajuda, é o próprio clube que arca com a maior parte dos custos da obra⁴⁰⁶.

Para receber o evento, o estádio das Laranjeiras foi ampliado, tendo sua lotação aumentada para 25 mil pessoas⁴⁰⁷. Ao seu redor foi construída uma pista de atletismo,

⁴⁰⁰ *O Globo*, 11 de janeiro de 1926.

⁴⁰¹ “A medida que aumenta a distância objetiva a necessidade, o estilo e vida torna-se cada vez mais o produto do que Weber designa como estilização da vida, expediente sistemático que orienta organiza as mais diversas praticas, por exemplo, escolha do vinho de determinada safra e de um queijo, ou decoração de uma casa de campo” (Bourdieu, 2008:56).

⁴⁰² As obras foram concluídas junto com a celebração do vigésimo aniversário do clube em um grande baile na sede social. *O Imparcial*, 23 de julho de 1922.

⁴⁰³ *Correio da Manhã*, 04 de março de 1922.

⁴⁰⁴ *Correio da Manhã*, 24 de fevereiro de 1922.

⁴⁰⁵ *Correio da Manhã*, 27 de fevereiro de 1922.

⁴⁰⁶ As obras foram orçadas entre 700 e 800 contos de reis e o Fluminense teve que hipotecar a sua sede para financiar o restante das obras. *A Noite*, 18 d abril de 1922.

⁴⁰⁷ O jornal *O Imparcial* na edição de 29 de janeiro de 1922 fala em 40.000, entretanto, oficialmente esse número era de 25.000.

tornando-se o maior estádio da América do Sul⁴⁰⁸. O clube cria um *stand* para tiro ao alvo, uma nova pista de atletismo, um novo ginásio para provas de esgrima, boxe, ginástica e basquete, além de quadras de tênis. As obras de ampliação deram ao clube um reconhecimento internacional. O diário *La Nacion*, do Chile, publica reportagem afirmando ser o Fluminense o maior centro desportivo do continente: “uma grande escola de cultura física e moral dos moços brasileiros e assim fá-los aptos a cumprir com redobrado vigor suas obrigações de homens que devem ser úteis a pátria e a família”⁴⁰⁹. A excursão à Bahia em 1923 demonstra o prestígio nacional que o clube possuía, que o levou a pleitear, junto ao Comitê Olímpico Internacional, pela primeira vez, a Taça Olímpica⁴¹⁰.

Para motivar o torneio, Marcos de Mendonça, que havia abandonado o Futebol no início de 1920, volta para jogar o sulamericano. Entretanto, o goleiro não repetiu suas velhas atuações, sendo considerado culpado pelo gol sofrido contra o Paraguai⁴¹¹ e acabou sendo barrado pelo goleiro Kuntz, do Flamengo.

Após a ampliação das obras, o estádio estava pronto para o jogo de estreia do torneio sulamericano contra o Chile. Um público estimado em cerca de 30 mil pessoas⁴¹² assistiu ao decepcionante empate.

O sulamericano de 1922 foi um campeonato muito confuso, com muitas reclamações de arbitragem. O Uruguai abandonou o torneio antes do fim⁴¹³ e o Brasil empatou as três primeiras partidas: 1 x 1 contra o Chile e Paraguai e 0 x 0 contra o Uruguai, vencendo apenas a Argentina por 2 x 0. Ao fim, três seleções estavam empatadas: Brasil, Paraguai e Uruguai. Como este abandonou o torneio, foi realizada uma final em que o Brasil venceu o Paraguai por 3 x 0. A conquista rendeu um prêmio de 50:000\$000 para cada jogador (Idem: 34), o que representava uma contradição óbvia com o discurso amador e revelava uma nova situação que o futebol vivia. O velho amadorismo defendido pelos primeiros *sportmen*, em que o esporte era praticado por puro divertimento, sem nenhum tipo de ganho individual, vinha sofrendo rupturas desde meados da década de 1910, com o surgimento de uma nova relação entre os clubes e os jogadores, que ficou conhecida como falso amadorismo. A explicação para tal mudança

⁴⁰⁸ Só foi superado em 1927 com a construção do estádio do Vasco da Gama.

⁴⁰⁹ Matéria reproduzida no *Diário Desportivo*, 24 de janeiro de 1923.

⁴¹⁰ A Noite, 06 de novembro de 1924.

⁴¹¹ *O imparcial*, 27 de setembro de 1922.

⁴¹² *O Paiz*, em 18 de setembro de 1922 calcula o público em 40.000, oficialmente, porém, o número é de 30.000, o que já superava a capacidade do estádio que era de 25.000 pessoas.

⁴¹³ A delegação do Uruguai abandona o torneio por discordar da atuação do árbitro na partida contra o Paraguai. *Correio da Manhã*, 23 de outubro de 1922.

está na própria transformação que o jogo vinha sofrendo, incorporando clubes e atletas de um universo diferente dos restritos clubes da zona sul carioca.

3.1 - Falso amadorismo, uma situação indesejável, mas real

O surgimento de clubes suburbanos com a participação de amplos setores ligados aos trabalhadores deixava cada vez mais claras as diferenças entre os clubes de Zona Sul e os outros clubes surgidos com a popularização do futebol. Essa diferenciação reafirmava ainda mais o caráter elitista de clubes como Fluminense, Flamengo, Botafogo e América. Leonardo Pereira (2000:232) demonstra que, enquanto os estatutos dos grandes clubes impunham uma série de restrições aos seus associados, os clubes menores evidenciavam um critério mais amplo de seu quadro social, aceitando “homens trabalhadores e operários” ou “ilimitados números de sócios sem distinção de cor ou nacionalidade”. Essa postura quebra o caráter racial presente, mesmo de forma implícita, em associações da Zona Sul. Tentando combater esse movimento, os grandes clubes iniciam um processo de retomada do controle do futebol carioca através de uma série de medidas que limitavam a ascensão das pequenas agremiações ao poder na Liga Metropolitana de Desporto Terrestre (LMDT)⁴¹⁴.

A LMDT foi fundada em 1917, em substituição à Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA), tendo como princípio a defesa do amadorismo⁴¹⁵ e a manutenção do poder político decisório nas mãos dos grandes clubes, excluindo os pequenos. Entretanto, no decorrer dos anos, esta exclusão foi sendo rompida com a participação de clubes fora desse círculo restrito devido à popularização do futebol nas décadas de 1910 e 1920.

Os anos de 1920 são marcados por uma série de tensões políticas e esportivas envolvendo os clubes de futebol na cidade do Rio de Janeiro. Essas tensões são advindas de uma série de práticas ligadas à remuneração de jogadores, massagistas e treinadores. Fora isso, o aumento significativo nas rendas dos jogos, causado pelo

⁴¹⁴ Hugo da Silva Moraes argumenta que por trás da questão amador x profissional estava uma disputa política entre os clubes tradicionais e os chamados pequenos clubes pelo controle da LMDT. Utilizando o conceito de Nóberto Elias de “Estabelecidos” e “Outsider”, analisa como os grandes clubes (estabelecidos) iniciaram uma reforma moral do futebol por estarem ameaçados pelo avanço do profissionalismo. Amparados em um discurso amador, os estabelecidos iniciaram um conjunto de mudanças nas regras da LMDT que visava deter o avanço dos clubes pequenos (outsider) no controle da liga (Moraes 2009:34).

⁴¹⁵ A LMDT previa em seus artigos quem podia pertencer à liga: a) ser amador; b) ser sócio do clube proponente; ...d) exercer profissão honesta;...f) saber ler e escrever e g) ter moralidade comprovada (Napoleão, 2006:91).

aumento do interesse do público pelo futebol, a crise financeira por que passavam os clubes⁴¹⁶ e a crescente transferência de jogadores para o exterior, levam a uma contradição entre a realidade do futebol e o regime amador vigente oficialmente. Dessa forma, “o futebol passa a ser vivenciado por outros grupos sociais, caindo assim nas malhas de uma cultura popular mais heterogênea” (Moraes, 2009:14).

Os clubes mais tradicionais, entre eles o Fluminense, tentaram colocar barreiras a esse processo, definindo o que seria ou não profissionalismo no futebol. A regra básica para se definir uma relação como profissional seria o recebimento de salários regulares por um jogador ou treinador. Entretanto, esse princípio era muito vago, sendo constantemente ludibriado pelos próprios clubes quando seus interesses falavam mais alto.

Em 1923, por exemplo, a LMDT passou a exigir dos jogadores uma carteira de sanidade, comprovando que o jogador possuía uma saúde apropriada à prática do futebol⁴¹⁷. A justificativa para tal pedido era a preocupação com a saúde do jogador. Na verdade, isso era uma maneira de favorecer os clubes mais ricos que já possuíam uma estrutura de atendimento ao jogador. O Fluminense era um dos mais beneficiados, pois há muito tinha um preparador físico e um massagista, além de muitos de seus jogadores viverem no próprio clube.

Os diários de *Training* demonstram que no final dos anos de 1920, o comprometimento e a dedicação dos jogadores com o clube eram maiores. O número de jogadores que compareciam aos treinos individuais no Fluminense era muito superior do que na década anterior. A prática de dormir no clube continuava, porém, mesmo a disciplina mais rígida, não impedia que jogadores como Fortes, Pinguinho e Jorge Py chegassem de madrugada ao clube⁴¹⁸.

A especialização dos treinamentos, a disciplina física e técnica exigiam cada vez maiores investimentos e comprometimento do jogador com o jogo e o clube. Isso acabava sendo contraditório com a própria lógica do amadorismo. Como se dedicar aos treinamentos se o atleta precisava trabalhar ou estudar? E mesmo para aqueles que possuíam uma condição financeira que permitisse a ele se dedicar ao esporte sem outras

⁴¹⁶ Na década de 1920, o Fluminense tem um alargamento de seu quadro social, entretanto o clube sofre uma forte inadimplência. Nos seus relatórios, era constante o excessivo número de sócios eliminados por falta de pagamentos de mensalidades. *O Imparcial*, 03 de agosto de 1923.

⁴¹⁷ *O Imparcial*, 28 de março de 1923.

⁴¹⁸ “Jorge Py e João Coelho Netto excepcionalmente chegaram a uma da manhã no *club*”. *Diários de Training*, 16 de abril de 1928. “Chegaram as 02h30min da manhã no clube: Pedro Fortes e Fernando Espindola”. *Diários de Training*, 20 de abril de 1928.

preocupações, a exigência de uma disciplina física esbarrava no modo de vida boêmio que esses jovens endinheirados gostavam de ter. O futebol não poderia mais ser encarado como um simples passatempo. Quanto mais se tornava um negócio, mais difícil era manter o amadorismo e mais se buscavam meios de burlá-lo. O técnico Gentil Andrade, que substituiu Luiz Vinhais no comando do time, queixava-se da falta de harmonia entre os jogadores durante a temporada de 1932 e das dificuldades que sentia para impor mudanças.

Minhas credenciais não eram suficientes para impor facilidades e captar de pronto a confiança de todos.
[...] Procurei da melhor forma amoldar-me ao que encontrei, afim de que menos se fizesse sentir a transição por que passava a direção técnica da sessão de futebol. Fui aceito neste meio de rapazes educados com a reserva natural das amizades recentes e preferi acompanhar os métodos e costumes já em prática, a apresentar reformas que pudessem favorecer saliências de minha parte e inspirar possíveis antipatias⁴¹⁹.

Mesmo às portas da adoção do profissionalismo, a insegurança do treinador revela a dificuldade de se dirigir um time composto na maioria por amadores de “boas famílias”, acostumados com relações mais soltas, típicas desse regime.

Apesar de ainda serem vistos como rapazes bem educados, o perfil dos jogadores do Fluminense também começa a se alterar. Na década de 1920, o clube passa a receber jogadores de origens sociais as mais diversas, que precisavam do futebol como meio de vida, pois não eram estudantes e trabalhadores bem estabelecidos e nem capazes de levar uma vida sofisticada como impunha o clube.

Floriano Peixoto, destacado jogador dos anos 20, que atuou pelo Fluminense, América e Santos, escreveu no fim de sua carreira um livro (Correa, 1933) que demonstrava as relações existentes no futebol brasileiro durante o falso amadorismo.

O mineiro Florian Peixoto atuou no Fluminense entre 1924 e 1927, tendo começado a jogar futebol na adolescência, enquanto cursava a escola militar. Pedindo transferência para o Rio Grande do Sul, ainda aluno, atuou pelo Sport Club Internacional. O prazer de jogar futebol o levou a abandonar a academia em 1920 e partir para Caxias do Sul, onde, segundo ele, já se praticava o futebol profissional. Após três anos, retorna ao Exército e a Porto Alegre, onde passa a atuar defendendo as cores do Grêmio.

⁴¹⁹ *Diários de Training*, resumo da temporada de 1932, folhas 43 a.

Em 1924 foi transferido para o Rio de Janeiro e, a convite de Lais, ex-jogador e agora dirigente do Fluminense, foi fazer teste no clube, sendo convidado a integrar o elenco. Entretanto, as obrigações militares tornaram-se um empecilho para a prática constante do futebol.

Eu tinha obrigações militares de soldado raso e isso tornava-se um obstáculo a minha atividade futebolística. Restava remover o empecilho e Lais logo propôs a forma aceitável de eu passar a residir na sede do clube. Nem podia me dedicar ao futebol morando na pensão adequada quando meu soldo de *praça de pret* importava em 11000\$400 fazia-se ainda necessário o custeio de outras despesas imprescindíveis que o diretor esportivo do Fluminense se ofereceu a saldar mensalmente. [...] Percebi que estava num clube aristocrata, com opulenta sede, instalações magníficas, um futuro risonho de jogador (Idem: 58).

Floriano estreou no Fluminense contra o Bangu e foi campeão em 1924, tendo se destacado por seu espírito de liderança. Convencido pelo clube a dedicar-se exclusivamente ao futebol, dá baixa no exército e, mesmo amador, passa a viver do futebol. Não tinha salário, mas era bancado pelo clube.

Dormia na sede do clube e era socorrido pelos diretores Lais e Ramiro Pedrosa, que para que me dedicasse por inteiro ao Fluminense, trataram primeiro de conseguir minha baixa do exército. Livre da farda passei a desfrutar de uma vida de capitalista sem capital (Idem: 60).

Floriano não era o único nessa situação. Outros jogadores como Nilo e Zezé tinham o mesmo tipo de vida. Vez por outra, iam para Petrópolis e se instalavam em um suntuoso palacete, tendo à disposição automóvel de luxo e montaria ferosa. Fumavam charutos e bebiam bons vinhos. Entretanto, nada era deles: a roupa usada por Floriano consistia de um único terno de casimira doado por Ignácio Nogueira, um sócio milionário do clube (Idem).

Ao aceitar dedicar-se integralmente ao futebol, Floriano recebeu a promessa de um emprego, onde ganharia mais do que no exército, com tempo de folga para o futebol. Entretanto, as promessas de emprego não eram cumpridas, pois o clube só o queria para ele. Sem dinheiro, fez um empréstimo a Arnaldo Guinle de 1:000\$000 que nunca foi saldado, apesar de ter assinado uma letra de câmbio (Idem: 62).

Em 1925, Floriano é o destaque do time, sendo chamado para representar o Rio de Janeiro pelo campeonato de seleções. O time foi formado somente com jogadores do Flamengo e do Fluminense, sendo denominado ironicamente pela imprensa de Fla-Flu. A atuação do combinado foi muito boa e o time caiu no gosto popular. Os jogadores, prestigiados, passaram a receber gratificações financeiras, conhecidas no meio futebolístico como bichos, já que as rendas dos jogos eram grandes (Idem: 63).

Os bichos não eram suficientes para bancar as despesas, principalmente para frequentar o ambiente dos jogadores do Fluminense. Como as promessas de emprego não se confirmavam, Floriano resolveu negociar como cambista, comprando algumas cadeiras numeradas das arquibancadas do Fluminense para a decisão do torneio de seleções de 1925 (Idem: 64-65). O jogador comprou 15 cadeiras a crédito com o tesoureiro do clube, Henrique Artou. Estas foram vendidas por um amigo na rua no dia do jogo, enquanto Floriano, dividido entre o arriscado investimento e o jogo, preparava-se para a peleja de desempate contra os paulistas. Os cariocas venceram e Floriano obteve um lucro de 600\$000 com o negócio (Idem: 66). Além disso, durante a comemoração da vitória, a AMEA, entidade defensora do amadorismo puro, distribuiu o indefectível bicho, aceito por todos (Idem).

As promessas de emprego só são cumpridas em 1926, quando o jogador ameaça deixar o clube⁴²⁰. Floriano conseguiu uma colocação no *Jornal do Commercio*, com salário de 400\$000⁴²¹. A quantia era suficiente para bancar a “boa vida *chic*” (Idem: 71) que ele e seus companheiros levavam. A estabilidade de um salário fixo permitiu que se casasse. Com uma família e um estilo de vida boêmio, os bichos passavam a ser uma necessidade cada vez maior.

Quando se ganhava estava tudo bem, o bicho vinha; porém, quando se perdia, a coisa apertava, “o bicho já havia se tornado o nervo do amadorismo” (Idem: 72) e a penúria do jogador contrastava com o luxo da sede das Laranjeiras.

As relações entre o Fluminense e o jogador começam a se deteriorar em 1927. As amarguras do jogador começam com o fim de seu casamento. Em crise, começa a faltar aos treinos, dando um mau exemplo como capitão do time. Em um jogo decisivo contra o América, na penúltima rodada, Floriano joga mal e o empate em 2 x 2 isola o

⁴²⁰ Logo após conseguir o emprego, o jogador declara que não deixará o Fluminense, “já há tempos eu declarei que apesar de haver tido um pequeno desentendimento com um diretor do Fluminense F. C. não pensava e abandonar o mesmo. Eu não poderia por um inimigo deixar muitos amigos que conto no seio tricolor” *O Sport*, 20 de fevereiro de 1926.

⁴²¹ Correa (1933:71). O jogador trabalha como auxiliar. *O Sport*, 20 de fevereiro de 1926.

Flamengo na liderança do campeonato, dependendo de apenas uma vitória⁴²². Começam a pairar acusações de que ele entregou o jogo. O jogador foi convocado para uma reunião no escritório de Arnaldo Guinle. Lá, uma comissão de dirigentes e jogadores formada por dois amadores puros, João Coelho Netto (Preguinho) e Fortes, estabeleceram uma espécie de tribunal. A ausência de provas e a defesa feita pelos colegas levaram Arnaldo Guinle a propor o esquecimento do assunto⁴²³. Entretanto, o jogador magoado deixou o clube logo após o término do campeonato (Idem:73-75).

A passagem de Floriano pelo Fluminense revela que mesmo tendo um discurso de defesa do amadorismo puro, o clube praticava de alguma forma o falso amadorismo. Se não dava empregos de fachada, como fazia o Vasco da Gama, o fazia pelo paternalismo dos dirigentes, que bancavam o jogador com bichos, presentes e empréstimos nunca cobrados.

Acusado de ter se vendido para o América, Floriano aumenta ainda mais as dúvidas ao transferir-se justamente para o time rubro em 1928. O jogador se defende apelando para uma justificativa moral.

Era uma prova de confiança e não podia haver maior satisfação para mim mesmo. Se tivesse sido “comprado” como propalavam as más línguas, não seria cabível que o grêmio que me houvera “subornado” se propusesse incluir-me em seu quadro principal (Idem: 80).

Nessa época, o América já pratica o falso amadorismo sem problemas. Em 1927, Penaforte abandona o Flamengo, indo para o clube rubro em troca de uma mobília de quarto, pois ia se casar (Rodrigues Filho, 2003:156). A transferência causou surpresa e o jogador foi tratado como um traidor pela torcida do Flamengo. Ao transferir-se para o América, Floriano recebeu do clube a importância de 1:500\$000 e um ordenado de 300\$000. Paralelamente, o jogador mantinha seu trabalho no jornal (Correa, 1933:81).

Em críticas ao ex-clube, Floriano afirma que no Fluminense o jogador era tratado como “cavalo de raça”, uma máquina de produzir jogos e dinheiro, o que não acontecia no América, que pagava o justo valor do atleta (Idem: 82-83).

⁴²² Jogo realizado em 04 de setembro de 1927. *Correio da Manhã*, 05 de setembro de 1927.

⁴²³ A presença do jogador era importante, pois o clube ainda tinha chances de ser campeão na última rodada. Para tal, deveria vencer o Vasco e torcer por um tropeço do Flamengo. No dia 18 de setembro de 1927, o Fluminense vence o Vasco por 4 x 3, mas o Flamengo também vence o América por 2 x 0 e torna-se campeão. *Correio da Manhã*, 19 de setembro de 1927.

No América, Floriano foi campeão em 1928, ganhando o apelido de “Marechal da vitória”. Entretanto, a desconfiança sobre sua honestidade voltou à tona quando o clube perde a decisão de 1929 para o Vasco da Gama por 5 x 0 e Floriano é acusado de não querer jogar, pois estava “vendido”. Mais uma vez não existem provas contra o jogador, porém o silêncio da direção do clube, que não partiu em sua defesa, leva o jogador a abandonar o clube e o Rio de Janeiro.

O livro de Floriano Peixoto é mais do que uma tentativa de autodefesa. Ele expõe um belo retrato das relações entre os atletas e os clubes de futebol durante o amadorismo, narrando episódios de tentativas de corrupção e citando nomes de atletas e dirigentes que praticavam o falso amadorismo. Demonstra que o futebol amador havia se transformado em um futebol de subornos e misérias, marcado por paternalismo e hipocrisia.

Falar em dinheiro no futebol carioca seria crime de lesa-clube, em vez de lesa-amadorismo. Lá dava-se o bicho, as migalhas, ou as sobras das bilheterias [...] mas nunca o dinheiro, esse, era só do clube, e por conseguinte, de um agrupamento de cidadãos privilegiados (Idem: 106).

Duas realidades distintas passam a existir dentro do Fluminense: de um lado jogadores como Floriano Peixoto, que precisavam do futebol como meio de vida; de outro lado, aqueles que ainda praticavam o futebol como um *hobby*. Era o caso de Fortes, descrito por Mario Filho como um *playboy* que jogava futebol “por favor”; possuindo um espírito aristocrático, doava seu bicho para o roupeiro. Fortes só jogava quando queria; preferia uma boa caçada ou um passeio de lancha. Tinha o hábito de chegar no jogo em cima da hora. Era uma espécie de cavaleiro que chegava para emprestar seu talento ao clube.

Quase nunca se esquecia, de repente uma baratinha *chrysler* surgia na curva de uma esquina, ouvia-se de longe a derrapagem, o latido dos cachorros. Era o Fortes. Fortes encostava a baratinha no meio fio, deixava os cachorros de caça bem presos dentro da baratinha, “au, au, au” saltava, ia correndo mudar de roupa (Rodrigues Filho, 2003:167).

Descontando-se os possíveis exageros da narrativa, Fortes simbolizava o oposto de Floriano, uma atitude mais adequada a imagem do clube. Porém, nenhum jogador simbolizou mais o ideal amador no Fluminense do que Preguinho.

João Coelho Netto, conhecido como Preguinho, jogava como meia esquerda e atacante no time do Fluminense e na seleção. Filho de Coelho Netto, foi o autor do primeiro gol da seleção brasileira em uma Copa do Mundo, em 1930⁴²⁴, artilheiro do campeonato carioca de 1928 e 1932, e considerado um dos jogadores mais marcantes da história do Fluminense. Seu apetite esportivo não se limitava ao futebol. Praticava com sucesso outros esportes como atletismo, *hockey* e saltos ornamentais, sendo campeão de basquete, voleibol, *water-polo*, remo e natação⁴²⁵. No futebol foi campeão carioca em 1924.

Sua vida de esportista começou incentivada pelo pai, aos sete anos, na natação do clube Guanabara, onde também praticava remo. Seu apelido veio devido a seus mergulhos muito profundos, que o faziam demorar a voltar à tona. Seus irmãos diziam que ele “nadava como um prego”. Foi para o Fluminense junto com a família, em 1916, com a criação do quadro infantil de futebol. Lá, logo praticou o escotismo.

A primeira grande conquista de Preguinho foi na natação ao bater o *record* sulamericano dos 600 metros, em 1922⁴²⁶. O maior feito de sua carreira esportiva ocorreu em 1925, quando foi pela segunda vez campeão carioca de natação pelo Guanabara e, saindo da piscina, correu para o Fluminense para disputar e vencer o torneio início de futebol. Tal feito lhe valeu o título de “campeão de terra e mar”⁴²⁷. Pelo Fluminense, venceu ainda os torneios de basquete em 1925 e 1927, sendo o cestinha do clube⁴²⁸. Em 1929, o clube concedeu a João Coelho Netto o título de Sócio atleta benemérito, como homenagem aos serviços prestados em vários ramos de desportos⁴²⁹.

Preguinho foi educado pelos princípios de Coelho Netto, para quem o esporte era encarado como formador moral do indivíduo. Após a morte de seu irmão mais velho, Mano, assumiu a tarefa de ser o continuador da tradição familiar, por isso, pode ser considerado o último dos *sportmen*. Branco, de boa família, não aceitava receber bicho e relutou a aceitar o profissionalismo, embora o visse como uma necessidade.

⁴²⁴ O Fluminense mandou cinco jogadores para a Copa de 1930. Além de Preguinho foram Velloso, Fortes, Ivan e Fernando. *Tricolor Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. XXVIII, 21 de julho de 1930.

⁴²⁵ *Tricolor Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 3, janeiro de 1928.

⁴²⁶ *Tricolor Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 3, janeiro de 1928.

⁴²⁷ O fato ocorreu em 19 de abril de 1925. *Tricolor Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 3, janeiro de 1928.

⁴²⁸ *Tricolor Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 15, janeiro e fevereiro de 1929.

⁴²⁹ O título foi concedido pelo conselho deliberativo do clube em 30 de abril de 1929. *Tricolor Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 19, maio e junho de 1929.

Com a adoção do novo regime, se recusou a assinar contrato, continuando a jogar como amador até 1938.

Figuras como Fortes e Preguinho representavam um momento de convivência, cada vez mais contraditória, entre um futebol que ainda se mantinha pelas regras do amadorismo mais puro com práticas remunerativas do falso amadorismo.

Esse processo de semiprofissionalismo não estava restrito somente aos jogadores. Ramon Platero, técnico contratado pelo Fluminense e campeão em 1919, foi para o Flamengo para ser bicampeão em 1920 e 1921 e em 1922 foi para o Vasco ajudando o time da colina a subir para a primeira divisão (Moraes, 2009:70). O mesmo ocorre com Welfere que, após abandonar a carreira, em 1924, não conseguiu espaço no Fluminense como treinador, indo para o Vasco em 1926 como treinador remunerado (Hamilton, 2001:222).

Outro setor que sofre transformações é o dos árbitros. Em 1922 é criada a escola de árbitros⁴³⁰. As críticas às arbitragens eram constantes e estes sofriam muita pressão dos grandes clubes. Mário Pollo escreveu uma série de artigos denominados: “A missão dos juízes no *sport*”⁴³¹. Para o jornalista e dirigente do Fluminense, os árbitros deveriam ser escolhidos pela sua “moralidade comprovada, em perfeito conhecimento das regras e das leis”⁴³², comportando-se em campo com energia, sem exageros e principalmente não cedendo à pressão do público: “o juiz que decide pela assistência do público é um boneco”⁴³³. A preocupação com as arbitragens demonstra o temor de que o aumento da popularidade do futebol, e consequentemente da rivalidade entre os clubes⁴³⁴, descambasse para a violência e um descontrole sobre o jogo. Como ocorreu no jogo entre Flamengo e Vasco, realizado em 1923, em que a torcida do Flamengo levou pás

⁴³⁰ *O imparcial*, 22 de junho de 1922.

⁴³¹ *Rio Jornal*, 23, 24, 25 e 29 de maio de 1923.

⁴³² *Rio Jornal*, 23 de maio de 1923.

⁴³³ *Rio Jornal*, 23 de maio de 1923.

⁴³⁴ O jornal *Correio da Manhã*, na véspera de um jogo decisivo entre Fluminense e Vasco da Gama, insinua que o Fluminense iria perder o jogo para prejudicar o Flamengo, interessado na vitória do tricolor. O jogo termina em 2 x 1 para o Vasco da Gama, iniciando-se uma série de acusações do jornal ao Fluminense. Outros jornais defendem o clube, evocando que a tradição do clube não permitiria tamanha falta de esportividade “algo impensável para um clube tão fidalgo”. As acusações entre os jornais são diretas: o *Correio da Manhã* chama o *Rio-jornal* de “corneta tricolor” pela influência de Mário Pollo no órgão. A Liga Metropolitana divulga nota oficial repudiando a atitude do *Correio da Manhã* e o próprio Flamengo se solidariza com o clube vizinho. *Correio da Manhã*, 27, 28, 29, 30, de julho e 01 e 02 de agosto de 1923, *A Noite*, 30 de Julho e 30 de agosto de 1923, *Jornal do Brasil*, 31 de julho de 1923, *Jornal do Commercio*, 02 de agosto de 1923, *Rio-Jornal* 01 e 02 de agosto de 1923, *O Paiz*, 12 de agosto de 1923 e *A Nação*, 13 de agosto de 1923.

de remo para agredir a torcida do Vasco no estádio do Fluminense, na maior briga do período amador⁴³⁵.

América, Botafogo, Flamengo e Fluminense eram constantemente acusados de usar seu prestígio para escalar árbitros que favorecessem os seus clubes. O Fluminense era o líder do que parte da imprensa chamou de a “grande Maçonaria”⁴³⁶, responsável por “controlar” a arbitragem na cidade⁴³⁷.

O comportamento da torcida também se alterava. Desde o fim da década de 1910, o perfil do torcedor ia mudando. Mesmo a considerada elegante torcida do Fluminense perdia a compostura quando seu time não ia bem, como ocorreu em 15 de junho de 1923, mediante a goleada sofrida diante do São Cristóvão por 4 x 1. A culpa da derrota, para a torcida, era do juiz, que foi xingado de “ladrão, burro e sujo”⁴³⁸. O grau de envolvimento da torcida com a competição extrapolava a lógica amadora da pura diversão. Em 1927, em uma tentativa fracassada de disciplinar a torcida, Carlos Burlamaqui organiza a “torcida tricolor”, uma espécie de torcida oficial que ensaiaria no clube e teria uma ala na arquibancada somente para ela⁴³⁹.

Apesar de muitas tentativas de manter o controle do jogo, o futebol torna-se um espaço de extravasamento das emoções no sentido oposto de Elias e Dunning (1991). Os estádios refletiam um meio de representação simbólica do corpo social de seus novos frequentadores, agora muito mais complexos e multifacetados do que nos primórdios do futebol na cidade. Os códigos morais de civilidade dos indivíduos, defendidos pelos *sportmen*, entravam em tensão com os novos rumos que o futebol apontava com a sua crescente popularização e ascensão de times menores como o Vasco da Gama e o São Cristóvão, que venceram campeonatos com jogadores mulatos, negros e brancos pobres.

Os esportes em equipes como futebol foram praticados com maior frequência nas primeiras décadas na medida em que representava uma ascensão na hierarquia social, “no tempo que as práticas esportivas eram reservadas a alguns, o culto do *fair-*

⁴³⁵ O jogo foi realizado nas Laranjeiras e terminou com o placar de 3 x 2 para o Flamengo, sendo essa a única derrota do Vasco da Gama no campeonato. *Correio da Manhã*, 16 de junho de 1923.

⁴³⁶ O termo denota a influência dos grandes clubes, e principalmente do Fluminense, na escolha dos árbitros. “O problema do juiz continua a ser motivo das mais sérias apreensões: parece mesmo que a própria maçonaria não tem o caso resolvido”. *O sport*, 14 de maio de 1923.

⁴³⁷ O *Correio da Manhã* em oposição aberta ao Fluminense chama o clube de bolchevista e mostra a tentativa dele em burlar a lei no sentido de escolher seus próprios juizes, passando por cima das determinações da liga Metropolitana. *Correio da Manhã*, 18 de abril de 1923.

⁴³⁸ *Correio da manhã*, 16 de junho de 1923.

⁴³⁹ *O Globo*, 11 de abril de 1927.

play limitava-se a contribuir para a realização da verdade essencialmente distintiva do esporte” (Bourdieu, 2008a:204). Entretanto eles permitem, devido à sua acessibilidade, a presença de novos indivíduos indesejáveis. Essa vulgarização de algo que antes era um prazer aristocrático leva as classes dominantes a criarem mecanismos de rejeição a esse processo, para manutenção da distinção social⁴⁴⁰. Durante os anos 1920, assistimos a valorização cada vez maior dos esportes olímpicos dentro do Fluminense. Essa valorização aumenta na medida em que o futebol vai saindo do domínio de grupos mais seletos.

Fundado inicialmente para a prática do futebol, o Fluminense aos poucos vai incorporando novas modalidades esportivas. Em 1905 ele começa a praticar o atletismo; dois anos depois, o clube faz sua primeira quadra de tênis. Com a inauguração da nova praça esportiva, em 1915, o clube passa a abrigar diversos esportes olímpicos, tornando-se uma força em diversas modalidades⁴⁴¹, ganhando o primeiro campeonato carioca de atletismo, em 1919. Na década seguinte, o clube levantará diversos campeonatos no basquete⁴⁴², atletismo⁴⁴³, tiro ao alvo⁴⁴⁴, xadrez⁴⁴⁵ e tênis⁴⁴⁶. De todos os esportes praticados no Fluminense, o tênis é o que se mais destaca: o clube é campeão durante toda a década de 1920, tornando-se o preferido dos sócios mais elegantes do clube. “O tênis é o esporte aristocrático por excelência. Bem que poderíamos ser barões. Falta tão pouco”⁴⁴⁷. Durante muitos anos, Santos Dumont era visto nas quadras do clube apitando partidas de tênis. (Coelho Netto, 2002:281-282). Passando longe dos campos de futebol, o tênis será um espaço alternativo à popularização do futebol.

Para Bourdieu (2008a:204), quando a prática de um determinado esporte não denota mais raridade, há um afastamento dos setores dominantes desse esporte, indo para outros mais exclusivos como o golfe, tênis, iatismo e equitação, como forma de

⁴⁴⁰ “É de fato, os esportes mais tipicamente populares - tais como o futebol o rúgbi, ou a luta de boxe que, em seu primórdios na França, deram grande prazer aos aristocratas (ou pelo menos aquele que, sempre em número reduzido, colocavam ai seu esnobismo), mas que, ao vulgarizarem-se, deixaram de ser o que eram em relação à realidade e à percepção que os dominantes tinham a seu respeito” (Bourdieu, 2008:203).

⁴⁴¹ Em 1920, o clube inaugura sua sessão de basquete masculino, natação e saltos ornamentais; em 1921, o xadrez; em 1922, o *waterpolo*; em 1923, tiro ao alvo e voleibol e em 1929 o basquete feminino, entre outros.

⁴⁴² Campeão em 1920 a 1927 e 1931.

⁴⁴³ Campeão em 1919, 1921, 1923 a 1926 e 1931 a 1933.

⁴⁴⁴ Campeão em 1923 e de 1927 a 1931.

⁴⁴⁵ Campeão em 1928 e 1929.

⁴⁴⁶ Campeão consecutivo no masculino entre 1919 e 1931 e no feminino de 1929 a 1934.

⁴⁴⁷ Manos de Freitas. Pensamentos e... perfídias. Manos de Freitas. *Boletim do Fluminense F. C.* 06 de março de 1932.

manter a distinção⁴⁴⁸. A valorização dos esportes olímpicos pelo clube permite uma ressignificação do *habitus*, retraduzindo as necessidades desse grupo social e reafirmando os traços distintivos do clube e suas representações.

Com tantos esportes olímpicos, o clube reivindica ao Comitê Olímpico Internacional a posse da Taça Olímpica. A Taça Olímpica, também chamada de Taça de Honra, é concedida para a instituição que mais tenha feito em prol do ideal olímpico e do esporte. O clube faz seu primeiro pedido em 1924⁴⁴⁹ sem sucesso. Em 1936, volta a tentar com novo insucesso. Somente em 1948, na sua terceira inscrição, mediante um acordo com os ingleses, o clube retira sua candidatura, com a garantia que ela seria vitoriosa em 1949. Nesse ano ele consegue a taça, tornando-se o único clube brasileiro a possuir a Taça Olímpica, considerada a maior conquista do clube em toda a sua história.

Apesar do desenvolvimento dos esportes olímpicos, o futebol ainda era o esporte de maior evidência do clube e o que lhe dava maior destaque, e é justamente a possibilidade de perder o controle sobre o jogo que leva o Fluminense a liderar a reação aos pequenos clubes. O Fluminense, na figura de seu representante na LMDT, Mário Pollo, defende uma série de restrições aos clubes pequenos, considerados pelos grandes sem condições materiais para a prática do jogo.

Sem conseguir mudar o perfil da LMDT, agora controlada pelos pequenos clubes que remuneravam abertamente seus jogadores⁴⁵⁰, Mário Pollo liderará a fundação da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) em 1924, cuja presidência será de Arnaldo Guinle⁴⁵¹. A nova entidade teria como princípio a defesa do amadorismo puro.

Desprestigiada e sem o apoio dos grandes clubes da zona sul, a LMDT entra em crise financeira em virtude da queda das rendas e rapidamente perde espaço para a AMEA. Logo os clubes pequenos aceitam as novas regras e entram na nova associação.

Para Antônio Jorge Soares (2001), o que ocorreu em 1924 foi algo mais do que racismo. O racismo existia, mas não a segregação, pois se houvesse segregação, os

⁴⁴⁸ Bourdieu alerta que “mesmo que a lógica da distinção seja suficiente para justificar, no essencial, a oposição entre esportes populares e os esportes burgueses, ocorre que é impossível compreender completamente a relação entre os diferentes grupos e as diferentes práticas institucionalizadas, ou seja, os usos sociais que são favorecidos, desfavorecidos ou excluídos por essas práticas” (Bourdieu, 2008a:205).

⁴⁴⁹ *A Noite*, 06 de novembro de 1924.

⁴⁵⁰ A eleição do Capitão Agrícola Benthlen do Vila Isabel para a presidência da LMDT, em 1923, permite a acessão dos pequenos clubes ao controle da Liga, retirando os grandes clubes do poder. Não aceitando a perda de poder político, os clubes mais tradicionais, em nome da defesa do amadorismo, vão abandonar a LMDT e fundar a Associação Metropolitana Esportes Atléticos (Moraes, 2009: 107-109).

⁴⁵¹ *O sport*, 28 de abril de 1924.

negros nem teriam sido aceitos. A tensão maior envolvia a questão do amadorismo *versus* profissionalismo. A defesa do amadorismo ainda era um valor de resistência das elites, que dirigiam o campo esportivo na cidade, apesar da crescente popularização do futebol.

A crise vivida no futebol nos anos vinte fazia parte de uma configuração mais ampla do esporte, que não se limitava ao Brasil. A popularização do futebol seu processo de transformação em negócio e em profissão estava tencionado pelos valores amadorísticos ou aristocráticos do esporte (Soares, 2001:119).

O que motivava o Fluminense e seu presidente Arnaldo Guinle, nesse momento, não era a defesa intransigente do amadorismo, uma vez que, como vimos, o clube, de maneira indireta, também praticava o falso amadorismo. A defesa do regime amador era apenas um instrumento para o domínio do jogo no Rio de Janeiro; era uma disputa política pela hegemonia do futebol pelos grandes clubes, entre eles o Fluminense. O objetivo não era excluir as pequenas agremiações, mas submetê-las ao poder e aos princípios dos grandes clubes “rico e pobre comendo do mesmo trigo”⁴⁵².

O Fluminense foi o campeão do primeiro campeonato organizado pela AMEA em 1924. No ano seguinte, o Vasco voltou a ser aceito, mas o campeão foi o Flamengo. O princípio da distinção estava mantido, aparentemente as coisas voltavam à normalidade, mas só aparentemente: o profissionalismo era algo que se impunha na prática e logo o Fluminense e o América iriam perceber isso.

3.2 - Profissionalismo: uma necessidade

A explicação mais comum para responder à indagação de como um clube tão ligado às tradições do amadorismo, como o Fluminense, passa em determinado momento a não só defender a profissionalização do atleta de futebol, mas como liderar esse movimento, foi dada por Mario Filho. Para ele, o Fluminense só aderiu ao profissionalismo porque estava cansado de perder títulos: “O Fluminense cansado de perder campeonatos, tornou-se um pioneiro de profissionalismo” (Rodrigues Filho, 2003:193).

⁴⁵² Mário Pollo. *O Imparcial*, 22 de fevereiro de 1924.

Tal explicação precisa ser problematizada. Ela por si só não é capaz de dar conta de todas as transformações que o futebol vinha sofrendo ao longo da década de 1920 e como essas transformações atingiram o Fluminense. A adesão do clube das Laranjeiras ao profissionalismo se deve a vários fatores relacionados com o aumento das arrecadações, a perda de jogadores para o exterior e uma luta política pelo controle da administração do futebol no Rio de Janeiro travada entre Arnaldo Guinle e Rivadávia Meyer.

Durante a década de 1920, o Fluminense atravessa um período de crescimento das rendas de seus jogos de futebol. Em 1922, as rendas giravam em torno de 44:112\$000. Em 1926, esse valor subiu para 130:919\$500⁴⁵³. O aumento dos preços dos ingressos já era alvo de reclamação em 1925.

Quando no Tempo do Onça em que os cães respeitavam as amarras de lingüiça, se resolveu cobrar ingressos nos campos de futebol, as primeiras quantias estipuladas foram uma ou duas dezenas de cem reis. Era uma simples compensação de despesas, para evitar o prejuízo da conservação dos campos. Veio depois a definição do *footballer* e com esse exagero surgiu o apogeu do jogador, tornado príncipe! Um reinado não se paga com tostões; e as dezenas foram multiplicadas e subiram como a carne seca e outras jóias raras! As cadeiras numeradas (criação faustosa e moderna) subiram desassombradamente ao custo, quase ao camarote de companhia lírica!

Nos teatros paga-se muito menos para assistir ao trabalho dos artistas que são bem regularmente remunerados.

Já há treinos com entidades pagas. A exorbitância dos preços que se vem cobrando ultimamente precisa ter um paradeiro. Eles estão por demais elevados e só gozam das riquezas do futebol de hoje – riquezas subtraídas do público – limitada a dezenas de felizardos, que, noutros tempos, no tempo do onça – pagavam do seu próprio bolso. Mas isso era no tempo do esporte por esporte⁴⁵⁴.

O tom irônico do artigo nos permite perceber o quanto o futebol havia se transformado desde a sua fundação. Cada vez mais ele se tornava um negócio rendoso que enchia os cofres dos clubes e exigia um olhar diferenciado para a sua administração. Em 1925, o presidente do Fluminense em exercício, Mário Pollo, defendia a não ida da seleção brasileira para o sulamericano, alegando que isso

⁴⁵³ Relatório dos trabalhos sociais de 1922 p. 41 e Relatório dos trabalhos sociais de 1926 p. 44. *Arquivo Fluminense F. C.*

⁴⁵⁴ Revista: *O Mundo Desportivo*, 04 de julho de 1925.

atrapalharia o campeonato regional⁴⁵⁵. Certamente o medo de queda das arrecadações com uma possível paralisação do torneio já falava mais alto do que qualquer ideal nacional.

Maior liderança no Fluminense, Arnaldo Guinle transformou o clube em líder da luta pelo profissionalismo. Para ele o profissionalismo era uma evolução natural do futebol que englobava não só o Brasil, mas o mundo todo. O profissionalismo seria um meio para melhorar o nosso futebol, permitindo ao clube retirar vantagens comerciais⁴⁵⁶.

Outro fator determinante na mudança de posição do clube foi a perda cada vez maior de jogadores para clubes da Europa. Saíram do Fluminense jogadores como Ministrinho, Demóstenes e Fernando Giuedeceli, que foi para a Itália fazendo críticas ao presidente do clube, Arnaldo Guinle. Em um depoimento, Amílcar Barbuy exemplificava o que acontecia naquele momento.

Vou para a Itália. Cansei de ser amador no futebol onde essa condição há muito deixou de existir, maculada pelo regime hipócrita da gorjeta que os clubes dão aos seus jogadores, reservando-se para si o grosso das rendas. Durante 20 anos prestei desinteressadamente ao futebol nacional os meus modestos serviços. Que aconteceu? Os clubes enriqueceram e eu não tenho nada. Vou para o país onde sabem remunerar a capacidade do jogador (Correa, 1933:127).

Nem sempre os jogadores saíam do país. Alguns clubes do Rio de Janeiro, como o América, já aliciavam jogadores de outros clubes. O clube levou Pennaforte do Flamengo, o goleiro Ripper⁴⁵⁷ e Floriano Peixoto do Fluminense. Esses jogadores eram constantemente acusados de se “vender” para o adversário em troca de presentes ou até dinheiro.

Para os defensores do amadorismo, o profissional era a pessoa mercenária, que não amava o clube. Seu único objetivo era ganhar dinheiro. Ser profissional era uma afronta para aqueles que viam o esporte como um passatempo, uma forma de exibição pessoal que lhe dava distinção⁴⁵⁸. O amador preferia viver uma vida mais livre,

⁴⁵⁵ *O Sport*, 03 de outubro de 1925.

⁴⁵⁶ *Jornal dos Sports*, 31 de agosto de 1932.

⁴⁵⁷ *O Sport*, 05 de março de 1927.

⁴⁵⁸ Em coluna assinada por “D. Xisto”, o jornal *Imparcial* se coloca claramente contra o profissionalismo no futebol, pois vê tal questão como deturpadora dos princípios do esporte que eram a prática da cultura física saudável pelos jovens. Considerando o profissional como alguém que se vende, comprado pelo

frequentar festas, aparecer nos salões do clube sem a cobrança que o profissionalismo impunha. Essa defesa do amadorismo era corrente dentro do Fluminense como demonstra um artigo escrito em 1928 na *Revista Sportiva* do Fluminense, criticando o profissionalismo e reafirmado a posição da diretoria do clube em favor do amadorismo.

A finalidade principal do *sport* é educar física e moralmente aqueles que o praticam como verdadeiros amadores. Todavia quando um desses amadores tenta tirar proveito do esporte de forma desleal fa-lo perder totalmente a sua finalidade porque quem assim o pratica não é um verdadeiro *sportmen*, não é brioso, é um escravo apenas, um músico mortal que troca por moedas de ouro a sua consciência, a sua própria dignidade. E esses moços que assim procedem causam nojo e inspiram pena ao mesmo tempo. Pena pela situação a que se submetem e nojo pela baixeza de caráter que patenteiam.

Propugnado sempre pelo amadorismo limpo, o tradicional grêmio esportivo da Rua Álvaro Chaves que tem a guiar os destinos de homens de caráter e altivez como Arnaldo Guinle, Mário Pollo, Affonso de Castro e outros, jamais se juntará aos que procuram o outro caminho que é a estrada da indignidade⁴⁵⁹.

Se em 1928 a diretoria do clube ainda defende o amadorismo puro, pelo menos no discurso, sua posição será outra no início dos anos trinta. A conjuntura política do campo esportivo fará com que o clube mude seu posicionamento em relação a essa questão.

Essa disputa pelo domínio do “campo esportivo”⁴⁶⁰ deu-se entre Rivadávia Meyer⁴⁶¹, dirigente ligado ao Botafogo e presidente da AMEA, e Arnaldo Guinle, presidente de honra do Fluminense, ex-presidente da CBD e da AMEA. Os dois

clube, não pertencente a ele. *O Imparcial*, 05 de março de 1921. Em outra coluna assinada por Pindaro de Carvalho o jornal chama os profissionais de “sujos”. *O Imparcial*, 07 de maio de 1921.

⁴⁵⁹ *O tricolor Revista sportiva do Fluminense Foot-ball Club*, nº. 12, outubro/ novembro de 1928.

⁴⁶⁰ Para Bourdieu em um dado momento, um ou mais agentes sociais assumem distintas posições intelectuais. Contudo, esse campo não é um agregado de elementos isolados, mas sim uma configuração ou uma rede de relacionamentos movidos por autoridades específicas que fazem com que seja também um espaço de disputas de poder. Destacamos, por fim, que o campo é influenciado pelos interesses e pelos conflitos da sociedade maior, mas sua lógica é própria (Bourdieu, 1992). Não se deve reduzir o conceito de campo a um universo de exceção, onde o mundo artístico ou esportivo ignora os interesses econômicos e sociais e nem fazermos o oposto de reduzir as lutas políticas travadas no interior do campo somente as questões políticas e econômicas da sociedade (Bourdieu, 1990a).

⁴⁶¹ Rivadávia Meyer passou a fazer parte dos quadros do Botafogo em 1916, participando da equipe infantil e do quadro principal. Em 1924 longe dos gramados tornou-se secretário do clube. No Botafogo atuou em diversos cargos, como vice-presidente entre 1935-1938 e presidente entre 1973 e 1975. Foi presidente da AMEA entre 1932 e 1934. Seu cargo mais importante foi o de presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) entre 1945 e 1955 (Souza, 2008: 42-43).

travaram uma disputa pelo domínio político do futebol brasileiro tendo como base a questão do profissionalismo.

Ao tornar-se presidente da AMEA em 1932, Rivadávia Meyer não tinha o apoio da maioria dos clubes fundadores. Sua base política eram os chamados “clubes menores”. Arnaldo Guinle liderava a maioria do conselho dos fundadores, formado por: Fluminense, Flamengo, Botafogo, Vasco, América, Bangu e São Cristóvão. Após a vitória de Rivadávia Meyer, os “fundadores” em minoria apresentaram proposta de reduzir o número de clubes participantes do campeonato carioca para nove. A razão para isso seria a necessidade de diminuição dos custos em virtude das baixas rendas. Essa atitude, na verdade, tinha como objetivo diminuir o poder do presidente da AMEA, já que esse controlava os “clubes menores”. A estratégia fracassou e o campeonato continuou com os mesmos 12 clubes originais⁴⁶². Em agosto de 1932, Arnaldo Guinle deixava claro que o Fluminense lideraria a criação de uma liga de futebol profissional.

A posição de Arnaldo Guinle ainda não era uma unanimidade dentro do clube. O Boletim do Fluminense F. C. de 3 de julho de 1932 publica uma declaração de Marcos Carneiro de Mendonça dizendo ser o profissionalismo uma substituição dos princípios idealistas do futebol por outros princípios utilitaristas que ameaçavam os alicerces morais de todas as organizações esportivas do mundo⁴⁶³. O escritor Coelho Netto considerava o profissionalismo uma deturpação dos esportes e da filosofia dos *sportmen*⁴⁶⁴. O próprio presidente do clube, Oscar da Costa, substituto e aliado político de Arnaldo, tinha dúvidas quanto à possibilidade dos clubes manterem o profissionalismo. “Acho que muitos clubes cariocas morrerão, quando se regulamentar, aqui, o profissionalismo. Não temos capacidade financeira para tanto”⁴⁶⁵.

Arnaldo Guinle sabia que o profissionalismo era uma questão de tempo. Ele buscava antecipar-se ao processo, liderando a luta pelo profissionalismo e, consequentemente, dominando o campo esportivo. Internamente usou todo o seu prestígio em favor de sua causa. Os órgãos de informação do clube, todos eles

⁴⁶² *Jornal dos Sports*, 02 de março de 1932.

⁴⁶³ *Boletim do Fluminense F.C.* 31 de julho de 1932.

⁴⁶⁴ *Jornal do Brasil*, 16 de março de 1933. O jornal publica que o escritor teria se retirado com indignação da sala de reuniões do Fluminense. Essa notícia não é confirmada em nenhum outro órgão de imprensa. Devemos lembrar que o *Jornal do Brasil* era contrário ao profissionalismo e que a última aparição pública de Coelho Netto foi em 1932, pronunciando um discurso de despedida da delegação brasileira para os jogos olímpicos de 1932, onde defendeu os princípios do esporte como formador de cidadãos. Em 1933 o escritor estava doente e desde a morte de sua esposa quase não saía de casa, vindo falecer em 1934. Sobre o discurso, ver *O Globo*, 20 de junho de 1932.

⁴⁶⁵ *Jornal dos Sports* 19 de julho de 1932.

favoráveis a Arnaldo Guinle, aos poucos mudaram de posição e já criticavam abertamente o falso amadorismo dando voz ao presidente de honra do clube.

A adoção do profissionalismo é uma necessidade que se impõe. Cumpre não ver no empreendimento apenas uma empresa comercial. É um meio aconselhável para melhorar o nosso futebol, é um fator para beneficiar os nossos esportes, dando-lhe um surto novo⁴⁶⁶.

Aos poucos Arnaldo Guinle consegue o apoio de seu sucessor na presidência do clube, Oscar da Costa, e dos demais membros da diretoria, desde que o futebol profissional não se misturasse às demais atividades amadoras⁴⁶⁷.

Precisamos melhorar o nosso padrão de jogo e o único meio é a adoção do profissionalismo, contra o qual já me bati, mas que reconheço se agora uma necessidade que se impõe. Os clubes que fazem questão de restringir suas atividades ao amadorismo estão sujeitos a frequentes derrotas a desgastar os seus associados⁴⁶⁸.

Mesmo amadores radicais, como Preguinho, declaravam em 1931 ser o profissionalismo uma necessidade⁴⁶⁹.

Fora do clube a criação de uma liga profissional seria o caminho para diminuir o poder da AMEA amadorista e de seu presidente Rivadávia Meyer.

O domínio do “campo esportivo” significava, também, o comando de um próspero negócio em que estava se tornando o futebol. As arrecadações com as rendas no início dos anos trinta continuavam aumentando. Em 1927, era de 142.447\$500⁴⁷⁰; já em 1931, ela era de 297:468\$000.⁴⁷¹ Mesmo se considerarmos uma diminuição no ritmo de aumento do público, no início dos anos trinta, como alegavam os dirigentes, o lucro advindo dos jogos aumentava cada vez mais. É preciso ressaltar que o país vivia um clima político conturbado iniciado com o movimento de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932. Havia razões bem concretas para se acreditar que o

⁴⁶⁶ Discurso de Arnaldo Guinle, *Boletim do Fluminense F. C.*, 04 de setembro de 1932.

⁴⁶⁷ A decisão final do clube foi tomada em novembro de 1932, após reunião da diretoria com Arnaldo Guinle em seu gabinete. *O Globo*, 28 de novembro de 1932.

⁴⁶⁸ Entrevista de Oscar da Costa ao *Boletim do Fluminense F. C.*, 04 de setembro de 1932.

⁴⁶⁹ *O Globo*, 06 de julho de 1931.

⁴⁷⁰ *Relatório dos trabalhos sociais de 1927*, FFC.

⁴⁷¹ *Relatório dos trabalhos sociais de 1931*, FFC.

potencial lucrativo do futebol só aumentaria com o profissionalismo, pois evitaria o êxodo dos melhores jogadores como vinha ocorrendo.

Fernando Giudicelli, jogador do Fluminense, acompanhou o Vasco em uma excursão à Europa em 1931, para nunca mais voltar. O jogador foi acusado de ter provocado uma expulsão ao dar um tapa no juiz em um jogo contra o Botafogo⁴⁷², para sair do campo mais rápido, dando tempo de incorporar-se a delegação do Vasco. Por ter sobrenome italiano, seu caminho para uma contratação por um time italiano seria mais fácil (Rodrigues Filho, 2003:181). Algum tempo depois, Fernando Giudicelli voltou de Gênova como emissário do futebol italiano e levou Demóstenes Magalhães, outro jogador do Fluminense, para a Itália. Demóstenes, apesar de frequentar os salões do clube, vivia de forma modesta, muitas vezes sem ter quatrocentos reis para tomar a barca (Idem: 183).

A disputa política entre Arnaldo Guinle e Rivadávia Meyer dividia os clubes: Fluminense, América, Vasco e Bangu e o Presidente da CBD, Renato Pacheco, apoiavam Guinle, enquanto Rivadávia tinha a direção da AMEA, o Botafogo, o Flamengo e o São Cristóvão, além do controle dos chamados pequenos clubes.

A posição do Vasco e do Bangu não surpreendia. O Vasco há muito já assumia que pagava bicho a seus jogadores, na maioria negros e de origem social modesta, disfarçando-os como empregados do comércio. O Bangu sempre utilizou o artifício de empregá-los na fábrica e dar-lhes alguns privilégios. O América aderiu à luta pelo profissionalismo de olho nas rendas que o novo regime poderia trazer ajudando o clube a sair de uma péssima situação financeira em que se encontrava com sua sede hipotecada e cheio de dívidas⁴⁷³.

Assumindo a presidência do Fluminense, Oscar da Costa inicia uma conversa com o presidente do América, Antônio Gomes Avelar, para a criação de um grupo pró-profissionalismo. A eles juntou-se Ari Franco, presidente do Bangu, e Manuel Joaquim, presidente do Vasco.

Em 05 de julho de 1932, realiza-se na sede do Fluminense uma reunião com o objetivo de debater o profissionalismo. Estavam presentes representantes de diversas

⁴⁷² “Um jogador que envergonha a tradicional e fidalga jaqueta tricolor esbofeteou em pleno campo o juiz da partida”. *Jornal do Commercio*, 09 de junho de 1931.

⁴⁷³ Sobre o pagamento de bichos no Vasco, ver Moraes (2009). Sobre jogadores do Bangu, ver, Antunes (1994:102-109). Sobre situação financeira do América, ver Cunha e Valle (1972:182).

entidades interessadas no tema, tanto do Rio de Janeiro como de São Paulo⁴⁷⁴. Essa reunião foi marcada por muitos desentendimentos com os defensores do amadorismo. Uma segunda reunião foi marcada novamente no Fluminense, contando só com representantes dos clubes cariocas e um convite a Renato Pacheco, presidente da CBD. Apesar dos desentendimentos, uma comissão é composta para a elaboração de um projeto de estatuto de criação de uma liga profissional carioca⁴⁷⁵. Entre uma e outra reunião, um passo importante foi dado em favor da profissionalização do futebol: em entrevista, o presidente do Fluminense anuncia o início da remuneração dos árbitros. O dirigente acreditava que tal medida teria efeito positivo na qualidade da arbitragem⁴⁷⁶.

Com a criação da comissão, o debate pega fogo. O presidente da AMEA, Rivadávia Meyer, critica abertamente a iniciativa. A polêmica atinge os jornais, que se dividiram: *O Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* ficaram a favor do amadorismo, enquanto *O Globo* e o *Jornal dos Sports* faziam campanha pelo profissionalismo. Em dezembro de 1932, Arnaldo Guinle reafirma a liderança do Fluminense no processo de profissionalização.

Não tem a menor dúvida: o profissionalismo virá dentro em breve. O Fluminense não retrocederá em sua iniciativa. O profissionalismo será implantado apesar de todos os palpites em contrário. O Fluminense, o Bangu, o América e o Vasco estão solidários⁴⁷⁷.

Finalmente em 12 de janeiro de 1933, os estatutos da Liga Carioca de Futebol são apresentados para a votação em assembleia⁴⁷⁸. Entretanto, no dia 15 de janeiro de 1933, toma posse a nova diretoria do Vasco da Gama. Esta, ao contrário da anterior, era simpatizante ao amadorismo. A mudança de posição do Vasco ameaça a vitória do profissionalismo⁴⁷⁹. A esperança era que o conselho deliberativo do clube mantivesse sua posição a favor do regime profissional. O futuro do futebol carioca seria decidido em uma reunião na sede do Vasco da Gama, a 21 de janeiro de 1933. Pressionada pelo

⁴⁷⁴ Estavam presentes além dos presidentes do Fluminense, Vasco, América e Bangu, o jornalista de *O Globo* (Julio Mallitz), representante dos árbitros (Luiz Vinhais), representante da APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), Arnaldo Guinle, Pedro Magalhães (Presidente do São Cristóvão), Pedro da Cunha (presidente do Bonsucesso) e até representante de torcidas (Gomes da Cruz do Vasco). *Jornal dos Sports*, 06 de Julho de 1932.

⁴⁷⁵ Nesta segunda reunião compareceram representantes do Fluminense, São Cristóvão, Bangu, Botafogo, Vasco, América, e Flamengo. *Jornal do Commercio*, 29 de agosto de 1932.

⁴⁷⁶ *O Globo*, 22 de agosto de 1932.

⁴⁷⁷ *Jornal dos sports*, 28 de dezembro de 1932.

⁴⁷⁸ *O Globo*, 12 de janeiro de 1933.

⁴⁷⁹ Para a aprovação dos estatutos era necessário a maioria simples dos votos. A situação era de maioria pró profissionalismo (Fluminense, América, Bangu e Vasco) e a favor do amadorismo apenas Botafogo, Flamengo e São Cristóvão. Se o Vasco mudasse de lado o estatuto seria rejeitado por 4 x 3.

conselho deliberativo, a nova diretoria renuncia coletivamente e o conselho assume o clube, mantendo a posição a favor do profissionalismo⁴⁸⁰.

Dois dias após a reunião vascaína, novamente na sede do Fluminense, os estatutos da Liga Carioca de Futebol são aprovados, com os votos contrários de Botafogo, Flamengo e São Cristóvão, que se retiram da reunião⁴⁸¹.

A Liga Carioca de Futebol seria composta inicialmente por Bangu, Fluminense, Vasco, América e Bonsucesso. O primeiro presidente foi Raul Campos, apoiado pelo vice-presidente Oscar da Costa e Arnaldo Guinle. Enquanto na AMEA permaneceram inicialmente filiados: Botafogo, Flamengo, São Cristóvão, Olaria, Andaraí, Cocotá, Confiança, Engenho de dentro, River, Brasil, Mavilis e Portuguesa.

O Flamengo vivia um clima político interno confuso. O presidente eleito Paschoal Segreto Sobrinho era partidário do profissionalismo, porém, a diretoria repudiou a proposta em reunião realizada em 19 de janeiro de 1933. Derrotado, o presidente renunciou, sendo substituído por José Bastos Padilha, que inicialmente apoia o amadorismo, levando o clube a votar com o Botafogo⁴⁸². Essa posição não demorou muito e, em maio de 1933, o clube ingressa na liga profissional⁴⁸³. Assim como o Flamengo, o São Cristóvão também adere à liga.

Com a implantação da liga profissional, a AMEA desfilou o Fluminense, o Vasco e o Bangu⁴⁸⁴. Estes recorreram à CBD, já que o seu presidente, Renato Pacheco, era aliado de Arnaldo Guinle. Entretanto, a atuação de Luis Aranha na assembleia da CBD, em maio de 1933, deixou a questão indefinida. Luis Aranha visava a presidência da CBD, fazendo oposição a Renato Pacheco. Isso o aproximou do Botafogo e da AMEA. Em uma nova assembleia, realizada em junho de 1933, a CBD ratifica a decisão da AMEA de desfiliar os clubes da Liga. Renato Pacheco renuncia à presidência, abrindo caminho para a ascensão de Luis Aranha⁴⁸⁵.

A paz no futebol carioca só foi selada em 1937, quando os presidentes do América e do Vasco assinaram um acordo estabelecendo as bases da fundação de uma liga profissional com todas as forças esportivas da cidade. Esta ficaria submetida à Federação Brasileira de Futebol (FBF), filiada à CBD. A FBF ficaria com o controle do

⁴⁸⁰ Da diretoria demissionária apenas o presidente Manuel Joaquim Pereira Ramos volta em sua decisão. *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1933 e *O Globo*, 23 de janeiro de 1933.

⁴⁸¹ *Jornal do Commercio*, 24 de janeiro de 1934.

⁴⁸² *Jornal dos Sports*, 28 de janeiro de 1933.

⁴⁸³ O Flamengo abandona o campeonato da AMEA já iniciado e fica seis meses sem poder participar de nenhuma atividade esportiva.

⁴⁸⁴ Oscar da Costa chama a assembleia da AMEA de irrisória. *O Globo*, 14 de fevereiro de 1933.

⁴⁸⁵ Sobre a posição da CBD, suas relações com o Governo Vargas, ver Souza (2008:46 a 57).

futebol no Brasil e a CBD cuidaria das filiações internacionais e de competições no exterior. No campo político, o grupo de Arnaldo Guinle conseguiu o domínio sobre as federações, enquanto o grupo de Meyer e Luís Aranha o controle da CBD⁴⁸⁶.

3.3 - Profissionalismo sem perder o elitismo

Logo após a aprovação do regime profissional, o presidente Oscar da Costa afirma que o Fluminense começará logo a tratar da formação de seu quadro de profissionais com a aquisição de *cracks* que deveriam treinar desde já⁴⁸⁷. Para o clube, a aprovação do regime profissional lhe permitiria ganhar títulos, coisa que não acontecia desde 1924.

O nosso clube fez o amadorismo de fato e daí as desvantagens que teve nos últimos campeonatos. Os nossos *footballers* sempre tiveram seus empregos e não podiam submeter-se ao preparo como os *footballers* de outros clubes⁴⁸⁸.

O argumento não pode ser apontado como uma verdade absoluta, pois o clube também possuía formas de remunerar seus atletas, como já vimos. Apesar disso, o profissionalismo também era visto como uma oportunidade real do clube recuperar a hegemonia técnica do futebol carioca com a contratação de jogadores de maior nível⁴⁸⁹. Neste período, o clube contrata alguns nomes do futebol carioca filiados a clubes amadores, como Ernesto, do São Cristóvão⁴⁹⁰, Nariz⁴⁹¹ e Vicentino, do Flamengo⁴⁹².

Entretanto, a questão não eram tão simples assim. Alguns jogadores não desejavam se profissionalizar, pois tinham vergonha e receio de perder as regalias que o amadorismo permitia. Alguns preferiram abandonar o futebol, em sua maioria rapazes com bom nível social, que cursavam universidades. Outros continuaram a jogar pela equipe amadora do clube, sem os rigores do profissionalismo.

⁴⁸⁶ *Ibidem*, p 57.

⁴⁸⁷ *O Globo*, 24 de janeiro de 1933.

⁴⁸⁸ *Boletim Fluminense Football Club*, 05 de março de 1933.

⁴⁸⁹ Inicialmente houve um acordo entre Fluminense, Vasco e América de não contratarem seus jogadores. O alvo do Fluminense seriam os jogadores do Flamengo, Botafogo e São Cristóvão, que não haviam aderido ao profissionalismo. *Diário Carioca*, 02 de fevereiro de 1933.

⁴⁹⁰ *O Globo*, 11 de março de 1933.

⁴⁹¹ Nariz estava jogando na Argentina. *O Globo*, 18 de março de 1933.

⁴⁹² *O Globo*, 02 de maio de 1933.

O nosso time de amadores do corrente ano será o mesmo de 1932. Os nossos *players* conforme tem declarado a imprensa, não condenam, em absoluto, o profissionalismo; acham que a medida era necessária, mas querem continuar a praticar o futebol sem remuneração⁴⁹³.

Albino Mesquita, *full-back* do tricolor, apesar de não ter nada contra o profissionalismo, só admite ser profissional se não encontrar outra carreira melhor.

Profissional? Por enquanto, não. Mais tarde, e se prevalecer a situação financeira, em que me encontro, talvez me aliste entre os profissionais do futebol. [...] O meu caso particular é esse: não quero fazer profissão do esporte, pois pretendo encarrear-me em outras profissões. Somente lançarei mão do esporte como um meio transitório de prover a minha e a subsistência da família. Daí considerar menos nobre a profissão vai uma grande distância.

E terminando disse que este ano o seu maior desejo é o de jogar num 2º quadro como amador, pois não se quer furtar ao prazer de seu *match* semanal⁴⁹⁴.

A adaptação de jogadores, acostumados com as relações mais soltas do amadorismo, não se dá de maneira muito fácil. A convivência de amadores com profissionais gerava situações novas, como a que envolveu o Fluminense e o jogador Benedito.

Benedito havia assinado contrato como profissional pelo Fluminense, entretanto, recebeu uma proposta da Itália e embarcou sem comunicar ao clube brasileiro, como era comum na época do amadorismo. O Fluminense anuncia a punição ao jogador que não poderia atuar em nenhuma liga no Brasil, além de recorrer à FIFA para impedi-lo de jogar no exterior⁴⁹⁵. Se o profissionalismo permitia que jogadores obtivessem ganhos financeiros com a prática do jogo, também os obrigava a abandonar posturas mais liberais, subjugando-o à vontade do clube, que exigiria dele uma postura condizente com o novo regime.

Os profissionais dado a sua posição de contratados terão compromisso com os clubes, treinaram convenientemente, de sorte que apresentarão melhores atuações. O público poderá exigir deles uma técnica mais aperfeiçoada⁴⁹⁶.

⁴⁹³ *Boletim Fluminense Football Club*, 05 de março de 1933.

⁴⁹⁴ *A Noite*, 08 de Julho de 1933.

⁴⁹⁵ *O Globo*, 08 de julho de 1933.

⁴⁹⁶ Entrevista do presidente do Fluminense Oscar da Costa ao *Boletim oficial do Fluminense F.C.*, 04 de setembro de 1932.

O caso mais polêmico nessa difícil relação entre amadorismo e profissionalismo no futebol envolvendo o Fluminense, foi a posição do maior ídolo do clube, João Coelho Netto, o Preguinho, em permanecer amador.

Pelos estatutos da liga carioca, um jogador amador poderia atuar pelo time profissional por até três jogos, após isso ele teria ou que se profissionalizar ou cumprir um estágio de seis meses sem jogar para poder voltar a atuar como amador⁴⁹⁷. Preguinho e o goleiro Veloso pertenciam ao time amador⁴⁹⁸, mas realizaram algumas partidas pelos profissionais. O Fluminense jogaria partida decisiva para o título na penúltima rodada do campeonato contra o Bangu. Tanto Preguinho como Veloso já haviam estourado a sua cota como amadores, tornando necessário que eles se profissionalizassem. Os jogadores se recusam a fazê-lo⁴⁹⁹. Veloso, em entrevista, diz que não jogará contra o Bangu e que o clube estaria forçando ele e Prego a assinarem contrato⁵⁰⁰. Nem mesmo a aceitação dos dois jogadores de cumprir a punição de seis meses remove a decisão do clube de só aceitá-los como profissionais. Sem o craque Preguinho, o Fluminense perde por 4 x 0 e o primeiro campeonato de profissionais do Rio de Janeiro vai para o time de Moça Bonita⁵⁰¹.

A decisão radical é uma forma de marcar posição sobre a nova política do clube para o futebol. O próprio presidente do clube deixava claras as dificuldades de convivência entre os dois regimes. “Em benefício do próprio esporte, cumpre *joeirar*, separando os profissionais dos amadores, partindo sempre do princípio de que ser profissional em esporte não desmerece ninguém”⁵⁰². Os dois exemplos revelam as profundas mudanças sofridas na maneira de se conceber o futebol com a adoção do novo regime. No mundo do profissionalismo, jogadores como Preguinho já não tinham mais lugar: o futebol distinto, ligado a valores de uma sociedade branca e europeia da época de Marcos Carneiro de Mendonça, Welfere, e outros, não conseguia mais conviver com o futebol mais competitivo, rentável e popular.

Não que o clube estivesse disposto a mudar sua imagem de um clube restrito, fino e elegante. Muito pelo contrário: o profissionalismo foi uma forma clara de separar

⁴⁹⁷ *O Globo*, 24 de outubro de 1933.

⁴⁹⁸ O time amador foi campeão invicto em 1933 e contava com vários jogadores da seleção brasileira.

⁴⁹⁹ Preguinho negava-se a abandonar o Guanabara, onde competia no remo e no *warterpolo*. Os jogadores aceitariam a punição de seis meses, mas não seriam profissionais *O Globo*, 24 de outubro de 1933.

⁵⁰⁰ *Diário carioca*, 09 de novembro de 1933.

⁵⁰¹ *O Globo*, 13 de novembro de 1933.

⁵⁰² Entrevista de Oscar da Costa ao *Boletim do Fluminense F. C.*, 04 de setembro de 1932.

o futebol, que deixara de ser um esporte de distinção⁵⁰³, dos outros esportes que permaneciam exclusivos. O profissionalismo, na verdade, resolvia uma questão que há muita preocupação uma parte dos sócios do Fluminense: a da inconveniente convivência com sócios de origens sociais mais baixas. Com a separação física dos espaços esportivos entre amadores e profissionais, cada qual em seu lugar, o clube mantinha a diferenciação que caracterizava amadores e profissionais. Os profissionais receberiam seus salários, serviriam ao clube e pronto.

Com o profissionalismo, a forma de prestígio do jogador se modifica. Se antes ele era admirado pelas moças da sociedade como bons rapazes, filhos de boas famílias, como Marcos Carneiro de Mendonça, verdadeiros deuses do Olimpo a indicar um caminho para a nação, com o profissionalismo eles ganharam a admiração das massas, sendo endeusados pelo seu talento e eficiência, mas o jogador profissional perdia o respeito das “boas famílias”. Já não serviam mais para frequentar o seu círculo, como faziam os primeiros amadores, e muito menos para serem maridos das damas do *High Society*. Passaram a ter o mesmo status dos atores de teatro da época: eram admirados, porém não aceitos. Nesse sentido, a luta que o clube faz em prol do profissionalismo constitui-se uma oportunidade de afirmar a sua posição social, ocupada no novo contexto esportivo, assegurando o distanciamento que se queria manter.

Mesmo com o profissionalismo, a vida social do Fluminense não se altera. O clube continua a ser uma referência de elegância e sofisticação e a receber as mais importantes personalidades da vida nacional, como sempre fez. É o que ocorre quando o clube, em plena disputa pela regulamentação do profissionalismo, concede ao presidente Getúlio Vargas o título de presidente de honra. O gesto não esconde a intenção política dos dirigentes de que o presidente intervenha na questão (Pereira, 2000:336), mas também revela que o clube pretende manter-se como um espaço restrito e refinado destinado aquilo que seria o “melhor de nossa sociedade”. Logo após a adoção do profissionalismo, o clube promove um “sorvete dançante”. O profissionalismo não mudaria seus hábitos sofisticados⁵⁰⁴.

O futebol continuará sendo o principal esporte do clube. A sua popularidade só aumentará nos anos trinta, entretanto a imagem do clube estará sempre associada a uma representação calcada na elitização que o distinguirá dos demais clubes. É essa memória

⁵⁰³ No sentido em que ele deixa de ser praticado nos valores consagrados pelos *sportmen*.

⁵⁰⁴ *Jornal do Brasil*, 23 de março de 1933.

que nas décadas seguintes foi perpetuada nos escritos de Mario Filho e Paulo Coelho Netto.

CAPÍTULO 4: CONSOLIDANDO TRADIÇÕES

A adesão ao profissionalismo não foi capaz de alterar a imagem do Fluminense associada ao refinamento e à sofisticação, pelo contrário, a identidade do Fluminense como um time de elite será ratificada. Enquanto outros clubes como Flamengo e Vasco da Gama construíram uma identidade associada ao popular, o Fluminense manteve uma imagem de distinção.

As obras de Mario Filho e Paulo Coelho Netto, ao resgatarem a história do clube, serão fundamentais para a consolidação dessa imagem a partir da construção de uma memória que associa o clube a um espaço branco, europeu e fidalgo, que se perpetua até os dias atuais.

4.1 - Mario Filho e o negro no futebol tricolor

Torna-se praticamente impossível estudar o futebol na época do amadorismo sem passar pela obra de Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*⁵⁰⁵. Sua influência é gritante na maioria dos trabalhos sobre o tema. Muitas vezes suas histórias são citadas, sem o devido crédito, como verdades estabelecidas, sem a devida conferência das fontes. Sem dúvida nenhuma, não podemos deixar de perceber que a obra de Mario Filho foi uma matriz significativa que influenciou quase toda a história do futebol. Seus escritos, influenciados por Gilberto Freyre, ajudam-nos a refletir sobre o futebol e seus significados. Entretanto, não podemos deixar de perceber os limites de sua obra que, ao buscar a redenção do negro no campo esportivo, acaba construindo uma memória única e linear, que escamoteia o conflito, fortalecendo uma visão homogeneizadora da história do futebol. Em sua perspectiva, grandes jogadores, como Leônidas e posteriormente Pelé, seriam um elemento de união e conagração nacional, consolidados a partir da participação do Brasil na copa do Mundo de 1938.

Em nossa perspectiva, Mario Filho é um construtor de tradições que se consolidaram através do que Antônio Jorge Soares (Helal, Soares & Lovisolo, 2001:13) chama de novos narradores. Ao criticar a produção em torno do futebol, o autor enfatiza que as pesquisas produzidas nas ciências sociais encontram sua origem e validade na obra de Mario Filho. Elas produzem uma narrativa lógica, baseada na sequência de três

⁵⁰⁵ O livro foi publicado originariamente em 1947. Na reedição de 1964 foram acrescentados mais dois capítulos. A cada nova edição o autor fazia modificações no corpo do texto. A publicação mais recente foi lançada em 2003 e é a que utilizamos nessa dissertação.

momentos bastante integrados: a chegada do futebol inglês e elitista, a sua popularização e, por último, o papel do negro nesse processo. “A tradição iniciada por Mario Filho e sua geração vem sendo atualizada e transformada pelos novos narradores nos momentos narrativos de segregação, de luta e resistência e de democratização e afirmação do negro no futebol” (Idem: 26).

Mesmo assim, não podemos menosprezar a importância da obra de Mario Filho. Concordando com Denaldo Alchorne de Souza (2008:173) que analisa *O negro no futebol brasileiro* na mesma perspectiva das obras de Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Hollanda e Caio Prado Junior, que procuravam em seus trabalhos “interpretar o Brasil, buscando a especificidade de nossa história e o sentido de ser brasileiro”, a obra pode ser considerada clássica em virtude dos debates que o autor suscita, tendo que ser respeitada como uma obra que possui “objetivos, hipóteses, seleção crítica das fontes e, até mesmo, quadro teórico” (Idem).

Mesmo concordando que a forma romanceada com que escreve pode levar a uma visão mítica da história do futebol, não podemos duvidar da seriedade do autor. O erro cometido por alguns historiadores talvez seja, como já afirmamos, o de utilizar as afirmações de Mario Filho como verdades absolutas, sem uma confirmação devida das fontes.

Mario Filho utilizou como fontes o álbum de recortes de Marcos Carneiro de Mendonça, jornais e entrevistas com personagens que viveram o futebol (fonte oral) (Rodrigues Filho, 2003:20). Nos limites de nossa pesquisa, procuramos confirmar todas as informações narradas por Mario Filho em relação ao Fluminense F. C., o que nos permite afirmar que a maioria de suas histórias foram comprovadas nos jornais e documentações do clube; para outras, não encontramos registros que possam confirmá-las objetivamente, o que não significa que elas não ocorreram, já que muitas histórias foram relatadas em entrevistas ao autor, o que torna impossível sua conferência. Para os objetivos desse trabalho, o mais importante não é a veracidade absoluta das histórias contadas por Mario Filho e sim o impacto que essas histórias tiveram na construção da tradição do clube em questão e é isso que pretendemos levar em consideração.

Sua carreira inicia-se em 1925, quando seu pai funda seu próprio jornal, *A Noite*. Mario Filho, com apenas 18 anos, assume a gerência do jornal e, dois anos depois, cria uma página de esportes, promovendo uma transformação no tratamento dado ao tema. Uma entrevista feita em 1927 com ex-goleiro do Fluminense, Marcos Carneiro de

Mendonça, na qual este anuncia sua volta ao futebol⁵⁰⁶, torna-se uma referência de uma nova forma de abordagem do jornalismo esportivo, que dispensava o formalismo tradicional vigente, por uma linguagem simples e vibrante. A entrevista ocupou meia página e até hoje é considerada um marco no jornalismo esportivo.

Em desacordo com o sócio, seu pai lança um novo jornal em 1928 que se chamava *A Crítica*. Apesar do curto tempo de vida, conseguiu bastante sucesso pela sua postura sensacionalista. Responsável pela página de esporte, Mario Filho, com o seu estilo inovador, procurava enfatizar a dinâmica do jogo, mostrando fotos de jogadores em movimento durante a partida. Com a morte de seu pai, Mario e seu irmão mais velho, Milton Rodrigues, assumem a direção do jornal. O apoio dado à candidatura de Washington Luís foi fatal para que *A Crítica* fosse fechada pelo governo provisório de Vargas. Entretanto, seu estilo inovador foi aproveitado pelo jornalista e amigo Roberto Marinho, que o levou para dirigir a página de esportes de *O Globo*. Apesar de manter seu trabalho no jornal da família Marinho, Mario funda o seu próprio jornal especializado em esportes, o *Mundo Esportivo*, em 1931, que também teve vida breve.

Como responsável pela seção de esportes do “*O Globo*”, Mario Filho apoia a causa do profissionalismo no futebol. Em sua concepção, com o profissionalismo o futebol seria um negócio mais rentável para todos, acreditando que, com o pagamento de salários, os jogadores teriam melhores atuações, o que melhoraria a qualidade do espetáculo e, conseqüentemente, aumentaria a venda de jornais. Em 1933, criou uma série de atrativos para promover o primeiro campeonato de profissionais da Liga Carioca de Futebol. O campeonato contava com poucos clubes e Mario Filho promoveu um concurso de torcidas, no qual o jornal premiava as mais animadas e criativas. O concurso foi um sucesso e as arquibancadas encheram-se de torcedores com bandeiras e fogos de artifício.

O prestígio do jornalista o ajudou a estabelecer contatos diretos com várias figuras importantes do esporte, entre elas Arnaldo Guinle e Bastos Padilha, presidente do Flamengo. Esse apoio foi decisivo, inclusive financeiramente, para a compra do *Jornal dos Sports*, em 1936. Nas mãos de Mario Filho, o jornal se tornará o maior veículo de informação esportiva durante décadas, consagrando Mario Filho não só como jornalista e escritor, mas como uma personalidade esportiva referencial para os caminhos do futebol brasileiro.

⁵⁰⁶ *A Manhã*, Álbum de recortes de Marcos Carneiro de Mendonça.

Escrevendo diariamente, começa a se interessar pelo passado do futebol. A cada coluna, Mario Filho recuperava algumas histórias do futebol brasileiro. Esses escritos foram reunidos e deram origem ao clássico *O negro no futebol brasileiro*, lançado em 1947 com prefácio de Gilberto Freyre. Este chama a atenção para o pioneirismo de Mario Filho em estudar o futebol sob critério sociológico, “que torna[m] seu ensaio obra de importância para o estudo sociológico e psicológico da ascensão do negro e do mulato na sociedade brasileira”⁵⁰⁷.

O emocional estaria na origem de uma série de atitudes que caracterizariam o “jeito de ser brasileiro”. Mario Filho buscava, através do futebol, construir uma identidade para o brasileiro, fosse ele jogador ou torcedor, que se caracterizava pelo individualismo e humildade (Antunes, 2004:133), símbolos de uma brasilidade que encontrou, pelo menos na primeira edição⁵⁰⁸, em Leônidas da Silva uma espécie de síntese do caráter nacional, não só pelas suas jogadas de artista da bola, mas pelo seu brilho inflamado. O talento e a habilidade do negro brasileiro foram reconhecidos, admirados e valorizados por intermédio de Leônidas, principalmente após sua participação na Copa do mundo de 1938⁵⁰⁹.

Pouca gente se dá conta do que se exige de um jogador de futebol. Ele tem que representar um clube, uma cidade, um Estado, a Pátria. O que se espera dele é que encarne as melhores virtudes do homem, no caso do brasileiro, as melhores virtudes do homem brasileiro (Rodrigues Filho, 2003:16).

Através de ídolos como Leônidas e sua atuação na seleção brasileira, o torcedor teria acesso a um sentimento nacional. “A experiência da nacionalidade, da identidade nacional, dava-se, unicamente, por intermédio de uma partida futebol e das expectativas que envolviam a sua realização” (Antunes, 2004:133).

Em uma outra escala mais local, o mesmo se daria em relação aos clubes. As bandeiras, os uniformes, as cores, os cantos e todos os elementos que envolvem uma partida de futebol representariam uma identificação do torcedor com o clube escolhido. O torcedor daria ao seu time uma dimensão de grandeza que extrapola a função inicial dos clubes como apenas espaços de práticas desportivas. A popularização do futebol

⁵⁰⁷ ver *prefácio* In: Rodrigues Filho (2003: 26).

⁵⁰⁸ Na edição de 1964, seu herói torna-se Pelé.

⁵⁰⁹ Sobre o sucesso de Leônidas da Silva durante e após a Copa de 1938, ver Souza (2008).

trouxe novos significados ao jogo: de mero passatempo de rapazes elegantes torna-se uma comunidade simbolicamente estruturada. Ao escolher o clube do coração, o torcedor incorpora os seus símbolos de representação, tornando-o um meio de identificação coletiva.

No caso do Fluminense, essa identificação se deu pelo passado fidalgo e restrito do clube, representado por jovens rapazes como Oscar Cox, que estudavam na Europa e trouxeram o futebol para o Rio de Janeiro, rapazes de boas famílias endinheiradas e brancas. Não que a cor fosse para Mario Filho um elemento fundamental, a questão de frequentar o Fluminense, tratava-se mais do espírito e não só da cor.

Não se tratava de só querer branco legítimo. Ninguém no Fluminense pensava em termos de cor, de raça. Se Joaquim Prado, *winger-left* do Paulistano, quer dizer extrema esquerda, preto, do ramo preto da família Prado, se transferisse para o Rio, seria recebido de braços abertos no Fluminense, Joaquim Prado era preto, mas era de família ilustre, rico, vivia nas melhores rodas (Rodrigues Filho, 2003:36).

Para Mario Filho, cada jogador procurava o seu meio, indo onde estava sua gente. Chico Guanabara, torcedor negro do Fluminense, jamais pensou em jogar ou frequentar o clube.

O pessoal do morro podia, no máximo, torcer pelo Fluminense. Brigar por ele como Chico Guanabara, Fluminense do lado de fora, um valentão de chapéu de aba cortada, no alto da cabeça, lenço no pescoço, navalha no cinto, tamanco saindo do pé. Ninguém falasse mal do Fluminense perto dele. Chico Guanabara ia logo tocando o braço, passando rasteira, puxando navalha [...] Chico Guanabara nunca pensou em ser outra coisa no Fluminense. Nunca lhe passara na cabeça vestir a camisa das três cores. A camisa das três cores ficava bem em Edwin Cox, fino elegante que jogava de casquete (Idem, 41).

Chico Guanabara podia ser no máximo um torcedor ou um capanga do clube, assistia ao jogo da geral e não da arquibancada. Ao final do jogo, o clube oferecia cartões para quem poderia ou não participar dos bailes ou festas. Chico Guanabara não aceitava, não bastava ter o cartão.

O porteiro olhava, via logo. Principalmente quando o homem da arquibancada tinha uma fitinha, com as cores do clube em volta do chapéu de palha. Só os sócios, os torcedores

graduados, gente de dentro é que podia enrolar a tal fitinha. [...] A fitinha vinha da Europa, era preciso mandar uma encomenda (Idem: 42).

O que diferenciava um dos outros, não era só a posse do cartão de entrada, mas a apresentação, dessa forma a exclusão se dava de maneira sutil. “Quem era da geral ficava na geral, quem era da arquibancada ficava na arquibancada. Todos satisfeitos. Não havia choques” (Idem).

Para Mario Filho, o jogador símbolo do Fluminense era Marcos Carneiro de Mendonça. Ele simbolizava o perfil dos jogadores de futebol dos primeiros tempos.

A época em que a arquibancada do Fluminense mais parecia um *bouquet* de flores. Não havia outra expressão: *bouquet* de flores, como escreviam os cronistas. A época em que o futebol era coisa chique. Também os jogadores saíam das melhores famílias. Quase sempre estudantes, que mais tarde seriam médicos, advogados, engenheiros, oficiais do Exército, da Marinha (Idem: 70).

Estabelecendo características simbólicas aos clubes cariocas, Mario Filho (2003) reservará ao Fluminense um papel de o mais branco e elitizado dos clubes cariocas. Ao longo de sua narrativa, o Fluminense vai sendo comparado com todos os clubes. Em cada comparação, o autor ratifica a sua imagem aristocrática, em que a distinção tem papel fundamental. Mesmo em uma época que todos os clubes eram elitizados, o Fluminense conseguia ser mais elitizado do que eles.

Ao descrever um baile do Fluminense em homenagem à delegação do Palmeiras⁵¹⁰, Mario Filho o transforma em um encontro de requinte, bom gosto e sofisticação, que lembrava as festas nos salões parisienses. Os convidados eram servidos por “garçons de calça preta e jaqueta branca” que “pisavam macio” e a orquestra tocava músicas escolhidas. “Durante o *hors d’oeuvre*, a *Promenade de Engleman*. Entre *hors d’oeuvre* e o *consommé on tail*, uma valsa, *Amor de zíngaro* de Franz Lear”. Os garçons serviam vinhos franceses ao som de um *ragtime* e a salada pedia a execução de um tango. O banquete anunciado em um cartão de *menu* “uma verdadeira obra de arte tipográfica” com os escudos dos dois clubes em baixo relevo, sugeria o *filet de sole frite*, uma *mousse de foie gras em gellé* com salada. Brindes eram

⁵¹⁰ O Fluminense venceu o Palmeiras por 7 x 2 e recebeu o clube para uma recepção. *O Imparcial*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Commercio*, 27 de abril de 1914.

levantados com *Champagne*. Após o encerramento do jantar vinha as vezes dos cafés, licores e charutos (Rodrigues Filho, 2003:59).

Este tipo de evento confirma, para Mario Filho, que para ser sócio do Fluminense não bastava querer jogar futebol, era preciso ser de boa família. Diferentemente de outros clubes, que abriam as suas portas para todos sem distinção e barreiras.

Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser sem sombra de dúvida de boa família. Se não, ficava de fora, feito os moleques do Retiro Guanabara, celebre reduto de malandros e desordeiros (Idem: 36).

O exemplo do Bangu como um clube sem preconceitos e de subúrbio é usado por Mario Filho para diferenciá-lo do Fluminense, um clube de brancos e da cidade, reforçando que no subúrbio as diferenças se amenizavam, enquanto nas cidades eram mais claras. Para o autor, o que distinguia o Bangu do Fluminense era a capacidade de integração racial e social do primeiro, representada pela presença de operários em seu time.

O que distinguia o Bangu do Botafogo, do Fluminense, era o operário. O Bangu, clube de fábrica, botava operários no time em pé de igualdade com os mestres ingleses. O Botafogo e o Fluminense não, nem brincando, só gente fina (Idem: 43).

Os bailes promovidos pelos clubes tinham como objetivo agregá-los. As diferenças em campo deveriam ser esquecidas durante os festejos. Mas, mesmos entre os clubes de zona sul, os bailes do Fluminense se diferenciavam, pois eram mais imponentes, sendo animados por orquestras que tocavam valsas e polcas em seu salão todo iluminado, enquanto os bailes no Botafogo, que não tinha sede nem salão, eram realizados na casa do Barão de Werneck ou da Dona Chiquitota em um ambiente mais íntimo (Idem: 45-46). O Botafogo não possuía um ringue de patinação, como o Fluminense, o que limitava a presença de moças, mais constantes no clube das Laranjeiras (Idem: 56).

O América era como o Fluminense um clube elitizado, só que não dava festas, era um clube da zona norte. “No América as famílias iam ver o jogo, reuniam-se uma vez por semana na arquibancada. No Fluminense viviam dentro do clube” (Idem: 62).

O Fluminense era um modelo a ser imitado. Mesmo os dissidentes que fundaram a sessão de futebol no Flamengo queriam fazer do clube, muito mais voltado para o remo, um Fluminense, sentiam falta das festas do seu antigo clube.

Os jogadores querendo fazer do Flamengo um Fluminense. Tinham dançado no Fluminense, apertado nos braços muita moça bonita. Não podiam gostar do reco-reco, homem dançando com homem. [...] O reco-reco do Flamengo foi, para eles, um verdadeiro choque. Alguns achando que não se acostuariam nunca num clube sem festas, pois o reco-reco não era festa nem nada. Um barril de chope da Brahma, um chorinho do Parque Fluminense. E aquela pouca vergonha de homem dançando com homem. As moças tinham toda a razão em não passar pela calçada do Flamengo em noite de reco-reco (Idem: 55-56).

Ao abandonarem o Fluminense, os ex-tricolores encontraram certa resistência dos atletas do remo à prática do futebol no clube. Para jogar futebol no Flamengo, eles tiveram que utilizar-se de uniformes diferentes e buscar outra sede para o futebol que ficasse distante da do remo. Sem campo, o time treinava na praia do Russell, o que atraía uma série de pessoas para assisti-los. Essa seria, para Mario Filho, uma das explicações para que o Flamengo caísse no gosto popular (Idem: 57). A partir dessa discriminação sofrida pelos jogadores de futebol, o autor vai construindo toda uma tradição que associa o Flamengo a uma popularidade que vem desde seus primórdios. Mesmo que esses rapazes possuíssem a mesma origem social dos do Fluminense, a história do Flamengo vai se construindo, na interpretação de Mario Filho, em oposição à do Fluminense: o Flamengo seria o clube de rapazes que dançavam o reco-reco por ausência de moças, que não tinham campo e que, por princípios, abandonaram o clube mais elegante da cidade⁵¹¹, com seus bailes repletos de belas moças e o melhor campo da cidade⁵¹².

Já o Fluminense não, era o oposto, e por isso mesmo atraía a simpatia de muitos torcedores. Para Mario Filho, a simpatia pelo Fluminense se daria pela sublimação da pobreza por parte dos torcedores mais populares.

⁵¹¹ A história da dissidência que levou à saída do time do Fluminense campeão de 1911 para fundar o departamento de futebol do Flamengo está descrita no capítulo 1.

⁵¹² Em *Histórias do Flamengo* Mario Filho vai contar uma série de histórias sobre o clube ressaltando ainda mais a popularidade do rubro negro (Rodrigues Filho, 1966).

Qualquer torcedor, mesmo sem fitinha, mesmo da geral. Talvez o pé rapado sentisse até mais orgulho dos jogadores do Fluminense. O torcedor de fitinha não achando nada de extraordinário no *smoking*. O pé rapado achando o *smoking* de uma importância capital. De certo modo ele era Fluminense por isso mesmo, escolhera o clube mais fino para torcer por ele. Para brigar também por ele. A elegância de Marcos Mendonça fascinando-o (Idem: 59).

Dessa oposição entre Flamengo e Fluminense, Mario Filho cria outra tradição associada ao futebol carioca: a mística do Fla-Flu. A própria expressão foi criada por ele em 1933. Na verdade, o termo é buscado de um fato ocorrido em 1925, quando uma seleção carioca foi formada às pressas, só contendo jogadores de Flamengo e Fluminense. Indignados pela ausência de jogadores de outros clubes, a seleção passa a ser chamada de Fla-Flu, como forma de desmerecê-la. Entretanto, ao vencer o torneio de seleções, sua imagem muda positivamente, caindo no gosto popular.

Ao recuperar o termo nos anos 30, Mario Filho lhe dá uma outra significação, invertendo seu sentido. Se antes o termo era sinônimo de cooperação, agora passou a ser de rivalidade, de confronto. O Fla-Flu passou a ser o principal clássico do Rio de Janeiro. A expressão Fla-Flu tornou-se uma representação de oposição até mesmo fora do universo esportivo, sendo uma expressão utilizada para denominar um tira-teima entre duas tendências inconciliáveis⁵¹³.

A “mística do Fla-Flu”, como será comumente chamada essa rivalidade, tem a origem na necessidade de Mario Filho de promover o campeonato carioca de profissionais⁵¹⁴ e se consolidará a partir da ida para o Flamengo dos três mais populares jogadores negros do Brasil: Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto, a “maravilha negra”. Esses jogadores não ficariam bem no Fluminense, que preferiu manter um perfil embranquecido, contratando quase toda a seleção paulista. O duelo entre os dois clubes ganhará destaque em suas obras e também nas colunas de seu irmão Nelson Rodrigues a partir dos anos 50.

O Flamengo, não: antes de botar um mulato no time botara um preto. Primeiro Jarbas, depois Roberto. Enquanto O Fluminense trazia para Álvares Chaves os grandes jogadores do futebol

⁵¹³ É muito comum a utilização de termos como “Fla-Flu dos negócios”, “Fla-Flu na política” para definir um antagonismo direto entre dois grupos ou pessoas.

⁵¹⁴ O campeonato carioca de profissionais começa em 1933 e só tem 6 participantes: Fluminense, Bangu que foi campeão, Flamengo, América, Vasco da Gama e Bonsucesso (Assaf e Martins, 1997).

paulista, quase todos brancos, muitos com nome italiano, o Flamengo levava para a Gávea os grandes jogadores do futebol carioca, quase todos pretos, Fausto dos Santos, Leônidas da Silva, Domingos da Guia, brasileiros até no nome (Idem: 209).

Para Mario Filho, a popularização do Flamengo em relação ao Fluminense passa apenas pela questão racial, não sendo levados em consideração os resultados em campo, uma vez que na década de 1930 o time de paulistas do Fluminense foi tricampeão entre 1936-1938, enquanto o Flamengo de Leônidas só venceu em 1939. Na verdade, a popularidade de Leônidas era independente do clube, pois sua glória era nacional, principalmente após a Copa de 1938, quando se torna ídolo nacional. Em termos de clube, o jogador vive uma relação conturbada, a partir de 1941, o que levou à sua transferência para São Paulo no ano seguinte (Souza, 2008:162).

Não existe, para Mario Filho, uma associação entre os resultados em campo e a popularidade de um time. Para ele, o que vale é a identificação social do ídolo com a torcida, que vai mais além do que a eficiência técnica da equipe. Ao jogar pelo Flamengo, Leônidas, assim como Domingos da Guia, ajuda a popularizar o clube. Leônidas era negro como o torcedor comum, podia ser acessível, pelo menos no campo simbólico, ao homem comum, assim como o clube⁵¹⁵.

Queria ser o clube mais popular, mais querido do Brasil, não queria deixar o preto de fora. Indo em busca do preto, o Flamengo ia de encontro ao gosto do povo [...] A intuição do torcedor do Fluminense percebeu que a força vinha daí: dessa aproximação com o povo. O destino do Flamengo se realizava (Rodrigues Filho, 2003:209).

Ao contrário, o Fluminense, mesmo sendo campeão, mantinha um distanciamento do povo, fechado nos salões de Álvaro Chaves. As vitórias do Fluminense eram comemoradas em bailes e jantares em restaurantes chiques, enquanto as do Flamengo eram comemoradas com um verdadeiro carnaval, como podemos refletir a partir dessas duas citações.

Muita gente ficou Flamengo por causa disso, entendendo mais o Flamengo na rua, fazendo o seu carnaval, do que o Fluminense trancado no palácio de Álvaro Chaves. O baile lá

⁵¹⁵ Leônidas já havia jogado no Vasco por um curto período e no Botafogo, onde sofreu uma série de perseguições. Foi no Flamengo que Leônidas atingiu o auge de sua carreira tornando-se um ídolo nacional (Ribeiro, 1999).

em cima, no segundo andar, o povo nem podia ter um gostinho de sereno (Idem: 210).

A segunda foi extraída de outra obra de Mario Filho, intitulada *Histórias do Flamengo*.

Quando acabou o jogo foi mesmo 3 x 2. Ai começou o carnaval. Toda a cidade soube, sem rádio nem nada, na mesma hora, que o Flamengo tinha vencido. E como era o Flamengo, esperou-se pelo carnaval rubro-negro (Rodrigues Filho, 1966:18).

Quando os dois se encontravam, a rivalidade aparecia de maneira mais clara, uma rivalidade com fortes conotações raciais.

O sócio do Fluminense enchia o seu balão, pegava seu saco de confete, o seu pacote de serpentina, ficava esperando os sinais. Um sinal para jogar confete outro para jogar serpentina, outro para levantar o balão à altura da cabeça. O torcedor do Flamengo, da geral, da arquibancada, enfiava dois dedos na boca, fiau. Ou então gritando Pó-de-arroz. A vaia o torcedor do Fluminense aguentava. Para isso tinha o seu clássico ‘uh! uh!’ Não aguentava era o Pó-de-arroz. Um grito de Pó-de-arroz partia de lá, um grito de Pó-de-carvão partia de cá. O torcedor do Fluminense querendo dizer que preferia ser Pó-de-arroz a ser Pó-de-carvão. Podia preferir, mas se ofendia com aquele Pó-de-arroz” (Rodrigues Filho, 2003:210).

Duas tradições são construídas em oposição: a do clube popular e a do clube elitista, o pó-de-arroz e o pó-de-carvão. E já que o Flamengo nasce do Fluminense, são duas metades de um mesmo rosto, parentes que se desgarram para construir identidades distintas, mas que estão umbilicalmente ligadas, assim como o povo e suas elites, reafirmando o ideal de coesão social fundamental para a nação imaginada por Gilberto Freyre. Nesse contexto, os clubes não são mais apenas espaços de lazer e sociabilidade, mas o que representam simbolicamente, ou seja, os clubes são representações sociais.

De todas as histórias narradas por Mario Filho, a que mais vai identificar o Fluminense como um clube branco e elitista é a do “pó-de-arroz”. Uma história consolidada na memória do futebol brasileiro, tornou-se uma espécie de marca registrada de um futebol que discriminou os negros e que teve no Fluminense um dos maiores símbolos dessa discriminação.

Carlos Alberto havia vindo para o Fluminense junto com os dissidentes do América, em 1914. Era filho do fotógrafo do clube e por isso frequentava a sua sede. Enquanto esteve no América, chegou a fazer parte do segundo time, sem nenhum tipo de hostilidade em virtude de ser mulato. No Fluminense, foi para o primeiro time, ficando em exposição. “O Fluminense nem prestava atenção na cor de Carlos Alberto moreno carregado, no cabelo escadinha que ele tinha. Carlos Alberto, porém entrando para o Fluminense, sentiu-se mais mulato. O único mulato num clube de brancos” (Idem: 62). Apesar de o clube não manifestar nenhuma rejeição ao atleta, ele sentiu-se mal pela sua cor, coisa que não acontecia no América, demonstrando que mesmo não havendo uma ação preconceituosa por parte do clube, o ambiente que imperava no Fluminense criava um sentimento de constrangimento no próprio jogador por não sentir um igual entre eles.

Isso fica claro na narrativa de Mario Filho. Um mulato no Fluminense chamava tanto a atenção que a torcida adversária hostilizava o jogador quando entrava em campo, principalmente a torcida do seu ex-clube, que lhe xingava de “negro pernóstico” (Idem: 60).

Cansado da hostilidade, encheu a cara de pó-de-arroz em um jogo contra o América⁵¹⁶. Não conseguiu enganar ninguém, chamando até mais a atenção. A torcida adversária então começa a gritar: “Pó-de-arroz! pó-de-arroz!” Toda a vez que o Fluminense jogava contra os rubros era a mesma história, logo, porém o grito espalhou-se por todas as outras torcidas. “E o Pó-de-arroz acabou passando dele para o Fluminense. Uma vez Carlos Alberto não jogou. O time entrou em campo, os gritos de Pó-de-arroz partiram da geral do mesmo jeito” (Idem: 2003).

A história do pó-de-arroz só passou a ser divulgada nos textos de Mario Filho escritos em sua coluna de *O Globo* e posteriormente no *Jornal dos Sports* no início dos anos quarenta, até ser eternizada na publicação de *O Negro no futebol brasileiro*, em 1947. Até esse momento, não encontramos registros que evidenciem a veracidade de tal acontecimento. Nos jornais da época do confronto, nada se fala sobre esse episódio. O *Correio da Manhã* analisa a atuação do jogador como fraca. “Carlos Alberto emocionado pela responsabilidade do *match*, perde um bom passe”⁵¹⁷ ou “Carlos Alberto, o chamado menino de ouro, nem parecia estar no time, não tendo dado um só

⁵¹⁶ O jogo em questão foi realizado em 13 de maio de 1914, com o placar de 1 x 1. *Correio da Manhã*, 14 de maio de 1914.

⁵¹⁷ *Correio da Manhã*, 14 de maio de 1914.

chute a gol”⁵¹⁸. É preciso ressaltar que a cobertura jornalística da época limitava-se a relatar os lances do jogo, evitando comentar qualquer incidente mais constrangedor. De qualquer forma, o episódio não afetou a escalação do jogador nas partidas seguintes e seu nome continuou a aparecer por mais duas temporadas, sem maiores destaques. A partir daí nunca mais se ouviu falar dele⁵¹⁹.

Independente da veracidade ou não do fato, a história envolvendo o meia do Fluminense foi responsável pela construção de uma das maiores simbologias da história do futebol carioca, gerando quase uma associação direta entre o Fluminense e pó-de-arroz, Fluminense e time de brancos. O pó-de-arroz tornou-se símbolo de um clube que queria ser mais que os outros. “Mais chique, mais elegante, mais aristocrático” (Idem: 60). A torcida do Flamengo era a que mais se deliciava ao fazer gozação com o tricolor. Quanto aos tricolores, só restava fingir que não ligavam, dizendo que era coisa de gente fina, entretanto, era um sinal de alerta para o clube tomar mais cuidado e não escalar mais jogadores mulatos (Idem: 61).

O Fluminense podia, por isso, fechar-se mais. Fechar-se mais significava embranquecer-se mais. Sem ofender o mulato, o preto. O mulato e o preto, pelo contrário, achando que o Fluminense tinha de ser mais branco. Sem Carlos Alberto. A experiência de Carlos Alberto dera tantos aborrecimentos aos brancos da arquibancada do Fluminense quanto aos mulatos e pretos da geral que torciam pelo Fluminense. Por causa do pó-de-arroz brigaram tricolores de todas as cores, de todas as condições sociais (Idem: 63).

O episódio do pó-de-arroz permitiu a Mario Filho introduzir um elemento novo na construção da imagem do Fluminense: a questão da cor. Se durante o amadorismo a marca de distinção do Fluminense se dava pelo refinamento e sofisticação de suas festas e comemorações, em que a questão da cor era um elemento apenas implícito, com Mario Filho ela se torna o centro de sua análise trazendo um elemento novo à distinção tricolor. O refinamento e a sofisticação esconderiam uma prática preconceituosa que se torna evidente com o profissionalismo.

O preto jogava, ajudava o Fluminense a vencer, acabado o jogo mudava de roupa, ia embora. Não havia perigo do preto

⁵¹⁸ *Correio da Manhã*, 14 de maio de 1914.

⁵¹⁹ Sua escalação é constante nas temporadas de 1914 e 1915, não encontramos registros sobre o jogador após esse período.

frequentar a sede, aparecer numa soirée, num baile de gala do Fluminense. O jogador profissional, branco, mulato ou preto, era um empregado do clube. O clube pagava, toma lá, dá cá. O jogador ficava no seu lugar, mais no seu lugar do que nunca (Idem: 193-194).

Para Mario Filho, a questão da cor não era mais empecilho para os jogadores negros no Fluminense, o profissionalismo vinha colocar as coisas em seus devidos lugares. O Fluminense aceitaria os negros, mas não deixaria de ser um clube de brancos, de gente fina. Estabelecia-se uma nova relação para evitar o convívio com os atletas profissionais, definidos, agora, como empregados do clube. Entretanto, mesmo no profissionalismo os brancos teriam preferência. Entre um branco e um preto no mesmo nível, melhor o branco (Idem: 194), Somente em 1946, o Fluminense contrataria o seu primeiro jogador negro, o lateral Bigode, sendo os outros mulatos (Idem: 249).

A obra de Mario Filho terá um papel fundamental na construção da tradição do Fluminense como um clube de elite. Seus escritos sobre o início da história do Fluminense tiveram influência na construção de uma imagem que associa o clube e por extensão toda a comunidade que se envolve direta ou indiretamente com ele, a uma marca de distinção. Uma marca de distinção que antes estava associada a hábitos aristocráticos e que ganha na questão racial um novo e incômodo elemento.

O pó-de-arroz acabou sendo incorporado pelo próprio clube como um símbolo dessa distinção. A história é reconhecida como verdadeira no livro oficial do cinquentenário, escrito por Paulo Coelho Netto (2002:321-322) e, posteriormente, a Revista do Fluminense vai criar uma história em quadrinhos de um super-herói tricolor chamado “Vitorino pó de arroz: O invencível”, que ajuda o clube a conseguir grandes vitórias⁵²⁰. Mas nada se compara com a tradição iniciada a partir dos anos 60 de a torcida saudar a entrada do time em campo jogando pó-de-arroz. Com esse gesto, o pó-de-arroz tornou-se um símbolo de reconhecimento e identidade para a comunidade tricolor; uma forma de concretização de uma mitologia que dá sentido a uma determinada comunidade imaginada⁵²¹ que se confraterniza com a entrada do time em campo jogando pó-de-arroz sobre si mesmo, em uma atitude inversa à tomada por Carlos Alberto em 1914. O gesto reafirma o seu pertencimento a essa comunidade e

⁵²⁰ *Revista do Fluminense*, Ano III, Novembro e dezembro de 1956, nº. 29, p. 10 e 11.

⁵²¹ Benedict Anderson define a nação como uma comunidade política imaginada, porque seus membros jamais se conheceram, embora possuam em mente a imagem viva da comunhão entre eles, pois a essência de uma nação consiste que todos os indivíduos tenham coisas em comum. Nesse sentido, a nação imaginada é fruto de produtos culturais construídos ao longo do tempo, baseado em uma soberania limitada e uma fraternidade entre os seus membros (Anderson, 2008:32).

seus símbolos de distinção perante as outras torcidas. Ao se permitir “brincar” com o preconceito, o clube o exorciza, encontrando uma fórmula de convivência entre o seu passado excludente e a sua própria popularização, que incluía a presença de negros em sua torcida e no seu time, ao mesmo tempo em que referenda a marca de um clube elitizado.

4.2 – Paulo Coelho Netto e a construção da memória clubística

Outro nome importante na construção da história do Fluminense é o de Paulo Coelho Netto, filho mais novo do escritor Coelho Netto. Assim como seus irmãos, praticou vários esportes pelo clube na sua infância e adolescência. Na vida adulta tornou-se escritor, seguindo os passos de seu pai. A dedicação às letras não o fez abandonar o clube da infância, pelo contrário, exerceu grande parte de seu ofício em prol do clube de coração, tornando-se historiador do Fluminense e publicando uma série de obras sobre ele entre as décadas de 1950 e 1970. Além disso, foi vice-presidente de publicidade do Fluminense F.C. por 18 meses, diretor do *Boletim do Fluminense F.C.* e fundador da *Revista do Fluminense F. C.*, órgão oficial do clube, publicada mensalmente a partir de 1955 (Coelho Netto, 1955:72-73). Tanto em suas obras como na revista procurava manter vivos os mesmos ideais de seu pai⁵²² e do amadorismo.

Os livros de Paulo Coelho Netto sobre o Fluminense buscam recuperar os principais fatos ocorridos no Fluminense desde a sua fundação. A obra de maior relevância foi *História do Fluminense*, publicada em 1952 como parte das comemorações do cinquentenário do clube e que ganhou um segundo volume em 1969⁵²³ nos mesmos moldes.

O Fluminense não granjeou o respeito e a admiração dos desportistas do Brasil e do estrangeiro apenas pela quantidade e significação de suas conquistas no terreno das competições esportivas e de seus empreendimentos sociais e artísticos, mas também pelo culto que os dirigentes e associados sempre devotaram aos acontecimentos marcantes de sua história e aos

⁵²² Paulo Coelho Netto buscava recuperar a imagem de seu pai muito criticada após a Semana de Arte Moderna de 1922, para isso publicará vários livros sobre ele. Para o nosso trabalho destacamos dois: *Coelho Netto* (biografia). Rio de Janeiro: Zélio Uverde Editor, 1942; e *Coelho Netto e os esportes*. Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1964.

⁵²³ Em 2002, na comemoração do centenário, os dois volumes foram reeditados em um só livro, com uma terceira parte escrita por Rodrigo Nascimento. É esta edição que utilizamos com referência em nosso trabalho.

artífices de sua grandeza, cujos exemplos constituem o verdadeiro breviário tricolor (Colho Netto, 2002:140).

Com um estilo oposto ao de Mario Filho, que era mais voltado para os relatos orais, Paulo Coelho Netto busca nas fontes documentais a reconstituição do passado do Fluminense. Nesse sentido, enquanto o primeiro possui uma narrativa mais interpretativa, o segundo atua em uma estrutura narrativa mais planejada e factual, baseada na pesquisa elaborada dos documentos e arquivos do clube.

Escrito como livro oficial do cinquentenário do clube, *História do Fluminense* descreve com precisão todos os marcos históricos do clube em ordem cronológica em uma estrutura que procura organizar todos os dados referentes a todos os esportes do clube.

Orientei-me por um só guia: o arquivo do Fluminense, modelo e, sobretudo, de carinho não só de seus iniciadores, os pioneiros da fundação, como também dos continuadores até os nossos dias [...] O Fluminense, por intermédio de seu presidente, Dr. Fábio Carneiro de Mendonça, convidou-me para escrever, não uma história nem histórias, mas a História do Fluminense. E história é pesquisa, estudo e conhecimento dos fatos que se desenrolam através dos tempos.

Dizia Mirabeau que para improvisar sobre uma questão é necessário conhece-la perfeitamente. Aqui o problema é o conhecimento exato da vida do Fluminense. Essa condição não me falta, porque toda a minha existência tem decorrido entre o lar, trabalho e o Fluminense. E o que eu não sabia o arquivo ensinou-me. Mas não tentei o improviso, apesar de conhecer perfeitamente a questão. Cingi-me tão somente, nos acontecimentos. Coerente comigo próprio e com as tradições do Fluminense, preferi o gênero sóbrio, mas verdadeiro, de que Pero Vaz de Caminha foi o iniciador em nossa história (Idem: IX).

Trabalhando com documentos oficiais do clube, principalmente fotografias e discursos proferidos em sessões deliberativas e eventos, o livro pode ser definido como um relato do que o autor acredita serem os principais acontecimentos que construíram a história do Fluminense. O relato funciona como reorganizador dos fatos no tempo, apresentando os episódios na ordem em que deveriam ter ocorrido, buscando ser unificante e transmissível.

Nas obras posteriores: *Fluminense Pitoresco e dramático* de 1969⁵²⁴ e nos três volumes de *Fluminense na intimidade*, lançados respectivamente em 1955⁵²⁵, 1969⁵²⁶ e

⁵²⁴ *O Fluminense Pitoresco e dramático*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1969.

1975⁵²⁷, o autor muda seu estilo, aproximando-se de uma narrativa mais memorialista, próxima ao estilo de Mario Filho. Buscando refletir aspectos da memória clubística, remontando fatos e curiosidades do cotidiano do clube vivenciadas por ele ou por pessoas próximas que ajudaram a construir a história do Fluminense. Utilizando-se de uma linguagem simples e direta, tentava mostrar o clube como um espaço familiar e de conagração entre os sócios. Para tal, utilizava-se do relato de anedotas que envolvessem personagens do clube.

A história de um grande clube, como o Fluminense, com as suas variadas atividades esportivas, administrativas, sociais artísticas, não deve ser apenas um relato rígido e frio de fatos, datas e estatísticas, mas também uma recolta de episódios, que se integram à obra principal e lhe dão vida, constituindo a sua própria alma. [...] São as minhas reminiscências do Fluminense, na maioria das quais fui testemunha presencial; em outras, muito poucas, ouvinte de depoimentos de amigos e companheiros de convivência diária.

Disse Coelho Netto que a “a memória é como um ramo de folhas sempre verdes, em que se abre a flor imarcescível da saudade, cujo perfume é um filtro que nos transporta ao passado e ressuscita os mortos” (Coelho Netto, 1969b:7).

Exatamente por existir na maioria de seus escritos uma preocupação com esse resgate da memória do clube, entendemos serem as obra de Paulo Coelho Netto um lugar de memória.

Por lugares de memória, concordamos com a definição de Pierre Nora (1993:13) que afirma que os lugares de memória são onde a sociedade registra voluntariamente as suas lembranças ou as reencontra como uma parte necessária de sua personalidade. O autor argumenta que “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações”.

Como lugares de memória, as obras de Paulo Coelho Netto possibilitaram a construção de uma determinada identidade tricolor. As histórias presentes em seus livros contribuíram para construção de uma identidade clubística, reforçando os laços de integração dos grupos que compõem essa comunidade, não só pela afetividade, mas também pela história em comum. Como afirma Halbwachs (1990:35-39), a construção

⁵²⁵ *O Fluminense na intimidade*. Rio de Janeiro: Fluminense Football Club, 1955.

⁵²⁶ *O Fluminense na intimidade Volume II*. Rio de Janeiro: Fluminense Football Club, 1969.

⁵²⁷ *O Fluminense na intimidade Volume III*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1975.

das lembranças tem que se operar sempre em torno de uma base comum e é essa base comum que constitui a identidade do grupo produtor da memória, possibilitando a sua continuidade.

A evocação através do Departamento de Publicidade, dos grandes vultos do Fluminense e se suas realizações esportivas, sociais, artísticas e administrativas, proporcionará à nova geração uma base sólida para conservar tudo que o clube tem de bom e suprimir o que houve de mau. Nenhuma nação é mais tradicional que a Inglaterra, mas também nenhuma outra sabe, tanto quanto ela assimilar o progresso e haurir os ensinamentos de uma época (Coelho Netto, 1969a:9).

Por ser um livro comemorativo e oficial, deteremos mais a nossa análise na obra *História do Fluminense*, lançado no dia 31 de maio de 1952, para as comemorações do cinquentenário do clube. O livro possui 416 páginas de texto em papel *boufont* e 126 gravuras em papel *couché*. Com uma tiragem de 5.565 exemplares, compreendendo 273 exemplares de luxo com capa de pelica, numerados e autenticados pelo autor, os preços foram de quinhentos cruzeiros a de luxo e cem cruzeiros a comum, em que o autor abriu mão dos direitos autorais em nome do clube (Coelho Netto, 2002:363-364).

O livro realiza uma espécie de memória seletiva que identifica o Fluminense como um clube requintado, com um compromisso cívico de contribuir para o engrandecimento da nação. Como não podia deixar de ser, o livro seleciona os acontecimentos que mais engrandecem o clube, dando a este uma memória positiva e grandiosa.

Podemos compreender essa seleção na documentação memorial, apoiando-nos em Lowenthal (1998:103), que defende que “a função fundamental da memória, por conseguinte não é preservar o passado, mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente”. Ainda no tema dos usos da memória, o autor Fernando Cartogra (2001:56) afirma que “a memória é a instância construtora e solidificadora de identidades, sua expressão coletiva também atua como objeto de poderes que mediante a seleção do que se recorda, quer do que consciente ou inconsciente se silencia”.

No prefácio, Paulo Coelho Netto afirma que a grandeza do Fluminense reside na organização e tradição. Uma organização que serviria de exemplo a toda a nação.

Tenho a convicção, e não receio incorrer em erro, que se os nossos governantes conhecessem a organização

do Fluminense e reproduzissem suas normas administrativas, muitos e sérios problemas que afligem o país, sem sombra de dúvida, já estariam selecionados (Coelho Netto, 2002:IX).

Já a tradição vem das origens européias de seus fundadores, homens de nível intelectual superior que possuíam idéias avançadas e olhos esclarecidos.

Abordando a história do Fluminense em ordem cronológica, faz um relato dos eventos vistos como principais: a fundação, a escolha do campo e da sede, a adoção dos uniformes e bandeiras, os primeiros jogos regionais e interestaduais, os primeiros campeonatos, a composição do primeiro hino do clube por Coelho Netto, as construções da piscina, do rink de patinação e do teatro.

Outro capítulo muito ressaltado relata a construção do Estádio das Laranjeiras, feito por pedido da prefeitura da cidade para sediar o campeonato sulamericano de 1919 e da sede inaugurada em 1920. As duas obras tornaram-se a maior aquisição patrimonial do clube em seus primeiros cinquenta anos e maiores símbolos arquitetônicos da distinção tricolor.

Alguns personagens na história do clube são destacados. Como uma publicação oficial, não poderiam faltar os nomes de todos os presidentes do clube, em destaque especial o fundador Oscar Cox, além de nomes exponenciais da sociedade carioca, como a família Guinle, doadores do terreno da sede do clube. Nem todos os citados pertencem a *High Life*. Paulo Coelho Netto dá destaque a torcedores comuns, como Chico Guanabara, o Barriga, Batista e Peitão (Idem: 311-316) e sócios pitorescos como Carlinhos, que frequentava as Laranjeiras com fraque e cravo de lapela, sendo apelidado de “O Presença”.

Os atletas também obtiveram destaque especial, principalmente aqueles que se sobressaíram não só no campo esportivo, mas também como exemplo de dedicação ao esporte e ao clube, perpetuando seus princípios cívicos e tradição, entre eles, dois de seus irmãos: Emmanuel Coelho Netto, falecido precocemente em 1922, e João Coelho Netto (Preguinho), pelo seu espírito amador. Outro atleta ressaltado como símbolo de fidalguia, distinção e elegância é o goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, descrito como um arrebatador do coração das torcedoras, com seu traje impecável, foi apelidado de “O fitinha Roxa”, devido à faixa dessa cor que enrolava no calção.

A lembrança dos atletas revela como a memória dos indivíduos atua como exemplo, “algo ou alguém que havia sido grande supunha-se estar eternamente presente. Os grandes momentos do passado são integrados numa sucessão em cadeia, afim de os exemplos sejam eternamente prolongados” (Catroga, 2001:55). Marcadamente influenciado por uma clara herança deixada pelo seu pai, Henrique Coelho Netto, a ele é dedicado um capítulo exclusivo no segundo volume⁵²⁸, é o único personagem na história do clube, narrada por Paulo Coelho Netto, a ter um capítulo que enfatize as comemorações do centenário de nascimento, em 1964, relatando todas as homenagens feitas pelo clube a ele (Coelho Netto, 2002:377-383).

A Coelho Netto muito deve o Fluminense no que tange à sua projeção social. Tudo quanto ele fez foi com amor, porque o amor foi um dos traços dominantes de seu temperamento. Amou a arte, amou a justiça, amou os seus livros, amou seu escritório, sua mesa de trabalho, amou a Pátria, amou o seu Maranhão que tão ingrato lhe foi, não o reconduzindo na sua representação na Câmara Federal, “fui substituído por um analfabeto”, foi o único comentário amargo de Coelho Netto. Amou nossa cidade, amou o Fluminense, amou a Academia, amou seus semelhantes, amou os oprimidos, amou seus amigos, amou a esposa e amou seus filhos⁵²⁹.

A homenagem a Coelho Netto demonstra, mais uma vez, a inserção dos indivíduos às cadeias identitárias fundamentadas na transmissão de mensagens coletivas e na consequente manutenção dos grupos através de seu exemplo⁵³⁰.

Existe, na obra analisada, a construção de uma memória que valoriza uma identidade cívica desempenhada pelo clube. Apesar de um clube fundado para a prática do futebol, Paulo Coelho Netto tem a preocupação de demonstrar que o Fluminense vai além do jogo de bola, dedicando-se, sempre com sucesso, a outras atividades de caráter cívico, como o escotismo; de caráter cultural, como a exibição de peças e concertos musicais em seu teatro. Durante a Segunda Guerra Mundial, o clube participou do esforço de guerra, formando uma escola de enfermagem e de instrução militar,

⁵²⁸ O segundo volume de História do Fluminense foi lançado em 1967.

⁵²⁹ Discurso do Benemérito e ex-presidente do Fluminense Fabio Carneiro de Mendonça nas comemorações do centenário de Coelho Netto, em 21 de dezembro de 1964 In: Coelho Netto (2002:381).

⁵³⁰ “A memória também tem um papel pragmático e normativo. Em nome de uma história ou de um patrimônio (espiritual e/ou material) comum, ela visa a inserir os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, e exigindo-lhes, em nome da identidade do eu – suposta como identidade onipresente em todas as fases da vida ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. Para isso o seu efeito tende a traduzir-se em uma mensagem, ou melhor, tende a interiorizar-se como norma” (Catroga, 2001:25-26).

chegando a doar um avião às forças armadas, batizado de Coelho Netto (Coelho Netto, 2002:107)

Outra preocupação do clube era a caridade, com a realização em suas dependências, todo o dia 25 de dezembro, do natal da criança pobre que distribuía brinquedos. Em 1923, o evento chegou a presentear, 6.000 crianças (Idem: 113).

As outras modalidades esportivas não são esquecidas. O livro aborda as principais conquistas no atletismo, basquetebol, esgrima, natação, saltos ornamentais, tênis, tênis de mesa, tiro ao alvo, voleibol, waterpolo e xadrez.

De todos os troféus e homenagens recebidas pelo clube, a que o autor mais valoriza é a Taça Olímpica de 1949, também chamada de Taça da Honra e que corresponde ao prêmio máximo dado pelo Comitê Olímpico Internacional “ao clube que mais fez em prol do olimpismo e do esporte” (Idem: 131). Para Paulo Coelho Netto, o Brasil conseguia até então sua maior e mais consagrada vitória nos desportos mundiais, (Idem: 132) consagrando seus mais valorosos ideais. A taça é tratada como uma verdadeira relíquia⁵³¹, ganhando destaque na sala de exposição do clube. A valorização do amadorismo, principalmente no momento em que o futebol perde as características de sua fundação, demonstra que são nestes esportes que se mantém o ideal de pureza esportiva capaz de criar um novo homem solidário.

Em toda a obra não existem polêmicas raciais: o assunto é ignorado ou simplesmente disfarçado. Os únicos episódios em que o preconceito fica mais explícito são o do técnico Euclides, conhecido como Cuca, descrito pelo autor como “o preto de maior caráter e bondade que conheci na minha infância” (Idem: 41), proibido de dirigir o time infantil do Fluminense por ser negro⁵³² e, o episódio do pó-de-arroz que é reconhecido ao final do livro tendo, segundo o autor, origem na competição entre as torcidas e no “complexo de Carlos Alberto” (Idem: 321). O meia do Fluminense é descrito como “esforçado, leal e muito estimado pelos sócios e companheiros de equipe” (Idem), possuía uma epiderme pigmentada, cor de bronze. O jogador teria passado o pó-de-arroz por ter ficado magoado com a “irreverência e grosseria de um torcedor mal educado” (Idem) que o teria chamado de negro pernóstico. Os dois episódios teriam ocorrido na mesma época e demonstram uma artimanha no discurso de Paulo Coelho Netto. No episódio do técnico Cuca, de menor repercussão, ele assume o

⁵³¹ Para Nora, as relíquias são símbolos duradouros da memória (Nora, 1993:166).

⁵³² “Admirava o Fluminense, um grande clube, sem dúvida, mas ele, Cuca, não poderia acompanhar os garotos; teria de ficar de fora, nos treinos, por que o Fluminense não aceitava pretos” (Coelho Netto, 2002:44).

preconceito do clube; no de Carlos Alberto, o clube é isento de qualquer ação preconceituosa e a responsabilidade do inconveniente é do complexo do jogador e da má educação da torcida adversária. Nos dois casos, o clube sai ileso. Mesmo no episódio do técnico Cuca, é encontrada uma solução harmoniosa com a permissão da entrada do técnico nos treinos e jogos, já que Cuca era um “preto de caráter e bondade”, amado pelos meninos do infantil, mas não o suficiente para acompanhá-lo em outro clube que o aceitasse (Idem: 41-43).

Paulo Coelho Netto foi fundador da *Revista do Fluminense*. A publicação segue a tradição das revistas e boletins publicados no clube desde a década de 1910⁵³³. Lançada em 1954, consistia no relato do cotidiano do clube, destacando seus eventos sociais e suas conquistas esportivas. Havia uma preocupação em resgatar a história do clube, e a cada novo número publicava-se um trecho do livro de Paulo Coelho Netto, *História do Fluminense*, além de homenagear ídolos do passado que eram constantemente lembrados, reforçando cada vez mais o papel que tem a tradição dentro do clube, uma tradição associada ao discurso amador.

Se o Fluminense triunfava, eu me considerava bem recompensado do esforço despendido, e não pensava mais nos julgamentos alheios, mas se deixava o campo derrotado – então eu me atribuía a maior parcela de culpa.

No amadorismo eram comuns esses dramas do atleta, mas no regime vigente⁵³⁴ não é mais possível a repetição de tal “absurdo” (Idem: 325).

⁵³³ O primeiro órgão de divulgação foi o jornal manuscrito *Presença*, de caráter anedótico e não oficial, foi feito em 1917 por sócios adolescentes de maneira clandestina. *Presença* volta a circular de forma oficial e impressa, em 1919 e 1921, mantendo a linha humorística, mas também ressaltando a vida social do clube. Alguns anos depois foi lançada a revista *O tricolor – Revista sportiva do Fluminense*, criada em 1927, para ser um órgão de circulação entre os sócios, divulgando os principais eventos do clube e difundindo os ideais de civismo e amor a pátria que o norteavam. Mantendo um programa criterioso e elegante, a revista se preocupava em ter colunas que abordassem, além dos esportes, o cinema, a música e a arte. Desde seu primeiro número em 01 de novembro de 1927, a revista tem a preocupação exposta em sua capa de não sustentar “polêmicas entre clubes ou raças, por ser nosso lema propagar o *sport* em benefício da humanidade”. Existe por parte da revista uma tentativa de recuperação dos princípios esportivos defendidos por Coelho Netto do esporte como formador do caráter nacional. Nela são publicados vários textos literários do autor, inclusive o Breviário Cívico na edição de 04 de fevereiro de 1928. Nessa linha, a revista deu ênfase a atividades como o escotismo, os exercícios ao ar livre, a educação moral e cívica, os saraus literários, os chás dançantes e o natal das crianças pobres como o maior evento social do clube. No campo político apoia incondicionalmente o presidente Arnaldo Guinle e seus aliados⁵³³, defendendo o amadorismo enquanto essa foi a bandeira do clube e mudando de posição à medida que a diretoria também mudava. A revista foi publicada até julho de 1930, sendo substituída por um boletim mensal. Arquivo Fluminense F. C.

⁵³⁴ Refere-se ao profissionalismo.

Procurando elaborar um discurso oficial em torno do caráter distinto do Fluminense, a revista valoriza o amadorismo como o momento em que o clube vive o seu esplendor: “o conceito de amador tem sido o segredo da grandeza moral que tremula na bandeira tricolor”⁵³⁵. A capa do primeiro número é uma foto colorida do time tricampeão de 1917/18/19. Essa é uma tendência de todas as edições iniciais da revista, sempre valorizando os atletas amadores do clube. São raras as capas em que aparecem atletas profissionais. Em cada número é publicada uma coluna denominada *Glórias do amadorismo*, onde um atleta amador do passado é homenageado. Outra tendência da revista são capas femininas de atletas de voleibol, basquete, tênis e natação. Neste aspecto, vemos uma clara influência da revista *Athletica*, fundada por Henrique Coelho Netto em 1920⁵³⁶. A revista não se dedica somente a esportes, são abordados temas ligados ao teatro, ao rádio e ao cinema. A revista era mensal e teve tiragem inicial de 10 mil exemplares. Nela escreveram nomes do jornalismo e da literatura como Barbosa Lima Sobrinho, Oduvaldo Cozzi, Ruy Porto, Ana Amélia de Mendonça, Julio Delamare, Mario Filho, além de publicações antigas de João do Rio e Henrique Coelho Netto. A revista teve vida longa, sendo imprensa até os anos oitenta⁵³⁷, tornando-se um referencial importante na manutenção da tradição dentro do clube.

A trajetória de Paulo Coelho Netto como historiador do clube foi fundamental para a reafirmação de uma memória clubística baseada no refinamento cultural e na organização administrativa, superior a dos outros clubes, tornando o Fluminense um exemplo seguido pelos seus adversários. “O Fluminense que os está projetando e fazendo brilhar, como sol aos seus satélites, tão pequenos e sem luz própria” (Idem: 139).

Para Paulo Coelho Netto, a função do esporte era a mesma defendida pelo discurso amador, que entendia que o esporte possibilita a consolidação do homem brasileiro, calcado na disciplina, organização e solidariedade. Valorizando os argumentos de seu pai, nos quais a Grécia antiga era constantemente exortada, via no atleta amador uma espécie de ser ideal dentro de uma concepção que associava estrutura educacional com disciplina corporal e social.

Para o autor, esse seria o segredo do Fluminense: um clube que mesmo no modelo profissional, jamais perdeu as características que lhe deram origem. A fidalguia

⁵³⁵ *Boletim informativo* – Julho de 1948 – Arquivos do FFC.

⁵³⁶ Sobre a revista *Athletica* ver capítulo 2 dessa dissertação.

⁵³⁷ A revista foi publicada até o início da década de 1980. Paulo Coelho Netto foi editor da Revista nos números iniciais e depois se torna seu colaborador.

e a distinção continuam a ser a marca de identidade do clube, ressaltada em seus escritos pelo requinte de suas festas, na sua participação cívica, na sua organização administrativa impecável e na capacidade de valorização da memória do clube através do culto aos que fizeram o Fluminense ser grande.

Nenhum momento seria mais propício para a consolidação dessa memória do que a comemoração do Cinquentenário do clube, em 1952. Nesse período, o clube vivia um contexto muito favorável, um momento especial, que começou com a conquista da Taça Olímpica em 1949. Além disso, o Fluminense havia vencido o campeonato carioca de futebol de 1951 e uma série de jogadores do time serviam ao selecionado nacional. Neste mesmo ano, o clube preparava-se para a disputa da Copa Rio em que participavam os melhores times de futebol do mundo, possuindo *status* de campeonato mundial para imprensa brasileira⁵³⁸.

A comemoração do cinquentenário foi descrita no segundo volume de *História do Fluminense* (Idem: 363-372) como uma festa grandiosa com banquetes, cunhagem de medalhas de bronze, criação de um selo com a imagem da Taça Olímpica, lançamento do livro supracitado, além de desfiles onde estavam presentes atletas do passado, do presente e do futuro⁵³⁹. O momento de maior emoção foi o toque de silêncio em memória dos mortos do Fluminense, seguido de uma romaria até os túmulos de Oscar Cox e Emmanuel Coelho Netto (Mano) no cemitério S. João Batista.

As comemorações são rituais que reforçam o sentimento de reconhecimento e pertencimento de uma sociedade (Nora, 1993:7), caracterizando-se por serem manifestações de uma memória coletiva. Em outras palavras, são “uma coletânea de rastros dos grupos envolvidos que lhe reconhece o poder de encenar essas lembranças comuns por ocasiões de festas, ritos e comemorações” (Ricoeur, 2007:139).

Um dos momentos mais interessante para observarmos o processo de construção memorial no Fluminense F. C. foi a leitura da mensagem da geração de 1952 para a geração de 2002 ano em que se completaria o centenário do clube. A mensagem foi escrita e lida por Mário Pollo. Ela diz:

Mensagem:
Juventude Tricolor de 2002

⁵³⁸ O Fluminense conquistou esse torneio em 1952, porém até hoje ele não é reconhecido pela FIFA como campeonato mundial de clubes. O Fluminense, junto com o Palmeiras, campeão da edição de 1951, buscam esse reconhecimento sem sucesso.

⁵³⁹ Ao fim dos desfiles ocorre uma revoada de pombos e uma homenagem da banda da polícia militar. (Coelho Netto, 2002:369).

Ouvi em silêncio e concentração a mensagem que da geração fundadora recebeu a juventude tricolor de 1952, formada no Estádio pelo Cinquentenário do Clube, para vos ser transmitida e por vós lida, ao comemardes o Centenário. Enfileirados, ao nosso lado, compareceram os homens, que eram os jovens de julho de 1902. Mas a geração, que vos fala essa já aqui não está mais. Tombou para sempre à imposição da natureza humana. Estais ouvindo, pois, na palavra viva dos mortos, o sentido imortal do espírito tricolor.

O momento não sofre a emoção das lágrimas. Recordai e evocai os que vos foram caros - pais, avós - sem a memória armada em funeral, mas na saudade colorida em festa.

O Fluminense de 2002 é o triunfo que continua. Temos certeza de que a juventude do Cinquentenário soube cumprir a missão que lhe entregamos. E de que a Juventude do Centenário prosseguirá na obra comum de abnegação, de sacrifício, de amor à bandeira que se prosterna ante as mãos iluminadas que a abençoam do alto do Corcovado.

Voltai os vossos olhos para a imagem de Cristo, como a fixamos na hora da mensagem. Na convergência dos olhares de ontem e de hoje nós nos reencontramos no tempo e sobre a Terra.

Juventude Tricolor de 2002!

Ouvi em silêncio e concentração o encerramento desta mensagem gravada no pergaminho da história. Revezai-a com a Juventude de 2052 para continuidade eterna da glória do Fluminense.

21.07.1952 (In: Coelho Netto, 2002:367).

A mensagem demonstra a estreita relação entre memória e identidade buscando no passado a legitimação e o reconhecimento da identidade coletiva. Simbolicamente, o “bastão” é passado a cada nova geração, a memória mantém-se no tempo como passado, presente e futuro, perpetuando através dessas liturgias o sentimento de pertencimento e de continuidade.

Os laços que existem entre identificação, distinção, transmissão e a sua interiorização como norma: recorda-se o espírito de família, porque é necessário preiteá-lo, retransmiti-lo e reproduzi-lo. De facto, os complexos, as reminiscências comuns e as repetições rituais, a conservação de saberes e símbolos são condições necessárias para a criação de um sentimento de *pertença* em que indivíduos se reconheçam dentro de totalidades genealógicas que vindas do passado, pretendem sem solução de continuidade projetar-se no futuro. (Cartogra, 2001:27)

Para Bourdieu (2008b:100), os ritos institucionais têm a função de atribuir uma essência, uma competência e, ao mesmo tempo, um direito de ser: “é fazer ver a alguém o que ele é, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade”. Ao atribuir às novas gerações a marca da continuidade, legítima e consagra as diferenças entre o Fluminense e os demais clubes, atribuindo as propriedades de natureza social como se fossem de natureza natural (Idem: 98), constituindo-se na mais legítima das distinções.

Os ritos são, por fim, as repetições do ato inaugural dos fundadores da instituição, levada a cabo por novos indivíduos que assumem o lugar dos primeiros na manutenção da tradição, mantendo a chama que dá sentido à existência dos membros dessa comunidade, impedindo a sua extinção.

Aproveitando-se de um passado associado à elegância de suas instalações, à origem social dos seus sócios representantes das “boas famílias da cidade”, às festas requintadas que só o Fluminense era capaz de oferecer, Mario Filho e Paulo Coelho Netto, apesar das diferenças de estilo e de objetivos, foram responsáveis pela consolidação de uma representação que identifica o Fluminense como o clube branco, refinado e sofisticado. Em um momento em que o futebol já havia se popularizado e a maioria dos clubes de zona sul já haviam abandonado a sua imagem elitizada, o Fluminense, mesmo mudado pelo profissionalismo e a consequente popularização do time, ainda continua a manter essa marca de origem. As tradições construídas por esses autores influenciaram a imagem do clube ao longo de toda a sua existência. A cada momento de resgate da memória, seja em comemorações ou na criação de novos símbolos para o clube, como as figuras do cartola e do gravatinha⁵⁴⁰, novos significados vão sendo dados a essa imagem distinta do clube, perpetuando-a, mesmo com as mudanças sofridas pelo futebol e pelo clube ao longo dos anos.

⁵⁴⁰ A cartola é o símbolo do Fluminense e o Gravatinha é uma personagem criada por Nelson Rodrigues que se identificava com o torcedor do Fluminense, tanto a cartola como a gravata tornaram-se símbolos de distinção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, procuramos mostrar como foi construída a imagem do Fluminense como um clube de elite, uma elite que se distinguia das outras associações futebolísticas pelo refinamento e sofisticação de seus hábitos.

Essa imagem tem como referencial a fase amadora do futebol quando o clube, organizado ao modelo dos clubes de *cricket*, foi o pioneiro na criação de uma associação formada por brasileiros e inicialmente voltada exclusivamente para a prática do futebol. Contando em seus quadros com jovens estudantes e rapazes pertencentes às “boas famílias da sociedade carioca”, o Fluminense ajudará a imprimir ao jogo uma marca refinada e exclusiva, que terá papel fundamental na difusão do esporte pela cidade e na fundação de diversas agremiações inspiradas no modelo tricolor.

Mesmo com a rápida difusão do esporte pela cidade a partir da década de 1910, o Fluminense não perde essa marca de cavalheirismo. Ídolos como Welfere, Marcos Carneiro de Mendonça e Mano foram representações de um ideal de *sportmen* caracterizado pelo cavalheirismo e dedicação a um clube que se destacava na cidade com seu grandioso estádio, sua suntuosa sede que era palco de festas requintadas que tornavam o Fluminense um clube diferenciado, frequentado “pelo melhor de nossa sociedade”. No estádio do clube, mocinhas se encantavam com a elegância de seus jogadores, representantes do verdadeiro espírito amador, exemplos de um novo tipo de brasileiro a que a nova nação republicana buscava construir. Verdadeiros exemplos de disciplina física, conduta moral e amor à pátria, consolidando o ideal de *mens sana in corpore sano*.

Essa distinção não desaparecerá nem mesmo quando os valores do amadorismo começam a entrar em crise. Com um discurso inicial de resistência ao falso amadorismo, embora também o praticasse disfarçadamente, o clube liderou a reação aos pequenos clubes na crise em que passou o futebol carioca em 1923. Porém essa posição se inverte ao fim da década, quando seu presidente de honra, Arnaldo Guinle, tornou o clube o grande defensor do profissionalismo que foi implantado oficialmente em 1933.

Internamente, a popularização cada vez maior do futebol levou o clube a procurar outros meios para manter a distinção que o futebol não consegue mais representar, como através do desenvolvimento dos esportes olímpicos ou nos vesperais

de arte erudita organizados por Coelho Netto. Os jogadores de futebol, apesar de ídolos, agora eram profissionais que não frequentavam a sede social do clube.

Coube a Mario Filho e Paulo Coelho Netto a reafirmação e consolidação dessa imagem de distinção do Fluminense. O primeiro, a partir da recuperação de histórias como a de Carlos Alberto, o pó-de-arroz, e da criação do antagonismo entre Flamengo e Fluminense associando a imagem do Fluminense a de um clube branco e elitizado. Já Paulo Coelho Netto, na função de historiador do Fluminense, se esforçara para recuperar o espírito amador do clube, que sobrevive mesmo em uma estrutura profissional. Seus pontos de apoio são a organização administrativa, a disciplina de seus atletas associada à sua história composta de grandes homens que souberam escrevê-la com tintas heróicas.

Percebemos que hoje, mais de um século depois, o projeto de regeneração da cidade e da sociedade carioca no modelo europeu não existe mais; os Guinles empobreceram e o Fluminense está longe do *glamour* do passado. As atuais estruturas do futebol profissional globalizantes e mercantilizadas em nada lembram a dedicação amadora de jogadores como Marcos Carneiro de Mendonça, Preguinho e outros, que viam no futebol uma forma de divertimento elegante e civilizado. Apesar disso, a tradição construída ao longo da centenária história do clube ainda permanece. O Fluminense, diferentemente dos outros clubes do Rio de Janeiro, ainda possui uma imagem associada ao refinamento e à sofisticação. A aristocrática sede do clube não deixa de ser o retrato de um passado em que o Rio de Janeiro era um referencial político e social do país. A manutenção dessa imagem foi possível através da construção de uma memória cultuada a partir da criação de símbolos e ritos que, repetidos através das gerações, perpetuam tradições e dão ao clube essa identidade.

O sucesso de tal empreitada pode ser visto, por exemplo, no hino popular do Fluminense, composto em 1949 por Lamartine Babo.⁵⁴¹

Sou tricolor de coração
Sou do clube tantas vezes campeão

⁵⁴¹ Lamartine Babo compôs os hinos dos 11 participantes do campeonato carioca de futebol de 1949. Os hinos foram compostos com o patrocínio do programa de rádio Trem da Alegria, que lançou LPs de cada um dos clubes. Lamartine compôs os famosos hinos dos considerados seis mais tradicionais times de futebol do Rio de Janeiro: América FC, Vasco da Gama, Fluminense, Flamengo, Botafogo e Bangu. Em seguida, foram escritos os hinos dos clubes pequenos, sendo eles: São Cristóvão, Madureira, Olaria, Bonsucesso e Canto do Rio. Esses hinos são, na verdade, hinos populares, sendo outros os hinos oficiais da maioria dos clubes, inclusive o do Fluminense (Valença, 1989).

Fascina pela sua **disciplina**
O Fluminense me domina
Eu tenho amor ao tricolor

Salve o querido pavilhão
Das três cores que traduzem **tradição**
A paz, a esperança e o **vigor**,
Unido e forte pelo esporte
Eu sou é tricolor

Vence o Fluminense
Com o verde da esperança
Pois quem espera sempre alcança

Clube que orgulha o Brasil
Retumbante de glória
E vitórias mil

Vence o Fluminense
Com sangue do encarnado,
Com amor e com **vigor**.
Faz a torcida querida
Vibrar com a emoção do **tricampeão!**

Vence o fluminense,
Usando a **fidalgua**.
Branco é paz e harmonia.
Brilha com o sol da manhã,
Qual luz de um refletor.
Salve o tricolor!!!
(Lamartine Babo – grifo nosso)

O hino composto por Lamartine Babo salienta uma forte relação entre o torcedor e o clube, um amor que contagia aqueles que pertencem à agremiação, simbolizado nas cores do clube que traduzem tradição, esperança (verde), vigor (encarnado) e fidalguia (branca). Apesar de não possuir o forte apelo eugenista da letra de Coelho Netto, composta em 1915, e nem o militarismo da versão oficial, o hino mantém vivos valores e princípios associados ao Fluminense, que foram construídos através do esporte como disciplina e amor à pátria. Ressaltando sempre a tradição como elo de identidade, valoriza o pioneirismo do clube, seu passado amador, o tricampeonato e finalmente o motivo pelo qual o clube vence: a sua fidalguia.

Para Hobsbawm e Ranger (1984:9), as práticas de natureza ritual e simbólica presentes em qualquer tipo de tradição inventada possuem uma papel fundamental na manutenção da unidade de um determinado grupo. Essas práticas fortalecem os laços de

continuidade com o passado e contribuem de modo decisivo para a formação das identidades coletivas.

Ao entrarmos na sede principal do Fluminense, percebemos a presença muito forte da tradição: na parede ao lado da porta que dá acesso à sede existe uma placa homenageando o atleta Preguinho; no *hall* de entrada, outras placas homenageiam os patronos e os beneméritos do clube, entre eles atletas, sócios e outros. Estão ali os nomes das figuras mais importantes de sua história. Ao subirmos a escadaria de mármore, temos acesso ao salão nobre do clube e à tribuna de honra do velho estádio, que, mesmo reduzido pela ampliação das ruas ao seu redor, ainda nos permite imaginar todo o *glamour* que havia em frequentar essa tribuna. Podemos imaginar homens como Coelho Netto, que, com seu terno branco, chapéu e bengala, assistia a vitória de seus filhos naquele gramado.

Voltando ao *hall*, temos, à esquerda da entrada, uma biblioteca e a sala de troféus. Na biblioteca, encontramos clássicos da literatura nacional e estrangeira, além de uma bela coleção de revistas sobre o clube e os esportes em geral; suas paredes são enfeitadas com mais imagens de figuras imponentes na história do clube: estão ali quadros de Arnaldo Guinle, Victor Etchegaray e Coelho Netto; no canto, próximo à janela, duas cristaleiras guardam os objetos da comemoração do centenário do clube, realizado em 2002. Entre muitas coisas, estão as medalhas e selos comemorativos, as mais diversas homenagens recebidas pelo clube, réplicas dos principais modelos de camisas de futebol da sua história, a mensagem escrita pela geração de 1952 dedicada à geração de 2002 e os livros oficiais do centenário, entre eles os de Paulo Coelho Netto. Em uma cápsula do tempo que só será aberta em 2052, está a mensagem do centenário para as gerações do futuro, em mais um rito de passagem a garantir a continuação da tradição iniciada por Oscar Cox em 1902.

O culto ao passado e os ritos de instituição têm, segundo Bourdieu (2008b:106), o poder de dar, ao menos na aparência, um sentido de uma razão de ser aos seres humanos, dando-lhes um sentimento de ter uma função, uma importância, livrando-os da insignificância, “fazendo crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificativa para existir”.

A simbologia que associa o Fluminense a uma imagem elitizada, criada em sua fase amadora e ressignificada após o profissionalismo, através de uma tradição construída por símbolos e ritos, disseminou uma série de normas e valores de comportamento a todos que possuem um elo de ligação com o clube que permitiu a

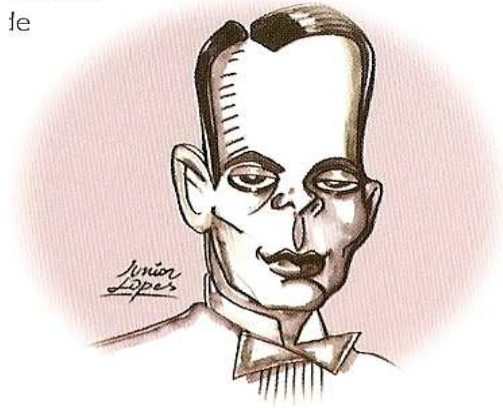
construção de uma forte identidade coletiva. Ser Fluminense pode possuir vários significados, mas é antes de tudo partilhar de uma comunidade imaginada como de elite e tudo que isso representa em termos de distinção social.

ANEXO



Oscar Cox
www.flumania.com.br, último acesso 15/12/ 2009.

futebol
le



Caricatura de Oscar Cox representado como granfino, de Junior Lopes 2002 (Gual,2004:12).



Victor Etchegaray
www.flumania.com.br último acesso 15 /12/ 2009.

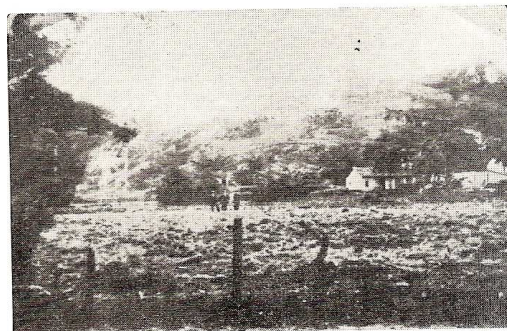


Rio Team – Excursão a São Paulo em 1901 – Oscar Cox é o primeiro da 2ª fila.
www.flumania.com.br último acesso 15/12 / 2009.



o Rio, 19 de outubro de 1901. Charles Miller, segundo da esquerda, mostrando como driblar.

Primeiro jogo entre Rio e São Paulo em 19 de outubro de 1901 no Velódromo em São Paulo. Charles Miller é o segundo conduzindo a bola. (Hamilton, 2001:49).



Campo da Rua Guanabara (atual Pinheiro Machado) em 1902.
Revista do Fluminense nº 1- Julho de 1954, p 22.



Campo da Rua. Guanabara (atual Pinheiro Machado) em 1903 ao fundo a pequena casa que servia de sede.
Revista do Fluminense nº 1- Julho de 1954, p 22.



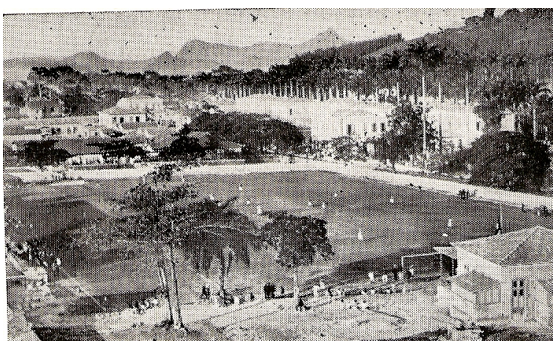
1º Uniforme do Fluminense
Revista do Fluminense nº 6 - Dezembro de 1954, p 37.



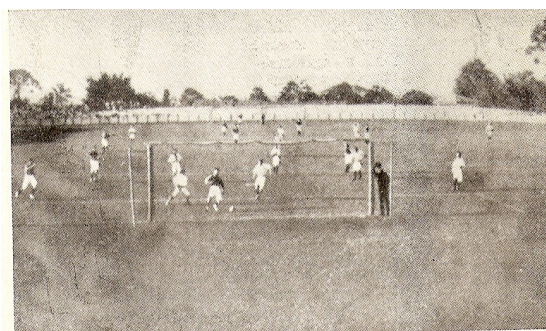
Primeiro escudo do Fluminense.
www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.



Primeira camisa tricolor.
www.flumania.com.br último acesso 15/ 12/ 2009.



Campo da R. Guanabara (atual Pinheiro Machado) em 1905, além das obras concluídas, percebemos a nova sede e o terreno em torno do campo adquirido pela família Guinle.
Revista do Fluminense nº 1 – Julho de 1954, p 29.



Fluminense X Paulistano em 25. de junho de 1905 no Velódromo em São Paulo.
Revista do Fluminense nº 6- Dezembro de 1954, p.38.



Time campeão de 1906.

www.flumania.com.br último acesso 15/12/ 2009.



O primeiro Fla x Flu

www.flumania.com.br último acesso 15/12/ 2009.



Carlos Alberto “o pó-de-arroz”.

www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.



Welfere

www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.



Marcos Carneiro de Mendonça e a poetisa Ana Amélia.

<http://colunistas.ig.com.br>, último acesso 25 de fevereiro de 2010.



A piscina coberta.

www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.



Arnaldo Guinle

www.flumania.com.br último acesso 15 /12/2009.



O escritor Coelho Netto.

www.flumania.com.br último acesso 15 /12/2009.



Obras para o sulamericano de 1919.

www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.



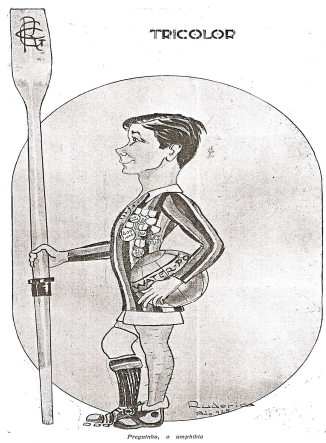
Estádio do Fluminense para o
sulamericano de 1919.

www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.



Sede inaugurada em 1920.

www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.



Caricatura de Preguinho e seus muitos esportes.
Revista o Tricolor nº4, fevereiro de 1928.



Floriano Peixoto – O primeiro na foto.
Arquivo Fluminense F. C.



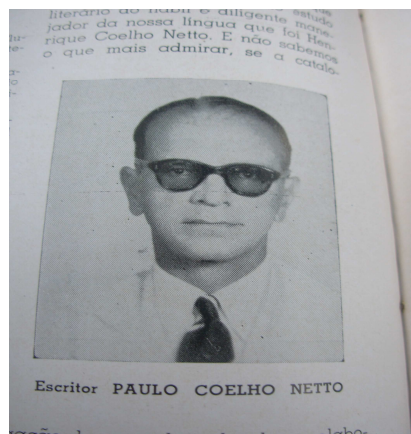
O Globo noticia o fracasso da reunião entre Arnaldo Guinle e Rivadávia Meyer.
O Globo 25.04.33.



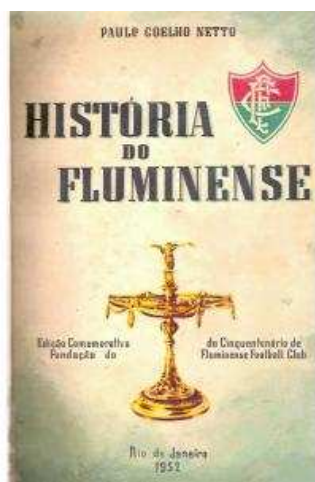
Getúlio Vargas visita à sede do Fluminense no dia Olímpico.
Boletim do Fluminense Foot-ball Club nº 37 - 26.06.32.



Preguinho dá sua opinião sobre o profissionalismo.
Diário da Noite 05.01.33.



Escritor Paulo Coelho Netto.
Revista do Fluminense nº27. 01 de setembro de 1956.



Livro comemorativo do cinquentenário
www.flumania.com.br último acesso
 15 /12/2009.



1º número da revista do Fluminense – traz a
 foto do time tricampeão de 1919.
 Revista do Fluminense nº 1- Julho de 1954, capa.



O cartola, símbolo do Fluminense.
www.flumania.com.br último acesso
 15/12/2009.



Comemoração da torcida com pó-de-arroz.
www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.



Cápsula do tempo com a mensagem para a geração de 2050.

www.flumania.com.br último acesso 15/12/2009.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES:

1. MANUSCRITAS

Livro dos associados do Fluminense FC 1902 – 1906.

Diários de *Training* (1918 – 1932).

Atas de Assembleia do Fluminense F. C. (1902 – 1904).

Revista: *Presença* (1917) nº. 1 ao 5.

Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos, Futebol Brasileiro: recortes de jornais de Marcos de Mendonça.

2. FONTES ORAIS E VISUAIS

Depoimento de Marcos Carneiro de Mendonça ao Museu da Imagem e do som, Rio de Janeiro, 1967.

Filmes sobre o Estádio das Laranjeiras nos anos 20 – arquivo pessoal.

3. IMPRESSAS

3.1 - Atas de Assembleia:

Atas da Assembleia geral do Fluminense FC.

Atas da Assembleia geral extraordinária do Fluminense FC.

Atas da Assembleia geral ordinária do Fluminense FC.

3.2 - Relatórios, estatutos, circulares, boletins, cartas, memorandos e telegramas:

Relatórios dos trabalhos sociais de 1904 a 1933 – Fluminense F. C.

Estatutos do Fluminense *Foot-ball Club*, 01 de outubro de 1916.

Circular do FFC 26 de Junho de 1907.

Calendário Sportivo de 1911.

Boletim do Fluminense F. C. (1932 -1933).

Boletim oficial da Federação de Futebol do Estado do RJ, 06 de Dezembro de 1996.

Memorando para receber o São Paulo A.C.- Setembro de 1902.

Carta da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) ao Fluminense - 13 de setembro de 1915.

Carta do secretário do Liverpool FC ao Fluminense 15 de julho de 1915.

Telegrama enviado pela comissão executiva da Liga de Defesa Nacional a Arnaldo Guinle presidente da CBD, 31 de maio de 1919.

3.3 - Periódicos:

Canoagem, A

Correio da Manhã

Correio Paulistano

Diário Carioca

Diário da Bahia
 Diário Desportivo
 Estado de São Paulo, O
 Gazeta de Noticias
 Globo, O
 Imparcial, O
 Jockey, O
 Jornal do Brasil
 Jornal do Commercio
 Jornal dos Sports
 Manhã, A
 Nação, A
 Noite, A
 Noticia, A
 Paiz, O
 Rio-Jornal
 Rua, A
 Sport, O
 Tribuna, A
 Atlética - Revista literária, artística e esportiva (1920)
 Careta (1916)
 Época *Sportiva* (1919 -1920)
 Grandes clubes brasileiros. Fluminense, n.10. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1972.
 Grandes clubes brasileiros. Botafogo, n.13. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1972.
 Malho, O (1917)
 Presença (1919 - 1921)
 Revista do Fluminense. Rio de Janeiro: Ed. Fluminense FC (1954 – 1964).
 Revista do Fluminense (edição comemorativa aos 30 anos da Taça olímpica). Rio de Janeiro: Ed. Carioca, Mar/ Abr de 1979
 Revista Fon-Fon (1909)
 O *Sportman* – Hebdomantávo *sportivo*, (1915 – 1916)
 O Tricolor - Revista Sportiva do Fluminense F. C. (1929 – 1931)
 Vida Sportiva (1917 - 1921)

3.4 - Outros documentos:

Programa da festa comemorativa ao aniversário do Fluminense, 21 de Julho de 1916.
 Álbum de recortes: O Fluminense e o centenário da independência do Brasil – Campeão e vencedores do Rio de Janeiro – 1902 -1922.

3.5 - Sites:

www.flumania.com.br - último acesso em 15 de dezembro de 2009.
www.paissandu.net.último - acesso 28 de outubro de 2009.
www.ufrgs.br/bioetica/eugenia - última visita em 28 de agosto de 2009.
<http://columistas.ig.com.br>, último acesso 25 de fevereiro de 2010.

4. OBRAS LITERARIAS:

COELHO NETTO, Henrique M. *Breviário Cívico, publicação da Liga de defesa nacional*. Rio de Janeiro, O norte, 1921.

_____. *O meu dia: hebdomadas d'A Noite, de dezembro de 1918 a dezembro de 1920*) Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmãos, 1922.

_____. *Mano*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editorial, 1924.

_____. *Obra seleta vol. 1*. Rio de Janeiro: José Aguiar LTDA, 1958.

COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde editor, 1942.

_____. *História do Fluminense*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1952.

_____. *O Fluminense na intimidade*. Rio de Janeiro: Fluminense Football Club, 1955.

_____. *Coelho Netto e os esportes*. Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1964.

_____. *História do Fluminense*. V.2. Rio de Janeiro: Borsoi, 1967.

_____. *O Fluminense na intimidade Volume II*. Rio de Janeiro: Fluminense Football Club, 1969(a).

_____. *O Fluminense Pitoresco e dramático*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1969(b).

_____. *O Fluminense na intimidade Volume III*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1975.

_____. *História do Fluminense 1902 – 2002* {atualizado por Rodrigo Nascimento}. Rio de Janeiro: Pluri, 2002.

CORRÉA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1933.

RORIGUES FILHO, Mario Rodrigues. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Record, 1966.

_____. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª edição - Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ASSAF, Roberto e MARTINS, Clóvis. *Campeonato Carioca: 96 anos de história, 1902-1997*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

_____. *FLA X FLU: o jogo do século*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Letras e Expressões, 1999.

AUGUSTO, Sergio. *Botafogo entre o céu e o inferno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004 (coleção camisa 13).

ALMEIDA, Agassiz. *A república das elites: ensaio sobre a ideologia das elites e do intelectualismo*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

BANDEIRA, M., MELO, C e ANDRADE, A. T. *O ano vermelho*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.

BARRETO, Lima. Os bruzundanga, 1923
<http://www.culturabrasil.pro.br/zip/osbruzundangas.pdf> última consulta em 06 de Outubro de 2009.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990(a).

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1990(b).

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: perspectiva, 1992.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008 (a).

_____. *A economia das trocas lingüísticas; O que falar o que dizer*. 2 edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (b).

_____. A ciência do real. Revista espaço acadêmico- Ano I nº 10- Março/2002- Mensal. Disponível: <<http://www.espacoacademico.com.br> > ultimo acesso 09 de novembro de 2009.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil, 1900*. 4ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ed. IBRASA, 1990.
- CANDIDO, Daniela Mateus D. *O Último dos Helenos: O literato Coelho Neto e o projeto de construção da identidade brasileira no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Dissertação de mestrado. UFRJ, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CARTOGRA, Fernando. *Memória, história e historiografia*, Coimbra, Quarteto, 2001.
- CASTRO, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo 1904-1950*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone LTDA, 1951.
- CAUFELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro 1918-1940*. Campinas: Ed da Unicamp, 2000.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim – o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Antônio da Silva. *Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade*. In LOVISARO, Martha e NEVES, Leczy Consuelo Neves (organizadores). *Futebol e sociedade um olhar transdisciplinar – Rio de Janeiro*: Ed. UERJ, 2005.
- COUTINHO, Edilberto. *Nação Rubro negra*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1990.
- CUNHA, Loris Baena. *Flamengo tua vida e tuas glórias*. Rio de Janeiro: Maanaim Editora, 2002.
- CUNHA, Orlando e VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118 a história do América*. Rio de Janeiro: Lápides, 1972.
- D'ALINCOURT, Heitor. *O Fluminense me domina*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.
- EDMUNDO, Luís, *O Rio de Janeiro do meu tempo 4 ° volume*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.
- ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1991.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, v 2.

GARCIA, Sergio. *Rio de Janeiro - Passado e presente*. Rio de Janeiro: Conexão cultural, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUAL, Jal Be. *A história do futebol no Brasil através do cartum*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio....os intelectuais cariocas e o modernismo*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.6, nº. 11, p. 62-77, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

HALLEWELL, Laurence, *O livro no Brasil, sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985,

HALBAWACHS, Maurice, *A memória coletiva*, São Paulo: Vértice, 1990.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!; Futebol: A maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HERSCHMANN, Micael e LERNER, Katia. *Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, 1993.

HOBBSBAWN, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1990.

_____. *A era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWN, Eric J. e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo B Buarque de. *O descobrimento do futebol – modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. “*Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*”, In *Estudos históricos – Esporte e lazer Vol. 23*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro 1999.

Lorio. Victor e Patrícia - *Paissandu Atlético Clube: pioneiro do esporte no Rio de Janeiro*, 2001 www.paissandu.net último acesso em 28 de outubro de 2009.

LOWENTHAL, David. Como conhecer o passado, In: *Revista: Projeto História trabalhos da memória*, São Paulo: PUC-SP, n. 17, p. 63-201, nov. 1998.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo, *O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro*, Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de Paixão; Uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Victor Andrade de. *O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX*. In *Estudos históricos – Esporte e lazer Vol. 23*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro 1999.

_____. *História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas*. São Paulo: IBRASA, 1999.

_____. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

_____. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro, 2007 (coleção educação física e esportes).

MENDES, Geisa Flores. *Emblemas, ritos e discursos: a construção de uma instituição*. (In) LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes. & NILSON Alves de Moraes (org.). *Memória, Identidade e Representações*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

MILLS, John Robert. *Charles Miller o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005.

MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas Insólitas: Amadorismo e o processo de profissionalização no futebol carioca (1922-1924)*. Dissertação de mestrado em história social – Centro de humanidades, Faculdade de Formação de professores, UERJ, 2009.

MOTTA, Nelson. *Fluminense: a breve e gloriosa história de uma máquina de jogar bola*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004 (coleção camisa 13).

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Fluminense Football Club - histórias, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

_____. *História das ligas e federações do Rio de Janeiro (1905-1941)* In SILVA, Francisco Carlos Teixeira. SANTOS, Ricardo pinto (Orgs). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropica: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOGUEIRA, Cláudio. *Futebol Brasil memória; De Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897 – 1937)*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2006.

NORA, Pierre. “Entre a memória e a história: a problemática dos lugares”, In: *Revista: Projeto História trabalhos da memória*, São Paulo: PUC-SP, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Pelos Campos da nação: um goal-Keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro”, In *Estudos históricos – individuo, biografia, história Vol. 19*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro 1997.

_____. *Footbalmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RAMOS, Ricardo. *A palavra é futebol*. São Paulo: Scipione, 1990.

REZENDE, José. *Eternamente Bangu*. Rio de Janeiro: edição do autor, 2006.

RIBEIRO, André. *O diamante eterno: Biografia de Leônidas da Silva*, Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, Campinas, Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Nelson e FILHO, Mário. *FLA-FLU... e as multidões despertaram !*. Org. Oscar Maron Filho e Renato Ferreira. Rio de Janeiro: Europa, 1987.

RODRIGUES, Nelson. *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002 (Coleção Zona do Agrião).

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras 2003.

_____. *A revolta da vacina. Mentres insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOARES, Carmem. *Educação Física, Raízes européias e Brasil*. Capinas: autores associados, 1994.

SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção brasileira de futebol 1914 – 2002*. Rio de janeiro: Folha seca, 2002.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930 – 1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

SUSSEKIND, Hélio. *Futebol em dois tempos*. Petrópolis: Vozes, 1984.

TEIXEIRA, Francisco Carlos & PINTO, Ricardo. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Coordenadoria de comunicação social. *Dossiê futebol*. São Paulo: Editora USP, 1994 (Revista USP).

Valença, Suetônio Soares. *Tra-la-lá - Lamartine Babo* 2º edição. Rio de janeiro: Velha Lapa Gráfica e Editora, 1989.

VIANA DA SILVA. Eduardo Augusto, *Implantação do futebol profissional no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra LTDA, 1986.